

Retrato do Artista quando Jovem

James Joyce

I.

Era uma vez e uma vez muito boa mesmo uma vaquinha-mu que vinha andando pela estrada e a vaquinha-mu que vinha andando pela estrada encontrou um garotinho engrachadinho chamado bebê tico-taco.

Seu pai lhe contava aquela história: seu pai olhava para ele através dos óculos; ele tinha um rosto peludo.

Ele era um bebê tico-taco. A vaquinha-mu vinha pela estrada onde Betty Byrne morava: ela vendia bala de limão.

*Oh, os botões de rosa selvagem
Naquele lugarzinho verde.*

Ele cantava aquela canção. Aquela era a sua canção.

Oh! O verde ia chatear!

Quando a gente molha a cama primeiro é quente depois fica frio. Sua mãe punha um oleado. Aquilo tinha um cheiro esquisito.

Sua mãe tinha um cheiro mais gostoso do que o seu pai. Ela tocava no piano a giga dos marinheiros para ele dançar. Ele dançava:

*Tralalá lalá
Tralalá tralaladá
Tralalá lalá
Tralalá lalá*

Tio Charles e Dante batiam palmas. Eles eram mais velhos do que seu pai e sua mãe mas tio Charles era mais velho do que Dante.

Dante tinha duas escovas em seu armário. A escova com o dorso de veludo granadino era para Michael Davitt e a escova com o dorso de veludo verde era para Parnell. Dante lhe dava uma pastilha toda vez que ele trazia papel de seda.

Os Vance moravam no número sete. Eles tinham um pai e uma mãe diferentes. Eram o pai e a mãe de Eileen. Quando crescessem ele ia casar com Eileen. Ele se escondeu debaixo da mesa. Sua mãe disse:

— Oh, Stephen vai pedir perdão.

Dante disse:

— Oh, se não, as águias virão e arrancarão seus olhos.

*Arrancar seus olhos,
Pedir perdão,
Pedir perdão,
Arrancar seus olhos.*

*Pedir perdão,
Arrancar seus olhos,
Arrancar seus olhos,
Pedir perdão.*

Os imensos pátios de recreio pululavam de meninos. Todos estavam gritando e os prefeitos [\[8\]](#) os incitavam em altos brados. O ar da tarde estava esmaecido e friorento e depois de cada ataque e arremesso dos jogadores de futebol a bola de couro sebooso voava como um pássaro pesado através da luz cinzenta. Ele permanecia no limite de sua posição, fora da vista do prefeito, fora do alcance dos pés violentos dos companheiros, fingindo correr de vez em quando. Sentia seu corpo pequeno e fraco no meio do bando de jogadores e seus olhos úmidos tinham uma visão fraca. Rody Kickham não era assim. Ele ia ser o capitão da terceira divisão todos os colegas o diziam.

Rody Kickham era um sujeito decente mas Nasty Roche era um nojo. Rody Kickham tinha caneleiras em seu armário numerado e um cesto de suprimentos de doces no refeitório. Nasty Roche tinha mãos grandes. Ele chamava o pudim de sexta-feira de “cachorro-metido-no-cobertor”. E um dia ele lhe tinha perguntado:

— Qual é o seu nome?

Stephen tinha respondido:

— Stephen Dedalus.

Então Nasty Roche tinha dito:

— Que espécie de nome é esse?

E como Stephen não tinha podido lhe responder Nasty Roche tinha perguntado:

— O que é seu pai?

Stephen tinha respondido:

— Um cavalheiro.

Então Nasty Roche tinha perguntado:

— Ele é um magistrado?

Ele se arrastava de um ponto ao outro no limite de sua posição, esboçando pequenas corridas de vez em quando. Mas suas mãos estavam azuladas de frio. Ele mantinha suas mãos nos bolsos do lado de seu terno cinzento cingido por um cinto. Aquilo era um cinto à volta de seu bolso. E cinto era também para bater de cinto num companheiro. Um dia um colega tinha dito a Cantwell:

— Eu devia bater em você com o cinto pra valer.

Cantwell tinha respondido:

— Vá e lute com alguém do seu time. Bata de cinto em Cecil Thunder. Eu gostaria de ver isso. Ele daria um pontapé no seu traseiro.

Não era bonito falar assim. Sua mãe lhe tinha dito para não falar no colégio com meninos mal-educados. Que mãe bonita! No primeiro dia na sala de entrada do castelo ao se despedir ela tinha levantado o véu e o dobrado sobre o nariz para o beijar: e seu nariz e os seus olhos estavam vermelhos. Mas ele tinha fingido não ver que ela ia chorar. Ela era uma mãe bonita mas não era tão bonita quando chorava. E seu pai lhe tinha dado duas moedas de cinco *shillings* como dinheiro trocado. E seu pai lhe tinha dito que se precisasse de alguma coisa lhe escrevesse e, não importava o que fizesse, ele não devia dedurar um companheiro. Então na porta do castelo o reitor tinha apertado as mãos de seu pai e de sua mãe, sua batina a esvoaçar com a brisa, e o carro tinha partido com seu pai e sua mãe. Eles haviam gritado para ele do carro, acenando com as mãos:

— Adeus, Stephen, adeus!

— Adeus, Stephen, adeus!

Colhido pelo turbilhão de jogadores e amedrontado com os olhos chamejantes e as botas enlameadas, ele se curvou para olhar por entre as pernas. Os colegas estavam lutando e gemendo e suas pernas estavam deslizando e chutando e batendo com os pés. Então as botas amarelas de Jack Lawton driblaram a bola e todas as outras botas e pernas correram atrás. Ele correu um pouco atrás deles e então parou. Era inútil continuar a correr. Em breve eles estariam indo para casa de férias. Depois da ceia na sala de estudos ele ia mudar o número grudado dentro da carteira de setenta e sete para setenta e seis.

Era melhor estar na sala de estudos do que lá fora no frio. O céu estava esmaecido e fazia frio mas havia luzes no castelo. Ele se perguntava de que janela Hamilton Rowan tinha jogado seu chapéu no fosso e se havia naquele tempo canteiros embaixo das janelas. Um dia quando ele tinha sido chamado para ir ao castelo o copeiro lhe tinha mostrado as balas dos soldados na madeira da porta e lhe tinha dado um pedaço do biscoito amanteigado que a comunidade comia. Era agradável e reconfortante ver luzes no castelo. Era como alguma coisa no Livro de Ortografia de Doutor Cornwell. Talvez a abadia de Leicester fosse assim. E havia frases bonitas no Livro de Ortografia de Doutor Cornwell. Elas pareciam poesia mas eram apenas frases para aprender a soletrar.

Wolsey morreu na abadia de Leicester

Onde os abades o enterraram.

Cancro é uma doença de plantas,

Câncer uma de animais.

Seria bom deitar-se no tapete da lareira diante do fogo, recostando a cabeça nas mãos, e pensar naquelas frases. Ele sentia arrepio como se houvesse água pegajosa junto à sua pele. Foi mesquinho da parte de Wells empurrá-lo para dentro da fossa sanitária porque não tinha querido trocar sua caixinha de rapé pelo bastão de castanheira de Wells, com o qual ele tinha ganho quarenta partidas no jogo de castanha. Como a água estava fria e pegajosa! Um colega tinha visto uma ratazana saltar dentro da água espumosa. Mamãe estava sentada junto à lareira com Dante esperando que Brigid trouxesse o chá. Ela estava com os pés no guarda-fogo da lareira e seus chinelos adornados de pedras estavam tão quentes e tinham um perfume cálido tão gostoso! Dante sabia uma porção de coisas. Ela lhe tinha ensinado onde ficava o canal de Moçambique e qual era o maior rio na América e qual era o nome da montanha mais alta da lua. Padre Arnall sabia mais do que Dante porque ele era um padre mas tanto seu pai quanto seu tio diziam que Dante era uma mulher inteligente e com uma boa leitura. E quando Dante fazia

aquele barulho depois do jantar e punha então sua mão na frente da boca, aquilo era azia.

Uma voz gritou bem longe no pátio do recreio:

— Todos para dentro!

Então outras vozes gritaram da divisão dos médios e dos menores:

— Todos pra dentro! Todos pra dentro!

Os jogadores se juntaram em volta, afogueados e enlameados, e ele se meteu no meio deles, contente por entrar. Rody Kickham segurou a bola por sua alça sebosa. Um companheiro pediu que desse um último chute, mas ele continuou a andar sem sequer lhe responder. Simon Moonan lhe disse para não fazer isso porque o prefeito estava olhando. O colega se virou para Simon Moonan e disse:

— Nós todos sabemos por que você está falando. Você é o chuchu do McGlade.

Chuchu era uma palavra esquisita. O colega chamou Simon Moonan daquele jeito porque Simon Moonan costumava atar as falsas mangas do prefeito atrás das costas e o prefeito fingia ficar zangado. Mas o som era feio. Certa vez ele tinha lavado as mãos no lavatório do hotel Wicklow e seu pai depois puxou a rolha da pia pela corrente e a água suja desceu pelo ralo. E depois que ela desceu toda lentamente pelo ralo da pia fez um som assim chu-u-u. Só que mais alto.

Lembrar-se daquilo e do aspecto branco do lavatório fazia com que ele se sentisse frio e depois quente. Havia duas torneiras que a gente virava e saía água: quente e fria. Ele se sentia frio e depois um pouco quente; e podia ver os nomes impressos nas torneiras. Aquilo era uma coisa bem esquisita.

E o ar do corredor também o enregelou. Era estranho e um tanto úmido. Mas logo o gás seria aceso e ao queimar fazia um barulho como se fosse uma musiquinha. Sempre a mesma; e quando os colegas paravam de falar no pátio do recreio a gente podia ouvi-la.

Era a hora das contas. Padre Arnall escreveu uma conta difícil no quadro e então disse:

— Vamos ver, quem vai ganhar? Vamos, York! Vamos, Lancaster!

Stephen tentou o máximo mas a conta era difícil demais e ele ficou confuso. O pequeno emblema de seda com a rosa branca que estava preso por um alfinete na lapela de sua jaqueta começou a esvoaçar. Ele não era bom em contas mas tentou o máximo para que York não perdesse. O rosto de Padre Arnall ficou roxo mas ele não estava zangado: estava rindo. Então Jack Lawton estalou os dedos e Padre Arnall olhou para o seu caderno e disse:

— Certo. Bravo Lancaster! A rosa vermelha ganha. Ande com isso agora, York! Tome a dianteira!

Jack Lawton inspecionou de seu lado. O pequeno emblema de seda com a rosa vermelha fazia um belo efeito junto da camisa curta de marinheiro que ele vestia. Stephen sentiu seu próprio rosto ficar também vermelho, ao pensar em todas as apostas feitas sobre quem obteria a primeira colocação na primeira série da divisão dos menores, Jack Lawton ou ele. Havia semanas em que Jack Lawton recebia o cartão pelo primeiro lugar e outras semanas em que era ele quem recebia o cartão pelo título de primeiro. Seu emblema branco de seda esvoaçava e esvoaçava enquanto ele se empenhava em resolver a próxima conta e ouvia a voz do Padre Arnall. Então toda a sua ânsia se esvaiu e ele sentiu que suas faces já não estavam quentes. Pensou que seu rosto devia estar pálido porque estava tão fresco. Ele não conseguiu desencavar a solução do problema mas não tinha importância. Rosas brancas e rosas vermelhas: como era bom pensar nestas cores bonitas. E os cartões para o primeiro lugar e o segundo lugar e o terceiro também eram de cores bonitas: rosa, creme e lavanda. Rosas lavanda e creme e cor-de-rosa também eram cores de se pensar. Talvez uma rosa selvagem pudesse ser como aquelas cores e ele se lembrava da canção sobre os botões de rosa selvagem no lugarzinho verde. Mas não se podia ter uma rosa verde. Mas talvez em algum lugar no mundo fosse possível ter.

A sineta tocou e as turmas começaram a se pôr em fila fora das salas e ao longo dos corredores em direção ao refeitório. Ele se sentou olhando para os dois vestígios de manteiga em seu prato mas não conseguia comer o pão úmido. A toalha da mesa estava úmida e sem goma. Mas ele bebeu todo o chá fraco e quente que o ajudante de cozinha desajeitado, cingido com um avental branco, derramou em sua xícara. Ficou imaginando se o avental do ajudante de cozinha também estava úmido ou se todas as coisas brancas eram frias e úmidas. Nasty Roche e Saurin bebiam chocolate que suas famílias mandavam em latas. Eles diziam que não podiam beber o chá; que era uma porcaria. Os pais deles eram magistrados, diziam os colegas.

Todos os meninos lhe pareciam muito estranhos. Eles tinham pais e mães e roupas e vozes diferentes. Desejava ansiosamente estar em casa e repousar a cabeça no colo de sua mãe. Mas não podia, e então ele desejava ansiosamente que os jogos e os estudos e as orações terminassem e ele pudesse ficar na cama.

Ele bebeu uma outra xícara de chá quente e Fleming disse:

— O que é que há? Você está com alguma dor ou o que há com você?

— Eu não sei — disse Stephen.

— Acho que você está doente em seu estômago — disse Fleming — porque seu rosto está branco. Vai passar.

— Vai sim — disse Stephen.

Mas ele não estava doente ali. Ele achava que estava doente em seu coração se fosse possível ficar doente naquele

lugar. Era muito decente da parte de Fleming fazer aquela pergunta. Ele tinha vontade de chorar. Apoiou os cotovelos na mesa e apertou com os dedos e soltou as abas de suas orelhas. Ouvia então o barulho do refeitório toda vez que soltava as abas de suas orelhas. Faziam um barulho de ronco como o de um trem à noite. E quando ele apertava as abas o som era interceptado como o de um trem entrando em um túnel. Naquela noite em Dalkey o trem roncara daquele jeito e então, quando entrou no túnel, o ronco parou. Ele fechou os olhos e o trem continuou roncando e então parando, roncando novamente e parando. Era gostoso ouvi-lo roncar e parar e então roncar para fora do túnel novamente e então parar.

Então os colegas da divisão dos maiores começaram a avançar sobre o capacho de esteira no meio do refeitório, Paddy Rath e Jimmy Magee e o espanhol que obtivera permissão de fumar charuto e o português que usava um boné de lã. E em seguida as mesas da divisão dos médios e as mesas da divisão dos menores. E cada um dos colegas tinha uma maneira diferente de andar.

Ele se sentou num canto da sala de jogos fingindo observar uma partida de dominós e uma ou duas vezes pôde ouvir por um momento a musiquinha do gás. O prefeito estava na porta com alguns meninos e Simon Moonan estava dando um nó em suas falsas mangas. Ele estava lhe contando alguma coisa sobre a escola de Tullabeg.

Então saiu da porta e Wells se aproximou de Stephen e disse:

— Diga-nos, Dedalus, você beija sua mãe antes de ir para a cama?

Stephen respondeu:

— Beijo.

Wells se virou para os outros companheiros e disse:

— Ora veja, aqui está um camarada que diz que beija sua mãe toda noite antes de ir para a cama.

Os outros colegas pararam o jogo e se voltaram, rindo. Stephen corou sob seus olhares e disse:

— Eu não beijo.

Wells disse:

— Ora veja, aqui está um camarada que diz que não beija sua mãe antes de ir para a cama.

Todos riram novamente. Stephen tentou rir com eles. Sentiu todo o seu corpo ficar imediatamente confuso e quente. Qual era a resposta certa para a pergunta? Ele tinha dado duas e ainda assim Wells tinha rido. Mas Wells devia saber a resposta certa pois ele estava na turma de gramática da divisão dos menores. Tentou pensar na mãe de Wells mas não ousava erguer os olhos para o rosto de Wells. Ele não gostava da cara de Wells. Tinha sido Wells que o tinha empurrado para dentro da fossa sanitária na véspera porque ele não tinha querido trocar sua caixinha de rapé pelo bastão de castanheira do jogo de castanhas de Wells, o vencedor de quarenta partidas. Tinha sido uma coisa mesquinha; todos os colegas disseram que era. E como era fria e pegajosa aquela água! E um colega tinha visto certa vez um rato cair fazendo barulho dentro da água espumosa.

O lixo frio da fossa cobriu todo o seu corpo; e, quando a sineta tocou para o estudo e os meninos se enfileiraram fora da sala de jogos, ele sentiu o ar frio do corredor e da escada dentro de sua roupa. Ainda tentava pensar qual seria a resposta certa. Era certo beijar sua mãe ou era errado beijar sua mãe? O que significava aquilo, beijar? A gente erguia o rosto assim para dar boa-noite e então a mãe abaixava seu rosto. Isso era beijar. Sua mãe punha seus lábios em sua face, seus lábios eram suaves e molhavam sua face; e faziam um barulhinho mínimo: beijo. Por que as pessoas faziam isso com suas duas faces?

Sentado no salão de estudos ele levantou a tampa de sua carteira e mudou o número grudado dentro de setenta e sete para setenta e seis. Mas as férias de Natal ainda estavam muito longe; mas haveria um momento em que elas chegariam porque a terra se movia sempre à volta.

Havia uma imagem da terra na primeira página de seu livro de geografia: uma esfera grande no meio de nuvens. Fleming tinha uma caixa de lápis de cera e uma noite durante o estudo livre ele colorira a terra de verde e as nuvens de granadino. Era como as duas escovas no armário de Dante, a escova com o dorso de veludo verde para Parnell e a escova com o dorso de veludo granadino para Michael Davitt. Mas ele não tinha dito a Fleming para colori-las com aquelas cores. Fleming o tinha feito sozinho.

Abriu o livro de geografia para estudar a lição, mas não conseguia aprender os nomes dos lugares na América. Ainda assim eram todos lugares diferentes que tinham aqueles nomes diferentes. Estavam todos em diferentes países e os países estavam em continentes e os continentes estavam no mundo e o mundo estava no universo.

Ele virou para a folha em branco do livro de geografia e leu o que tinha escrito ali: ele, seu nome e onde estava.

Stephen Dedalus

Série de elementos

Clongowes Wood College

Sallins

Condado de Kildare

Irlanda

Europa
O mundo
O universo

Aquilo estava escrito com sua letra: e Fleming certa noite, de piada, tinha escrito na página oposta:

Stephen Dedalus é meu nome,
Irlanda é minha nação.
Clongowes é minha morada,
E o céu é minha expectativa.

Leu os versos de trás para diante mas assim deixavam de ser poesia. Então leu a página em branco de baixo para cima até chegar ao seu próprio nome. Aquele era ele: e leu página abaixo novamente. O que havia depois do universo? Nada. Mas havia alguma coisa à volta do universo para mostrar onde ele parava antes que o lugar nada começasse? Não podia ser um muro mas podia haver ali uma linha fininha fininha em toda a volta de tudo. Era muito grande pensar a respeito de tudo e de toda parte. Só Deus podia fazer isso. Ele tentou imaginar que pensamento grande devia ser aquele mas só conseguia pensar em Deus. Deus era o nome de Deus assim como o seu nome era Stephen. *Dieu* era o nome francês para Deus e esse também era o nome de Deus; e quando alguém rezava a Deus e dizia *Dieu* então Deus sabia logo que era uma pessoa francesa que estava rezando. Mas embora houvesse nomes diferentes para Deus em todas as diferentes línguas do mundo e Deus entendesse o que todas as pessoas que rezavam diziam em suas línguas diferentes ainda assim Deus continuava sempre a ser o mesmo Deus e o nome verdadeiro de Deus era Deus.

Pensar dessa maneira fazia ele ficar muito cansado. Isso o fazia sentir sua cabeça muito grande. Virou a página em branco e olhou exausto para a terra redonda, verde, no meio das nuvens granadinas. Ele se perguntava o que era certo, ser a favor do verde ou do granadino, porque Dante um dia tinha rasgado com sua tesoura o dorso verde da escova para Parnell e lhe tinha dito que Parnell era um homem mau. Ele se perguntava se eles estavam discutindo isso em casa. Isso se chamava política. Havia dois lados nela: Dante estava num lado e seu pai e o Sr. Casey no outro lado mas sua mãe e tio Charles não estavam em lado nenhum. Todo dia havia alguma coisa sobre isso nos jornais.

Penalizava-o pensar que não sabia bem o que política queria dizer e que não sabia onde o universo terminava. Ele se sentia pequeno e fraco. Quando seria como os colegas das turmas de poesia e retórica? Eles tinham vozes grandes e botas grandes e estudavam trigonometria. Isso estava muito longe dele. Primeiro vinham as férias e então o próximo período e então as férias novamente e então de novo um outro período e em seguida as férias novamente. Era como um trem entrando e saindo de túneis e era como o barulho dos meninos comendo no refeitório quando a gente apertava e soltava as abas das orelhas. Período, férias; túnel, fora; barulho, parada. Como era distante! Era melhor ir para a cama para dormir. Apenas orações na capela e então cama. Sentiu arrepios e bocejou. Seria adorável na cama depois que os lençóis tivessem se aquecido um pouco. Primeiro eles eram tão frios quando se entrava neles. Sentia arrepios só de pensar como eles a princípio eram frios. Mas em seguida ficavam quentes e então ele conseguia dormir. Era adorável se sentir cansado. Bocejou de novo. Orações da noite e depois cama: sentiu calafrios e teve vontade de bocejar. Seria gostoso dentro de poucos minutos. Sentiu um calor cálido se insinuar pelos lençóis frios e tiritantes, um calor cada vez mais quente até que sentiu todo o seu corpo quente, sempre mais quente; sempre mais quente e no entanto sentia um pouco de calafrio e ainda queria bocejar.

A sineta tocou para as orações da noite e ele saiu do salão de estudos em fila atrás dos outros e desceu as escadas e seguiu ao longo dos corredores até a capela. Os corredores estavam pouco iluminados e a capela estava pouco iluminada. Em breve estaria tudo escuro e todos estariam dormindo. Havia um frio vento noturno na capela e as bolas de gude eram da cor do mar à noite. O mar estava frio de dia e de noite, mas era mais frio à noite. Era frio e escuro sob o dique ao lado da casa de seu pai. Mas a chaleira estaria na lareira para fazer o ponche.

O prefeito da capela rezava no andar acima de sua cabeça e sua memória sabia as respostas:

Oh Senhor, abri nossos lábios
E nossa boca proclamará Vosso louvor.
Inclinai-Vos em nosso auxílio, oh Deus!
Oh Senhor, apressai-Vos em nos ajudar!

Havia um cheiro de noite fria na capela. Mas era um cheiro sagrado. Não era como o cheiro dos velhos camponeses que se ajoelhavam na parte de trás da capela nas missas de domingo. Aquele era um cheiro de ar e de chuva e de turfa e de veludo cotelê. Mas eram camponeses muito santos. Eles respiravam atrás dele em seu pescoço e suspiravam enquanto

rezavam. Um colega disse que eles moravam em Clane; havia ali pequenas cabanas e ele tinha visto uma mulher de pé na porta entreaberta de uma cabana com uma criança nos braços, quando os carros passavam vindo de Sallins. Seria gostoso dormir ao menos uma noite naquela cabana diante do fogo de turfa fumegante, na escuridão iluminada pela lareira, na escuridão quente, respirando o cheiro dos camponeses, do ar e da chuva e da turfa e do veludo cotelê. Mas como aquela estrada ali entre as árvores era escura! A gente se perdia no escuro. Ele sentia medo só de pensar como era.

Ouviu a voz do prefeito da capela dizendo a última oração. E rezou também para se proteger da escuridão de fora debaixo das árvores:

Visitai, nós Vos suplicamos, Senhor, esta morada e afastai dela todas as ciladas do inimigo. Possam Vossos santos anjos residir aqui dentro para nos preservar em paz e possa Vossa bênção estar sempre sobre nós através de Cristo, Nosso Senhor. Amém.

Seus dedos tremiam quando ele se despiu no dormitório. Disse a seus dedos que se apressassem. Tinha que se despir e em segundos se ajoelhar e dizer suas próprias orações e estar deitado antes que a luz do gás fosse diminuída a fim de que não fosse para o inferno quando morresse. Tirou as meias e vestiu o camisolão rapidamente e se ajoelhou tremendo ao lado da cama e repetiu suas orações depressa depressa, com medo de que o gás baixasse. Sentia seus ombros tremerem enquanto murmurava:

*Abençoi, meu Deus, meu pai e minha mãe e conservai-os vivos para mim!
Abençoi, meu Deus, meus irmõzinhos e irmãzinhas e conservai-os vivos para mim!
Abençoi, meu Deus, Dante e tio Charles e conservai-os vivos para mim!*

Fez o sinal-da-cruz e subiu depressa na cama e, metendo a extremidade do camisolão por baixo dos pés, ele se enroscou nos lençóis brancos e frios, o corpo a sacudir e a tremer. Mas ele não iria para o inferno quando morresse; e o tremor cessaria. Uma voz deu boa-noite aos meninos no dormitório. Ele espreitou por um instante por cima da coberta e viu as cortinas amarelas à volta e em frente a sua cama que o isolavam do ambiente de todos os lados. A luz foi silenciosamente diminuída.

Os sapatos do prefeito se foram. Aonde? Escada abaixo e ao longo dos corredores ou para o seu quarto no final deles? Ele viu a escuridão. Era verdade o que se dizia do cachorro preto que andava ali de noite com olhos tão grandes quanto as lanternas de carruagens? Diziam que era o fantasma de um assassino. Um longo arrepio de medo percorreu todo o seu corpo. Viu a sala de entrada escura do castelo. Velhas empregadas com trajes antigos estavam no quarto de passar roupa acima da escada. Era muito tempo atrás. As velhas empregadas estavam caladas. Havia uma lareira mas a sala de entrada ainda permanecia escura. Uma figura subia a escada vindo da sala da entrada. Trajava uma capa branca de marechal; seu rosto estava pálido e estranho; sua mão junto ao corpo o pressionava. Ele olhou para as velhas empregadas com olhos estranhos. Elas olharam para ele e viram o rosto do patrão e a capa e souberam que ele recebera um ferimento mortal. Mas ali onde olhavam havia apenas escuridão; apenas uma atmosfera silenciosa e escura. Seu patrão recebera seu ferimento mortal no campo de batalha de Praga bem longe, além-mar. Ele estava em pé no campo; sua mão junto ao corpo o pressionava; seu rosto estava pálido e estranho e ele trajava a capa branca de um marechal.

Como era frio e estranho pensar naquilo! A escuridão toda era fria e estranha. Havia ali rostos estranhos, pálidos, olhos grandes como lanternas de carruagens. Eram fantasmas de assassinos, as figuras de marechais que haviam recebido seus ferimentos mortais em campos de batalha bem longe, além-mar. O que é que eles desejavam dizer para que seus rostos parecessem tão estranhos?

Visitai, nós Vos suplicamos, Senhor, esta morada e afastai dela tudo...

Indo para a casa de férias! Os colegas lhe haviam dito que aquilo seria delicioso. Subindo nos carros do lado de fora da porta do castelo cedo na manhã de inverno. Os carros estavam rodando no cascalho. Vivas para o reitor!

Hurra! Hurra! Hurra!

Os carros passaram pela capela e todos os bonés foram erguidos. Eles seguiam alegremente pelas estradas do campo. Os motoristas apontavam com seus chicotes para Bodenstown. Os meninos davam vivas. Passavam pela fazenda do Fazendeiro Alegre. Viva após viva após viva. Atravessando Clane de carro, dando vivas e recebendo vivas. As camponesas estavam de pé nas portas entreabertas, os homens estavam em pé aqui e ali. Havia um cheiro delicioso no ar invernall: o cheiro de Clane; chuva e ar invernall e turfa ardendo e veludo cotelê.

O trem estava cheio de colegas: um longo longo trem de chocolate com cobertura de creme. Os guardas iam de um

lado para o outro abrindo, fechando, trancando, destrancando as portas. Eram homens vestidos de azul-escuro e prata; tinham apitos prateados e suas chaves tocavam uma música ligeira: clique, clique, clique, clique.

E o trem corria por sobre as terras planas além do monte Allen. Os postes telegráficos estavam passando, passando. O trem continuava indo, indo. Ele, trem, sabia. Havia lanternas coloridas na sala de entrada da casa de seu pai e guirlandas de ramos verdes. Havia azevinho e hera em volta do espelho e azevinho e hera, verde e vermelho, entrelaçados em volta dos candelabros. Havia azevinho vermelho e hera verde em volta dos velhos retratos nas paredes. Azevinho e hera para ele e para o Natal.

Adorável...

Todas as pessoas. Bem-vindo à casa, Stephen! Barulho de boas-vindas. Sua mãe o beijava. Era certo isso? Seu pai era um marechal agora, superior a um magistrado. Bem-vindo à casa, Stephen!

Barulhos...

Havia um barulho de argolas de cortina correndo de volta pelo trilho de metal, de água salpicada nas bacias. Havia no dormitório o barulho de gente a se levantar, a se vestir e a se lavar; um bater de palmas enquanto o prefeito subia e descia dizendo aos rapazes para terem uma aparência bem cuidada. A luz pálida do sol mostrava as cortinas amarelas descerradas, as camas remexidas. Sua cama estava muito quente e seu rosto e corpo estavam muito quentes.

Ele se levantou e se sentou no lado de sua cama. Estava fraco. Tentou vestir a meia. Ela dava uma sensação de aspereza horrível. A luz do sol estava esquisita e fria.

Fleming disse:

— Você está bem?

Ele não sabia e Fleming disse:

— Volte pra cama. Vou dizer a McGlade que você não está passando bem.

— Ele está doente.

— Quem está?

— Diga pro McGlade.

— Volte pra cama.

— Ele está doente?

Um colega segurou seus braços enquanto ele soltava a meia agarrada em seu pé e subia de volta para dentro da cama quente.

Ele se encolheu entre os lençóis, contente com seu calor tépido. Ouvia os colegas conversarem sobre ele entre si enquanto se vestiam para a missa. Tinha sido um ato mesquinho, empurrá-lo para dentro da fossa sanitária, diziam eles.

Então suas vozes cessaram, eles tinham ido embora. Uma junto a sua cama disse:

— Dedalus, você não vai nos denunciar, não é?

O rosto de Wells estava ali. Ele olhou para ele e viu que Wells estava com medo.

— Eu não tinha intenção. Você não vai, não é?

Seu pai tinha lhe dito que, não importava o que ele fizesse, nunca dedurasse um colega. Ele sacudiu a cabeça e respondeu que não e se sentiu satisfeito com isso. Wells disse:

— Eu não tinha intenção, palavra de honra. Foi só de brincadeira. Sinto muito.

O rosto e a voz se foram. Sentiu muito porque estava com medo. Medo de que fosse alguma doença séria. Cancro era uma doença das plantas e câncer de animais: ou uma outra diferente. Aquilo fora então há muito tempo fora nos pátios do recreio à luz do luar, arrastando-se de um ponto ao outro no limite de sua posição, um grande pássaro a voar baixo através da luz cinzenta. Abadia de Leicester iluminada. Wolsey morreu ali. Os próprios abades o enterraram.

Não era o rosto de Wells, era o do prefeito. Ele não estava tapeando. Não, não; ele estava realmente doente. Ele não estava tapeando. E sentiu a mão do prefeito em sua testa; e sentiu sua testa quente e úmida de encontro à mão fresca e úmida do prefeito. Era assim que um rato se sentia, pegajoso e úmido e frio. Todo rato tinha dois olhos para olhar para fora. Pêlos macios e pegajosos, pés bem pequeninos encolhidos para saltar, olhos pretos e brilhantes para olhar. Mas as mentes dos ratos não podiam entender trigonometria. Quando estavam mortos ficavam deitados de lado. Seus pêlos secavam então. Eram apenas coisas mortas.

O prefeito estava ali novamente e era a sua voz que dizia que ele tinha que se levantar, que o Padre Ministro [\[12\]](#) dissera que ele devia se levantar e se vestir e ir para a enfermaria. E enquanto se vestia o mais rápido que podia o prefeito dizia:

— Temos que nos despachar para o Irmão Michael porque estamos com dor de barriga! Que coisa terrível ter dor de barriga! Como nós trememos quando temos dor de barriga!

Era decente da parte dele falar assim. Era só para fazê-lo rir. Mas ele não podia rir porque suas faces e lábios estavam trêmulos e então o prefeito tinha que rir consigo mesmo.

O prefeito gritou:

— Ligeiro, em frente, marche! Esquerda! Direita!

Eles desceram juntos a escada e seguiram ao longo do corredor passando pelo banheiro. Quando passou pela porta ele se lembrou com vago temor da água lodosa e cor de turfa, do ar úmido e quente, do barulho dos mergulhos, do cheiro das toalhas, como o de remédio.

O Irmão Michael estava de pé junto à porta da enfermaria e da porta do armário escuro de medicamentos à sua direita vinha um cheiro como o de remédio. Vinha das garrafas nas prateleiras. O prefeito falou com o Irmão Michael e o Irmão Michael respondeu e chamou o prefeito de senhor. Ele tinha um cabelo ruivo com alguns fios grisalhos e uma aparência esquisita. Era esquisito que ele tivesse que ser sempre irmão. Era também esquisito que a gente não pudesse chamá-lo de senhor porque ele era um irmão e tinha uma aparência diferente. Será que ele não era suficientemente santo ou seria porque ele não podia alcançar o nível dos outros?

Havia duas camas no quarto e em uma delas estava um colega; e quando eles entraram ele gritou:

— Alô! É o jovem Dedalus! O que é que há?

— Há o céu — disse o Irmão Michael.

Ele era um companheiro da turma de gramática da divisão dos menores e, enquanto Stephen se despia, pediu ao Irmão Michael que lhe trouxesse um pouco de torrada com manteiga.

— Oh, faça isso — disse ele.

— Eu lhe mostro a manteiga que vou passar em você! — disse o Irmão Michael. — Você vai ter alta amanhã de manhã quando o médico vier.

— Vou? — disse o rapaz. — Eu ainda não estou bem.

Irmão Michael repetiu:

— Você vai ter alta, estou lhe dizendo.

Ele se inclinou para atizar o fogo. Tinha costas compridas como as costas compridas do cavalo que puxava o bonde. Sacudiu o atizador de brasas com um jeito circunspecto e acenou com a cabeça para o aluno da turma intermediária de gramática da divisão dos menores.

Então o Irmão Michael foi embora e algum tempo depois o colega da turma intermediária de gramática da divisão dos menores virou-se para a parede e adormeceu.

Aquilo era a enfermaria. Estava doente então. Teriam escrito para casa para dizer a sua mãe e a seu pai como ele estava? Mas seria mais rápido se um dos padres fosse pessoalmente contar a eles o que estava acontecendo. Ou ele escreveria uma carta para que o padre a levasse.

Querida mãe,

Estou doente. Quero ir para casa. Por favor venha e me leve para casa. Estou na enfermaria.

Seu filho devotado,
Stephen.

Como eles estavam longe! Havia uma luz fria do sol do lado de fora da janela. Ele se perguntava se ia morrer. A gente podia morrer apesar de tudo num dia ensolarado. Era possível que morresse antes que sua mãe chegasse. Ele teria então uma missa de corpo presente na capela do jeito daquela que os companheiros disseram que tinha sido rezada quando Little tinha morrido. Todos os colegas estariam na missa, vestidos de preto, todos com os rostos tristes. Wells também estaria ali mas nenhum dos alunos olharia para ele. O reitor estaria ali com um manto negro e ouro e haveria velas amarelas compridas no altar e em volta do catafalco. Eles carregariam lentamente o caixão para fora da capela e ele seria enterrado no pequeno cemitério da comunidade fora da alameda central de limeiras. E Wells ficaria arrependido então por aquilo que fizera. O sino dobraria lentamente.

Ele podia ouvir o dobrar do sino. E disse novamente para si mesmo a canção que Brigid lhe tinha ensinado:

Blembão! O sino do castelo!

Adeus, minha mãe!

Enterrem-me no velho adro da igreja

Ao lado de meu irmão mais velho.

Meu caixão deverá ser preto,

Com seis anjos atrás de mim.

Dois para cantar e dois para rezar

E dois para levar minha alma para longe.

Que coisa tão linda e tão triste! Que lindas as palavras que diziam *Enterrem-me no velho adro da igreja!* Um tremor percorreu seu corpo. Quanta beleza e quanta tristeza! Ele queria chorar em silêncio mas não por si mesmo, mas pelas palavras, tão belas e tão tristes, como música. Blem! Blão! Blem! Blão! Adeus! Adeus!

A luz fria do sol estava mais fraca e o Irmão Michael estava de pé ao lado da cama com uma tigela de caldo de carne. Ficou contente porque sua boca estava quente e seca. Podia ouvi-los brincando no pátio do recreio. E o dia no colégio prosseguia exatamente como se ele estivesse ali.

Então o Irmão Michael saiu e o colega da turma intermediária de gramática da divisão dos menores lhe disse que não deixasse de voltar e de lhe contar as notícias dos jornais. Disse então a Stephen que seu nome era Athy e que seu pai tinha muitos cavalos de corrida que eram excelentes saltadores e que seu pai ia dar um palpite seguro para o Irmão Michael na hora que ele quisesse porque o Irmão Michael era um sujeito decente que sempre lhe contava as notícias que saíam no jornal que os padres recebiam todo dia no castelo. Havia toda sorte de notícias no jornal: acidentes, naufrágios, esporte e política.

— Agora só dá política no jornal — disse ele. — Seu pessoal também fala sobre isso?

— Fala — disse Stephen.

— O meu também — disse ele.

Então pensou por um momento e disse:

— Você tem um nome esquisito, Dedalus, e eu também tenho um nome esquisito, Athy. Meu nome é o nome de uma cidade. Seu nome é como latim.

Então perguntou:

— Você é bom em charadas?

Stephen respondeu:

— Não muito bom.

Então ele disse:

— Você pode responder a esta? Por que o condado de Kildare é como a perna de uma calça de um rapaz?

Stephen pensou qual poderia ser a resposta e então disse:

— Eu desisto.

— Porque há uma coxa nela — disse ele. — Você vê a piada? Athy é a cidade do condado de Kildare e é também uma coxa, *a thigh*.

— Ah! Entendo — disse Stephen.

— Esta charada é antiga — disse ele.

Um instante depois disse:

— Escute!

— O quê? — perguntou Stephen.

— Você sabe — disse ele — que é possível perguntar esta charada de outra maneira?

— É mesmo? — disse Stephen.

— A mesma charada — disse ele. — Você sabe qual é a outra maneira de fazer a pergunta?

— Não — disse Stephen.

— Você não consegue imaginar a outra maneira? — disse ele.

Olhou para Stephen por sobre as cobertas enquanto falava. Em seguida deitou de novo no travesseiro e disse:

— Há uma outra maneira, mas eu não vou dizer qual é.

Por que ele não disse? O pai dele, que tinha cavalos de corrida, devia ser também um magistrado como o pai de Saurin e o pai de Nasty Roche. Pensou em seu próprio pai, como ele cantava canções enquanto sua mãe tocava piano e como sempre lhe dava um *shilling* quando ele pedia seis *pence*, e Stephen sentiu pena dele por não ser um magistrado como os pais dos outros meninos. Então por que tinha sido mandado para aquele lugar com eles? Mas seu pai lhe tinha dito que ele não seria um estranho ali porque seu tio-avô tinha apresentado uma saudação ao libertador ali cinquenta anos antes. Era possível reconhecer as pessoas daquela época por suas roupas antigas. Parecia-lhe ser uma época solene; e ele se perguntava se aquele era o tempo em que os rapazes em Clongowes usavam casacos com botões de metal e coletes e bonés de pele de coelho e em que bebiam cerveja como pessoas adultas e tinham seus próprios galgos para caçar lebres.

Olhou para a janela e viu que a luz do dia tinha ficado mais fraca. Havia uma luz enevoada cinza por cima do pátio do recreio. Não havia barulho algum no pátio. A classe devia estar escrevendo os exercícios ou talvez Padre Arnall estivesse lendo uma lenda em um livro.

Era estranho que não lhe tivessem dado nenhum remédio. Talvez o Irmão Michael o trouxesse quando viesse. Diziam que se tinha que beber um troço nojento quando se estava na enfermaria. Mas ele se sentia agora melhor do que antes. Seria bom ir melhorando lentamente. Poderia então conseguir um livro. Havia um livro na biblioteca sobre a Holanda. Nele havia nomes estrangeiros adoráveis e fotografias de cidades de aparência estranha e navios. Isso fazia a pessoa se sentir tão feliz.

Como estava esmaecida a luz na janela! Mas era bonito. O fogo se elevava e incidia sobre a parede. Era como se fossem ondas. Alguém tinha posto carvão nele e ele ouvia vozes. Estavam conversando. Era o barulho das ondas. Ou as ondas estavam falando umas com as outras enquanto se erguiam e caíam.

Ele via o mar de ondas, longas ondas escuras subindo e descendo, escuras sob a noite sem lua. Uma luzinha tênue piscava no quebra-mar onde o navio estava entrando, e ele via uma aglomeração de pessoas reunidas à beira do mar para ver o navio que entrava no porto. Um homem alto, de pé no convés, olhava para a planície escura e sob a luz do quebra-mar ele viu seu rosto, o rosto pesaroso do Irmão Michael.

Ele o viu erguer a mão em direção às pessoas e o ouviu dizer, por sobre as águas em voz alta cheia de pesar:

— Ele está morto. Nós o vimos deitado no catafalco.

Um lamento de dor se elevou da multidão.

— Parnell! Parnell! Ele está morto!

Caíram de joelhos, gemendo de pesar.

E ele viu Dante com um vestido de veludo granadino e com um manto de veludo verde pendendo de seus ombros passar orgulhosa e silenciosamente pelas pessoas que estavam ajoelhadas à beira do mar.

Um grande fogo, de chamas altas e vermelhas, flamejava na lareira e sob os ramos entrelaçados de hera nos candelabros estava posta a mesa de Natal. Eles tinham chegado um pouco tarde e ainda assim o jantar não estava pronto; mas ficaria pronto num instante, dissera sua mãe. Eles esperavam que a porta se abrisse para que os empregados entrassem, trazendo as grandes travessas cobertas por tampas pesadas de metal.

Todos estavam esperando: tio Charles, que estava sentado longe na sombra da janela, Dante e o Sr. Casey, que estavam sentados nas espreguiçadeiras de cada lado da lareira, Stephen, sentado em uma cadeira entre eles, com seus pés repousando sobre um tamborete acolchoado. O Sr. Dedalus se olhou no espelho acima do consolo da lareira, cofiou as pontas de seu bigode e em seguida, separando as abas do fraque, ficou de costas para a chama incandescente; ainda assim, de vez em quando, ele retirava a mão das abas de seu fraque para alisar uma das pontas de seu bigode. O Sr. Casey inclinava a cabeça para um lado e, sorrindo, batia de leve com seus dedos na glândula de seu pescoço. E Stephen sorria também pois agora ele sabia que não era verdade que o Sr. Casey tivesse uma carteira de prata em sua garganta. Sorria ao pensar como o barulho metálico que o Sr. Casey costumava fazer o havia enganado. E quando tinha tentado abrir a mão do Sr. Casey para ver se a carteira de prata estava escondida ali tinha visto que os dedos não podiam ser esticados; e o Sr. Casey lhe tinha dito que tinha ficado com aqueles três dedos duros fazendo presente de aniversário para a rainha Vitória.

O Sr. Casey bateu de leve na glândula de seu pescoço e sorriu para Stephen com olhos sonolentos; e o Sr. Dedalus lhe disse:

— Sim. Ora vamos, está certo. Que passeio bom nós fizemos, não foi, John? É... Eu me pergunto se há algum indício de jantar esta noite. É... Ora veja, respiramos hoje uma boa dose de ozônio ali em volta do promontório de Bray Head. Por Deus que sim.

Voltou-se para Dante e disse:

— A senhora não deu uma saída hoje, Sra. Riordan?

Dante amarrou a cara e disse secamente:

— Não.

O Sr. Dedalus soltou as abas de seu fraque e se encaminhou para o aparador. Tirou do armário uma jarra de pedra contendo uísque e encheu a garrafa ornamental lentamente, inclinando-se de vez em quando para ver quanto havia jorrado nela. Em seguida recolocou a jarra no armário e serviu um pouco de uísque em dois copos, acrescentou um pouco de água e voltou com eles para a lareira.

— Um pouquinho, John — disse ele —, só para estimular o apetite.

O Sr. Casey pegou o copo, bebeu e o colocou perto sobre o consolo da lareira. Disse então:

— Bem, eu não posso deixar de pensar em nosso amigo Christopher fabricando...

Teve um ataque de riso e de tosse e acrescentou:

— ... fabricando aquele champanhe para aqueles camaradas.

O Sr. Dedalus riu alto:

— É o Christy? — disse ele. — Há mais astúcia em uma única verruga de sua cabeça calva do que num bando de raposas.

Inclinou a cabeça, fechou os olhos e, lambendo os lábios profusamente, começou a falar com a voz de um hoteleiro.

— E ele tem uma boca tão macia quando fala com a gente, não é verdade? Sua papada está sempre úmida e babada; que Deus o abençoe.

O Sr. Casey ainda estava lutando contra seu acesso de tosse e riso. Stephen ria, vendo e ouvindo o hoteleiro na expressão facial e no tom de voz de seu pai.

O Sr. Dedalus repôs seu monóculo e, fixando o filho, disse tranqüila e gentilmente:

— De que você está rindo, seu cachorrinho?

As empregadas entraram e colocaram as travessas sobre a mesa. A Sra. Dedalus as seguiu e os lugares foram distribuídos.

— Sentem-se — disse ela.

O Sr. Dedalus foi para a cabeceira da mesa e disse:

— Vamos, Sra. Riordan, sente-se. John, sente-se, meu caro.

Olhou à volta para onde tio Charles estava sentado e disse:

— Ora, vamos, senhor, aqui está uma ave esperando pelo senhor.

Quando todos se sentaram ele pôs a mão na tampa da travessa e disse então rapidamente, retirando-a:

— Vamos, Stephen.

Stephen se levantou em seu lugar para dizer a oração de ação de graças antes das refeições:

Abençoi-nos, Senhor, e estes Vossos dons que através de Vossa generosidade vamos receber através de Cristo Senhor nosso. Amém.

Todos se persignaram e o Sr. Dedalus com um suspiro de satisfação ergueu a tampa pesada da travessa salpicada de gotas cintilantes em sua borda.

Stephen olhou para o peru gordo que estivera, costurado e espetado com palitos, sobre a mesa da cozinha. Sabia que seu pai pagara um guinéu por ele no açougue de Dunn da D'Olier Street e que o homem o havia espetado várias vezes no peito para mostrar o quanto era bom; e se lembrava da voz do homem quando dissera:

— Leve este, senhor. Este é o verdadeiro máximo dos máximos.

Por que o Sr. Barrett, em Clongowes, chamara sua palmatória de peru? Mas Clongowes estava bem longe: e o cheiro forte e quente de peru e presunto e aipo subia dos pratos e travessas e o grande fogo chamejava alto e vermelho na grelha da lareira e a hera verde e o azevinho vermelho faziam a gente se sentir tão feliz e quando o jantar terminasse seria trazido o pudim grande de passas adornado com amêndoas descascadas e raminhos de azevinho, com um fogo azulado correndo à sua volta e uma bandeirinha verde esvoaçando em seu topo.

Era seu primeiro jantar de Natal e ele pensou em seus irmãozinhos e irmãzinhas que estavam esperando no quarto das crianças, como ele mesmo freqüentemente esperara, até que chegasse o pudim. O colarinho extremamente baixo e a jaqueta de Eton faziam-no sentir-se esquisito e velhusco; e esta manhã quando sua mãe o fizera descer até o salão, vestido para a missa, seu pai chorara. Isso porque ele estava pensando em seu próprio pai. E tio Charles também dissera isso.

O Sr. Dedalus cobriu a travessa e começou a comer vorazmente. Em seguida disse:

— Coitado do velho Christy, ele está agora quase desequilibrado por causa de sua tratantada.

— Simon — disse a Sra. Dedalus —, você não ofereceu molho à Sra. Riordan.

O Sr. Dedalus pegou a molheira.

— Não ofereci? — gritou ele. — Sra. Riordan, tenha piedade deste pobre cego.

Dante cobriu seu prato com as mãos e disse:

— Não, obrigada.

O Sr. Dedalus voltou-se para tio Charles.

— Como vão as coisas para o senhor?

— De vento em popa, Simon.

— E você, John?

— Eu estou bem. Cuide de você.

— Mary? Olhe, Stephen, aqui está uma coisa capaz de eriçar seu cabelo.

Derramou molho generosamente no prato de Stephen e colocou a molheira de volta na mesa. Então perguntou a tio Charles se o peru estava macio. Tio Charles não conseguiu falar porque estava com a boca cheia mas acenou que sim.

— Aquela foi uma boa resposta que nosso amigo deu para o cônego, não foi mesmo? — disse o Sr. Dedalus.

— Eu não pensava que ele fosse capaz disso — disse o Sr. Casey.

— *Eu lhe pagarei o que lhe é devido, padre, quando o senhor parar de transformar a casa de Deus numa cabine de votação.*

— Bela resposta — disse Dante — para um homem que se diz católico dar a um padre.

— Eles só podem culpar a si mesmos — disse o Sr. Dedalus suavemente. — Se ouvissem o conselho de um tolo eles

restringiriam sua atenção à religião.

— É religião — disse Dante. — Eles estão cumprindo seu dever ao prevenir as pessoas.

— Nós vamos à casa de Deus — disse o Sr. Casey — com toda a humildade para rezar ao nosso Criador e não para ouvir discursos eleitorais.

— Isso é religião — disse Dante novamente. — Eles estão certos. Eles devem conduzir seus rebanhos.

— E pregar política do altar, não é? — perguntou o Sr. Dedalus.

— Certamente — disse Dante. — É uma questão de moralidade pública. Um padre não seria um padre se ele não dissesse ao seu rebanho o que é certo e o que é errado.

A Sra. Dedalus descansou a faca e o garfo sobre a mesa, dizendo:

— Pelo amor de Deus e por piedade não vamos ter nenhuma discussão política justamente neste dia entre todos os dias do ano.

— Tem toda razão, minha senhora — disse tio Charles. — Vamos, Simon, por ora basta. Nem mais uma palavra agora.

— Está bem, está bem — disse o Sr. Dedalus rapidamente.

Ele destampou a travessa com um gesto decidido e disse:

— Pois bem, quem quer mais peru?

Ninguém respondeu. Dante disse:

— Bela linguagem para qualquer católico empregar!

— Senhora Riordan, eu apelo para a senhora — disse a Sra. Dedalus. — Vamos mudar de assunto.

Dante voltou-se para ela e disse:

— E eu devo ficar aqui sentada e ouvir os pastores de minha igreja serem escarnecidos?

— Ninguém está dizendo uma palavra sequer contra eles — disse o Sr. Dedalus —, desde que eles não se intrometam na política.

— Os bispos e padres da Irlanda falaram — disse Dante — e eles devem ser obedecidos.

— Que eles deixem a política em paz — disse o Sr. Casey —, ou as pessoas podem deixar a igreja deles em paz.

— Está escutando? — disse Dante se voltando para a Sra. Dedalus.

— Senhor Casey! Simon! — disse a Sra. Dedalus. — Paremos por aqui.

— Que tristeza! Que tristeza! — disse tio Charles.

— O quê? — gritou o Sr. Dedalus. — Nós tínhamos de abandoná-lo por ordem do povo inglês?

— Ele não era mais digno de liderar — disse Dante. — Ele era um pecador público.

— Somos todos pecadores odiosos — disse o Sr. Casey friamente.

— *Ai do homem de quem vem o escândalo* — disse a Sra. Riordan. — *Seria melhor que ele fosse lançado às profundezas do mar com uma mó atada ao pescoço do que escandalizar um único desses pequeninos.* Essa é a linguagem do Espírito Santo.

— E uma linguagem muito ruim, se quiser saber — disse o Sr. Dedalus calmamente.

— Simon! Simon! — disse tio Charles. — O menino.

— Está certo, está certo — disse o Sr. Dedalus. — Eu quis dizer o... Eu estava pensando na linguagem rude daquele carregador de estrada de ferro. Bem, vejamos, está certo. Olhe, Stephen, mostre-me seu prato, meu velho. Coma tudo agora. Vamos.

Ele encheu de comida o prato de Stephen e serviu grandes fatias de peru salpicadas de molho a tio Charles e ao Sr. Casey. A Sra. Dedalus estava comendo pouco e Dante estava sentada com as mãos no colo. Ela estava com o rosto vermelho. O Sr. Dedalus esquadrinhou com os trinchantes a extremidade da travessa e disse:

— Há aqui um pedacinho delicioso que nós chamamos de mitra do papa. Se alguma dama ou cavalheiro...

Suspendeu um pedaço da ave com o dente do garfo trinchante. Ninguém falou nada. Ele o pôs no seu prato, dizendo:

— Bom, vocês não podem dizer que eu não ofereci. Penso que é melhor comê-lo eu mesmo porque não tenho andado bem de saúde ultimamente.

Piscou para Stephen e recolocou a tampa da travessa e recomeçou a comer.

Seguiu-se um silêncio enquanto ele comia. Então ele disse:

— Ora, vejamos, afinal de contas foi um bonito dia. Havia também muitas pessoas estranhas nas ruas.

Ninguém falou nada. Ele disse novamente:

— Acho que havia mais pessoas estranhas nas ruas do que no último Natal.

Olhou à volta para os outros cujos rostos estavam inclinados sobre os pratos e, não obtendo resposta, esperou um momento e disse amargamente:

— Bem, o meu jantar de Natal foi de qualquer jeito estragado.

— Não podia haver nem sorte nem graça — disse Dante — numa casa em que não há respeito pelos pastores da igreja.

O Sr. Dedalus jogou sua faca e seu garfo ruidosamente sobre seu prato.

— Respeito! — disse ele. — Será por Billy, o beicudo, ou pelo barril de tripas lá em Armagh? Respeito!

— Príncipes da igreja — disse o Sr. Casey com demorado escárnio.

— Cocheiro de Lord Leitrim, isso sim — disse o Sr. Dedalus.

— Eles são os ungidos do Senhor — disse Dante. — Eles são uma honra para o seu país.

— Barril de tripas — disse o Sr. Dedalus asperamente. — Ele tem um belo rosto, note bem, quando em repouso. Você devia ver esse camarada comendo gulosamente seu toicinho de fumeiro e repolho num dia frio de inverno. Ei, Johnny!

Ele torceu a cara numa careta de profunda bestialidade e fez um barulho de sorver com os lábios.

— Francamente, Simon — disse a Sra. Dedalus —, você não devia falar desse jeito diante de Stephen. Não está certo.

— Oh, ele vai se lembrar de tudo isso quando crescer — disse Dante calorosamente —, da linguagem que ele ouviu contra Deus e a religião e os padres em sua própria casa.

— Que ele se lembre também — gritou o Sr. Casey do outro lado da mesa para ela — da linguagem com a qual os padres e os títeres dos padres partiram o coração de Parnell e o perseguiram tenazmente, levando-o à sepultura. Que ele se lembre disso também quando crescer.

— Os filhos-da-puta! — gritou o Sr. Dedalus. — Quando ele estava por baixo eles se voltaram contra ele para traí-lo e desprezá-lo como ratos num esgoto. Cães miseráveis! E eles têm cara disso. Por Cristo, como eles têm cara disso!

— Eles procederam corretamente — gritou Dante. — Eles obedeceram a seus bispos e sacerdotes. Honra lhes seja feita!

— Bem, é simplesmente terrível dizer que nem por um dia no ano — disse a Sra. Dedalus — conseguimos ficar livres destas discussões horrorosas!

Tio Charles ergueu as mãos suavemente e disse:

— Vamos, vamos, vamos! Será que não podemos ter nossas opiniões, quaisquer que sejam, sem este mau humor e esta linguagem grosseira? Isso é sem dúvida péssimo.

A Sra. Dedalus falou com Dante em voz baixa mas Dante disse alto:

— Eu não vou dizer nada. Vou defender minha igreja e minha religião quando ela é insultada e cuspir nos católicos renegados.

O Sr. Casey empurrou bruscamente seu prato para o meio da mesa e, apoiando os cotovelos à sua frente, disse com voz rouca a seu anfitrião:

— Diga-me, já lhe contei aquela história sobre uma famosa cusparada?

— Não, você não contou, John — disse o Sr. Dedalus.

— Ora veja — disse o Sr. Casey —, é uma história muito instrutiva. Aconteceu não faz muito tempo no condado de Wicklow onde estamos agora.

Ele se interrompeu e, voltando-se para Dante, disse com serena indignação:

— E posso lhe dizer, minha senhora, que se está se referindo a mim, eu não sou um católico renegado. Sou um católico como meu pai o foi e seu pai antes dele e novamente seu pai antes dele quando preferimos perder nossas vidas a vender nossa fé.

— Maior é agora sua vergonha — disse Dante —, por falar como o faz.

— Vamos à história, John — disse sorrindo o Sr. Dedalus. — Seja como for conte-nos essa história.

— Católico! Não me diga! — repetiu Dante ironicamente. — O mais tenebroso protestante na terra não usaria a linguagem que eu ouvi esta noite.

O Sr. Dedalus começou a balançar a cabeça de um lado para o outro, cantarolando como um cantor de música *country*.

— Não sou nenhum protestante, eu lhe digo novamente — afirmou o Sr. Casey com o rosto vermelho.

O Sr. Dedalus, ainda a cantarolar e a balançar a cabeça, começou a cantar num tom nasalado de resmungação:

Oh, venham vocês todos católicos romanos

Que nunca foram à missa.

Ergueu a faca e o garfo de novo com bom humor e pôs-se a comer dizendo para o Sr. Casey:

— Vamos à história, John. Vai ajudar-nos a fazer a digestão.

Stephen voltou com afeto os olhos para o rosto do Sr. Casey que olhava fixamente do outro lado da mesa por sobre suas mãos juntas. Ele gostava de se sentar ao lado dele em frente à lareira, erguendo os olhos para o seu bravo rosto sombrio.

Mas seus olhos escuros não eram nunca bravios e sua voz descansada era boa de ouvir. Mas por que então ele era contra os padres? Porque Dante devia estar certa então. Mas ouvira seu pai dizer que ela era uma freira que deixara o hábito e que tinha saído do convento de Alleghanies quando seu irmão ganhara dinheiro dos gentios vendendo-lhes bugigangas e pacotilhas. Talvez isso a tornasse severa em relação a Parnell. E ela não gostava que ele brincasse com Eileen porque Eileen era protestante e quando ela era jovem conhecera crianças que costumavam brincar com protestantes e os protestantes costumavam caçoar da litania da Bem-aventurada Virgem Maria. *Torre de Marfim*, costumavam eles dizer, *Casa de Ouro*! Como é que uma mulher podia ser uma torre de marfim ou uma casa de ouro? Quem estava certo então? E ele se lembrava da noite na enfermaria de Clongowes, das águas escuras, da luz no quebra-mar e do gemido de dor das pessoas quando elas tinham ouvido.

Eileen tinha longas mãos brancas. Certa noite quando estavam brincando de pegar ela tinha coberto os olhos dele com as mãos: longas e brancas e finas e frias e macias. Aquilo era marfim: uma coisa branca e fria. Era aquele o significado de *Torre de Marfim*.

— A história é muito curta e encantadora — disse o Sr. Casey. — Foi um dia lá em Arklow, um dia de frio cortante, não muito antes da morte do chefe. Que Deus se compadeça dele!

Fechou os olhos exaustos e se deteve. O Sr. Dedalus pegou um osso do prato e arrancou dele com os dentes um pouco de carne, dizendo:

— Antes que o assassinassem, você quer dizer.

O Sr. Casey abriu os olhos, suspirou e prosseguiu:

— Foi lá em Arklow certo dia. Estávamos ali numa reunião e depois que a reunião terminou tivemos que nos encaminhar para a estação da estrada de ferro através da multidão. Tanto uuuh! e aaah!, homem de Deus, como nunca se ouviu. Eles nos chamaram de tudo quanto é palavrão no mundo. Bem, havia uma senhora idosa e ela era certamente uma megera bêbada, que fixou a atenção em mim. E ficou a dançar ao meu lado, na lama berrando e gritando na minha cara: *Caçador-de-padres! Os fundos de Paris! Sr. Fox! Kitty O'Shea!*

— E o que você fez, John? — perguntou o Sr. Dedalus.

— Eu a deixei berrar à vontade — disse o Sr. Casey. — Era um dia frio e para me manter em forma eu tinha (com o devido respeito, minha senhora) um bocado de fumo de Tullamore na boca e seguramente eu não podia de qualquer maneira dizer uma única palavra porque minha boca estava cheia de fumo mascado.

— E então, John?

— Bem. Eu a deixei berrar à vontade, quanto quisesse, *Kitty O'Shea* e tudo o mais até que ela finalmente chamou aquela senhora de um nome que não vou dizer para não sujar esta mesa de Natal nem seus ouvidos, minha senhora, nem meus próprios lábios ao repeti-lo.

Ele parou. O Sr. Dedalus, levantando a cabeça do osso, perguntou:

— E o que você fez, John?

— O que fiz! — disse o Sr. Casey. — Ela estendeu sua cara velha e feia para cima de mim quando falou e eu estava com a boca cheia de fumo mascado. Eu me inclinei para ela e *pft!* eu lhe disse assim.

Ele virou para o lado e fez o gesto de cuspir.

— *Pft!* disse eu para ela assim, bem dentro do seu olho.

Ela bateu com a mão no olho e soltou um grito rouco de dor.

— *Oh Jesus, Maria, José!* disse ela. *Me cegaram! Me cegaram e me afogaram.*

Ele parou com um acesso de tosse e riso, repetindo:

— *Me cegaram inteiramente.*

O Sr. Dedalus riu alto e se recostou na cadeira enquanto tio Charles balançava a cabeça de um lado para o outro.

Dante parecia terrivelmente zangada e repetia enquanto eles riam:

— Muito bonito! Ah! Muito bonito!

Não era bonito aquela cusparada no olho da mulher. Mas qual era o nome com o qual a mulher chamara Kitty O'Shea que o Sr. Casey não podia repetir? Pensou no Sr. Casey andando através da multidão de pessoas e fazendo discursos de um carro de quatro rodas puxado a cavalo. Era por isso que estivera na prisão e ele se lembrava de que certa noite o Sargento O'Neil tinha vindo em sua casa e ficara em pé na sala de entrada falando em voz baixa com o seu pai e mastigando nervosamente a aba de seu boné. E naquela noite o Sr. Casey não tinha ido para Dublin de trem, mas um carro viera até a porta e ele ouvira seu pai dizer alguma coisa sobre Cabinteely Road.

Ele era a favor da Irlanda e de Parnell e seu pai também o era; e Dante também pois uma noite ao som da banda na esplanada ela batera na cabeça de um senhor com seu guarda-chuva porque ele tinha tirado o chapéu quando a banda tocara *God save the Queen*.

O Sr. Dedalus deu uma risada de desprezo.

— Ah, John — disse ele. — É verdade para eles. Somos uma raça infeliz dominada por padres e sempre o fomos e sempre o seremos até o final de nossos dias.

Tio Charles sacudiu a cabeça, dizendo:

— Um mau negócio! Um mau negócio!

O Sr. Dedalus repetiu:

— Uma raça dominada por padres e esquecida por Deus!

Apontou para o retrato de seu avô na parede à sua direita.

— Você está vendo aquele velho ali, John? — disse ele. — Foi um bom irlandês quando não havia dinheiro na jogada. Foi condenado à morte como um “branco”. Mas ele tinha um ditado sobre nossos amigos clérigos, que nunca deixaria que algum deles jantasse à sua mesa.

Dante interrompeu zangada:

— Se somos uma raça dominada pelos padres deveríamos ter orgulho disso! Eles são as meninas-dos-olhos de Deus.

Não toquem neles, disse Cristo, *pois eles são as meninas dos Meus olhos*.

— Não podemos então amar nosso país? — perguntou o Sr. Casey. — Não devemos seguir o homem que nasceu para nos liderar?

— Um traidor de seu país! — replicou Dante. — Um traidor e um adúltero! Os padres estavam certos ao abandoná-lo.

Os padres sempre foram os verdadeiros amigos da Irlanda.

— Foram mesmo, de verdade? — disse o Sr. Casey.

Ele atirou o punho sobre a mesa e, amarrando a cara raivosamente, estendeu um dedo após o outro.

— Não nos traíram os bispos da Irlanda por ocasião da união quando o Bispo Lanigan fez um discurso de lealdade ao Marquês de Cornualha? Não venderam os bispos e padres as aspirações de seu país em 1829 em troca da emancipação? Não denunciaram o movimento feniano do púlpito e no confessionário? E não desonraram eles as cinzas de Terence Bellew MacManus?

Seu rosto ardia de ódio e Stephen sentiu o ardor subir em sua própria face porque as palavras expressas o excitavam. O Sr. Dedalus soltou uma gargalhada vulgar de escárnio grosseiro.

— Oh, por Deus — gritou ele —, eu me esqueci do velhinho Paul Cullen! Uma outra menina-dos-olhos de Deus.

Dante se inclinou do outro lado da mesa e gritou para o Sr. Casey:

— Certos! Certos! Eles estavam sempre certos! Deus e moralidade e religião vêm em primeiro lugar.

Vendo sua excitação, a Sra. Dedalus lhe disse:

— Senhora Riordan, não se excite respondendo a eles.

— Deus e religião antes de tudo! — gritou Dante. — Deus e a religião antes do mundo!

O Sr. Casey ergueu seu punho cerrado e trouxe-o de volta sobre a mesa com estrondo.

— Muito bem, então — gritou roucamente —, se chegou a esse ponto, nenhum Deus para a Irlanda!

— John! John! — gritou o Sr. Dedalus segurando o seu hóspede pela manga do paletó.

Dante, de faces trêmulas, olhou fixamente do outro lado da mesa. O Sr. Casey lutou para se levantar da cadeira e se inclinou para ela através da mesa, afastando com a mão o ar de diante dos olhos como se estivesse arrancando uma teia de aranha.

— Nenhum Deus para a Irlanda! — gritou ele. — Temos tido Deus demais na Irlanda. Fora com Deus!

— Blasfemo! Demônio! — gritou Dante saltando sobre os pés e quase cuspidno no rosto dele.

Tio Charles e o Sr. Dedalus puxaram de ambos os lados o Sr. Casey de volta para sua cadeira, falando-lhe com sensatez. Ele olhou fixamente em frente com seus olhos escuros chamejantes, repetindo:

— Fora com Deus, estou dizendo!

Dante empurrou sua cadeira violentamente para o lado e saiu da mesa, fazendo tombar a argola de seu guardanapo que rolou lentamente pelo tapete e veio parar de encontro ao pé de uma espreguiçadeira. A Sra. Dedalus se levantou rapidamente e a seguiu em direção à porta. Na porta Dante se virou violentamente e gritou para a sala, suas faces rubras e trêmulas de raiva:

— Demônio saído do inferno! Nós vencemos! Nós o esmagamos até a morte! Demônio!

A porta bateu atrás dela.

O Sr. Casey, soltando seus braços daqueles que o seguravam, curvou subitamente a cabeça sobre as mãos com um soluço de dor.

— Pobre Parnell! — gritou bem alto. — Meu rei morto!

Soluçou alto e amargamente.

Erguendo o rosto aterrorizado, Stephen viu que os olhos de seu pai estavam cheios de lágrimas.

Os estudantes conversavam em pequenos grupos.

Um dos colegas disse:

— Eles foram apanhados perto da colina de Lyons.

— Quem os apanhou?

— O Sr. Gleeson e o ministro. Eles estavam num carro.

O mesmo rapaz acrescentou:

— Um colega da divisão dos maiores me disse.

Fleming perguntou:

— Mas, diga-nos, por que eles fugiram?

— Eu sei por quê — disse Cecil Thunder. — Porque eles tinham furtado dinheiro do quarto do reitor.

— Quem o furtou?

— O irmão de Kickham. E todos tiveram sua parte no furto.

— Mas aquilo era roubo. Como é que tinham podido fazer aquilo?

— Você sabe muitíssimo sobre isso, Thunder! — disse Wells. — Eu sei por que eles escapuliram.

— Diga-nos por quê.

— Proibiram que eu contasse — disse Wells.

— Ora, vamos, Wells — disseram todos. — Você podia nos dizer. Nós não vamos deixar escapar nada.

Stephen inclinou a cabeça para ouvir. Wells olhou à volta para ver se alguém estava chegando. Disse então furtivamente:

— Você sabe o vinho do altar que eles guardam no armário da sacristia?

— Sei.

— Bem, eles o beberam e foi descoberto quem o fez pelo hálito. E foi por isso que eles fugiram, se você quer saber.

E o companheiro que falara primeiro disse:

— É, foi isso que eu ouvi também de um camarada da divisão dos maiores.

Os colegas ficaram todos em silêncio. Stephen estava entre eles com medo de falar, escutando. Um leve mal-estar de espanto o fez sentir-se fraco. Como podiam ter feito aquilo? Pensou na sacristia silenciosa e escura. Havia armários escuros de madeira ali onde sobrepelizes plissadas se encontravam tranqüilamente dobradas. Não era a capela mas assim mesmo a gente tinha que falar a meia-voz. Era um lugar sagrado. Ele se lembrava da noite de verão em que estivera ali para ser vestido como o acólito que leva o turíbulo, na noite da procissão em direção ao altarzinho no bosque. Um lugar estranho e sagrado. O menino que segurava o turíbulo o havia balançado suavemente de um lado para o outro perto da porta com tampa de prata levantada pela corrente do meio para manter as brasas acesas. Aquilo era chamado de carvão vegetal: e tinha queimado calmamente quando o colega o balançara suavemente e tinha exalado um fraco cheiro acre. E então quando todos estavam paramentados ele ficara segurando o turíbulo para o reitor e o reitor tinha colocado nele uma colher de incenso que tinha sibilado ao cair sobre os carvões vermelhos.

Os companheiros estavam conversando juntos em pequenos grupos aqui e ali no pátio de recreio. Os colegas pareciam ter ficado menores: isso porque um ciclista, um aluno da segunda série de gramática, o havia derrubado na véspera. Ele tinha sido agilmente derrubado pela bicicleta do menino sobre a pista e seus óculos se tinham quebrado em três pedaços e um pouco do pó de hulha da pista tinha entrado em sua boca.

Era por isso que os colegas lhe pareciam menores e mais distantes e as traves do gol tão finas e longínquas e o céu suave e cinza tão lá no alto. Mas não havia jogo no campo de futebol pois os jogadores de críquete estavam chegando; e alguns diziam que Barnes seria o capitão e alguns diziam que seria Flowers. E por toda parte no pátio eles estavam jogando uma espécie de beisebol e arremessando bolas de boliche e de tênis. E daqui e dali vinham os sons das pás de críquete através do ar suave e cinza. Eles diziam: pic, pec, poc, pac: como gotas de água de uma fonte caindo lentamente numa bacia transbordante.

Athy, que estivera calado, disse tranqüilamente:

— Vocês estão redondamente enganados.

Todos se voltaram ansiosamente para ele.

— Por quê?

— Você sabe?

— Quem lhe disse?

— Diga-nos, Athy.

Athy apontou para o outro lado do pátio onde Simon Moonan estava andando sozinho chutando uma pedra à sua frente.

— Perguntem àquele ali — disse.

Os colegas olharam na direção indicada e então perguntaram:

— Por que ele?

— Ele está nessa jogada?

— Diga-nos, Athy. Vamos. Você pode se quiser.

Athy abaixou a voz e disse:

— Vocês sabem por que esses rapazes escapuliram? Eu vou lhes contar mas vocês não devem dar com a língua nos dentes, sabe.

Parou um momento e depois disse misteriosamente:

— Eles foram apanhados com Simon Moonan e Tusker Boyle uma noite no banheiro.

Os meninos olharam para ele e perguntaram:

— Apanhados?

— Fazendo o quê?

Athy disse:

— Se tocando.

Todos os meninos ficaram calados; e Athy disse:

— E foi por isso.

Stephen olhou para o rosto dos meninos mas todos eles estavam olhando para o outro lado do pátio. Queria perguntar a alguém sobre aquilo. O que queria dizer aquilo de se tocarem no banheiro? Por que os cinco alunos da divisão dos maiores tinham fugido por causa disso? Era uma brincadeira, pensou. Simon Moonan tinha roupas bonitas e uma noite lhe mostrara uma bola de bombons cremosos que os jogadores de futebol tinham feito rolar até ele pelo tapete do meio do refeitório quando estava na porta. Foi na noite da partida contra os Bective Rangers e a bola era exatamente como uma maçã verde e vermelha só que se abria e estava cheia de bombons cremosos. E um dia Boyle dissera que um elefante tinha dois javalis — *tuskers* — em vez de duas presas — *tusks* — e era por isso que ele era chamado Tusker Boyle mas alguns colegas o chamavam Lady Boyle porque ele estava sempre às voltas com suas unhas, aparando-as.

Eileen também tinha umas mãos tépidas, finas e brancas porque era uma menina. Elas eram como o marfim; apenas suaves. Este era o sentido de *Torre de Marfim* mas os protestantes não podiam compreender e caçoavam disso. Um dia ele ficara ao lado dela olhando para o terreno do hotel. Um garçom estava hasteando as bandeiras no mastro e um *fox-terrier* corria de um lado para o outro no gramado ensolarado. Ela tinha posto a mão no bolso dele onde sua própria mão se encontrava e ele sentira como a mão dela era suave e fina e tépida. Ela dissera que bolsos eram coisas engraçadas de se ter e então de repente escapara e correra rindo pela curva em declive da estrada. Seu cabelo louro caía ondeado por suas costas como ouro ao sol. *Torre de Marfim. Casa de Ouro*. Pensar nas coisas permitia compreendê-las.

Mas por que no banheiro? A gente ia ali quando queria fazer alguma coisa. Eram só lajes grossas de ardósia e água pingando o dia todo de buraquinhos mínimos e um cheiro esquisito de água parada. E atrás da porta de um dos gabinetes sanitários havia um desenho em lápis vermelho de um velho barbudo com uma roupa romana com um tijolo em cada mão e embaixo estava o título do desenho:

Balbus estava construindo uma parede.

Alguns alunos o tinham desenhado de brincadeira. O desenho tinha uma cara engraçada mas era muito parecido com um homem com uma barba. E na parede de um outro gabinete sanitário estava escrito com uma grafia inclinada para a esquerda, numa caligrafia bonita:

Júlio César escreveu O Ventre Malhado.

Talvez fosse por isso que eles estivessem ali porque era um lugar onde os alunos escreviam coisas de brincadeira. Mas assim mesmo era esquisito o que Athy disse e a maneira pela qual o disse. Não era uma brincadeira porque eles tinham fugido. Olhou junto com os outros em silêncio para o outro lado do pátio de recreio e começou a sentir medo.

Fleming finalmente disse:

— E nós vamos todos ser punidos pelo que os outros alunos fizeram?

— Eu não vou voltar, pois sim que eu vou — disse Cecil Thunder. — Três dias de silêncio no refeitório e nos mandando subir para levar seis e oito bolos de palmatória por minuto.

— É sim — disse Wells. — E o velho Barrett tem uma nova maneira de enrolar a anotação de modo que a gente não a pode abrir e dobrar de novo para ver quantos bolos vão ser dados. Eu também não vou voltar.

— É isso aí — disse Cecil Thunder —, e o prefeito de estudos estava esta manhã na segunda série de gramática.

— Vamos armar uma rebelião — disse Fleming. — Está bem?

Todos os colegas ficaram em silêncio. O ar estava muito silencioso e era possível ouvir as pás de críquete, porém mais lentamente do que antes: pic, poc.

Wells perguntou:

— O que farão com eles?

— Simon Moonan e Tusker vão ser chicoteados — disse Athy — e os colegas da divisão dos maiores tiveram a escolha entre serem chicoteados ou serem expulsos.

— E o que eles escolheram? — perguntou o aluno que falara primeiro.

— Todos escolheram a expulsão exceto Corrigan — respondeu Athy. — Ele vai ser chicoteado pelo Sr. Gleeson.

— Corrigan é aquele grandão? — disse Fleming. — Ora, ele vale por dois do Gleeson!

— Eu sei por quê — disse Cecil Thunder. — Ele está certo e os outros alunos estão errados porque uma chicotada desaparece depois de algum tempo mas um camarada que foi expulso de um colégio fica a vida toda conhecido por isso. Além disso Gleeson não vai chicoteá-lo com força.

— Não é uma boa jogada — disse Fleming.

— Eu não gostaria de estar na pele de Simon Moonan e Tusker — disse Cecil Thunder. — Mas não acredito que eles sejam chicoteados. Talvez mandem eles subir para levar duas vezes nove bolos.

— Não, não — disse Athy. — Eles vão levá-los no ponto vital.

Wells se esfregou e disse com uma voz chorosa:

— Solte-me, senhor, por favor.

Athy arreganhou os dentes sorrindo e arregaçou as mangas de sua jaqueta, dizendo:

Não pode ser evitado;

Tem que ser feito.

Assim abaixo com as calças

E fora com o traseiro.

Os colegas riram; mas ele sentiu que eles estavam com um pouco de medo. No silêncio do ar suave e cinza ele ouvia as pás de críquete daqui e dali: poc. Aquele era um som para se ouvir mas se a gente apanhasse então a gente sentiria dor. A palmatória também tinha um som mas não como aquele. Os colegas diziam que era feita de barbatana de baleia e couro com chumbo dentro: e ele se perguntava como seria a dor. Havia diferentes tipos de dor para todos os diferentes tipos de som. Uma longa bengala fina teria um som sibilante elevado e ele se perguntava como seria a dor. Ficava trêmulo e frio só de pensar nisso: e no que Athy dissera também. Mas o que havia ali para rir? Isso lhe dava arrepios: mas isso era porque a gente sempre sentia arrepios quando arriava as calças. Acontecia o mesmo no banho quando a gente se despia. Ele se indagava quem devia arriá-las, o mestre ou o próprio menino. Oh, meu Deus, como é que eles podiam rir disso daquele jeito?

Ele olhou para as mangas arregaçadas de Athy e para as mãos nodosas e sujas de tinta. Ele arregaçara as mangas para mostrar como o Sr. Gleeson ia arregaçar suas mangas. Mas o Sr. Gleeson tinha punhos redondos e lustrosos e pulsos brancos e limpos e mãos gorduchas e brancas e as unhas nelas eram longas e pontudas. Talvez ele também as aparasse como Lady Boyle. Mas eram unhas extremamente longas e pontudas. Bem longas e cruéis embora as mãos brancas e gorduchas não fossem cruéis mas gentis. E embora ele tremesse de frio e de medo só em pensar nas unhas longas e cruéis e no som sibilante e elevado da bengala e no calafrio que a gente sentia na extremidade da camisa quando se despia no entanto ele experimentava uma sensação esquisita dentro de si e de prazer sereno ao pensar nas mãos brancas e gorduchas, limpas e fortes e gentis. E pensava no que Cecil Thunder dissera; que o Sr. Gleeson não ia açoitar Corrigan com força. E Fleming dissera que ele não o faria porque não seria uma boa jogada. Mas não era por isso.

Uma voz vinda de longe no pátio de recreio gritou:

— Todos pra dentro!

E outras vozes gritaram:

— Pra dentro! Pra dentro!

Durante a aula de caligrafia ele ficou sentado de braços cruzados escutando o chiado lento das penas. O Sr. Harford ia de um lado pro outro fazendo pequenos sinais com lápis vermelho e às vezes se sentando ao lado do menino para lhe mostrar como segurar a caneta. Ele tentara soletrar o cabeçalho para si mesmo embora já soubesse qual era, pois era o último do livro. *Zelo sem prudência é como um navio à deriva.* Mas as linhas das letras eram como belos fios invisíveis e era só fechando o olho direito firme, bem firme, e olhando fixo com o olho esquerdo que ele podia perceber as curvas completas das maiúsculas.

Mas o Sr. Harford era um sujeito muito decente e nunca tinha um acesso de cólera. Todos os outros mestres tinham tremendos acessos de cólera. Mas por que eles tinham que sofrer pelo que os alunos da divisão dos maiores faziam? Wells dissera que eles haviam bebido um pouco do vinho do altar que estava dentro do armário da sacristia e que tinha sido descoberto quem o fizera pelo hálito. Talvez eles tivessem roubado um ostensório para fugir com ele e vendê-lo em algum lugar. Aquilo deve ter sido um pecado terrível, entrar ali tranqüilamente à noite, abrir o armário escuro e roubar o objeto cintilante de ouro dentro do qual Deus era colocado no altar na hora da bênção no meio de flores e velas enquanto o incenso

subia em nuvens de ambos os lados enquanto o colega balançava o turíbulo e Dominic Kelly cantava a primeira parte sozinho no coro. Mas Deus não estava nele naturalmente quando o roubaram. Mas assim mesmo era estranho e um grande pecado sequer tocá-lo. Pensou nisso com profundo terror; um pecado estranho e terrível: excitava-o pensar nisso em meio ao silêncio enquanto as penas chiavam levemente. Mas beber o vinho do altar retirado do armário e ser descoberto pelo hálito era um pecado também; mas não era estranho e terrível. Só fazia a gente se sentir um pouco enjoado por causa do cheiro do vinho. Porque no dia em que tinha feito sua sagrada primeira comunhão na capela ele tinha fechado os olhos e aberto a boca e posto a língua um pouco para fora; e quando o reitor tinha se inclinado para lhe dar a sagrada comunhão ele tinha sentido um ligeiro cheiro de vinho exalando do hálito do reitor depois do vinho da missa. A palavra era bonita: vinho. Fazia a gente pensar em púrpura-escura porque eram púrpura-escuras as uvas cultivadas na Grécia do lado de fora das casas brancas como templos. Mas o ligeiro cheiro que vinha do hálito do reitor o tinha feito se sentir indisposto na manhã de sua primeira comunhão. O dia de nossa primeira comunhão era o dia mais feliz de nossa vida. E certa vez muitos generais tinham perguntado a Napoleão qual tinha sido o dia mais feliz de sua vida. Eles pensavam que ele ia dizer o dia em que tinha vencido alguma grande batalha ou o dia em que tinha sido feito imperador. Mas ele disse:

— Cavalheiros, o dia mais feliz de minha vida foi o dia em que fiz minha sagrada primeira comunhão.

Padre Arnall entrou e a aula de latim começou e ele permanecia quieto, encostado na carteira com os braços cruzados. Padre Arnall distribuiu os cadernos de exercício e disse que estavam vergonhosos e que tinham que ser reescritos imediatamente com as correções. Mas o pior de todos foi o exercício de Fleming porque as páginas estavam coladas umas nas outras por um borrão; e Padre Arnall o suspendeu por uma extremidade e disse que era um insulto a qualquer mestre mandar-lhe um exercício daquela natureza. Em seguida pediu a Jack Lawton que declinasse o substantivo *mare* e Jack Lawton parou no ablativo singular e não pôde continuar com o plural.

— Você devia ter vergonha de si mesmo — disse Padre Arnall severamente. — Você, o líder da classe!

Então interrogou o próximo menino e o próximo e o próximo. Ninguém sabia. Padre Arnall ficou muito calado, cada vez mais calado, à medida que cada aluno tentava responder e não conseguia. Mas seu rosto tinha uma aparência sombria e seus olhos estavam fixos embora sua voz estivesse tão tranqüila. Então ele interrogou Fleming e Fleming disse que a palavra não tinha plural. Padre Arnall fechou subitamente o livro e gritou para ele:

— Ajoelhe-se ali no meio da sala. Você é um dos meninos mais vadios que já conheci. Quanto ao resto de vocês, copiem seus exercícios de novo.

Fleming se afastou lentamente de seu lugar e se ajoelhou entre os dois últimos bancos. Os outros meninos se curvaram sobre seus cadernos de exercício e começaram a escrever. Um silêncio tomou conta da sala de aula e Stephen, lançando timidamente um olhar para o rosto de Padre Arnall, viu que estava um pouco vermelho devido ao acesso de cólera que se apoderava dele.

Era pecado Padre Arnall ter um acesso de cólera ou lhe era permitido ter um acesso de cólera quando os meninos eram vadios porque isso os fazia estudar melhor ou estava ele apenas fingindo ter um acesso de cólera? Era porque lhe era permitido pois sendo um padre sabia o que era um pecado e não o cometeria. Mas se ele o cometesse uma vez por engano o que é que faria para recorrer à confissão? Talvez ele se confessasse ao ministro. E se o ministro cometesse um pecado procuraria o reitor: e o reitor o provincial: e o provincial o Padre Geral[16] dos jesuítas. Isso era chamado a ordem; e ele tinha ouvido seu pai dizer que eles eram todos homens inteligentes. Todos podiam ter sido pessoas importantes no mundo se não se tivessem tornado jesuítas. E ele se perguntava o que Padre Arnall e Paddy Barrett teriam sido e o que o Sr. Glade e o Sr. Gleeson teriam sido se não se tivessem tornado jesuítas. Era difícil pensar o que seriam porque era preciso pensar neles de uma maneira diferente com casacos e calças de colorido diferente e com barbas e bigodes e tipos diferentes de chapéus.

A porta se abriu tranqüilamente e se fechou. Um sussurro ligeiro percorreu a classe: o prefeito de estudos. Houve um instante de silêncio mortal e então o estalo forte de uma palmatória na última carteira. O coração de Stephen saltou de medo.

— Alguns meninos aqui estão querendo bolos de palmatória, Padre Arnall? — gritou o prefeito de estudos. — Alguns vadios inúteis e preguiçosos querem apanhar de palmatória nesta turma?

Ele veio para o meio da classe e viu Fleming de joelhos.

— Hah, hah! — gritou ele. — Quem é este menino? Por que ele está de joelhos? Qual é o seu nome, meu rapaz?

— Fleming, senhor.

— Hah, hah! Fleming! Um preguiçoso naturalmente. Posso ver isso em seus olhos. Por que ele está de joelhos, Padre Arnall?

— Ele escreveu um exercício de latim muito mal — disse Padre Arnall — e errou todas as perguntas de gramática.

— Errou, naturalmente! — gritou o prefeito de estudos. — Errou, naturalmente! Um preguiçoso nato! Posso ver isso no canto de seus olhos.

Bateu com estrondo sua palmatória sobre a mesa e gritou:

— De pé, Fleming! De pé, meu menino!

Fleming se levantou lentamente.

— Estenda! — gritou o prefeito de estudos.

Fleming estendeu a mão. A palmatória desceu sobre ela com um som alto e estrepitoso: um, dois, três, quatro, cinco, seis.

— A outra mão!

A palmatória desceu novamente com seus estrépitos rápidos e sonoros em seis estrépitos altos.

— Ajoelhe! — gritou o prefeito de estudos.

Fleming se ajoelhou pressionando as mãos debaixo de suas axilas, seu rosto contraído de dor, mas Stephen sabia como suas mãos eram ásperas porque Fleming estava sempre as friccionando com resina. Mas talvez ele estivesse sentindo muita dor porque o barulho da palmatória tinha sido terrível. O coração de Stephen estava batendo e estremeando.

— Para o trabalho, todos vocês! — berrou o prefeito de estudos. — Não queremos aqui nenhum vadio inútil e preguiçoso, garotos maquiavélicos inúteis e preguiçosos. Para o trabalho, eu lhes digo. O Padre Dolan virá vê-los todos os dias. Padre Dolan estará aqui amanhã.

Empurrou um dos meninos com a palmatória, dizendo:

— Você, menino! Quando Padre Dolan virá novamente?

— Amanhã, senhor — disse a voz de Tom Furlong.

— Amanhã e amanhã e amanhã — disse o prefeito de estudos. — Conformem-se com isso. Padre Dolan todos os dias.

Escrevam. Você, menino, quem é você?

O coração de Stephen saltou subitamente.

— Dedalus, senhor.

— Por que você não está escrevendo como os outros?

— Eu... meus...

Ele não conseguia falar de medo.

— Por que ele não está escrevendo, Padre Arnall?

— Os óculos dele quebraram — disse Padre Arnall — e eu o dispensei do trabalho.

— Quebraram? O que é que estou ouvindo? Qual é o seu nome? — disse o prefeito de estudos.

— Dedalus, senhor.

— Fora daqui, Dedalus. Seu Maquiavelzinho preguiçoso. Eu vejo um Maquiavel em seu rosto. Onde você quebrou seus óculos?

Stephen cambaleou até o meio da classe, cego pelo medo e pela pressa.

— Onde você quebrou seus óculos? — repetiu o prefeito de estudos.

— Na pista de corrida, senhor.

— Hah, hah! Na pista de corrida! — gritou o prefeito de estudos. — Eu conheço esse truque.

Stephen ergueu os olhos pasmado e viu por um momento o rosto branco-acinzentado e não muito jovem do Padre Dolan, sua cabeça calva com pêlos grisalhos nos lados, os aros de aço de seus óculos e seus olhos sem cor olhando através dos óculos. Por que ele dizia que conhecia aquele truque?

— Seu vadiozinho inútil e preguiçoso! — gritou o prefeito de estudos. — Quebrei meus óculos! Um velho truque de estudante! Fora com sua mão, já!

Stephen fechou os olhos e estendeu no ar sua mão trêmula com a palma para cima. Sentiu o prefeito de estudos tocá-la por um instante nos dedos para esticá-la e então o silvar da manga da batina quando a palmatória foi erguida para bater. Um golpe formigante, ardente, escaldante e quente como o estalo sonoro de uma vareta quebrada fez sua mão trêmula se encolher como uma folha exposta ao fogo: e com o som e a dor lágrimas escaldantes invadiram seus olhos. Seu corpo inteiro tremia de pavor, seu braço tremia e sua mão lívida, encolhida e escaldante tremia como uma folha solta no ar. Um grito lhe saltou dos lábios, uma oração a ser liberada. Mas embora as lágrimas escaldassem seus olhos e seus membros tremessem de dor e pavor ele reteve as lágrimas quentes e o grito que escaldava sua garganta.

— A outra mão! — gritou o prefeito de estudos.

Stephen recolheu seu braço direito estropiado e trêmulo e estendeu sua mão esquerda. A manga da batina silvou de novo quando a palmatória foi erguida e um som forte e estrondoso e uma dor violenta, ardente, formigante e alucinante fez sua mão se encolher toda com a palma e os dedos transformados em uma massa lívida e trêmula. Uma água escaldante jorrou de seus olhos e, ardendo de vergonha e agonia e medo, ele recolheu o braço trêmulo de terror e desatou a gemer de dor. Seu corpo se sacudia todo com tremores de pavor e com vergonha e com raiva sentia um grito ardente brotar de sua garganta e lágrimas escaldantes rolares de seus olhos por suas faces flamejantes.

— Ajoelhe! — gritou o prefeito de estudos.

Stephen se ajoelhou rapidamente comprimindo suas mãos espancadas de encontro ao corpo. Pensar nelas espancadas e

inchadas de dor fazia com que por um momento sentisse pena delas como se não fossem parte dele mas de uma outra pessoa de que ele sentisse pena. E quando se ajoelhou, acalmando os últimos soluços na garganta e sentindo a dor formigante e ardente premida de encontro ao corpo, pensou nas mãos que havia estendido no ar, com as palmas para cima e no toque firme do prefeito de estudos quando tinha firmado os dedos trêmulos e na massa da palma e dos dedos avermelhada e inchada e espancada que se sacudia impotentemente no ar.

— De volta ao trabalho, todos vocês — gritou da porta o prefeito de estudos. — Padre Dolan estará aqui todos os dias para ver se algum menino, algum vadiozinho inútil e preguiçoso quer apanhar de palmatória. Todos os dias.

A porta se fechou atrás dele.

A classe calada continuou a copiar os exercícios. Padre Arnall se levantou do seu assento e caminhou entre eles ajudando os meninos com palavras gentis e lhes dizendo os erros que haviam cometido. Sua voz era muito suave e macia. Em seguida retornou ao seu lugar e disse a Fleming e a Stephen:

— Vocês dois podem voltar para os seus lugares.

Fleming e Stephen se levantaram e, caminhando para seus lugares, se sentaram. Rubro de vergonha, Stephen abriu um livro rapidamente com a mão enfraquecida e se curvou sobre ele, o rosto junto da página.

Aquilo era injusto e cruel porque o médico lhe tinha dito para não ler sem os óculos e ele havia escrito para seu pai naquela manhã para que mandasse um novo par. E Padre Arnall tinha dito que ele não precisava estudar até que os novos óculos chegassem. Ser então chamado de Maquiavel diante da classe e apanhar de palmatória quando sempre obtinha o cartão de primeiro ou segundo da classe e era o líder dos yorquistas! Como o prefeito de estudos podia saber que se tratava de um truque? Sentia o toque dos dedos do prefeito quando tinha firmado sua mão e a princípio ele tinha pensado que o padre ia apertar sua mão porque seus dedos eram macios e firmes, mas logo depois tinha ouvido o silvar da batina e o golpe. Era cruel e injusto então se ajoelhar no meio da classe; e Padre Arnall tinha dito a ambos para voltar a seus lugares sem fazer qualquer diferença entre os dois. Escutava a voz baixa e suave de Padre Arnall enquanto corrigia os exercícios. Talvez ele estivesse arrependido agora e quisesse ser correto. Mas aquilo era injusto e cruel. O prefeito de estudos era um padre mas aquilo era cruel e injusto. E seu rosto branco-acinzentado e os olhos sem cor por trás dos óculos de aros de aço tinham uma aparência cruel porque ele tinha firmado primeiro a mão com seus dedos macios e firmes e isso para bater melhor e com mais força nela.

— É uma coisa mesquinha, nojenta, isso é que é — disse Fleming no corredor enquanto as turmas saíam em fila em direção ao refeitório —, bater de palmatória em um aluno por alguma coisa que não é culpa dele.

— Você quebrou realmente seus óculos por acidente, não foi? — perguntou Nasty Roche.

Stephen sentia seu coração repleto das palavras de Fleming e não respondeu.

— Naturalmente que sim! — disse Fleming. — Eu não suportaria isso. Eu subiria e o denunciaria ao reitor.

— É isso aí — disse Cecil Thunder animadamente —, e eu o vi erguer a palmatória acima de seu ombro e não lhe é permitido fazer isso.

— Machucou muito? — perguntou Nasty Roche.

— MUITÍSSIMO — disse Stephen.

— Eu não suportaria isso — repetiu Fleming — do Careca ou de qualquer outro Careca. É um golpe mesquinho e nojento, é isso que é. Eu iria direto ao reitor depois do jantar e contaria tudo a ele.

— É, faça isso. É, faça isso — disse Cecil Thunder.

— É, faça isso. É, suba e o denuncie ao reitor, Dedalus — disse Nasty Roche —, porque ele disse que viria amanhã de novo bater em você de palmatória.

— É sim, é isso aí. Conte ao reitor — disseram todos.

E havia alguns colegas fora da sala da segunda série de gramática escutando e um deles disse:

— O senado e o povo romanos declaram que Dedalus foi punido injustamente.

Estava errado; era injusto e cruel e, enquanto estava sentado no refeitório, experimentava repetidamente na memória a mesma humilhação até que começou a se perguntar se não poderia realmente haver alguma coisa em seu rosto que o fizesse maquiavélico e gostaria de ter um espelhinho para ver. Mas não podia ser; e era injusto e cruel e iníquo.

Não conseguia comer os enegrecidos bolinhos fritos de peixe que eram servidos nas quartas-feiras da Quaresma e uma de suas batatas trazia ainda a marca da enxada. É isso, ele ia fazer o que os colegas lhe haviam dito. Ia subir e contar ao reitor que tinha sido injustamente punido. Uma coisa desse tipo tinha sido feita antes por alguém na história, por alguma pessoa cuja figura estava nos livros de história. E o reitor declararia que ele tinha sido injustamente punido porque o senado e o povo romanos sempre declaravam que os homens que faziam aquilo tinham sido injustamente punidos. Aqueles eram os grandes homens cujos nomes estavam nas *Questões* de Richmal Magnall. A história era toda sobre aqueles homens e o que eles haviam feito e eram isso os contos de Peter Parley referentes à Grécia e a Roma. O próprio Peter Parley estava numa fotografia na primeira página. Havia uma estrada acima de uma charneca com um gramado do lado e pequenos arbustos: e Peter Parley estava com um chapéu de abas largas como um ministro protestante e um bastão grande e caminhava apressadamente por uma

estrada para a Grécia e Roma.

Era fácil o que ele tinha que fazer. Tudo o que tinha que fazer era quando o jantar tivesse terminado e ele por sua vez sáísse continuar andando mas não em direção ao corredor mas subindo à direita a escada que levava ao castelo. Não tinha mais nada a fazer senão isso: dobrar à direita e subir rapidamente a escada e em meio minuto estaria no corredor baixo, estreito e sombrio que conduzia através do castelo à sala do reitor. E todos os colegas tinham dito que era injusto, até o colega da segunda série de gramática que dissera aquilo sobre o senado e o povo romano.

O que ia acontecer?

Ouviu os colegas da divisão dos maiores se levantarem na extremidade superior do refeitório e ouviu seus passos enquanto caminhavam sobre o capacho: Paddy Rath e Jimmy Magee e o espanhol e o português e o quinto era Corrigan o grandão que ia ser chicoteado pelo Sr. Gleeson. Era por isso que o prefeito de estudos o tinha chamado de maquiavélico e lhe tinha dado bolos de palmatória por nada; e, forçando seus olhos fracos, cansados de lágrimas, observou os ombros largos de Corrigan e sua cabeça escura, grande e pendente passando na fileira. Mas ele tinha feito alguma coisa e além disso o Sr. Gleeson não o chicotearia com força e ele se lembrava como Corrigan parecia grande na banheira. Tinha uma pele da mesma cor que a água lodosa cor de turfa na extremidade rasa da banheira e quando ele andava ao longo da borda seus pés sapateavam ruidosamente sobre o ladrilho molhado e a cada passo suas coxas balançavam um pouco porque ele era gordo.

O refeitório estava meio vazio e os colegas ainda estavam saindo em fila. Podia subir a escada porque nunca havia um padre ou um prefeito do lado de fora da porta do refeitório. Mas ele não conseguia ir. O reitor tomaria o partido do prefeito de estudos e julgaria que fosse um truque de estudante e então o prefeito de estudos viria todo dia da mesma maneira só que seria pior porque ficaria terrivelmente zangado com qualquer aluno que fosse ao reitor se queixar dele. Os colegas tinham dito que ele fosse mas eles próprios não iam. Já tinham esquecido tudo sobre o assunto. Não, era melhor esquecer tudo também e quem sabe o prefeito de estudos só tivesse dito que viria por dizer. Não, era melhor se manter afastado porque quando se é jovem e pequeno é freqüentemente possível escapar desse jeito.

Os alunos que estavam em sua mesa se levantaram. Ele se levantou e saiu entre eles na fila. Tinha que decidir. Estava chegando perto da porta. Se continuasse com os colegas não subiria nunca até o reitor porque não poderia sair do pátio do recreio para isso. E se fosse e assim mesmo apanhasse de palmatória todos os colegas caçoariam dele e fariam sobre a ida do jovem Dedalus ao reitor para denunciar o prefeito de estudos.

Estava andando ao longo do capacho e via a porta a sua frente. Era impossível; não conseguia. Pensou na cabeça calva do prefeito de estudos com os olhos cruéis sem cor olhando para ele e ouviu a voz do prefeito de estudos perguntando duas vezes qual era o seu nome. Por que não se lembrar do nome quando já lhe tinha sido dito uma vez? Será que não estava escutando na primeira vez ou era para caçoar do nome? Os grandes homens na história tinham nomes assim e ninguém caçoava deles. Era de seu próprio nome que ele devia caçoar se quisesse caçoar. Dolan: era como o nome de uma lavadeira.

Tinha alcançado a porta e, dobrando rapidamente à direita, subiu a escada e, antes que pudesse decidir voltar, já tinha entrado no corredor baixo, estreito e sombrio que conduzia ao castelo. Quando atravessou a soleira da porta do corredor viu, sem virar a cabeça para olhar, que todos os colegas estavam olhando para ele enquanto passavam em fileira.

Percorreu o corredor estreito e sombrio, passando por portas pequenas que eram as portas dos quartos da comunidade. Perscrutou à sua frente à direita e à esquerda através da escuridão e pensou que aqueles deviam ser retratos. Estava escuro e silencioso e seus olhos, fracos e cansados, estavam nublados de lágrimas de modo que não podia ver. Mas achava que eram retratos dos santos e grandes homens da ordem que estavam olhando para ele ali embaixo enquanto passava: santo Ignacio de Loyola segurando um livro aberto e apontando nele para as palavras *Ad Majorem Dei Gloriam*; são Francisco Xavier apontando para seu peito; Lorenzo Ricci com seu gorro na cabeça com um dos prefeitos das divisões; os três patronos da juventude santa. Santo Estanislau Kostka, santo Aloísio Gonzaga e o bem-aventurado John Berchmans, todos com rostos jovens porque morreram quando ainda eram jovens, e Padre Peter Kenny, sentado numa cadeira envolto por uma ampla capa.

Ele chegou ao patamar acima da sala de entrada e olhou à sua volta. Fora por aqui que Hamilton Rowan tinha passado e as marcas das balas dos soldados estavam ali. E fora ali que as velhas empregadas tinham visto o fantasma do marechal, vestindo uma capa branca.

Um velho empregado estava varrendo na extremidade do patamar. Ele lhe perguntou onde era a sala do reitor e o velho empregado apontou para a porta na extremidade final do corredor e ficou olhando para Stephen enquanto ele se encaminhava para ela e batia.

Não houve resposta alguma. Bateu novamente com mais força e seu coração saltou quando ouviu uma voz abafada dizer:

— Entre!

Virou a maçaneta e abriu a porta e procurou apalpando a maçaneta da porta interior estofada de um tecido felpudo verde. Encontrou-a empurrou o batente e entrou.

Viu o reitor sentado escrevendo em sua escrivaninha. Havia uma caveira sobre a escrivaninha e um cheiro estranho na sala como o de couro velho de cadeiras.

Seu coração batia rápido devido à solenidade do lugar em que se encontrava e ao silêncio da sala: e ele olhou para a caveira e para o rosto do reitor de aspecto bondoso.

— Bem, meu homenzinho — disse o reitor —, o que há?

Stephen engoliu em seco na garganta e disse:

— Eu quebrei meus óculos, senhor.

O reitor abriu a boca e disse:

— Oh!

Então sorriu e disse:

— Bem, se nós quebramos nossos óculos, nós precisamos escrever para casa e pedir um novo par.

— Eu escrevi para casa, senhor — disse Stephen —, e Padre Arnall disse que eu não precisava estudar até que eles chegassem.

— Totalmente correto! — disse o reitor.

Stephen engoliu novamente em seco e tentou impedir que suas pernas e sua voz tremessem.

— Mas senhor...

— Sim?

— Padre Dolan veio hoje e me bateu com a palmatória porque eu não estava fazendo meu exercício.

O reitor olhou para ele em silêncio e ele pôde sentir o sangue subindo ao seu rosto e as lágrimas prestes a aflorar em seus olhos.

O reitor disse:

— Seu nome é Dedalus, não é?

— É sim, senhor.

— E onde quebrou seus óculos?

— Na pista de corrida coberta de hulha, senhor. Um colega vinha saindo da garagem das bicicletas e eu caí e eles quebraram. Eu não sei o nome do colega.

O reitor olhou para ele novamente em silêncio. Então sorriu e disse:

— Ora, vamos, foi um engano; estou certo de que o Padre Dolan não sabia.

— Mas eu lhe disse que os tinha quebrado, senhor, e ele me bateu com a palmatória.

— Você disse a ele que tinha escrito para casa pedindo um novo par? — perguntou o reitor.

— Não, senhor.

— Ora, pois bem — disse o reitor —, então Padre Dolan não compreendeu. Você pode lhe dizer que eu o dispensei de suas lições por alguns dias.

Stephen disse depressa com medo que seu tremor o pudesse impedir:

— Sim, senhor, mas Padre Dolan disse que por causa disso vai vir amanhã para me bater novamente com a palmatória.

— Muito bem — disse o reitor —, é um engano e eu vou falar com o Padre Dolan eu mesmo. Serve assim?

Stephen sentiu as lágrimas molhando seus olhos e murmurou:

— Certamente, senhor, obrigado.

O reitor estendeu sua mão através da escrivaninha onde a caveira estava e Stephen, colocando sua mão nela por um momento, sentiu uma palma tépida e úmida.

— Passe bem, agora — disse o reitor, retirando sua mão e se curvando.

— Passe bem, senhor — disse Stephen.

Curvou-se e saiu tranqüilamente da sala, fechando as portas cuidadosa e lentamente.

Mas quando ele passou pelo velho empregado no patamar e se encontrou novamente no corredor baixo, estreito e sombrio, começou a andar cada vez mais rápido. Cada vez mais ele se apressou excitado através da escuridão. Bateu com o cotovelo na porta no fim do corredor e, descendo apressado a escada, andou rapidamente através dos dois corredores até sair para o ar livre.

Podia ouvir os gritos dos colegas nos pátios de recreio. Desandou a correr e, correndo cada vez mais rápido, correu através da pista de corrida coberta de hulha e alcançou ofegante o pátio de recreio da divisão dos menores.

Os alunos o tinham visto correndo. Rodearam-no, em um círculo, empurrando-se uns aos outros para ouvir.

— Diga! Diga!

— O que é que ele disse?

— Você entrou?

— O que é que ele disse?

— Diga! Diga!

Ele lhes contou o que tinha dito e o que o reitor tinha dito e, quando acabou de lhes contar, todos os colegas atiraram seus bonés a girar pelo ar e gritaram:

— Hurra!

Pegaram seus bonés e os mandaram de novo para o alto a girar bem alto no céu e gritaram novamente:

— Hurra! Hurra!

Fizeram uma cadeirinha com suas mãos engatadas e o içaram entre eles e o carregaram até que ele lutasse para se libertar. E depois que ele conseguiu escapar eles se dispersaram em várias direções, atirando seus bonés novamente para o alto e assobiando enquanto eles subiam girando e gritando:

— Hurra!

Deram três gemidos para o Careca Dolan e três vivas a Conmee e disseram que ele era o reitor mais decente que já tinha existido em Clongowes.

Os vivas se dissiparam no ar suave e cinza. Ele estava só. Estava feliz e livre: mas de qualquer jeito não ia se comportar de maneira orgulhosa em relação ao Padre Dolan. Ia ser muito quieto e obediente; e desejava poder fazer alguma coisa boa para lhe mostrar que não era orgulhoso.

O ar estava suave e ameno e cinza e a noite vinha chegando. Havia um cheiro de noite no ar, o cheiro dos campos no interior onde eles desencavavam nabos para descascá-los e comê-los quando saíam a passeio para Major Barton, o cheiro que havia no pequeno bosque além do pavilhão onde estavam os bugalhos.

Os alunos estavam praticando longos arremessos e rebates baixos de bola e bolas de efeito lento. No silêncio suave e cinza ele podia ouvir a batida das bolas: e daqui e dali através do ar tranqüilo o som das pás de críquete: pic, pec, poc, pac: como gotas de água de uma fonte caindo suavemente na bacia transbordante.

II.

Tio Charles fumava um fumo de rolo tão negro que finalmente seu sobrinho sugeriu que ele desfrutasse sua baforada matinal num pequeno anexo no final do jardim.

— Muito bem, Simon. Tudo em paz, Simon — disse o velho tranqüilamente. — Onde você quiser. O anexo me convém perfeitamente: será mais saudável.

— O diabo que me carregue se eu entender como você pode fumar um fumo tão horrível e tão abominável — disse o Sr. Dedalus abertamente. — Por Deus, parece pólvora.

— É muito bom, Simon — replicou o velho. — Muito suave e mitigante.

Toda manhã, por conseguinte, tio Charles se dirigia para o anexo mas não antes de ter alisado e escovado escrupulosamente seu cabelo para trás e posto sua cartola. Enquanto ele fumava eram apenas visíveis na porta do anexo a aba de sua cartola e o forninho de seu cachimbo. Seu caramanchão, como ele chamava o malcheiroso anexo que partilhava com o gato e as ferramentas do jardim, servia-lhe também de caixa de ressonância; e toda manhã ele cantarolava contente uma de suas canções favoritas: *O, twine me a bower* ou *Blue eyes and golden hair* ou *The groves of Blarney* enquanto as espirais azuis e cinzentas da fumaça se elevavam de seu cachimbo e sumiam no ar puro.

No início do verão em Blackrock tio Charles foi companheiro constante de Stephen. Tio Charles era um velho robusto com uma pele bem bronzeada, traços rudes e costeletas brancas. Nos dias de semana ele levava recados da casa na Carysfort Avenue para aquelas lojas na rua principal da cidade com as quais a família negociava. Stephen tinha prazer de ir com ele nessas pequenas missões pois tio Charles o servia liberalmente de punhados do que quer que estivesse exposto em caixas e barris abertos do lado de fora do balcão. Ele pegava um punhado de uvas junto com serragem ou três ou quatro maçãs americanas e as enfiava generosamente na mão de seu sobrinho enquanto o caixeiro sorria a contragosto; e, diante da relutância fingida de Stephen em pegá-las, ele amarrava a cara e dizia:

— Pegue-as, senhor. Está me ouvindo, senhor? Elas são boas para os seus intestinos.

Quando a lista de encomendas tinha sido anotada os dois se encaminhavam para o parque onde um velho amigo do pai de Stephen, Mike Flynn, era encontrado sentado em um banco, a esperá-los. Começava então a corrida de Stephen em volta do parque. Mike Flynn ficava de pé no portão perto da estação da estrada de ferro, com o relógio na mão, enquanto Stephen corria em volta da linha férrea no estilo favorito de Mike Flynn, com sua cabeça bem erguida, seus joelhos bem levantados e suas mãos abaixadas junto ao corpo. Quando o exercício da manhã terminava o treinador fazia seus comentários e às vezes os ilustrava arrastando comicamente os pés por um metro ou quase isso com seus sapatos velhos de lona azul. Um pequeno grupo de crianças e babás maravilhadas se juntavam para observá-lo e permaneciam ali mesmo quando ele e tio Charles se sentavam de novo e conversavam sobre atletismo e política. Embora ele tivesse ouvido seu pai dizer que alguns dos melhores corredores dos tempos modernos tinham passado pelas mãos de Mike Flynn Stephen freqüentemente fitava com desconfiança o rosto flácido por barbear de seu treinador, enquanto este inclinava o rosto para os dedos manchados e longos com os quais enrolava seu cigarro, e com piedade para os olhos azuis meigos e sem brilho que se erguiam subitamente das mãos que os entretenham e olhavam vagamente para o azul distante enquanto os dedos longos e inchados cessavam de enrolar o tabaco que caía na sua bolsa de fumo.

No caminho de volta para casa tio Charles fazia freqüentemente uma visita à capela e, como a pia de água benta ficava acima do alcance de Stephen, o ancião mergulhava sua mão e em seguida espargia a água rapidamente em volta das roupas de Stephen e sobre o soalho do pórtico. Enquanto rezava ele se ajoelhava sobre seu lenço vermelho e lia entre os dentes em um livro de orações escurecido pelos polegares no qual chamadas estavam impressas ao pé de cada página. Stephen se ajoelhava a seu lado respeitando, embora não compartilhasse, sua piedade. Freqüentemente se perguntava para que seu tio-avô rezava tão seriamente. Talvez ele rezasse pelas almas do purgatório ou pela graça de uma morte feliz ou pedisse que Deus lhe devolvesse uma parte da vultosa fortuna que esbanjara em Cork.

Aos domingos Stephen junto com seu pai e seu tio-avô fazia sua caminhada saudável. O velho era um caminhante ligeiro apesar de seus calos e freqüentemente dezesseis a vinte milhas de estrada eram cobertas por eles. O pequeno vilarejo de Stillorgan era a divisória do caminho. Ou eles iam para a esquerda em direção às montanhas de Dublin ou seguiam ao longo da Goatstown Road e dali Dundrum adentro, vindo para casa por Sandyford. Caminhando com dificuldade ao longo da estrada ou ficando em algum bar sujo à beira dela seus parentes mais velhos falavam constantemente sobre os assuntos que lhes eram mais chegados ao coração: a política irlandesa, Munster e as lendas de suas próprias famílias; tudo isso Stephen ouvia avidamente. As palavras que não compreendia ele as repetia para si mesmo sem cessar até que as aprendesse de cor; e através delas tinha lampejos do mundo real à sua volta. A hora em que ele pudesse também tomar parte na vida daquele mundo parecia aproximar-se e ele começava a se preparar em segredo para o grande desempenho que sentia o aguardar e cuja natureza ele apreendia apenas vagamente.

Suas noites eram todas suas; e ele se deixava absorver pela tradução imperfeita de *O Conde de Monte Cristo*. A figura daquele vingador sombrio representava em sua mente tudo que tinha ouvido ou adivinhado em sua infância a respeito do desconhecido e do terrível. À noite ele construía na mesa do salão uma imagem da gruta da ilha maravilhosa com decalcomanias e flores artificiais e papel de seda colorido e tiras de papel dourado e prateado usadas para embrulhar chocolate. Depois que ele dissolvia este cenário, cansado de seu brilho artificial, vinha-lhe à mente a imagem luminosa de Marselha, das treliças ensolaradas e de Mercedes.

Fora de Blackrock, na estrada que conduzia às montanhas, erguia-se uma casinha caiada de branco em cujo jardim eram cultivadas muitas roseiras: e nessa casa, ele dizia a si mesmo, uma outra Mercedes morava. Tanto na caminhada para casa quanto na saída dela ele media a distância por esse ponto de referência; e em sua imaginação ele vivia através de uma longa série de aventuras, maravilhosas como aquelas do próprio livro, perto do final das quais aparecia uma imagem dele mesmo, mais velho e mais triste, de pé em um jardim enluarado com Mercedes que muitos anos antes menosprezara seu amor, e a quem ele dizia, com um gesto de recusa cheio de pesar e orgulho:

— Senhora, nunca como uvas moscatel.

Tornou-se aliado de um menino chamado Aubrey Mills e fundou com ele na avenida uma gangue de aventureiros. Aubrey trazia consigo um apito pendente da casa de botão de sua jaqueta e um farol de bicicleta preso a seu cinto enquanto os outros tinham pequenas varetas enfiadas como adagas em seus cintos. Stephen, que tinha lido sobre o estilo sóbrio da indumentária de Napoleão, decidiu permanecer sem enfeites ressaltando desse modo a seus próprios olhos o prazer que sentia em consultar seu tenente antes de dar ordens. A gangue fazia incursões nos jardins de velhas solteironas ou descia para o castelo e lutava uma batalha nos ásperos penhascos cobertos de ervas daninhas, vindo depois para casa como soldados cansados com o cheiro forte de maresia em suas narinas e os óleos repulsivos de algas marinhas em suas mãos e em seus cabelos.

Aubrey e Stephen tinham o mesmo leiteiro a servi-los e freqüentemente iam no carro do leite para Carrickmines onde as vacas pastavam capim. Enquanto os homens ordenhavam, os meninos se revezavam montando na égua mansa em volta do campo. Mas quando o outono chegava as vacas eram retiradas do pasto para casa; e a primeira visão do estábulo imundo em Stradbroke com suas fétidas poças verdes e coágulos de excremento líquido e gamelas fumegantes de farelo fazia Stephen sentir náuseas. O gado que lhe parecera tão belo no campo nos dias de sol agora lhe causava repugnância e ele nem sequer podia olhar para o leite que as vacas produziam.

A chegada de setembro não o perturbou aquele ano pois ele não seria mandado de volta a Clongowes. O exercício no parque terminou quando Mike Flynn foi para o hospital. Aubrey estava no colégio e dispunha de apenas uma ou duas horas livres à noite. A gangue se dispersou e não houve mais incursões noturnas ou batalhas nos rochedos. Stephen às vezes dava uma volta no carro que entregava leite à noite; e esses passeios friorentos sopravam para longe sua lembrança da imundície do estábulo e ele não sentia mais repugnância ao ver pêlos de vaca e sementes de feno no casaco do leiteiro. Toda vez que o carro se detinha diante de uma casa ele esperava para dar uma olhada numa cozinha bem limpa ou numa sala de entrada suavemente iluminada e ver como a empregada seguraria o jarro e como fecharia a porta. Achava que devia ser uma vida bastante agradável andar de carro pelas estradas toda noite para entregar leite, se tivesse luvas quentes nas mãos e no seu bolso uma sacola cheia de bolos de gergelim para comer. Mas a mesma previsão que lhe dera náuseas e subitamente fizera suas pernas bambearem enquanto ele corria à volta do parque, a mesma intuição que o fizera fitar com desconfiança o rosto flácido e por barbear de seu treinador quando este se inclinava lentamente sobre seus longos dedos manchados, dissipava qualquer visão do futuro. De uma maneira vaga compreendia que seu pai estava passando por dificuldades e que esta era a razão pela qual ele próprio não tinha sido enviado de volta a Clongowes. Por algum tempo tinha percebido pequenas mudanças em sua casa; e essas mudanças naquilo que ele julgava imutável eram uma porção de pequenos choques para sua concepção infantil do mundo. A ambição que sentia às vezes agitar-se na escuridão de sua alma não procurava saída alguma. Um crepúsculo como aquele do mundo exterior obscurecia sua mente quando ele ouvia as patas da égua retinindo ao longo do trilho do bonde em Rock Road e a vasilha grande de leite balançando e chocalhando atrás dele.

Retornava a Mercedes e, enquanto meditava sobre sua imagem, uma inquietação estranha se insinuava furtivamente sangue adentro. Às vezes uma agitação febril se acumulava em seu íntimo e o levava a perambular de noite sozinho pela avenida silenciosa. A paz dos jardins e as luzes generosas nas janelas derramavam uma força amena sobre seu coração inquieto. A algazarra das crianças brincando o aborrecia e suas vozes tolas faziam-no sentir, ainda mais intensamente do que sentira em Clongowes, que era diferente dos outros. Não queria brincar. Queria encontrar no mundo real a imagem quimérica que sua alma contemplava tão constantemente. Não sabia onde ou como a procurar; mas uma premonição que o fazia prosseguir dizia-lhe que esta imagem iria encontrá-lo, sem nenhum ato premeditado de sua parte. Eles se encontrariam tranqüilamente como se tivessem se conhecido e tivessem marcado um encontro, talvez em um dos portões ou em algum lugar mais secreto. Estariam sozinhos, cercados pela escuridão e pelo silêncio: e naquele momento de suprema ternura ele ficaria transfigurado. Ele se diluiria em algo impalpável sob os olhos dela e então num instante estaria transfigurado. Fraqueza e

timidez e inexperiência o abandonariam naquele momento mágico.

Dois grandes caminhões amarelos tinham parado uma manhã diante da porta e homens pisando forte haviam entrado na casa para esvaziá-la. A mobília fora empurrada para fora através do jardim fronteiro salpicado de fios de palha e pedaços de corda e jogada dentro dos furgões imensos parados junto ao portão. Depois de tudo estar acondicionado e a salvo os furgões partiram ruidosamente avenida afora; e da janela do vagão do trem, no qual Stephen se sentara ao lado da mãe de olhos vermelhos, ele os tinha visto se mover pesadamente pela Merrion Road.

O fogo na sala de estar não queria pegar naquela noite e o Sr. Dedalus pousou o atizador de brasas de encontro às barras da lareira para ativar a chama. Tio Charles cochilava num canto da sala meio mobiliada e desprovida de tapetes e perto dele estavam os retratos de família encostados na parede. A lâmpada lançava da mesa uma luz fraca sobre o soalho de tábuas, enlameado pelos pés dos homens dos furgões. Stephen estava sentado num banquinho ao lado do pai escutando um monólogo longo e incoerente. A princípio compreendeu pouco ou nada dele mas lentamente se deu conta de que seu pai tinha inimigos e que alguma luta ia ser travada. Sentiu também que estava sendo convocado para a luta, que algum dever estava sendo colocado sobre seus ombros. A fuga repentina para longe do conforto e do devaneio de Blackrock, a passagem através da cidade sombria e nevoenta, o pensamento na casa vazia e melancólica na qual eles deviam agora morar pesavam-lhe no coração; e novamente uma intuição ou previsão do futuro lhe ocorreu. Compreendeu também por que os empregados haviam freqüentemente sussurrado uns aos outros na sala de entrada e por que seu pai ficara freqüentemente em pé sobre o tapete da lareira, de costas para o fogo, falando alto com o tio Charles que o exortava a se sentar e a comer seu jantar.

— Ainda me resta uma chance, Stephen, meu velho — disse o Sr. Dedalus, cutucando o fogo lerdo com energia feroz. — Ainda não estamos mortos, filhote. Não, pelo Senhor Jesus (Deus que me perdoe) nem semimortos.

Dublin era uma sensação complexa e nova. Tio Charles ficara tão debilitado mentalmente que não podia mais desempenhar tarefas fora de casa e a confusão resultante da instalação na nova morada deixava Stephen mais livre do que tinha sido em Blackrock. A princípio contentava-se em circular timidamente pelo quarteirão vizinho ou, quando muito, em caminhar até o meio de uma das ruas transversais; mas depois de fazer na cabeça um mapa esquemático da cidade tomava corajosamente uma de suas vias centrais até alcançar a alfândega. Passava incontestado por entre os desembarcadouros e ao longo do cais surpreso em ver a porção de rolhas de cortiça balançando sobre uma espuma amarela na superfície da água assim como a multidão de estivadores e as carroças ribombantes e o policial barbado e malvestido. A vastidão e estranheza da vida a ele sugeridas pelos fardos de mercadorias estocados ao longo dos muros ou balançados no espaço fora dos porões dos navios despertavam nele novamente a inquietação que o fizera vagar à noite de jardim em jardim em busca de Mercedes. E em meio a esta nova vida alvoroçada ele poderia se ter imaginado numa outra Marselha não fosse por lhe faltarem o céu claro e as treliças das lojas de vinho aquecidas pelo sol. Um vago descontentamento crescia dentro dele quando considerava os cais e o rio e os céus que minguavam a seus olhos e no entanto ele continuava a vagar acima e abaixo dia após dia como se realmente estivesse à procura de alguém que lhe escapava.

Foi uma ou duas vezes visitar parentes com sua mãe; e embora eles passassem por uma sucessão festiva de lojas iluminadas e adornadas para o Natal, seu estado de espírito de um silêncio amargo não o abandonava. As causas de seu amargor eram muitas, remotas e próximas. Estava irritado consigo mesmo por ser jovem e a presa de impulsos agitados e tolos, irritado também com a mudança do destino que transformava o mundo à sua volta em uma visão de sordidez e insinceridade. No entanto sua raiva não acrescentava nada a esta visão. Ele relatava com paciência aquilo que via, desvencilhando-se disso e testando em segredo seu sabor mortificante.

Estava sentado na cadeira sem encosto da cozinha de sua tia. Uma lâmpada com um refletor estava suspensa na parede laqueada da lareira e à sua luz sua tia lia o jornal da tarde que tinha sobre os joelhos. Ela olhou bastante tempo para um retrato sorridente nele impresso e disse pensativamente:

— A bela Mabel Hunter!

Uma menina de cabelo encaracolado ficou na ponta dos pés para espiar o retrato e disse suavemente:

— Em que ela está tomando parte, mãe?

— Na pantomima, querida.

A criança recostou a cabeça anelada na manga da mãe, fitando o retrato, e murmurou como que fascinada:

— A bela Mabel Hunter!

Como se fascinados, seus olhos pousaram longamente sobre aqueles olhos seriamente provocadores e ela murmurou novamente com devoção:

— Que criatura delicada, não é?

E o menino que entrava da rua, curvado sob o saco de carvão, ouviu suas palavras. Deixando cair a carga prontamente no chão ele se precipitou para o lado dela para olhar. Mas ela não ergueu sua cabeça preguiçosa para deixá-lo ver. Ele

segurou o jornal descuidadamente com suas mãos encardidas e avermelhadas, empurrando-a para o lado e se queixando de que não conseguia enxergar.

Ele estava sentado lá em cima na estreita sala de jantar da velha casa de janelas escuras. A chama da lareira tremulava na parede e além da janela um crepúsculo fantasmal se concentrava sobre o rio. Diante do fogo uma mulher idosa estava ocupada preparando o chá e, enquanto se agitava em sua tarefa, contava em voz baixa o que o padre e o médico haviam dito. Contava também certas mudanças que havia observado nela ultimamente e seus modos e ditos estranhos. Sentado ele escutava as palavras e acompanhava os caminhos de aventura que se revelavam nas brasas; arcadas e abóbadas e galerias sinuosas e cavernas recortadas.

Subitamente ele se deu conta de alguma coisa no vão da porta. Uma cabeça escaveirada surgia suspensa na escuridão da porta entreaberta. Uma criatura frágil semelhante a um macaco estava ali atraída pelo som de vozes junto à lareira. Uma voz lamurienta veio da porta, perguntando:

— É a Josephine?

A senhora idosa alvoroçada respondeu alegremente da lareira:

— Não, Ellen. É o Stephen.

— Oh... Oh, boa-noite, Stephen.

Ele respondeu ao cumprimento e viu um sorriso abobalhado se espalhar pelo rosto emoldurado na porta.

— Você deseja alguma coisa, Ellen? — perguntou a senhora idosa junto à lareira.

Mas ela não respondeu à pergunta e disse:

— Eu pensei que fosse Josephine. Eu pensei que você fosse Josephine, Stephen.

E, repetindo isso inúmeras vezes, desandou a rir debilmente.

Ele estava sentado em meio a uma festa de crianças em Harold's Cross. Sua maneira de ser observadora e silenciosa tomara conta dele e ele quase não tomava parte nos jogos. As crianças, usando as sobras das decorações da festa, dançavam e brincavam ruidosamente e, embora tentasse compartilhar a alegria delas, ele se sentia uma figura sombria entre os alegres chapéus de três bicos e bonés de sol.

Mas depois de ter cantado sua canção e se retirado para um canto aconchegado da sala ele começou a saborear a alegria de sua solidão. O júbilo, que no início da noite lhe parecera falso e trivial, era-lhe agora como um ar suavizante, a percorrer alegremente seus sentidos, escondendo de outros olhos a agitação febril de seu sangue enquanto através do círculo dos dançarinos e entre a música e o riso o olhar dela viajava até o seu recanto, lisonjeando, censurando, buscando, excitando seu coração.

Na sala de entrada as crianças que haviam ficado por último estavam pondo seus agasalhos; a festa terminara. Ela jogara um xale sobre os ombros e, como eles fossem juntos para o bonde, baforadas de seu hálito quente e fresco fluíam alegremente acima de sua cabeça encapuzada e seus sapatos batiam jovialmente na estrada vítrea.

Era o último bonde. Os magros cavalos baios o sabiam e sacudiam suas campainhas na noite clara em sinal de advertência. O cobrador falava com o condutor, ambos acenando freqüentemente com as cabeças à luz verde da lâmpada. Nos assentos vazios do bonde estavam espalhados alguns bilhetes coloridos. Nenhum som de passos podia ser ouvido subindo ou descendo a estrada. Nenhum som perturbava a paz da noite exceto quando os magros cavalos baios esfregavam juntos seus focinhos e sacudiam suas campainhas.

Eles pareciam escutar, ele no estribo superior e ela no inferior. Ela subiu várias vezes até o seu estribo e desceu até o dela novamente entre as frases que trocavam e uma ou duas vezes ficou por alguns momentos de pé perto dele no estribo superior, esquecendo-se de descer, e então desceu. O coração dele dançava acompanhando os movimentos dela como uma cortiça ao impulso da maré. Ele ouvia o que os olhos dela lhe diziam por baixo de seu capuz e sabia que em um certo passado indistinto, quer na vida ou em sonho, ouvira a história deles anteriormente. Ele a via ostentar seu estojo de cosméticos, seu belo vestido e cinto e meias pretas compridas, e sabia que havia sucumbido a eles milhares de vezes. Porém uma voz dentro dele falava acima do barulho de seu coração palpitante, perguntando-lhe se aceitaria a dádiva dela para a qual bastaria apenas que estendesse a mão. E se lembrava do dia em que ele e Eileen tinham ficado olhando para o prédio do hotel, observando os garçons hasteando uma bandeira e o *fox-terrier* correndo de um lado para o outro no gramado ensolarado, e de como ela, subitamente, desatara a rir e correr encosta abaixo pelo caminho sinuoso. Agora, como então, ele permanecia apático em seu lugar, aparentemente um observador tranqüilo da cena à sua frente.

— Ela também quer que eu a agarre, pensou. Foi por isso que veio comigo para o bonde. Eu poderia facilmente agarrá-la quando ela subisse até o meu estribo: ninguém está olhando. Eu poderia segurá-la e beijá-la.

Mas não fez nem uma coisa nem outra; e, quando ficou sentado sozinho no bonde deserto, rasgou o bilhete em pedaços e fitou melancolicamente o estribo enrugado.

No dia seguinte sentou-se muitas horas à sua mesa no quarto vazio do andar superior. À sua frente havia uma pena

nova, um tinteiro novo e um novo caderno de exercício verde-esmeralda. Por força do hábito ele escrevera no alto da primeira página as iniciais do lema jesuíta: A.M.D.G. [17] Na primeira linha da página aparecia o título do verso que estava tentando escrever: Para E — C —. Sabia que era certo começar assim pois vira títulos semelhantes na coletânea de poemas de Lord Byron. Depois de ter escrito este título e desenhado uma linha ornamental embaixo entregou-se ao devaneio e começou a desenhar diagramas na capa do livro. Via-se sentado à sua mesa em Bray na semana seguinte à discussão da mesa de jantar de Natal, tentando escrever um poema sobre Parnell no verso de uma das segundas notificações de bancarrota de seu pai. Mas seu cérebro se recusara então a se agarrar ao tema e, desistindo, ele havia coberto a página com os nomes e endereços de certos colegas de classe:

Roderick Kickham
John Lawton
Anthony MacSwiney
Simon Moonan

Agora parecia que ele fracassaria novamente mas, à força de meditar sobre o incidente, começava a adquirir confiança em si mesmo. Durante este processo todos esses elementos que considerava corriqueiros e insignificantes desapareciam de cena. Não restava nenhum vestígio do próprio bonde nem dos homens do bonde nem dos cavalos; nem ele nem ela apareciam claramente. Os versos falavam apenas da noite e da brisa refrescante e do brilho virginal da lua. Uma tristeza indefinida estava escondida nos corações dos protagonistas enquanto permaneciam em silêncio sob as árvores desfolhadas e quando chegara o momento do beijo de despedida, o que havia sido negado por um, foi dado por ambos. Depois disso as letras L.D.S. [18] foram escritas ao pé da página e, tendo escondido o livro, ele entrou no quarto da mãe e contemplou seu rosto por longo tempo no espelho da penteadeira.

Mas sua longa temporada de lazer e liberdade estava chegando ao fim. Certa noite seu pai veio para casa cheio de novidades que mantiveram sua língua ocupada durante todo o jantar. Stephen tinha esperado a volta do pai pois havia um guisado de carneiro naquele dia e ele sabia que seu pai o faria molhar seu pão no molho. Mas ele não apreciou o guisado pois a menção de Clongowes tinha coberto seu céu da boca de uma espuma de náusea.

— Eu dei de cara com ele — disse o Sr. Dedalus pela quarta vez —, justo na esquina da praça.

— Então suponho que ele poderá arranjar isso — disse a Sra. Dedalus. — Quero dizer sobre Belvedere.

— Claro que sim — disse o Sr. Dedalus. — Não estou lhe dizendo que ele é o provincial da ordem, agora?

— Nunca me agradou a idéia de mandá-lo para os christian brothers — disse a Sra. Dedalus.

— O diabo que carregue os christian brothers — disse o Sr. Dedalus. — É do Paddy Stink e de Micky Mud, não é? Não, por Deus, que ele continue com os jesuítas já que começou com eles. Eles lhe serão úteis futuramente. Esses são camaradas que podem conseguir uma posição boa para a gente.

— E são uma ordem muito rica, não são, Simon?

— Bastante. Eles vivem bem, eu lhe garanto. Você viu a mesa deles em Clongowes. Alimentados, por Deus, como galos de briga.

O Sr. Dedalus empurrou o prato para Stephen e lhe disse que terminasse com o que havia nele.

— Ora vamos, Stephen — disse —, você tem que trabalhar com afinco, meu velho. Você teve férias ótimas e longas.

— Oh, tenho certeza de que ele vai trabalhar muito agora — disse a Sra. Dedalus —, especialmente quando tiver Maurice com ele.

— Oh, meu são Paulo, eu esqueci de Maurice — disse o Sr. Dedalus. — Olhe aqui, Maurice! Venha cá, seu bandido de cabeça dura. Sabe, eu vou mandar você para um colégio onde eles vão lhe ensinar a soletrar g-a-t-o, gato. E vou comprar para você um bonito lencinho bem baratinho para manter seu nariz seco. Não vai ser divertido?

Maurice deu um largo sorriso para o pai e em seguida para seu irmão. O Sr. Dedalus apertou os óculos nos olhos e olhou fixamente para os dois filhos. Stephen mastigou seu pão sem corresponder ao olhar do pai.

— A propósito — disse o Sr. Dedalus finalmente —, o reitor, ou melhor, o provincial contou-me aquela história sobre você e o Padre Dolan. Você é um tratante atrevido — disse ele.

— Oh, ele não, Simon!

— Ele? De jeito nenhum! — disse o Sr. Dedalus. — Mas ele me fez um relato completo de todo o caso. Nós estávamos conversando, você sabe, e uma palavra puxou a outra. E, por falar nisso, segundo ele me contou, quem você pensa que vai obter aquele emprego na corporação? Mas eu lhe direi isso depois. Bem, como eu ia dizendo, estávamos conversando bem amigavelmente quando ele me perguntou se nosso amigo aqui ainda usava óculos e então me contou a história toda.

— E ele estava aborrecido, Simon?

— Aborrecido! De jeito nenhum! *Garotinho macho, esse!*, ele disse

O Sr. Dedalus imitou o tom nasal e afetado do provincial.

— O Padre Dolan e eu, quando falei a todos no jantar sobre o assunto, Padre Dolan e eu demos uma boa risada. *É melhor você prestar atenção, Padre Dolan*, disse eu, *ou o jovem Dedalus vai mandá-lo subir para levar dois bolos vezes nove*. Soltamos juntos uma boa risada por causa disso. Ah! Ah! Ah!

O Sr. Dedalus se virou para a mulher e acrescentou com sua voz natural:

— Isso mostra o espírito com o qual eles tratam os meninos lá. Oh, a diplomacia para um jesuíta é como se disso dependesse sua própria vida!

Reassumiu sua voz de provincial e repetiu:

— *Eu contei a todos o incidente no jantar e Padre Dolan e todos nós soltamos uma risada gostosa. Ah! Ah! Ah!*

A noite do espetáculo de Pentecostes chegara e Stephen olhou da janela do camarim para o pequeno gramado através do qual estavam espalhadas fileiras de lanternas chinesas. Observou os visitantes descerem os degraus do prédio e entrarem no teatro. Organizadores em traje a rigor, antigos alunos de Belvedere, andavam em grupos à volta da entrada do teatro e anunciavam solenemente os visitantes. Sob o brilho súbito de uma lanterna ele podia reconhecer o rosto sorridente de um padre.

O Santíssimo Sacramento tinha sido retirado do tabernáculo e os primeiros bancos tinham sido empurrados para trás de modo a deixar livres o estrado do altar e o espaço à sua frente. De encontro às paredes havia guarnições de halteres e de aparelhagem de ginástica; os halteres estavam empilhados num canto: e em meio a incontáveis montes de sapatos e suéteres e camisetas de colégio em pacotes marrons desordenados estava o cavalo-de-pau vestindo uma jaqueta de couro esperando sua vez de ser levado para o palco. Um grande escudo de bronze, com ponteira de prata encostado no painel do altar, também aguardava ser levado para o palco e colocado no meio do time vencedor no final da exibição de ginástica.

Embora em deferência à sua reputação de ensaísta ele tivesse sido eleito secretário do ginásio, Stephen não participara de nenhum desempenho na primeira parte do programa mas na peça que constituía a segunda parte ele tinha o papel principal, o de um pedagogo grotesco. Fora escolhido devido a sua estrutura e modos circunspectos pois estava agora terminando a segunda fase do segundo ano em Belvedere.

Uma vintena de jovens de camisetas e calções presos à altura dos joelhos vinha falando do palco, através da sacristia até entrar na capela. A sacristia e a capela estavam repletas de mestres e meninos ansiosos. O sargento-mor [\[19\]](#) calvo e gorducho testava com o pé o estribo do cavalo-de-pau. O jovem esguio vestindo um sobretudo, que devia fazer uma exibição especial de um complicado malabarismo com claves, observava de perto com interesse, tendo suas claves prateadas a apontar de seus bolsos laterais. O chocalhar surdo dos halteres de madeira era ouvido enquanto um outro time se aprontava para subir no palco; e um pouco depois o prefeito excitado empurrava os meninos, como um bando de gansos através da sacristia, batendo nervosamente as asas de sua batina e gritando para que os retardatários se apressassem. Um pequeno grupo de camponeses napolitanos praticava passos na extremidade da capela, alguns arqueando os braços acima de suas cabeças, outros balançando suas cestas de violetas de papel e fazendo reverência. Em um canto escuro da capela do lado do evangelho no altar uma senhora corpulenta estava ajoelhada em meio a suas abundantes saias pretas. Quando ela se levantou, foi repentinamente percebida por trás dela uma figura vestida de rosa usando uma peruca loura anelada e um antiquado chapéu de palha para o sol, tendo as sobranceiras delineadas com lápis preto e as faces delicadamente pintadas e empoadas. Um ligeiro murmúrio de curiosidade percorreu a capela com a descoberta daquela figura de menina. Um dos prefeitos, sorrindo e acenando com a cabeça, aproximou-se do canto sombrio e, tendo-se inclinado diante da senhora idosa e robusta, disse amavelmente:

— É uma bela jovem ou uma boneca que tem aqui, Sra. Tallon?

Curvando-se, então, para examinar o rosto pintado e sorridente que se escondia sob a aba do chapéu, ele exclamou:

— Não é possível! Palavra de honra, acho afinal de contas que é o pequeno Bertie Tallon!

Do seu posto na janela Stephen ouvia a velha senhora e o padre rirem juntos e ouvia atrás de si o murmúrio de admiração dos meninos ao se aproximarem para ver o menininho que devia dançar sozinho a dança do boné de sol. Um gesto de impaciência lhe escapou. Deixou cair a persiana e, descendo do banco no qual estivera em pé, saiu da capela.

Atravessou o prédio do colégio e se deteve sob o alpendre situado no lado do jardim. Do teatro em frente chegavam até ele o ruído abafado dos espectadores e súbitos sons metálicos da banda militar. A luz vinda do telhado de vidro se espalhava para cima fazendo o teatro parecer uma arca festiva, ancorada entre a massa volumosa das casas, seus frágeis cabos de lanternas a prendendo com alças às suas amarras. Uma porta lateral do teatro se abriu subitamente e um facho de luz jorrou através dos gramados. Uma repentina explosão de música brotou da arca, o prelúdio de uma valsa; e quando a porta lateral se fechou novamente o ouvinte atento pôde perceber o tênue ritmo da música. O sentimento dos compassos iniciais, seu langor e movimento elástico evocavam a emoção incomunicável que fora a causa de toda a inquietação de seu dia e do gesto

impaciente de um momento atrás. Sua inquietação fluía dele como uma onda de som: e na maré da música escoante a arca empreendia sua jornada, arrastando seus cabos de lanternas em sua esteira. Então um ruído como o de uma diminuta artilharia interrompeu o movimento. Eram os aplausos que saudavam a entrada da equipe de halterofilismo no palco.

Na extremidade final do alpendre perto da rua um pontinho de luz rósea apontava na escuridão e enquanto ele se encaminhava em sua direção sentiu um aroma ligeiramente perfumado. Dois meninos de pé sob a proteção do vão da porta fumavam, e antes que ele os alcançasse reconheceu Heron por sua voz:

— Aí vem o nobre Dedalus! — gritou uma voz bem gutural. — As boas-vindas ao nosso fiel amigo.

Esta recepção cordial terminou em uma gargalhada sem alegria enquanto Heron apresentava respeitosos cumprimentos e começava a cutucar o chão com sua bengala.

— Aqui estou eu — disse Stephen, parando e relanceando de Heron para o amigo dele.

Este último lhe era estranho mas na escuridão, com a ajuda das pontas reluzentes dos cigarros, ele podia distinguir um rosto pálido e avantajado, no qual um sorriso se abria lentamente, uma figura alta de sobretudo e com um chapéu-de-coco. Heron não se deu ao trabalho de uma apresentação mas disse apenas:

— Eu estava dizendo justamente ao meu amigo Wallis que gaiato seria se esta noite você imitasse o reitor no papel de mestre-escola. Seria uma piada formidável.

Heron fez uma fraca tentativa de imitar para seu amigo Wallis a voz pedante e de baixo do reitor e então, rindo de seu próprio fracasso, pediu a Stephen que o fizesse.

— Vamos, Dedalus — insistiu —, você pode imitá-lo fantasticamente. *Aquele que não obedecer à sua igreja que seja para vocês como os pagãos e os publicanos.*

A imitação foi evitada por uma branda expressão de raiva de Wallis em cuja piteira o cigarro fora encravado com força demais.

— Diabos levem esta maldita piteira — disse ele, retirando-a da boca sorrindo e franzindo o cenho com tolerância. — Ela sempre fica entalada assim. Você usa piteira?

— Eu não fumo — respondeu Stephen.

— Não — disse Heron —, Dedalus é um jovem exemplar. Ele não fuma e não vai a parques de diversão e não flerta e não faz droga nenhuma ou absolutamente nada.

Stephen sacudiu a cabeça e sorriu para o rosto corado e instável de seu rival, bicudo como o de um pássaro. Sempre julgara estranho que Vincent Heron tivesse um rosto de pássaro assim como um nome de pássaro. Um emaranhado de cabelo descolorado caía-lhe sobre a testa como uma crista: a testa era estreita e ossuda e um nariz fino e adunco se projetava entre os olhos juntos e proeminentes que eram claros e inexpressivos. Os rivais eram amigos de escola. Sentavam-se juntos em classe, ajoelhavam-se juntos na capela, conversavam juntos durante seu almoço depois de rezar o rosário. Como os colegas da primeira série eram broncos indiscrimináveis Stephen e Heron tinham sido as cabeças virtuais da escola durante o ano. Eram eles que subiam juntos para pedir ao reitor um dia de folga ou para livrar um colega de apuro.

— Oh, a propósito — disse Heron subitamente. — Eu vi seu velho entrando.

O sorriso murchou no rosto de Stephen. Qualquer alusão feita a seu pai por um colega ou por um mestre fazia num instante sua calma debandar. Ele aguardou em silêncio temeroso para ouvir o que Heron lhe diria em seguida. Heron, no entanto, deu-lhe uma expressiva cotovelada e disse:

— Você é um hipócrita, Dedalus!

— Por que isso? — disse Stephen.

— Parecia que você era um recatado — disse Heron. — Mas receio que você seja um hipócrita.

— Posso lhe perguntar de que você está falando? — disse Stephen polidamente.

— Certamente que pode — respondeu Heron. — Nós a vimos, Wallis, não foi? Ela é mesmo infernalmente bonita. E tão inquisitiva! *E qual é o papel que Stephen faz, Sr. Dedalus? E Stephen vai cantar, Sr. Dedalus?* Seu velho a olhava sem reservas através daqueles óculos dele de modo que penso que ele também o desmascarou. Eu não ligaria a mínima, por Deus. Ela é formidável, não é, Wallis?

— Nada má — respondeu Wallis tranqüilamente enquanto colocava a piteira mais uma vez no canto da boca.

Um raio de cólera momentânea atravessou rapidamente a mente de Stephen ao ouvir essas alusões indelicadas ditas na frente de um estranho. Para ele não havia nada de divertido no interesse e consideração de uma moça por alguém. Durante todo o dia só pensara na despedida dos dois nos estribos do bonde em Harold's Cross, na torrente de caprichosas emoções que fizera aquela idéia percorrer-lhe o corpo e no poema que escrevera sobre aquele momento especial. Durante todo o dia imaginara um novo encontro pois sabia que ela devia vir para a peça. A velha melancolia inquieta tomara novamente conta de seu peito como o fizera na noite da festa mas não havia encontrado uma saída na poesia. O crescimento e o conhecimento adquiridos em dois anos de adolescência se interpunham entre o outrora e o agora, vedando tal saída; e durante todo o dia a torrente de ternura melancólica dentro dele se soltara e retornara sobre si mesma em cursos e torvelinhos sombrios,

esgotando-o finalmente até que a brincadeira do prefeito e do menininho pintado havia arrancado dele aquele gesto de impaciência.

— Assim o melhor que você tem a fazer é admitir que desta vez nós positivamente o desmascaramos — prosseguiu Heron. — Você não pode mais bancar o santo pra cima de mim, tão certo como dois e dois são quatro.

Uma gargalhada sem alegria alguma escapou-lhe dos lábios e se curvando como antes, ele bateu levemente na canela de Stephen com sua bengala, como se fosse uma reprovação jocosa.

O gesto de cólera em Stephen já havia passado. Ele não estava nem lisonjeado nem confuso mas desejava simplesmente que a gozação terminasse. Mal se ressentia com o que lhe parecera a princípio ser uma indelicadeza tola pois sabia que a aventura em sua mente não corria nenhum perigo com essa troca de palavras: e seu rosto espelhava o sorriso falso de seu rival.

— Admita! — repetia Heron, batendo novamente com sua bengala na canela de Stephen.

O golpe foi divertido mas dado não tão levemente quanto o primeiro. Stephen sentiu a pele formigar e arder ligeiramente e quase sem dor; e se curvando submissamente, como se para ir de encontro ao humor brincalhão do companheiro, começou a recitar o *Confiteor*. O episódio terminou bem pois tanto Heron quanto Wallis riram condescendentemente com a irreverência.

A confissão provinha apenas dos lábios de Stephen e, enquanto estes pronunciavam as palavras, uma lembrança repentina o transportava para uma outra cena relembada, como que por encanto, no momento em que notara as covinhas ligeiramente cruéis nos cantos dos lábios sorridentes de Heron e sentira o golpe familiar em sua canela e ouvira a palavra familiar de admoestação:

— Admita.

Era perto do final do primeiro trimestre no colégio enquanto ele estava na sexta série. Sua natureza sensível ardia ainda sob as chicotadas de um modo de viver irreligioso e sórdido. Sua alma ainda estava perturbada e deprimida pelo fenômeno apático de Dublin. Ele emergira de um período de dois anos de sonhos para se ver em meio a uma nova cena, na qual todos os acontecimentos e figuras o afetavam intimamente, o abatiam ou o enfeitiçavam e, seja enfeitiçando ou abatendo, o cobriam sempre de inquietação e de pensamentos amargos. Todo o lazer que sua vida escolar lhe proporcionara havia sido despendido na companhia de escritores subversivos cujos sarcasmos e violência verbal lançavam um fermento em seu cérebro antes de se evadirem dele em seus escritos rudes.

O ensaio literário era para ele a principal tarefa da semana e toda terça-feira, quando caminhava de casa para a escola, lia seu destino nos incidentes do caminho, opondo-se a alguma figura em posição mais vantajosa do que a dele e acelerando o passo para superá-la antes que uma certa meta fosse atingida ou ficando escrupulosamente seus pés nos espaços da colcha de retalhos da calçada e confessando a si mesmo que ora seria o primeiro ora não seria o primeiro no ensaio da semana.

Em uma certa terça-feira o curso de seus triunfos foi rudemente abalado. O professor de inglês, Sr. Tate, apontou o dedo para ele e bruscamente declarou:

— Este rapaz usa de heresia em seu ensaio.

Um silêncio desabou sobre a classe. O Sr. Tate não o quebrou mas enfiou sua mão entre as coxas cruzadas enquanto sua roupa branca fortemente engomada estalava em volta do pescoço e dos punhos. Stephen não levantou os olhos. Era uma manhã fria de primavera e seus olhos estavam ainda ardendo e fracos. Tinha consciência do fracasso e da descoberta, da sordidez de sua própria mente e de sua casa, e sentia de encontro ao pescoço a borda úmida de seu colarinho pontudo que fora virado.

O riso breve e alto do Sr. Tate pôs a classe mais à vontade.

— Talvez você não soubesse disso — disse ele.

— Onde? — perguntou Stephen.

O Sr. Tate retirou sua mão penetrante e estendeu o ensaio.

— Aqui. É acerca do Criador e da alma. Hum... hum...hum... Ah! *sem uma possibilidade de jamais aproximar-se mais*. Isso é heresia.

Stephen murmurou:

— Eu quis dizer *sem uma possibilidade de jamais alcançar*.

Era uma submissão e o Sr. Tate, apaziguado, dobrou o ensaio e o entregou, dizendo:

— Oh... Ah! *Jamais alcançar*. Isso é outra história.

Mas a turma não ficou tão rapidamente apaziguada. Embora ninguém falasse com ele sobre o assunto depois da aula ele podia sentir à sua volta uma vaga alegria geral, malévola.

Algumas noites após esta censura pública ele estava caminhando com uma carta por Drumcondra Road quando ouviu uma voz gritar:

— Pare!

Ele se voltou e viu três meninos de sua própria classe vindo na penumbra em sua direção. Era Heron que o chamara e, enquanto marchava para a frente entre seus dois subordinados, cortava o ar com uma bengala fina, acompanhando o ritmo dos pés. Boland, seu amigo, marchava ao seu lado, com um largo sorriso forçado no rosto, enquanto Nash vinha alguns passos atrás, resfolegando com a passada e sacudindo sua cabeça grande e vermelha.

Assim que os meninos entraram juntos em Clonliffe Road começaram a falar sobre livros e escritores, dizendo que livros estavam lendo e quantos livros havia nas estantes de seus pais em suas casas. Stephen os escutava com algum espanto pois Boland era o ignorante número um da classe e Nash o mais preguiçoso de todos. De fato depois de alguma conversa sobre seus escritores favoritos Nash se pronunciou a favor do Capitão Marryat que, disse, era o maior escritor.

— Bobagem! — disse Heron. — Pergunte a Dedalus. Quem é o maior escritor, Dedalus?

Stephen notou zombaria na pergunta e disse:

— Você quer dizer, em prosa?

— É.

— Newman, eu acho.

— É o Cardeal Newman? — perguntou Boland.

— É — respondeu Stephen.

O largo sorriso forçado se expandiu pelo rosto sardento de Nash quando ele se voltou para Stephen e disse:

— E você gosta do Cardeal Newman, Dedalus?

— Oh, muitos dizem que Newman tem o melhor estilo em prosa — disse Heron para os outros dois a título de explicação. — Naturalmente ele não é poeta.

— E quem é o melhor poeta, Heron? — perguntou Boland.

— Lord Tennyson, naturalmente — respondeu Heron.

— Oh, Lord Tennyson, sim — disse Nash. — Nós temos toda sua poesia num livro lá em casa.

Ao ouvir isso Stephen esqueceu os votos de silêncio que fizera a si mesmo e explodiu:

— Tennyson um poeta! Ora, ele é apenas um fazedor de rimas!

— Deixe disso! — disse Heron. — Todo mundo sabe que Tennyson é o maior poeta.

— E quem você acha que é o maior poeta? — perguntou Boland, cutucando seu vizinho.

— Byron, naturalmente — retrucou Stephen.

Com Heron a encabeçá-los os três se juntaram numa risada escarnekedora.

— Do que vocês estão rindo? — perguntou Stephen.

— De você — disse Heron. — Byron, o maior poeta, essa é boa! Ele é apenas um poeta para pessoas incultas.

— Que belo poeta ele deve ser! — disse Boland.

— Fique de boca calada — disse Stephen, voltando-se para ele atrevidamente. — Tudo que você conhece de poesia é a que escreveu nas lousas do cemitério e por isso ia ser mandado para cima para ser punido.

Na verdade, dizia-se que Boland tinha escrito nas lousas do cemitério um dístico sobre um colega de turma que freqüentemente ia do colégio para casa montado num pônei:

*Quando Tyson cavalgava pra Jerusalém
Caiu e feriu seu traseirorém.*

A investida fez os dois lugares-tenentes silenciarem mas Heron prosseguiu:

— De qualquer forma Byron era um herege e também um imoral.

— Não me importa o que ele era — gritou Stephen acaloradamente.

— Você não se importa que ele tenha sido um herege ou não? — disse Nash.

— O que você entende disso? — gritou Stephen. — Nem você nem Boland jamais leram em suas vidas uma linha sequer sobre qualquer assunto a não ser uma versão.

— Sei que Byron era um homem mau — disse Boland.

— Olhem, peguem este herege — gritou Heron.

Em um momento Stephen era prisioneiro deles.

— Outro dia Tate fez você espinotear a respeito da heresia em seu ensaio — continuou Heron.

— Eu vou contar isso a ele amanhã — disse Boland.

— Vai mesmo? — disse Stephen. — Você teria medo de abrir a boca.

— Medo?

— É. Um medo danado.

— Comporte-se! — gritou Heron, batendo nas pernas de Stephen com sua bengala.

Era o sinal para o ataque. Nash prendeu os braços de Stephen atrás das costas enquanto Boland agarrava um longo cepo de palmito que estava na sarjeta. Lutando e chutando sob os golpes da bengala e as pancadas do cepo nodoso Stephen era empurrado para trás de encontro a uma cerca de arame farpado.

— Admita que Byron não valia nada.

— Não.

— Admita.

— Não.

— Admita.

— Não. Não.

Finalmente depois de um furor de arremetidas ele conseguiu se livrar deles. Seus atormentadores partiram em direção a Jones's Road, rindo e zombando dele, enquanto ele, rasgado e afogueado e arquejante, tropeçava atrás deles semicego pelas lágrimas, cerrando loucamente os punhos e soluçando.

Enquanto ainda repetia o *Confiteor* em meio ao riso indulgente de seus ouvintes e enquanto as cenas daquele episódio maligno passavam ainda viva e rapidamente diante de sua mente ele se perguntava por que agora não guardava rancor contra aqueles que o haviam atormentado. Não esquecera nem um pouquinho a covardia e a crueldade deles mas a lembrança daquilo não lhe despertava nenhuma raiva. Todas as descrições de amor e ódio ferozes que encontrara em livros lhe haviam parecido por conseguinte irreais. Mesmo naquela noite enquanto tropeçava pela Jones's Road em direção a sua casa sentia que alguma força o estava despojando daquela raiva subitamente tecida tão facilmente quanto um fruto é despojado de sua casca madura e macia.

Permaneceu de pé com seus dois companheiros na extremidade do alpendre, escutando negligentemente sua conversa ou a explosão dos aplausos no teatro. Ela estava sentada ali entre os outros esperando talvez que ele aparecesse. Procurava recordar sua aparência física mas não conseguia. Lembrava-se apenas de que ela usava um xale em volta da cabeça como um capuz e que seus olhos escuros o haviam provocado e transtornado. Perguntava a si mesmo se estivera em seus pensamentos como ela estivera nos seus. Então no escuro e despercebido dos outros dois repousou as pontas dos dedos de uma das mãos sobre a palma da outra, mal a tocando e no entanto a pressionando levemente. Mas a pressão dos dedos dela fora mais leve e mais firme: e subitamente a lembrança daquele toque percorreu-lhe o cérebro e o corpo como uma onda invisível e quente.

Um menino veio em direção a eles, correndo sob o alpendre. Estava excitado e ofegante.

— Oh, Dedalus — gritou —, Doyle está uma fera com você. Você tem que entrar já e se vestir para a peça. É melhor você se apressar.

— Ele já está indo — disse Heron ao mensageiro com voz arrastada e arrogante — quando estiver com vontade.

O menino se voltou para Heron e repetiu:

— Mas Doyle está uma fera.

— Quer dizer ao Doyle com meus melhores cumprimentos que ele vá para o diabo que o carregue? — respondeu Heron.

— Bem, eu tenho que ir agora — disse Stephen, que não ligava muito para questões de honra desse tipo.

— Eu não iria — disse Heron. — Macacos me mordam se eu fosse. Isso não é maneira de se mandar chamar um veterano. Uma fera, francamente! Já é mais do que suficiente que você esteja tomando parte em sua maldita peça antiquada.

Este espírito de camaradagem briguenta que observava ultimamente em seu rival não seduzia Stephen a ponto da fazê-lo abandonar seus hábitos de tranqüila obediência. Desconfiava da insubordinação e duvidava da sinceridade daquela camaradagem que lhe parecia uma triste antecipação de virilidade. A questão de honra levantada ali era, como todas as questões desse tipo, trivial para ele. Enquanto sua mente andara perseguindo seus fantasmas impalpáveis e se desviando com indecisão de tal busca ele ouvira à sua volta as vozes constantes do pai e dos mestres, instando para que fosse acima de tudo um cavalheiro e instando para que fosse acima de tudo um bom católico. Estas vozes se tinham transformado numa ressonância-oça em seus ouvidos. Quando o ginásio fora aberto ele ouvira uma outra voz instando para que ele fosse forte e viril e saudável e quando o movimento em favor do reflorescimento nacional começara a se fazer sentir no colégio uma outra voz ainda o solicitara a ser fiel ao seu país e a ajudar a erguer sua língua e tradição degradadas. No mundo profano, como previa, uma voz mundana o ordenaria a erguer com seu trabalho a condição degradada de seu pai e, nesse ínterim, a voz de seus colegas de colégio instava para que ele fosse um camarada decente, para que protegesse os outros contra acusações ou que os isentasse de certas obrigações e que se esforçasse o máximo para obter dias de folga para o colégio. E era o alarido dessas vozes de ressonância-oça que o fazia se deter irresolutamente em sua busca de fantasmas. Dava-lhes ouvido apenas por algum tempo mas só estava feliz quando longe delas, além de seu chamado, só ou na companhia de camaradas fantasmagóricos.

Na sacristia um jesuíta de rosto gorducho e inexperiente e um homem mais velho, com uma roupa azul surrada,

remexiam num estojo de tintas e giz. Os meninos que tinham sido pintados perambulavam ou ficavam de pé desajeitadamente imóveis, tocando suas faces de maneira cautelosa com as pontas furtivas de seus dedos. No meio da sacristia um jovem jesuíta, que estava então de visita no colégio, balançava o corpo ritmicamente da ponta dos pés aos calcanhares e vice-versa, com as mãos bem enfiadas nos bolsos laterais. Sua pequena cabeça adornada de cachos ruivos e lustrosos e seu rosto recentemente barbeado combinavam bem com o decoro imaculado de sua batina e com seus sapatos impecáveis.

Enquanto Stephen observava aquela forma oscilante e tentava ler para si mesmo a inscrição no sorriso zombeteiro do padre veio-lhe à memória um dito que ouvira de seu pai antes de ser mandado para Clongowes, o de que era sempre possível distinguir um jesuíta pelo estilo de suas roupas. No mesmo instante pensou na semelhança entre a mente de seu pai e a daquele padre sorridente e bem vestido; e se deu conta de uma certa profanação do ofício de sacerdote ou da própria sacristia, cujo silêncio era naquele momento violado pelas conversas e pilhérias ruidosas e pela atmosfera pungente invadida pelo cheiro acre de bicos de gás e graxa.

Enquanto o homem de meia-idade desenhava rugas em sua testa e pintava seus maxilares de preto e azul ele escutava distraidamente a voz do jovem jesuíta gorducho que lhe ordenava que falasse alto e claramente para produzir o efeito desejado. Podia ouvir a banda tocar *The Lily of Killarney* e sabia que em poucos minutos a cortina seria erguida. Não sentia nenhum temor do palco mas humilhava-o a idéia do papel que tinha que representar. A lembrança de algumas de suas falas fazia um súbito rubor subir às suas faces pintadas. Via os olhos dela sedutores e sérios observando-o da platéia e esta imagem varria imediatamente seus escrúpulos, deixando firme sua vontade. Parecia que outra natureza lhe fora cedida: o contágio da excitação e da juventude à sua volta penetrava e transformava sua desalentada desconfiança. Por um momento muito especial pareceu-lhe estar vestido com o verdadeiro traje da adolescência; e, enquanto estava nos bastidores entre os outros atores, compartilhava a alegria comum em meio à qual o pano de boca era içado todo torto com puxões violentos por dois padres robustos.

Poucos momentos depois ele se viu no palco entre a luz de gás resplendente e o cenário sombrio, representando diante dos inúmeros rostos do vazio. Surpreendia-o ver que a peça que lhe parecera nos ensaios uma coisa desconjuntada e sem vida subitamente assumira vida própria. Parecia representar a si mesma, ele e seus companheiros atores ajudando-a em seus papéis respectivos. Quando a cortina desceu na última cena ouviu o vazio se encher de aplausos e, através de uma fresta na cena lateral, viu magicamente deformada a massa uniforme diante da qual atuara, o vazio dos rostos se desfazendo de todos os lados e se dispersando em grupos movimentados.

Abandonou rapidamente o palco e se libertou de sua pantomima e saiu através da capela para o jardim do colégio. Agora que a peça terminara seus nervos clamavam por alguma outra aventura. Avançou apressadamente como se para alcançá-la. As portas do teatro estavam todas abertas e a platéia se esvaziara. Nos fios que ele imaginara serem as amarras de uma arca algumas lanternas balançavam sob a brisa noturna, tremulando tristemente. Subiu os degraus apressadamente, ansioso em não deixar escapar uma presa que desconhecia qual fosse, e forçando o caminho através da multidão na sala de entrada passou pelos dois jesuítas que de pé observavam o êxodo e se inclinavam e apertavam as mãos dos visitantes. Avançou empurrando nervosamente, fingindo uma pressa ainda maior e ligeiramente consciente dos sorrisos e olhares e cutucões que sua cabeça empoada deixava em seu rastro.

Quando chegou ao topo da escada viu sua família que o esperava no primeiro poste de luz. Num relance observou que todos os componentes do grupo eram familiares e raivosamente desceu as escadas correndo.

— Preciso deixar uma mensagem na George's Street — disse rapidamente ao pai. — Chegarei em casa depois de vocês.

Sem esperar pelas perguntas do pai atravessou correndo a estrada e começou a andar em velocidade vertiginosa pela colina abaixo. Mas sabia onde estava andando. Orgulho e esperança e desejo como ervas esmagadas em seu coração enviavam vapores de incenso enlouquecedor aos olhos de sua mente. Andou com passadas largas colina abaixo em meio ao tumulto dos vapores subitamente emanados do orgulho ferido e da esperança perdida e do desejo malogrado. Eles flutuaram para o alto diante de seus olhos angustiados em exalações densas e enlouquecedoras e sumiram acima dele até que finalmente o ar ficou novamente claro e frio.

Uma névoa ainda velava seus olhos mas eles não ardiam mais. Uma força, semelhante àquela que freqüentemente fizera com que a cólera ou o ressentimento o abandonasse, conduzia seus passos à imobilidade. Ficou parado e olhou para o pórtico sombrio do necrotério e dele para a alameda escura de piso de pedra ao seu lado. Viu a palavra *Lotts* no muro da alameda e respirou lentamente o ar pesado e malcheiroso.

— Isso é mijo de cavalo e palha apodrecida, pensou. É um cheiro bom de respirar. Vai acalmar meu coração. Meu coração está bem calmo agora. Vou voltar.

Stephen estava mais uma vez sentado ao lado do pai no canto de um vagão de trem em Kingsbridge. Estava viajando

com o pai para Cork pelo trem-correio noturno. Enquanto o trem partia fumegando da estação ele recordava seu espanto infantil de anos passados e todos os acontecimentos de seu primeiro dia em Clongowes. Mas não sentia mais espanto agora. Via as paisagens ficando escuras e deslizando por ele, os postes telegráficos silenciosos passando rapidamente por sua janela de quatro em quatro segundos, as pequenas estações pouco iluminadas, protegidas por algumas sentinelas silenciosas, lançadas para trás pelo trem-correio e faiscando por um momento na escuridão como grãos flamejantes arremessados para trás por alguém que estivesse correndo.

Ouvia sem simpatia o relato de seu pai evocando Cork e as cenas de sua juventude, uma história interrompida por suspiros ou goles de um frasco tirado do bolso toda vez que nela surgia a imagem de algum amigo morto ou toda vez que o narrador se lembrava de repente da finalidade da visita presente. Stephen ouvia mas não conseguia sentir pena. As imagens dos mortos lhe eram todas estranhas exceto aquela de tio Charles, uma imagem que ultimamente estava se esvaindo de sua memória. Sabia, no entanto, que a propriedade de seu pai ia ser vendida em leilão e à maneira de seu próprio despojamento ele sentia o mundo desmentir asperamente suas fantasias.

Adormeceu em Maryborough. Quando acordou o trem havia passado por fora de Mallow e seu pai estava dormindo estirado no outro assento. A luz fria da madrugada repousava sobre a região, sobre os campos despovoados e os chalés fechados. O terror do sono fascinava seu espírito enquanto ele observava a região silenciosa ou ouvia de tempos em tempos a respiração profunda ou o súbito movimento sonolento do pai. A proximidade de pessoas adormecidas invisíveis enchia-o de um pavor estranho como se elas lhe pudessem fazer mal; e ele rezava para que o dia amanhecesse rapidamente. Sua oração, dirigida nem a Deus nem a santo algum, começava com um calafrio, posto que a brisa friorenta da manhã se insinuava através da fresta da porta do vagão até seus pés, e terminava numa trilha de palavras tolas que ele fazia adaptar-se ao ritmo insistente do trem; e silenciosamente, a intervalos de quatro segundos, os postes telegráficos sustentavam as notas galopantes da música entre compassos pontuais. Esta música furiosa aquietava seu pavor e, encostando a cabeça na saliência da janela, deixou suas pálpebras se fecharem novamente.

Eles andaram através de Cork numa caleça ainda de manhã bem cedo e Stephen foi completar seu sono num quarto do hotel Victoria. A luz clara e quente do sol jorrava através da janela e ele podia ouvir a barulheira do tráfego. Seu pai estava de pé diante da penteadeira, examinando com muito cuidado seu cabelo e rosto e bigode, esticando o pescoço por cima do jarro d'água e recuando para o lado para ver melhor. Enquanto o fazia, cantava suavemente baixinho com entonação e fraseado originais:

*É mocidade e sandice
Que faz os jovens casar,
Assim aqui, amor, eu
Não vou mais ficar.
O que não pode ser curado, certo,
Tem que ser magoado, certo,
Assim eu vou para
Americar.*

*Minha amada é atraente,
Minha amada é fascinante:
Ela é boa, como o uísque
Que ainda é recente;
Mas quando fica velho
E vai ficando frio
Fenece e morre como
Dos montes o orvalho.*

A consciência da cidade quente e ensolarada do lado de fora da janela e as vibrações delicadas com as quais a voz de seu pai engrinaldava aquela estranha melodia, ao mesmo tempo triste e feliz, rechaçava da mente de Stephen todas as névoas do mau humor noturno. Levantou-se rapidamente para se vestir e, quando a canção terminou, disse:

— Esta é muito mais bonita do que todas as outras *come-all-yous*. [\[20\]](#)

— Você acha? — perguntou o Sr. Dedalus.

— Eu gosto dela — disse Stephen.

— É uma bonita melodia antiga — disse o Sr. Dedalus, torcendo as pontas do bigode. — Ah, mas você precisava ter ouvido Mick Lacy cantá-la! Pobre Mick Lacy! Ele fazia certas variações, suas notas eram dons de Deus, coisa que eu

decididamente não consigo fazer. Aquele, se você quiser, era um rapaz que podia cantar um *come-all-you* como ninguém.

O Sr. Dedalus pedira para o desjejum um pudim típico da Irlanda e durante a refeição encheu o garçom de perguntas sobre as notícias locais. A maior parte do tempo eles falavam sem se entender quando um nome era mencionado, o garçom tendo em vista o atual portador do nome e o Sr. Dedalus seu pai ou talvez seu avô.

— Bem, espero de qualquer forma que eles não tenham tirado o Queen's College de seu lugar — disse o Sr. Dedalus —, pois quero mostrá-lo a este meu garoto.

Ao longo de Mardyke, as árvores estavam em flor. Eles entraram no recinto do colégio e foram conduzidos através do pátio por um porteiro loquaz. Mas a caminhada deles pelos pedregulhos era interrompida a cada doze passadas ou coisa que o valha por alguma resposta do porteiro.

— Ah, não me diga! E o coitado do Pottlebelly já morreu?

— É isso aí, senhor. Morreu, senhor.

Durante essas paradas, Stephen permanecia sem jeito atrás dos dois homens, cansado do assunto e esperando desassossegadamente que a marcha lenta começasse novamente. Quando eles atravessaram o pátio, sua inquietação tinha se transformado em febre. Ele se perguntava como o pai, que sabia ser um homem astuto e desconfiado, podia se deixar enganar pelas maneiras servis do porteiro; e o modo de falar animado do sul do país que o havia divertido toda a manhã agora irritava seus ouvidos.

Entraram no anfiteatro de anatomia no qual o Sr. Dedalus, com a ajuda do porteiro, procurou nas carteiras aquela com suas iniciais. Stephen permaneceu no fundo, mais do que nunca deprimido pela escuridão e o silêncio do anfiteatro e pela atmosfera que irradiava de estudo exaustivo e formal. Na carteira a sua frente leu a palavra *Fætus* talhada várias vezes na madeira escura e manchada. A súbita inscrição agitou-lhe o sangue, parecia sentir à sua volta os estudantes ausentes do colégio e fugir da companhia deles. Uma visão de suas vidas, que as palavras do pai tinham sido incapazes de evocar, surgia à sua frente daquela palavra talhada na carteira. Um estudante de bigode e ombros largos gravemente a talhava em letras com seu canivete. Outros estudantes de pé ou sentados riam de sua obra. Um empurrou o seu cotovelo. O estudante grandão voltou-se para ele, amarrando a cara. Estava vestido com uma roupa cinzenta e larga e usava botas marrons.

Alguém gritou o nome Stephen. Ele desceu apressadamente os degraus do anfiteatro de modo a ficar o mais distante possível daquela visão e, examinando de perto as iniciais do pai, escondeu seu rosto enrubescido.

Mas a palavra e a visão saltavam diante de seus olhos enquanto ele retrocedia através do pátio em direção ao portão do colégio. Chocava-o encontrar no mundo exterior um vestígio do que julgara até então ser uma doença individual e animalesca de sua própria mente. Seus recentes devaneios monstruosos afluíam em tropel em sua memória. Eles também haviam surgido diante dele, súbita e furiosamente, de meras palavras. Entregara-se sem demora a eles e lhes permitira assolar seu intelecto e aviltá-lo, indagando-se sem parar de onde vinham, de que covil de imagens monstruosas e sempre fraco e humilde para com os outros, inquieto enojado de si mesmo depois que eles o haviam assolado.

— Ah, por Deus! Não é que ali é a mercearia? — exclamou o Sr. Dedalus. — Você me ouviu muitas vezes falar na mercearia, não é mesmo, Stephen? Inúmeras vezes fomos ali depois que nossos nomes tinham sido inscritos, muitos de nós, Harry Peard e o pequeno Jack Mountain e Bob Dyas e Maurice Moriarty, o francês, e Tom O'Grady e Mick Lacy de quem eu lhe falei esta manhã e Joey Corbet e o pobre pequeno e bondoso Johnny Keevers de Tantiles.

As folhas das árvores ao longo de Mardyke agitavam-se e sussurravam à luz do sol. Um time de jogadores de críquete passou, jovens ágeis de calças de flanela e *blazers*, um deles carregando a longa sacola verde. Numa tranqüila travessa uma banda alemã de cinco músicos vestindo uniformes desbotados e com instrumentos de metal amassados tocava para um público de moleques de rua e mensageiros folgados. Uma empregada com uma touca e um avental brancos molhava uma caixa de plantas num peitoril de janela como uma laje de calcário sob o clarão quente. De uma outra janela aberta vinha o som de um piano elevando-se em um tom agudo, escala após escala.

Stephen continuava a andar ao lado do pai, escutando as histórias que já ouvira antes, ouvindo novamente os nomes dos farristas dispersos e mortos que haviam sido os companheiros de juventude de seu pai. E um ligeiro mal-estar lamentava em seu coração. Recordava a sua própria posição equívoca em Belvedere, um rapaz livre, um líder com medo da própria autoridade, orgulhoso e sensível e desconfiado, batalhando contra a sordidez de sua vida e contra o tumulto de sua mente. As letras talhadas na madeira manchada da carteira o fitavam, zombando de sua fraqueza física e de seus entusiasmos fúteis e o fazendo ter aversão a si mesmo por suas próprias orgias loucas e torpes. A saliva em sua garganta ficou mais amarga e insuportável de engolir e uma ligeira náusea subiu até seu cérebro de modo que por um momento ele fechou os olhos e prosseguiu caminhando na escuridão.

Podia ainda escutar a voz do pai.

— Quando você se virar sozinho, Stephen, como eu sei que você o fará um dia desses, lembre-se de que, faça o que fizer, você deve se relacionar com cavalheiros. Posso afirmar que quando era jovem eu me diverti bastante. Eu me envolvia com companheiros decentes e ótimos. Cada um de nós podia fazer alguma coisa. Um colega tinha uma boa voz, um outro

colega era um bom ator, um outro podia cantar uma canção cômica, um outro era um bom remador ou um bom tenista, um outro sabia contar boas histórias e assim por diante. De qualquer forma fazíamos o que nos competia e nos divertíamos e víamos um pouco da vida e não éramos piores por isso tampouco. Mas éramos todos cavalheiros, Stephen, ao menos espero que fôssemos, e também uns irlandeses danadamente bons e honestos. Esse é o tipo de colegas com os quais quero que você se envolva, indivíduos de boa índole. Estou falando com você como amigo, Stephen. Não acredito em desempenhar o papel do pai severo. Não acredito que um filho deva temer seu pai. Não, eu o trato como seu avô me tratava quando eu era mocinho. Éramos mais como irmãos do que como pai e filho. Nunca esquecerei o primeiro dia em que ele me pegou fumando. Eu estava um dia em pé com alguns rapazolas como eu no final de South Terrace e com toda a certeza nos julgávamos o máximo porque tínhamos cachimbos enfiados nos cantos de nossas bocas. Subitamente o meu velho passou. Ele não disse uma palavra, ou sequer parou. Mas no dia seguinte, um domingo, saímos juntos para um passeio a pé e quando estávamos voltando para casa ele tirou do bolso seu estojo de charutos e disse: *A propósito, Simon, eu não sabia que você fumava* ou alguma coisa do gênero. Naturalmente procurei enfrentar a situação da melhor maneira possível. *Se você quiser dar uma boa fumarada*, disse ele, *experimente um destes charutos. Um capitão americano os deu de presente para mim ontem à noite em Queenstown.*

Stephen ouviu seu pai desatar a rir um riso que era quase um soluço.

— Ele era o mais belo homem de Cork naquele tempo, por Deus que era! As mulheres costumavam ficar paradas olhando para ele na rua.

Ele ouviu o soluço descendo com barulho pela garganta do pai e abriu os olhos com um impulso nervoso. A luz do sol batendo repentinamente em cheio em sua vista transformava o céu e as nuvens num mundo fantástico de massas sombrias com espaços como lagos de uma luz rosa-escuro. Seu próprio cérebro estava doente e impotente. Ele mal podia interpretar as letras dos letreiros das lojas. Por sua maneira monstruosa de viver parecia ter se colocado além das fronteiras da realidade. Nada o sensibilizava ou lhe falava do mundo real a menos que ele ouvisse nele um eco dos gritos enfurecidos que existiam em seu íntimo. Não conseguia responder a nenhum apelo terreno ou humano, mudo e insensível ao chamado do verão e ao contentamento e ao companheirismo, exausto e deprimido pela voz de seu pai. Mal podia reconhecer os próprios pensamentos como seus, e repetia lentamente para si mesmo:

— Eu sou Stephen Dedalus. Estou andando ao lado do meu pai cujo nome é Simon Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Nosso quarto fica no hotel Victoria. Victoria e Stephen e Simon. Simon e Stephen e Victoria. Nomes.

A lembrança de sua infância ficou subitamente confusa. Ele tentava invocar alguns de seus momentos mais marcantes mas não conseguia. Recordava apenas os nomes: Dante, Parnell, Clane, Clongowes. Um menininho tinha aprendido geografia com uma senhora idosa que guardava duas escovas em seu armário. Fora então mandado embora de casa para um colégio. No colégio fizera sua primeira comunhão e comera *slim jim*^[21] tirado de dentro do boné de críquete e observara a luz do fogo da lareira saltando e dançando na parede de um pequeno quarto de enfermaria e sonhara estar morto, a missa sendo rezada por ele pelo reitor trajando uma capa magna preta e ouro, ser então enterrado no pequeno cemitério da comunidade fora da avenida principal de tílias. Mas ele não tinha morrido então. Parnell morrera. Não tinha havido missa pelos mortos na capela e nenhuma procissão. Não tinha morrido mas havia sumido como um filme exposto ao sol. Ele se perdera ou vagara fora da existência pois não existia mais. Como era estranho pensar nele saindo da existência pois não existia mais. Como era estranho pensar nele saindo da existência daquela maneira, não por morte mas por sumir exposto ao sol ou por estar perdido e esquecido em alguma parte do universo! Era estranho ver seu corpo pequeno aparecer novamente por um momento: um menininho de terno cinzento com cinto. Suas mãos estavam nos bolsos laterais e suas calças estavam presas nos joelhos por tiras elásticas.

Na noite do dia em que a propriedade foi vendida Stephen acompanhou docilmente seu pai de bar em bar pela cidade. Aos vendedores no mercado, aos balconistas do bar e às garçonetes, aos mendigos que o importunavam pedindo uma esmola o Sr. Dedalus contava a mesma história, que ele era um velho corquiano, que tentava há trinta anos libertar-se em Dublin de seu sotaque de Cork e que aquele zé-ninguém ao seu lado era seu filho mais velho mas era apenas um inútil de Dublin.

Tinham saído de manhã cedo do café de Newcombe no qual a xícara do Sr. Dedalus tinha chocalhado ruidosamente de encontro ao pires, e Stephen havia tentado encobrir aquele sinal vergonhoso da bebedeira do pai na noite anterior movendo a cadeira e tossindo. A uma humilhação sucedera outra: os sorrisos falsos dos vendedores do mercado, as brincadeiras e os olhares amorosos das garçonetes com quem seu pai flertara, os cumprimentos e palavras encorajadoras dos amigos de seu pai. Havia-lhe dito que ele se parecia muito com seu avô e o Sr. Dedalus concordara que ele tinha uma horrenda semelhança. Eles tinham desenterrado vestígios de um sotaque de Cork em sua fala e o tinham feito admitir que o Lee era um rio muito superior ao Liffey. Um deles, a fim de pôr o seu latim à prova, o fizera traduzir passagens curtas de *Dilectus* e lhe perguntara se era correto dizer: *Tempora mutantur nos et mutamur in illis* ou então *Tempora mutantur et nos mutamur in illis*.^[22] Um outro, um velho animado, que o Sr. Dedalus chamou de Johnny Cashman, o deixara profundamente encabulado perguntando-lhe quais eram as mais bonitas, as meninas de Dublin ou as meninas de Cork.

— Ele não é desse tipo — disse o Sr. Dedalus. — Deixem-no em paz. Ele é um menino inteligente e equilibrado que não esquentava a cabeça com esse tipo de tolice.

— Então ele não é filho de seu pai — disse o velhinho.

— Para falar a verdade, não sei — disse o Sr. Dedalus sorrindo complacentemente.

— Seu pai — disse o velhinho a Stephen — era o namorado mais atrevido da cidade de Cork em seus dias. Sabe disso?

Stephen baixou os olhos e estudou o chão do ladrilho do bar no qual eles haviam encalhado.

— Ora, não fique pondo idéias na cabeça dele — disse o Sr. Dedalus. — Deixe-o para o seu Criador.

— Ora essa, eu não poria certamente idéia alguma em sua cabeça. Sou suficientemente velho para ser seu avô — disse o velhinho a Stephen. — Sabe disso?

— É mesmo? — perguntou Stephen.

— Por Deus que sou — disse o velhinho. — Tenho dois netos grandes e fortes lá em Sunday's Well. Ora veja! Que idade você pensa que eu tenho? E eu me lembro de ver seu avô com seu casaco vermelho saindo a cavalo com seus cães de caça. Isso foi antes que você nascesse.

— É isso aí, ou pensasse nascer — disse o Sr. Dedalus.

— Por Deus que me lembro — repetiu o velhinho. — E, mais do que isso, posso me lembrar até de seu bisavô, o velho John Stephen Dedalus, e ele era um velho brigão feroz. Vejam só! Isso é que é memória!

— São três gerações, quatro gerações — disse um outro do grupo. — Ora, Johnny Cashman, você deve estar beirando um século.

— Bem, eu vou lhe dizer a verdade — disse o velhinho. — Tenho apenas 27 anos.

— Temos a idade que sentimos, Johnny — disse o Sr. Dedalus. — E acabe o que tem aí, e tomaremos um outro. Olhe aqui, Tim ou Tom ou qualquer que seja seu nome, dê-nos aqui o mesmo novamente. Por Deus, não sinto ter mais do que 18 anos. Ali está aquele filho meu que não tem metade da minha idade e eu sou um homem superior a ele em qualquer dia da semana.

— Vamos, não exagere, Dedalus. Acho que já é tempo de você se colocar em seu lugar — disse o cavalheiro que falara antes.

— Não, por Deus! — declarou o Sr. Dedalus. — Como homem eu sou melhor do que ele cantando como tenor uma canção ou saltando a cavalo uma cancela de cinco barras ou correndo com ele atrás de galgos através do campo como o fiz há trinta anos com Kerry Boy e o derrotei.

— Mas ele vai vencê-lo aqui — disse o velhinho, batendo de leve em sua testa e erguendo o copo para esvaziá-lo.

— Bem, espero que ele seja um homem tão bom quanto o pai. Isso é tudo que posso dizer — disse o Sr. Dedalus.

— Se ele for, ele o fará — disse o velhinho.

— E graças sejam dadas a Deus, Johnny — disse o Sr. Dedalus —, que tenhamos vivido tanto e feito tão pouco mal.

— Mas feito tanto bem, Simon — disse o velhinho gravemente. — Graças sejam dadas a Deus por termos vivido tanto e feito tanto bem.

Stephen observou os três copos serem erguidos do balcão enquanto seu pai e seus dois companheiros bebiam à memória de seu passado. Um abismo de destino ou de temperamento separou-o deles. Sua mente parecia mais velha do que a deles: brilhava friamente sobre as lutas e a felicidade e os pesares deles como uma lua sobre uma terra mais jovem. Nenhuma vida ou juventude se agitava nele da maneira em que se agitara neles. Ele não conhecera nem o prazer da camaradagem com outros nem o vigor da saúde máscula e rude nem a piedade filial. Nada se agitava dentro de sua alma a não ser um desejo frio e cruel e sem amor. Sua infância estava morta ou perdida e com ela sua alma capaz de alegrias simples, e ele estava sendo arrastado em meio à vida como a concha árida da lua.

*Estás pálido por estares exaurido
De subir ao céu e contemplar a terra,
Vagando de companheiros desprovido...?*

Repetiu para si mesmo as linhas do fragmento de Shelley. Sua alternância de triste ineficácia humana com vastos ciclos de atividade desumana o enregelara, e ele se esqueceu de seu próprio desgosto humano e ineficaz.

A mãe, o irmão e um dos primos de Stephen esperavam na esquina da tranqüila Foster Place enquanto ele e seu pai subiam os degraus e seguiam ao longo da colunata em que uma sentinela montava guarda garbosamente. Depois que eles passaram ao salão de entrada e ficaram de pé junto ao balcão Stephen apresentou suas ordens de pagamento de trinta e três

libras para o gerente do banco da Irlanda; e estas importâncias, representando sua bolsa de estudos e prêmio do ensaio literário, foram pagas a ele rapidamente pelo caixa do banco em notas e moedas respectivamente. Colocou-as em seus bolsos com pretensa serenidade e suportou que o caixa amistoso, com quem seu pai batia um papo, segurasse sua mão através do largo balcão e lhe desejasse uma futura carreira brilhante. Ele estava impaciente com suas vozes e não conseguia manter os pés parados. Mas o caixa ainda retardava o atendimento aos outros para dizer que os tempos haviam mudado e que não havia nada que o dinheiro pudesse comprar comparável à melhor educação que se pudesse dar a um menino. O Sr. Dedalus se deixava ficar no salão de entrada olhando ao seu redor e para o teto e dizendo a Stephen, que o instava a sair, que eles se encontravam no que tinha sido a Câmara dos Comuns do antigo parlamento irlandês.

— Que Deus nos ajude! — disse respeitosamente. — Pensar nos homens daqueles tempos, Stephen, Hely Hutchinson e Flood e Henry Grattan e Charles Kendal Bushe, e nesses pares do reino que temos agora aí, líderes do povo irlandês no país e no exterior. Ora, por Deus, nossos heróis mortos não admitiriam dividir o mesmo pedaço de terra com eles. Não, Stephen, meu velho, lastimo dizer que isso seria tão sem sentido quanto a canção: eu vagava uma bela manhã de maio no agradável e alegre mês de julho.

Um vento penetrante de outubro soprava em volta do banco. As três figuras de pé à beira do caminho enlameado tinham as faces macilentas e os olhos úmidos. Stephen olhou para sua mãe pobremente agasalhada e se lembrou da manta que vira uns dias antes por vinte guinéus na vitrine de Barnardo's.

— Bem, está tudo terminado — disse o Sr. Dedalus.

— Seria melhor irmos jantar — disse Stephen. — Onde?

— Jantar? — disse o Sr. Dedalus. — Bem, suponho que seria melhor, o quê?

— Algum lugar que não seja caro demais — disse a Sra. Dedalus.

— O Underdone?

— É. Algum lugar tranqüilo.

— Vamos — disse Stephen rapidamente. — Não importa que seja caro.

Caminhava, sorrindo à frente deles com passos nervosos e curtos. Eles tentavam alcançá-lo, sorrindo também com a sua animação.

— Vá com calma como um bom rapazinho — disse o pai. — Não estamos numa corrida de meia milha, não é?

Durante uma rápida temporada de diversões o dinheiro de seus prêmios escapou por entre os dedos de Stephen. Embrulhos grandes de mercearia e iguarias delicadas e frutas cristalizadas chegavam da cidade. Todo dia ele fazia uma compra de mantimentos para a família e toda noite levava um grupo de três ou quatro ao teatro para ver *Ingomar* ou *The Lady of Lyons*. Nos bolsos de seu paletó trazia tabletes de chocolate de Viena para seus convidados, enquanto os bolsos de suas calças se abaulavam com um montão de moedas de prata e cobre. Comprou presentes para todo mundo, recondição seu quarto, passou a limpo decisões, dispôs seus livros acima e abaixo em suas prateleiras, estudou cuidadosamente toda sorte de listas de preços, criou uma espécie de governo familiar pelo qual cada membro ocupava algum cargo, abriu um banco de empréstimo para sua família e ofereceu empréstimos àqueles que desejavam fazê-los para que pudesse ter o prazer de redigir recibos e avaliar juros sobre as quantias emprestadas. Quando não podia fazer mais nada andava de bonde acima e abaixo pela cidade. Então a temporada de prazer chegou ao fim. O pote de tinta esmalte rosa acabou e os lambris de seu quarto de dormir permaneceram com sua camada mal rebocada e inacabada.

Os membros de sua família voltaram à vida normal. Sua mãe não tinha mais ocasião de repreendê-lo por esbanjar seu dinheiro. Ele também voltou à sua vida antiga no colégio e todos os seus empreendimentos modernos caíram por terra. O bem-estar da comunidade foi por água abaixo, o banco de empréstimos fechou seus cofres e seus livros de contabilidade com uma perda considerável, as regras da vida que ele traçara à sua volta caíram em desuso.

Como fora tolo em seus objetivos! Tentara construir um quebra-mar de ordem e elegância contra a maré sórdida da vida sem ele e represar, por meio de regras de conduta e benefícios vigentes e novas relações filiais, a recorrência poderosa das marés em seu íntimo. Inútil. De fora como de dentro a água transbordara por cima de suas barragens: suas ondas volumosas começaram mais uma vez a se lançar ferozmente por cima do quebra-mar desmoronado.

Percebia também claramente a inutilidade de seu próprio isolamento. Não dera um passo sequer que o tornasse mais próximo das vidas das quais procurara se aproximar nem transpusera a vergonha e o rancor incessantes que o separavam da mãe e do irmão e da irmã. Sentia que dificilmente corria em suas veias o mesmo sangue que nas deles mas que de preferência tinha com eles um parentesco místico de pais de criação, de filho de criação e irmão de criação.

Ele se consumia no esforço de acalmar os anseios selvagens de seu coração diante dos quais tudo mais era fútil e estranho. Pouco lhe importava que estivesse em pecado mortal, que sua vida se tivesse tornado um tecido de subterfúgio e falsidade. Ao lado do desejo selvagem de realizar as barbaridades que aninhava dentro de si nada era sagrado. Suportava cinicamente os pormenores vergonhosos de suas devassidões secretas nas quais exultava macular pacientemente qualquer imagem que tivesse atraído seus olhos. De dia e de noite ele se movia entre imagens distorcidas do mundo exterior. Uma

figura que de dia lhe parecera recatada e inocente lhe vinha à noite através da escuridão sinuosa do sono, com sua face transfigurada por uma dissimulação devassa, seus olhos brilhando de alegria selvagem. Só a manhã o desgostava com sua lembrança vaga de tenebrosa devassidão orgiaca, com seu sentido penetrante e humilhante de transgressão.

Retornou às suas perambulações. As noites veladas do outono conduziam-no de rua em rua como o haviam conduzido anos atrás ao longo das avenidas tranqüilas de Blackrock. Mas nenhuma visão de jardins fronteiros bem tratados ou de luzes amenas nas janelas derramava agora uma influência compassiva sobre ele. Apenas ocasionalmente, nas pausas de seu desejo, quando a luxúria que o estava consumindo dava lugar a um langor mais suave, a imagem de Mercedes atravessava o pano de fundo de sua memória. Ele via novamente a casinha branca e o jardim de roseiras na estrada que levava às montanhas e se lembrava do gesto de recusa tristemente orgulhoso que fizera ali, de pé ao lado dela no jardim enluarado depois de anos de separação e aventura. Naqueles momentos os discursos moderados de Claude Melnotte vinham-lhe aos lábios e atenuavam sua inquietação. Atingia-o uma premonição amena do encontro marcado pelo qual ele então ansiara e, apesar da realidade horrível que existia entre sua esperança de então e o agora, do encontro sagrado que ele então imaginara no qual fraqueza e timidez e inexperiência deviam abandoná-lo.

Tais momentos passavam e o fogo devastador do desejo brotava novamente. Os versos escapavam de seus lábios e gritos inarticulados e mudas palavras brutais precipitavam-se de seu cérebro para forçar passagem. Seu sangue se rebelava. Ele vagava acima e abaixo pelas escorregadias ruas escuras perscrutando a escuridão de alamedas e vãos de portas, aguardando ansiosamente qualquer som. Gemia para si mesmo como uma fera frustrada em busca de presa. Queria pecar com um outro de sua espécie, forçar um outro ser a pecar com ele e exultar com ela no pecado. Sentia uma certa presença obscura provinda da escuridão mover-se irresistivelmente sobre ele, uma presença sutil e murmurante como um dilúvio inundando-o todo consigo mesma. Seu murmúrio assediava seus ouvidos como o murmúrio de uma multidão adormecida; seus fluxos sutis penetravam seu ser. As mãos dele se apertavam convulsivamente e seus dentes se cerravam enquanto ele suportava a agonia de sua penetração. Estendeu os braços na rua para segurar firme a frágil forma desfalecente que o evitava e o incitava: e o grito que sufocara por tanto tempo em sua garganta brotou de seus lábios. Escapou dele como um gemido de desespero de um inferno de sofrendores e morreu num queixume de súplica furiosa, um grito por um abandono iníquo, um grito que era apenas o eco de um rabisco obsceno que ele lera na parede viscosa de um mictório.

Vagara por um labirinto de ruas estreitas e sujas. Das alamedas fétidas ele ouvia explosões de tumulto rouco e de luta e de vozes arrastadas de cantores bêbados. Prosseguia caminhando, impávido, perguntando a si mesmo se estaria extraviado no bairro dos judeus. Mulheres e meninas vestidas com roupas longas e de colorido vivo atravessavam a rua de uma casa para a outra. Estavam descansadas e perfumadas. Um tremor se apoderou dele e seus olhos se toldaram. As chamas amarelas de gás surgiam diante de sua visão perturbada de encontro ao céu etéreo, ardendo como se fosse diante de um altar. Em frente às portas e às salas de entrada iluminadas grupos estavam reunidos dispostos como para um ritual. Ele estava em um outro mundo: despertara de um cochilo de séculos.

Ficou parado no meio da estrada, seu coração clamando de encontro ao peito em ebulição. Uma jovem mulher com um longo vestido rosa pôs a mão em seu braço para o deter e fitou seu rosto. Disse então alegremente:

— Boa-noite, Willie querido!

O quarto dela era claro e quente. Uma boneca imensa estava sentada com as pernas abertas na espreguiçadeira volumosa ao lado da cama. Ele tentou ordenar sua língua a falar a fim de que pudesse parecer à vontade, observando-a enquanto ela desabotoava o vestido, notando os movimentos conscientes e orgulhosos de sua cabeça perfumada.

Enquanto ele permanecia de pé em silêncio no meio do quarto ela se aproximou dele e o abraçou alegre e gravemente. Seus braços roliços o seguraram firmemente e, vendo seu rosto erguido para ele com grave serenidade e sentindo a cálida serenidade erguer-se e desprender-se de seus seios, ele desatou a chorar histericamente. Lágrimas de alegria e alívio brilhavam em seus olhos encantados e seus lábios se entreabriram embora não conseguissem falar.

Ela passou os dedos tintilantes por entre seus cabelos, chamando-o de meu marotinho.

— Me dê um beijo — disse ela.

Seus lábios não conseguiam se inclinar para beijá-la. Ele desejava ser tomado firmemente por ela em seus braços, ser acariciado lentamente, lentamente, lentamente. Nos braços dela sentiu que subitamente se tornara forte e destemido e seguro de si mesmo. Mas seus lábios não conseguiam se inclinar para beijá-la.

Com um movimento súbito ela abaixou a cabeça dele e juntou seus lábios aos dele e ele leu o sentido de seus movimentos em seus olhos francos que se tinham erguido. Era demais para ele. Fechou os olhos, entregando-se a ela, corpo e alma, consciente de nada no mundo a não ser a pressão escura de seus lábios suaves e entreabertos. Eles pressionaram sua cabeça e seus lábios como se fossem o instrumento de uma linguagem indefinida; e entre eles sentiu uma pressão desconhecida e tímida, mais obscura do que o desfalecimento do pecado, mais suave do que som ou odor.

III.

A penumbra repentina de dezembro chegara tropeçando ridiculamente depois de um dia sem graça e, enquanto olhava fixamente através do quadrado inexpressivo da janela da sala de aula, ele sentia seu estômago implorar comida. Esperava que houvesse ensofado para o jantar, nabos e cenouras e batatas amassadas e fatias gordas de carneiro para serem servidas em grande quantidade com um molho apimentado consistente, engrossado com farinha de trigo. Empanturre-se com isso, sua barriga o aconselhava.

Seria uma sombria noite secreta. Depois do anoitecer prematuro as lâmpadas amarelas iluminariam, aqui e ali, o quarteirão miserável dos bordéis. Ele faria um trajeto tortuoso ruas acima e abaixo, descrevendo sempre círculos cada vez mais próximos com um tremor de medo e de alegria, até que seus pés o conduzissem subitamente em torno de uma esquina escura. As prostitutas estariam justo naquele momento saindo de suas casas e se aprontando para a noite, bocejando preguiçosamente depois de seu sono reparador e enfiando grampos nos cachos de seus cabelos. Ele passaria por elas calmamente à espera de um movimento súbito de sua própria vontade ou de um chamado súbito de suas carnes macias e perfumadas para sua alma amante-do-pecado. Porém enquanto andava a esmo em busca desse chamado, seus sentidos, embrutecidos apenas pelo desejo, observariam intensamente tudo que os feria ou envergonhava; seus olhos, uma mancha de espuma de cerveja numa mesa sem toalha ou uma fotografia de dois soldados de prontidão ou um programa espalhafatoso; seus ouvidos, o jargão arrastado de uma saudação.

— Alô, Bertie, alguma coisa boa em mente?

— É você, pombinha?

— Número dez. Fresh Nelly está esperando por você.

— Boa-noite, marido! Está vindo para um encontro curto?

A equação na página de seu caderno de rascunho começou a se desdobrar como uma cauda que se ampliasse, com olhos e estrelas como a de um pavão; e, quando os olhos e as estrelas de seus índices tinham sido eliminados, ela começou a se dobrar de novo lentamente sobre si mesma. Os índices aparecendo e desaparecendo eram olhos se abrindo e se fechando; os olhos se abrindo e se fechando eram estrelas nascendo e se extinguindo. O ciclo vasto da vida estelar transportava sua mente cansada para fora de seu limite e para dentro, para seu centro, uma música distante a acompanhá-lo para fora e para dentro. Que música? A música se aproximava cada vez mais e ele recordava as palavras, as palavras do fragmento de Shelley sobre a lua vagando solitária, pálida de cansaço. As estrelas começavam a se esfácelar e uma nuvem de uma linda poeira de estrelas caía através do espaço.

A luz fosca baixou mais fracamente sobre a página na qual uma outra equação começava a se desdobrar lentamente e a espalhar para fora sua ampla cauda. Era sua própria alma partindo para a experiência, se desdobrando pecado por pecado, alastrando para fora a fogueira de suas estrelas incandescentes e se redobrando sobre si mesma, desvanecendo lentamente, extinguindo suas próprias luzes e incandescências. Elas estavam extintas: e a escuridão gélida ocupou o caos.

Uma fria indiferença lúcida reinava em sua alma. Ao seu primeiro pecado violento sentira uma onda de vitalidade abandoná-lo e temera ver seu corpo e sua alma mutilados pelo excesso. Contrariamente a onda vital o transportara em seu bojo para fora dele mesmo e de volta novamente quando retrocedeu: e nenhuma parte do corpo ou da alma havia sido mutilada mas uma paz sombria se estabelecera entre eles. O caos em que o seu ardor se extinguia era um conhecimento de si mesmo, frio e indiferente. Pecara mortalmente não uma vez mas muitas vezes e sabia que, se corria risco de danação eterna por um único primeiro pecado, a cada pecado sucessivo multiplicavam-se sua culpa e sua punição. Seus dias e trabalhos e pensamentos não podiam expiar por ele, tendo as fontes da graça santificante cessado de retemperar sua alma. Quando muito, por alguma esmola dada a um mendigo de cuja ação de graças ele fugia, podia esperar exaustivamente alcançar para si mesmo alguma parcela da verdadeira graça. A devoção fora toda perdida. De que lhe valia rezar se sabia que sua alma ansiava por sua própria destruição? Um certo orgulho, uma certa reverência o impediam de oferecer a Deus uma oração sequer à noite, embora ele soubesse que Deus tinha o poder de lhe tirar a vida enquanto ele estivesse dormindo e de lançar sua alma no inferno antes que pudesse implorar misericórdia. Seu orgulho do próprio pecado, seu insensível respeito por Deus diziam-lhe que sua ofensa era revoltante demais para ser expiada toda ela ou em parte por uma falsa homenagem ao Onividente e Onisciente.

— Ora, veja, Ennis, declaro que você tem uma cabeça assim como uma bengala a tem! Você quer dizer que não é capaz de me dizer o que é um número irracional?

A resposta errada revolveu as brasas de seu desprezo pelos colegas. Para com os outros não sentia nem vergonha nem medo. Nas manhãs de domingo quando passava pela porta da igreja olhava friamente para os devotos que, de cabeça descoberta, se encontravam mais ou menos em quatro fileiras compactas do lado de fora da igreja, moralmente presentes à missa que não podiam ver nem ouvir. Sua piedade apática e o cheiro enjoativo do barato óleo de cabelo com o qual tinham

untado suas cabeças o repeliam do altar em que eles rezavam. Submetia-se à perversidade da hipocrisia para com os outros, cético quanto à ingenuidade deles que conseguia tão facilmente engambelar.

Na parede de seu quarto estava pendurado um pergaminho iluminado, o certificado de sua presidência da Congregação Mariana no colégio. Nas manhãs de domingo quando a Congregação se reunia na capela para recitar o pequeno ofício ele ocupava o seu lugar no genuflexório almofadado à direita do altar do qual dirigia sua ala de meninos através das respostas que deviam dar. A falsidade de sua posição não o afligia. Se por momentos sentia um impulso de se erguer de seu posto de honra e, confessando diante de todos sua indignidade, abandonar a capela, um olhar para os seus rostos o detinha. A imagem retórica dos salmos de profecia abrandava seu orgulho infecundo. As glórias de Maria mantinham sua alma cativa: nardo indiano e mirra e olíbano, simbolizando a preciosidade dos dons de Deus à alma da Virgem imaculada, vestes ricas, simbolizando sua linhagem real, seus emblemas, a planta que floresce tardiamente e a árvore que desabrocha tardiamente, simbolizando o crescimento gradual e infundável de seu culto entre os homens. Quando lhe cabia ler a oração mais para o final do ofício ele a lia com uma voz velada, embalando sua consciência com sua música.

Quasi cedrus exaltata sum in Libanon et quasi cupressus in monte Sion. Quasi palma exaltata sum in Gades et quasi plantatio rosae in Jericho. Quasi uliva speciosa in campis et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. Sicut cinnamomum et balsamum aromatizans odorem dedi et quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris. [23]

Seu pecado, que o encobriria da vista de Deus, o levava para mais perto do refúgio dos pecadores. Os olhos dela pareciam considerá-lo com doce piedade; sua santidade, uma luz estranha brilhando tenuemente sobre sua carne frágil, não humilhava o pecador que dela se aproximava. Se jamais ele fosse impelido a lançar o pecado para fora de si e a se arrepender, o impulso que o moveria neste sentido seria o desejo de ser seu cavaleiro andante. Se jamais sua alma, retornando timidamente à sua morada depois que o frenesi do desejo físico de seu corpo se tivesse esgotado, se voltasse para aquela cujo emblema é a estrela da manhã, *clara e musical, falando do céu e infundindo paz*, seria quando os nomes dela fossem murmurados suavemente por lábios nos quais ainda permaneciam palavras obscenas e vergonhosas, com o próprio sabor de um beijo lascivo.

Isso era estranho. Ele tentava pensar como podia ser mas a penumbra, se aprofundando na sala de aula, cobria todos os seus pensamentos. A campainha soou. O mestre marcou as somas e os cortes a serem feitos para a aula seguinte e saiu. Heron, ao lado de Stephen, começou a cantarolar desafinadamente.

Meu excelente amigo Bombados.

Ennis, que fora para o pátio, voltou, dizendo:

— O menino vindo do prédio está subindo à procura do reitor.

Um menino alto atrás de Stephen esfregou as mãos e disse:

— Isso é que é sorte! Podemos fugir por uma hora inteirinha. Ele só vai estar de volta dentro de uma hora e meia.

Você vai então poder fazer-lhe perguntas sobre o catecismo, Dedalus.

Recostando-se para trás e desenhando despreocupadamente no seu caderno de rascunho, Stephen ouvia a conversa à sua volta que Heron interrompia de vez em quando dizendo:

— Calem a boca, por favor! Não façam tamanha balbúrdia!

Era também estranho que ele sentisse um prazer estéril em seguir ao extremo as coordenadas rígidas das doutrinas da Igreja e em penetrar nos silêncios obscuros apenas para ouvir e sentir bem mais profundamente sua própria condenação. A frase de são Tiago que diz que aquele que comete ofensa contra um mandamento se torna culpado de todos a princípio lhe parecera ser uma expressão exagerada até que começara a tatear nas trevas de seu próprio estado de espírito. Da semente nociva da luxúria haviam surgido todos os outros pecados mortais: orgulho de si mesmo e desprezo pelos outros, ganância na utilização do dinheiro para a aquisição de prazer ilícito, inveja daqueles cujos vícios não podia alcançar e rumor difamatório contra os devotos, prazer glutão do alimento, a estúpida cólera furiosa em meio à qual remoía seu desejo, o atoleiro de indolência física e espiritual em que todo o seu ser submergira.

Enquanto estava sentado em seu banco olhando calmamente para o rosto astuto e severo do reitor sua mente se enredava nas perguntas curiosas a ela propostas. Se um homem tivesse roubado uma libra em sua mocidade e usado aquela libra para acumular uma imensa fortuna quanto seria obrigado a devolver, apenas a libra que roubara ou a libra com os juros capitalizados acumulados nela ou toda a sua imensa fortuna? Se um leigo ao batizar derramasse a água antes de dizer as palavras estaria a criança batizada? É válido o batismo com água mineral? Como é possível que enquanto a primeira beatitude promete o reino do céu para os pobres de espírito a segunda beatitude também promete aos mansos que eles possuirão a terra?

Por que foi o sacramento da eucaristia instituído sob as duas espécies do pão e do vinho se Jesus Cristo está presente corpo e sangue, alma e divindade, somente no pão e somente no vinho? Será que uma parcela mínima do pão consagrado contém todo o corpo e o sangue de Jesus Cristo ou uma parte apenas do corpo e do sangue? Se o vinho se transformar em vinagre e a hóstia se esfacelar depois de terem sido consagrados estará Jesus Cristo ainda presente sob suas espécies como Deus e como homem?

— Ele está aqui! Ele está aqui!

De seu posto na janela um menino vira o reitor sair do prédio. Todos os catecismos foram abertos e todas as cabeças se inclinaram silenciosamente sobre eles. O reitor entrou, subiu no estrado e se sentou. Um pontapé delicado do rapaz alto no banco atrás de Stephen incitou-o a fazer uma pergunta difícil.

O reitor não pediu o catecismo para que eles lessem nele a lição. Bateu com as mãos na carteira e disse:

— O retiro vai começar na quarta-feira à tarde em homenagem a São Francisco Xavier cuja festa é no sábado. O retiro terá lugar de quarta-feira a sexta-feira. Na sexta haverá confissão durante toda a tarde depois de rezado o rosário. Se alguns alunos tiverem confessores especiais talvez será melhor que não os mudem por outros. A missa será celebrada às nove horas da manhã de sábado com comunhão geral para todo o colégio. Sábado será um dia livre. Domingo naturalmente. Mas sábado e domingo sendo dias livres alguns meninos poderiam se sentir inclinados a pensar que segunda-feira também é um dia livre. Tenham cuidado em não cometer tal engano. Penso que vocês, indisciplinados, são muito capazes de cometer esse engano.

— Eu, senhor? Por quê, senhor?

Uma pequena onda de alegria silenciosa irrompeu do sorriso sardônico do reitor sobre a turma de alunos. O coração de Stephen começou a dobrar sobre si mesmo e a definhar de medo como uma flor que murcha.

O reitor prosseguiu gravemente:

— Suponho que vocês estejam familiarizados com a história da vida de São Francisco Xavier, o patrono deste colégio. Ele descendia de uma antiga e ilustre família espanhola e vocês se lembram de que ele foi um dos primeiros seguidores de Santo Ignácio. Eles se conheceram em Paris onde Francisco Xavier era professor de filosofia na universidade. Este jovem e brilhante nobre e homem de letras penetrou de corpo e alma nas idéias de nosso glorioso fundador, e vocês sabem que, por seu próprio desejo, ele foi mandado por Santo Ignácio para pregar para os indianos. É chamado, como vocês sabem, de apóstolo das Índias. Ele foi de país em país no Oriente, da África à Índia, da Índia ao Japão, batizando as pessoas. Diz-se que ele batizou aproximadamente dez mil idólatras em um mês. Diz-se que seu braço direito perdeu a força de tanto se erguer sobre as cabeças daqueles que batizou. Ele desejou então ir para a China para conquistar mais almas para Deus mas morreu de febre na ilha de Sancian. Que grande santo, São Francisco Xavier! Que grande soldado de Deus!

O reitor fez uma pausa e em seguida, sacudindo à sua frente suas mãos de dedos entrelaçados, prosseguiu:

— Ele possuía a fé que move montanhas. Dez mil almas conquistadas para Deus num único mês! Este é um verdadeiro conquistador, fiel ao lema de nossa ordem: *ad majorem Dei gloriam!* Lembrem-se, um santo que tem grande poder no céu: o poder de interceder por nós em nossas aflições, o poder de obter qualquer coisa que peçamos se for para o bem de nossas almas, acima de tudo o poder de obter para nós a graça de nos arrependermos se estivermos em estado de pecado. Que grande santo, São Francisco Xavier! Que grande pescador de almas!

Parou de sacudir suas mãos de dedos entrelaçados e, repousando-as em sua testa, olhou penetrantemente à direita e à esquerda para os seus ouvintes com seus olhos escuros e severos.

No silêncio suas chamadas escuras inflamaram o crepúsculo emprestando-lhe um brilho trigueiro. O coração de Stephen murchara como uma flor do deserto que sente o simum soprando longe.

— *Lembra-te apenas de tuas últimas ações e não pecarás para sempre*, palavras tomadas, queridos irmãozinhos em Cristo, do livro do Eclesiastes, capítulo sétimo, versículo quadragésimo. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Stephen estava sentado no banco da frente da capela. Padre Arnall estava sentado a uma mesa à esquerda do altar. Tinha em volta de seus ombros uma capa pesada; seu rosto pálido estava abatido e sua voz enfraquecida por defluxo. A figura de seu velho mestre, tão estranhamente ressurgida, trouxe de volta à mente de Stephen sua vida em Clongowes: os amplos pátios de recreio, apinhados de meninos, a fossa sanitária, o pequeno cemitério fora da avenida principal de limeiras em que ele tinha sonhado estar sendo enterrado, a luz do fogo da lareira sobre a parede da enfermaria onde ele estivera deitado doente, o rosto tristonho do Irmão Michael. Sua alma, à medida que estas lembranças lhe eram devolvidas, tornava-se novamente uma alma de criança.

— Estamos reunidos hoje aqui, meus queridos irmãozinhos em Cristo, por um breve momento distantes do alvoroço atarefado do mundo exterior para celebrar e homenagear um dos maiores santos, o apóstolo das Índias, o santo patrono também do colégio de vocês, São Francisco Xavier. Ano após ano, meus queridos menininhos, por muito mais tempo do que

qualquer um de vocês possa se lembrar ou que eu possa recordar, os alunos deste colégio se reuniram nesta mesma capela para fazer seu retiro anual antes do dia da festa de seu santo patrono. O tempo tem passado e trazido consigo mudanças. Mesmo nestes últimos anos de que mudanças não pode a maior parte de vocês se lembrar? Muitos dos meninos que se sentavam nesses bancos da frente alguns anos atrás encontram-se talvez agora em terras distantes, nos trópicos ardentes ou imersos em seus deveres profissionais ou em seminários ou viajando sobre a vasta extensão do oceano ou, quem sabe, já chamados pelo poderoso Deus para uma outra vida e para a prestação de contas de suas funções. E ainda à medida que os anos passam, trazendo com eles mudanças para o bem e para o mal, a lembrança do grande santo é honrada pelos alunos de seu colégio que todo ano fazem seu retiro anual nos dias que precedem o dia da festa guardado por nossa santa madre Igreja para propagar em todas as épocas o nome e a fama de um dos maiores filhos da Espanha católica.

“Agora qual é o significado desta palavra *retiro* e por que é permitido em todos os aspectos que seja uma prática muito salutar para todos os que desejam levar diante de Deus e aos olhos dos homens uma vida verdadeiramente cristã? Um retiro, meus queridos meninos, significa um afastamento por algum tempo de preocupações com nossa vida, as preocupações deste mundo rotineiro, a fim de examinarmos o estado de nossa consciência, de refletirmos sobre os mistérios da santa religião e de compreendermos melhor por que estamos aqui neste mundo. Durante estes poucos dias tenciono colocar diante de vocês alguns pensamentos referentes às quatro últimas coisas a acontecer no mundo. Elas são, como vocês sabem de seu catecismo, morte, julgamento, inferno e céu. Tentaremos compreendê-las totalmente durante estes poucos dias de modo que possamos obter através de sua compreensão um benefício duradouro para nossas almas. E lembrem-se, meus queridos meninos, que fomos mandados para este mundo por uma razão e por uma única razão: fazer a santa vontade de Deus e salvar nossas almas imortais. Tudo mais é inútil. Uma coisa apenas é indispensável, a salvação da alma de alguém. De que vale ao homem ganhar o mundo todo se ele sofrer a perda de sua alma imortal? Ah, meus queridos meninos, creiam em mim não há nada neste mundo desgraçado que possa compensar uma perda desta natureza.

“Vou por conseguinte pedir-lhes, meus queridos meninos, que afastem de suas mentes durante estes poucos dias todos os pensamentos mundanos, quer de estudo ou de prazer ou de ambição, e que dêem toda a atenção ao estado de suas almas. Mal preciso lembrar-lhes que durante os dias do retiro espera-se que todos os meninos mantenham uma conduta silenciosa e piedosa e evitem todo prazer ruidoso e indecoroso. Os meninos mais velhos verão, naturalmente, que este costume não seja infringido e eu conto especialmente com os prefeitos e dignitários da Congregação Mariana e da Congregação dos Santos Anjos para que dêem um bom exemplo a seus colegas.

“Tentemos portanto fazer este retiro em homenagem a São Francisco com todo o nosso coração e toda a nossa mente. A bênção de Deus estará então sobre todos os seus estudos deste ano. Mas, acima e além de tudo, que este retiro seja aquele de que vocês possam se lembrar dentro de alguns anos quando talvez estejam longe deste colégio e em ambientes bem diversos, do qual vocês possam se lembrar com alegria e gratidão e dar graças a Deus por ter-lhes concedido esta ocasião de assentar o primeiro alicerce de uma zelosa vida cristã honrada e piedosa. E, como pode acontecer, se houver neste momento nesses bancos alguma pobre alma que tenha tido o infortúnio indizível de perder a graça sagrada de Deus e de cair em pecado grave, confio e rogo fervorosamente que este retiro possa ser o momento decisivo para a vida desta alma. Rogo a Deus que através dos méritos de seu servo zeloso Francisco Xavier esta alma possa ser levada a um sincero arrependimento e que a santa comunhão no dia de São Francisco este ano possa ser um pacto duradouro entre Deus e essa alma. Para o justo e o injusto, para o santo e o pecador igualmente, possa este retiro ser memorável.

“Ajudem-me, meus queridos irmãozinhos em Cristo. Ajudem-me com sua piedosa atenção, com sua própria devoção, com sua conduta externa. Expulsem de suas mentes todos os pensamentos terrenos e pensem apenas nas últimas coisas a acontecer no mundo, a morte, o julgamento, o inferno e o céu. Aquele que se lembra dessas coisas, diz o Eclesiastes, não pecará para sempre. Aquele que se lembrar das últimas coisas agirá e pensará tendo-as sempre diante de seus olhos. Ele viverá uma boa existência e morrerá uma boa morte, acreditando e sabendo que, se ele tiver se sacrificado muito nesta vida terrestre, ser-lhe-á dado cem vezes e mil vezes mais na vida futura, no reino sem fim — uma bênção, meus queridos meninos, que lhes desejo de coração, a todos sem exceção, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

Enquanto ele ia para casa com companheiros silenciosos um nevoeiro espesso parecia tomar conta do seu pensamento. Aguardou em estado de entorpecimento de espírito até que ele se erguesse e revelasse o que havia ocultado. Jantou com muito apetite e, quando a refeição terminou e os pratos salpicados de gordura ficaram abandonados sobre a mesa, ele se levantou e foi para a janela, limpando a espuma grossa de sua boca com a língua e lambendo-a de seus lábios. Então tinha descambado para o estado de um animal que lambe suas mandíbulas depois da comida. Isso era o fim; e um ligeiro lampejo de medo começou a penetrar o nevoeiro de sua mente. Pressionou seu rosto de encontro à vidraça da janela e contemplou a rua que escurecia lá fora. Formas passavam de um lado para o outro através da luz fosca. E aquilo era vida. As letras do nome de Dublin pesavam-lhe na mente, empurrando-se rudemente umas às outras aqui e acolá com lenta insistência rude. Sua alma prosperava e se congelava em uma gordura espessa, mergulhando cada vez mais profundamente em seu medo apático numa penumbra sombria e ameaçadora, enquanto o corpo que era seu ficava, lânguido e desonrado, olhando com olhos escurecidos,

desamparado, perturbado e humano para ser fitado por um deus bovino.

O dia seguinte trouxe morte e julgamento, despertando lentamente sua alma de seu desespero apático. O fraco lampejo de medo tornou-se terror de espírito quando a voz rouca do pregador soprou a morte para dentro de sua alma. Ele padecia sua agonia. Sentiu o calafrio-da-morte tocar-lhe as mãos e os pés e avançar rastejando em direção ao coração, o véu da morte velando os olhos, os centros brilhantes do cérebro extintos um a um como lâmpadas, o último suor gotejando sobre a pele, a impotência dos membros agonizantes, a fala se tornando pastosa e divagando e falhando, o coração batendo cada vez mais fracamente, quase subjugado, a respiração, a pobre respiração, o pobre espírito humano desamparado, soluçando e suspirando, gorgolhando e chocalhando na garganta. Nenhuma ajuda! Ele, ele mesmo, seu corpo ao qual ele se rendera estava morrendo. Para dentro do túmulo com ele! Pregel-o, o cadáver, em uma caixa de madeira. Transportem-no para fora de casa sobre os ombros de mercenários. Lancem-no longe da vista dos homens dentro de um buraco profundo no solo, dentro da sepultura, para apodrecer, para alimentar o montão de vermes rastejantes e ser devorado por ligeiros ratos barrigudos.

E enquanto os amigos ainda estavam em lágrimas ao pé da cama a alma do pecador era julgada. No último momento de consciência toda a vida terrestre passava diante da visão da alma e, antes que tivesse tempo de refletir, o corpo havia morrido e a alma estava aterrorizada diante do tribunal. Deus, que por muito tempo fora misericordioso, seria então justo. Ele fora paciente por muito tempo, instando com a alma pecadora, dando-lhe tempo de se arrepender, poupando-a ainda por algum tempo. Mas aquele tempo se fora. Houve tempo para pecar e gozar, tempo para escarnecer de Deus e das advertências de Sua santa Igreja, tempo para desafiar Sua majestade, para desobedecer a Seus mandamentos, para ludibriar seus semelhantes, para cometer pecado após pecado e pecado após pecado e ocultar sua corrupção da vista dos homens. Mas aquele tempo terminara. Agora era a vez de Deus; e Ele não estava ali para ser ludibriado ou enganado. Todo pecado sairia então de seu esconderijo, o mais rebelde à vontade divina e o mais degradante para nossa natureza corrupta, a mais ínfima imperfeição e a mais hedionda atrocidade. De que valia então ter sido um grande imperador, um grande general, um maravilhoso inventor, o mais culto dos cultos? Todos eram iguais diante do tribunal de Deus. Ele recompensaria os bons e puniria os maus. Um único instante era suficiente para o julgamento de uma alma humana. Um único instante depois da morte do corpo, e a alma já era pesada na balança. O julgamento individual terminava e a alma se dirigia para a morada da bem-aventurança ou para a prisão do purgatório ou era arremessada gritando no inferno.

E isso não era tudo. A justiça de Deus tinha ainda de ser justificada perante os homens: depois do individual restava ainda o julgamento geral. O último dia chegara. O dia do juízo final estava próximo. As estrelas do céu caíam sobre a terra como os figos lançados pela figueira que o vento sacudira. O sol, o grande luminar do universo, se tornara como um cilício de crina. A lua estava vermelho-sangue. O firmamento era como um rolo de pergaminho desenrolado. O arcanjo Miguel, o príncipe da hoste celeste, aparecia glorioso e terrível no céu. Com um pé no mar e um pé na terra ele soprava na trombeta arquiangelical a morte impudente do tempo. Os três sopros do anjo ocupavam todo o universo. O tempo é, o tempo era mas o tempo não será mais. Ao som do último sopro as almas da humanidade universal se aglomeram em direção ao vale de Josafá, ricos e pobres, nobres e humildes, sábios e tolos, bons e maus. A alma de todo ser humano que jamais existiu, as almas de todos aqueles que ainda estão por nascer, todos os filhos e filhas de Adão, estão todos reunidos naquele dia supremo. E vejam o juiz supremo se aproxima! Não mais o humilde Cordeiro de Deus, não mais o manso Jesus de Nazaré, não mais o Homem das Tribulações, não mais o Bom Pastor, Ele é visto agora caminhando sobre as nuvens, com grande poder e majestade, escoltado por nove coros de anjos, anjos e arcanjos, principados, divindades e virtudes, tronos e dominações, querubins e serafins. Deus Onipotente, Deus Eterno. Ele fala: e Sua voz é ouvida até mesmo nas fronteiras mais distantes do espaço, até no abismo insondável. Juiz supremo, de Sua sentença não haverá e não pode haver apelação alguma. Ele chama os justos para Seu lado, ordenando-lhes entrar no reino, a eternidade da bem-aventurança, preparada para eles. Os injustos Ele lança para longe d'Ele, clamando em Sua majestade ofendida: *Afastai-vos de mim, amaldiçoados, e ide para o fogo eterno que foi preparado para os demônios e seus anjos*. Oh que agonia então para os miseráveis pecadores! Amigo é arrancado de amigo, filhos são arrancados dos pais, maridos de suas mulheres. O pobre pecador estende os braços para aqueles que lhe eram caros neste mundo terreno, para aqueles de cuja piedade simples ele talvez tivesse zombado, para aqueles que o aconselharam e tentaram conduzi-lo para o caminho certo, para um bondoso irmão, para uma irmã amada, para a mãe e o pai que o amavam tanto. Mas é tarde demais; os justos se afastam das desgraçadas almas amaldiçoadas que agora aparecem diante dos olhos de todos com todo o seu caráter hediondo e maligno. Oh vocês, hipócritas, oh vocês sepulcros caiados, oh vocês que apresentam um rosto sorridente e suave para o mundo enquanto suas almas são por dentro pântanos imundos de pecado, o que vai acontecer com vocês nesse dia terrível?

E este dia virá, deve vir, precisa vir; o dia da morte e o dia do julgamento. É decretado ao homem morrer e depois da morte ser julgado. A morte é certa. A hora e a maneira são incertas, se de uma doença prolongada ou de algum acidente inesperado; o Filho de Deus vem quando menos se espera por Ele. Estejam portanto prontos a todo momento, visto que vocês podem morrer a qualquer momento. A morte é o fim de tudo. Morte e julgamento, trazidos ao mundo pelo pecado de nossos primeiros pais, são os portais sombrios que encerram nossa existência terrestre, portais que se abrem para o desconhecido e o

invisível, portais através dos quais toda alma tem de passar, sozinha, sem ajuda a não ser a de suas boas obras, sem amigo ou irmão ou pais ou mestre para ajudá-la, sozinha e trêmula. Que este pensamento esteja sempre presente em nossas mentes e então não poderemos pecar. A morte, causa de pavor para o pecador, é um momento abençoado para aquele que caminhou pelo caminho certo, cumprindo as obrigações próprias da posição que ocupa na vida, fazendo suas orações da manhã e da noite, aproximando-se freqüentemente do santo sacramento e praticando obras boas e generosas. Para o católico piedoso e crente, para o homem justo, a morte não é motivo de terror. Não foi Addison, o grande escritor inglês, que, em seu leito de morte, mandou chamar o jovem e cruel conde de Warwick para permitir-lhe ver como um cristão pode enfrentar seu fim? É ele e ele apenas, o cristão piedoso e crente, que pode dizer no íntimo de seu coração:

Oh túmulo, onde está tua vitória?

Oh morte, onde está o teu ferrão?

Todas aquelas palavras eram dirigidas a ele. Contra seu pecado, sórdido e secreto, era dirigida toda a cólera de Deus. A faca do pregador penetrara profundamente em sua consciência enferma e ele sentia agora que sua alma apodrecia no pecado. É, o pregador estava certo. A vez de Deus chegara. Como um animal na sua toca sua alma se deitara em sua própria imundície mas os sons da trombeta do anjo o haviam impellido da escuridão do pecado para a luz. As palavras de condenação gritadas pelo anjo despedaçaram num instante sua paz arrogante. O vento do último dia soprou através de sua mente; seus pecados, as prostitutas de olhos-como-jóias de sua imaginação, fugiam diante do furacão, chiando como camundongos em seu terror e se encolhiam sob uma cabeleira comprida e abundante.

Enquanto ele cruzava a praça, caminhando em direção à sua casa, o riso ligeiro de uma menina alcançou seus ouvidos ardentes. O frágil som alegre atingiu seu coração mais fortemente do que um toque de trombeta, e, sem ousar erguer os olhos, ele se desviou e, enquanto andava, lançou um olhar para a sombra dos arbustos entrelaçados. A vergonha brotou do seu coração castigado e inundou todo o seu ser. A imagem de Emma apareceu diante dele e, sob o seu olhar, a torrente de vergonha se precipitou novamente de seu coração. Se ela soubesse a que obscenidade a mente dele a havia submetido ou como seu desejo brutal dilacerara e esmagara sua inocência! Seria isso um amor de menino? Seria isso cavalheirismo? Seria isso poesia? Os pormenores sórdidos de suas orgias cheiravam mal sob suas próprias narinas; o pacote de fotografias coberto-de-fuligem que ele havia escondido no fumeiro da lareira e na presença de cuja licenciosidade desavergonhada ou tímida ele ficava horas pecando em pensamento e atos; seus sonhos monstruosos, povoados de criaturas simiescas e de meretrizes de olhos-como-jóias cintilantes; as longas cartas obscenas que ele havia escrito na alegria de uma confissão culpada e trazido secretamente consigo durante dias e dias apenas para jogá-las sob a proteção da noite no meio da grama no canto de um campo ou por baixo de uma porta sem dobradiça ou em algum nicho nas sebes onde uma menina pudesse dar com elas enquanto estivesse andando por ali e as lesse em segredo. Louco! Louco! Era possível que ele tivesse feito tudo isso? Um suor frio brotou em sua testa, à medida que as lembranças obscenas se condensavam em seu cérebro.

Quando a agonia da vergonha o abandonou ele tentou elevar sua alma acima de sua impotência abjeta. Deus e a Virgem Santíssima estavam longe demais dele: Deus era grande e severo demais e a Virgem Santíssima por demais pura e santa. Mas ele imaginava estar perto de Emma numa terra extensa e, humildemente e em lágrimas, inclinar-se e beijar o cotovelo de sua manga.

Na terra extensa sob um céu noturno e terno e lúcido, com uma nuvem deixando-se levar para oeste em meio a um firmamento de um verde pálido de oceano, eles estavam juntos, crianças que haviam cometido erros. O erro deles ofendera profundamente a majestade de Deus, embora fosse o erro de duas crianças, mas não ofendera aquela cuja beleza *não é como a beleza terrena, perigosa de se olhar, mas como a estrela da manhã que é o seu emblema, clara e musical*. Os olhos que ela voltava para ele não estavam ofendidos nem eram reprovadores. Ela juntou as mãos deles, os pôs de mãos dadas, e disse, dirigindo-se aos seus corações:

— Dêem-se as mãos, Stephen e Emma. A noite está bela agora no céu. Vocês erraram mas são sempre meus filhos. É um coração que ama outro coração. Dêem-se juntos as mãos, meus queridos filhos, e vocês serão felizes juntos e seus corações vão amar um ao outro.

A capela estava inundada por uma opaca luz escarlata que se infiltrava através das venezianas descidas; e através da fissura entre a última veneziana e o caixilho da janela uma seta de luz pálida entrou como uma lança e tocou os metais ornamentados dos candelabros dispostos sobre o altar que cintilava como a couraça de malha dos anjos usada-em-batalha.

Uma chuva caía sobre a capela, sobre o jardim, sobre o colégio. Ia chover, silenciosamente, para sempre. A água ia subir polegada por polegada, cobrindo a grama e os arbustos, cobrindo as árvores e as casas, cobrindo os monumentos e os topos das montanhas. Toda a vida seria, silenciosamente, sufocada: pássaros, homens, elefantes, porcos, crianças, cadáveres flutuando silenciosamente em meio ao lixo do naufrágio do mundo. Quarenta dias e quarenta noites a chuva ia cair até que as águas cobrissem a face da terra.

Era possível. Por que não?

— *O inferno ampliou sua alma e abriu sua boca sem quaisquer limites* — palavras tomadas, meus queridos irmãos em Cristo Jesus, do livro de Isaías, capítulo quinto, versículo quatorze. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

O pregador pegou um relógio sem corrente de um bolso de dentro de sua batina e tendo por um momento observado em silêncio seu mostrador colocou-o silenciosamente sobre a mesa à sua frente.

Começou então a falar em tom sereno.

— Adão e Eva, meus caros meninos, foram, como vocês sabem, nossos primeiros pais e vocês se lembrarão de que foram criados por Deus a fim de que os lugares no céu que vagaram com a queda de Lúcifer e de seus anjos rebeldes pudessem ser novamente preenchidos. Lúcifer, foi-nos dito, era um filho da manhã, um anjo radioso e poderoso; no entanto ele caiu; caiu e caiu com ele uma terça parte da hoste celeste; caiu e foi arremessado no inferno com seus anjos rebeldes. Qual foi o seu pecado não podemos dizer. Teólogos consideram que foi o pecado do orgulho, o pensamento pecaminoso concebido em um instante: *non serviam: não servirei*. Aquele instante foi sua ruína. Ele ofendeu a majestade de Deus pelo pensamento pecaminoso de um instante e Deus o lançou para fora do céu no inferno para todo o sempre.

“Adão e Eva foram então criados por Deus e colocados no Éden, na planície de Damasco, aquele adorável jardim resplendente de luz solar e de cor, fértil em vegetação luxuriante. A terra fecunda lhes deu seus dons: animais e pássaros eram seus dóceis servos; nossos pais desconheciam os males de que nossa carne é herdeira, doença e pobreza e morte; tudo o que um grande e generoso Deus podia fazer por eles foi feito. Mas havia uma condição imposta a eles por Deus: obediência à Sua palavra. Não deviam comer do fruto da árvore proibida.

“Ai deles! Meus queridos menininhos, eles também sucumbiram. O demônio, anteriormente um anjo resplandecente, um filho da manhã, agora um abominável espírito mau, veio sob a forma de uma serpente, o mais sutil de todos os animais do campo. Ele os invejava. Ele, o grande degradado, não podia suportar a idéia de que o homem, um ser de barro, pudesse usufruir a herança de que ele por seu pecado fora privado para sempre. Veio até a mulher, a nau mais fraca, e derramou o veneno de sua eloqüência em seus ouvidos, prometendo-lhe — Oh, a blasfêmia daquela promessa! — que se ela e Adão comessem do fruto proibido tornar-se-iam como deuses, mais ainda, como o próprio Deus. Eva cedeu à lábia do arquitentador. Comeu a maçã e a deu também a Adão que não teve a coragem moral de lhe resistir. A língua venenosa de Satã cumprira sua tarefa. Eles sucumbiram.

“E então a voz de Deus se fez ouvir naquele jardim, chamando Sua criatura-homem para lhe prestar contas; e Miguel, príncipe da hoste celeste, com uma espada de chama em sua mão apareceu diante dos dois culpados e os expulsou do Éden para o mundo, o mundo de doença e de luta, de crueldade e de desapontamento, de trabalho e de sofrimento, para ganharem seu pão com o suor de seus rostos. Mas mesmo assim como Deus foi generoso! Apiedou-se de nossos pobres pais degradados e prometeu que na plenitude dos tempos Ele lhes mandaria do céu Aquele que os redimiria, os tornaria mais uma vez filhos de Deus e herdeiros do reino do céu; e Aquele, aquele Redentor de homens degradados, devia ser o único-gerado Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, a Palavra Eterna.

“Ele veio. Nasceu de uma virgem pura, Maria, a mãe virgem. Nasceu num estábulo pobre na Judéia e viveu como um humilde carpinteiro durante trinta anos até chegar a hora de Sua missão. E então, cheio de amor pelos homens, Ele saiu e os chamou para que ouvissem o novo evangelho.

“E eles escutaram? Sim, eles escutaram mas não quiseram ouvir. Ele foi agarrado e preso como um criminoso comum, escarnecido como um tolo, posto de lado para ceder lugar a um ladrão comum, açoitado com cinco mil vergastadas, coroado com uma coroa de espinhos, empurrado através das ruas pela turba judia e a soldadesca romana, despojado de suas vestes e pregado numa cruz e Seu lado foi perfurado por uma lança e do corpo ferido de Nosso Senhor água e sangue escorreram continuamente.

“No entanto mesmo assim, naquela hora de suprema agonia, Nosso Misericordioso Redentor teve pena da humanidade. No entanto mesmo ali, no monte do Calvário, Ele fundou a santa Igreja católica contra a qual, foi-nos prometido, as portas do inferno não prevalecerão. Ele a fundou sobre a rocha dos séculos e a dotou com Sua graça, com sacramentos e sacrifícios, e prometeu que se os homens obedecessem à palavra de Sua Igreja eles ainda entrariam na vida eterna mas se, depois de tudo o que fora feito por eles, ainda persistissem no mal, restar-lhes-ia uma eternidade de tormento: o inferno.”

A voz do pregador baixou. Ele fez uma pausa, juntou as palmas por um instante, separou-as. Então resumiu:

— Agora tentemos por um momento nos darmos conta, tanto quanto possível, da natureza daquela morada dos amaldiçoados que a justiça de um Deus ofendido criou para castigo eterno dos pecadores. O inferno é uma prisão apertada e escura e fétida, uma morada de demônios e de almas perdidas, cheia de fogo e fumaça. O confinamento desse presídio é expressamente destinado por Deus a punir aqueles que se recusaram a se sujeitar às Suas leis. Nas prisões terrenas o pobre cativo tem ao menos alguma liberdade de movimento, seja ela apenas dentro das quatro paredes de sua cela ou no pátio sombrio da prisão. Não é assim no inferno. Ali, devido ao grande número de malditos, os prisioneiros são empilhados juntos

em sua prisão medonha, cujas paredes diz-se terem cerca de dois quilômetros de espessura: e os amaldiçoados são tão totalmente confinados e desamparados que, como um abençoado santo, santo Anselmo, escreve em seu livro sobre similitudes, eles não conseguem sequer retirar de dentro do olho um verme que o corrói.

“Eles se encontram em escuridão eterna. Pois, lembrem-se, o fogo do inferno não produz nenhuma luz. Como, por ordem de Deus, o fogo da fornalha da Babilônia perdeu seu calor mas não sua luz assim também, por ordem de Deus, o fogo do inferno, embora retendo a intensidade de seu calor, queima eternamente na escuridão. É uma interminável invasão de escuridão, chamas escuras e fumaça escura de enxofre ardente, em meio ao qual os corpos estão empilhados uns sobre os outros sem um vislumbre sequer de ar. De todas as pragas com as quais a terra dos faraós foi infligida, uma praga apenas, a da escuridão, foi considerada horrível. Que nome, então, daremos à escuridão do inferno que deve durar não por três dias apenas mas por toda a eternidade?

“O horror desta prisão apertada e escura é ampliado por seu horrível mau cheiro. Somos informados de que toda a imundície do mundo, toda a escória e lixo do mundo correrá para ali como para um vasto esgoto infecto quando a terrível conflagração do último dia tiver expurgado o mundo. O enxofre também que queima ali em quantidade tão prodigiosa enche todo o inferno com seu intolerável mau cheiro; e os corpos dos malditos eles mesmos exalam um odor tão pestilento que, como diz São Boaventura, um único deles seria suficiente para infectar o mundo inteiro. O próprio ar deste mundo, aquele elemento puro, torna-se fétido e irrespirável depois de ter estado confinado por muito tempo. Considerem então como deve ser a sordidez do ar do inferno. Imaginem algum cadáver fétido e putrefato que ficou apodrecendo e se decompondo no túmulo, uma massa geleada de decomposição líquida. Imaginem este cadáver sendo a presa de chamas, devorado pelo fogo de enxofre ardente e exalando densos gases sufocantes de uma putrefação asquerosa e repugnante. E então imaginem este mau cheiro nojento, multiplicado um milhão de vezes e novamente um milhão de vezes de milhões e milhões de carcaças fétidas amontoadas na escuridão infecta, um imenso fungo humano apodrecendo. Imaginem tudo isso e terão alguma idéia do horror que é o mau cheiro do inferno.

“Mas este mau cheiro, por mais horrível que seja, não é o maior tormento físico ao qual são submetidos os amaldiçoados. O tormento do fogo é o maior tormento ao qual o tirano tenha alguma vez sujeitado seus semelhantes. Coloque seu dedo por um momento na chama de uma vela e você sentirá a dor do fogo. Mas nosso fogo terrestre foi criado por Deus para benefício do homem, para manter nele a centelha de vida e para ajudá-lo nas artes mecânicas enquanto o fogo do inferno é de outra qualidade e foi criado por Deus para torturar e punir o pecador impenitente. Nosso fogo terrestre também consome mais ou menos rapidamente conforme o objeto que ataca seja mais ou menos combustível de modo que o engenho humano conseguiu até inventar preparados químicos para sustar ou frustrar sua ação. Mas o enxofre sulfúrico que queima no inferno é uma substância especialmente destinada a queimar com fúria indescritível por todo o sempre e por todo o sempre. Além do mais nosso fogo terrestre destrói ao mesmo tempo em que queima de modo que quanto mais intenso for mais curta a sua duração; mas o fogo do inferno tem esta propriedade, a de preservar aquilo que queima e embora devaste com incrível intensidade ele assola para sempre.

“De mais a mais nosso fogo terrestre, por mais violento e espalhado que seja, tem sempre uma extensão limitada: mas o lago de fogo no inferno é infinito, ilimitado e insondável. Tem-se notícia de que o próprio demônio, quando indagado por um certo soldado, viu-se obrigado a confessar que se uma montanha inteira fosse lançada no oceano ardente do inferno ela seria totalmente consumida num instante como um pedaço de cera. E este fogo terrível não vai atormentar os corpos dos amaldiçoados apenas externamente mas cada alma perdida será um inferno dentro de si mesma, o fogo infinito devastando seus órgãos vitais. Oh, como é terrível o destino desses seres desgraçados! O sangue ferve e entra em ebulição nas veias, os cérebros cozinham no crânio, o coração no peito se inflamando e explodindo, as entranhas uma massa incandescente de pasta escaldante, os olhos delicados flamejando como bolas derretidas.

“E no entanto o que disse quanto à força e à qualidade e à imensidade deste fogo não é nada se comparado com sua intensidade, uma intensidade que tem por ser o instrumento escolhido pelo desígnio divino para castigo tanto da alma quanto do corpo. É um fogo que provém diretamente da ira de Deus, funcionando não por atividade própria mas como um instrumento de vingança divina. Assim como as águas do batismo limpam a alma com o corpo, assim também o fogo do castigo tortura o espírito com a carne. Todos os sentidos da carne são torturados e todas as faculdades da alma com eles: os olhos com total escuridão impenetrável, o nariz com odores fétidos, os ouvidos com urros e berros e imprecações, o paladar com substância podre, adulteração escamosa, inominável imundície sufocante, o tato com agulhões e pontas de ferro incandescentes, com cruéis línguas de fogo. E através de vários tormentos dos sentidos a alma imortal é torturada eternamente em sua própria essência em meio a léguas e léguas de chamas incandescentes ateadas no abismo pela majestade ofendida do Deus Onipotente e atizadas por uma fúria eterna e cada vez mais crescente pelo sopro de cólera da Divindade.

“Considerem por último que o tormento desta prisão infernal é aumentado pela companhia dos próprios malditos. A companhia maligna na terra é tão nociva que até as plantas, como se por instinto, se retraem da companhia de absolutamente tudo que lhes seja fatal ou prejudicial. No inferno todas as leis são derrubadas: não há nenhum pensamento de família ou de

país, ou de laços, ou de relacionamentos. Os malditos berram e gritam uns com os outros, sua tortura e cólera intensificada pela presença de seres igualmente torturados e enfurecidos. Todo o sentido de humanidade é esquecido. Os urros dos pecadores sofrendores invadem os mais remotos recantos do abismo imenso. As bocas dos amaldiçoados estão cheias de blasfêmias contra Deus e de ódio por seus companheiros de sofrimento e de maldições contra aquelas almas que foram suas cúmplices no pecado. Em tempos idos era costume punir o parricida, o homem que tivesse erguido sua mão assassina contra o pai, lançando-o nas profundezas do mar num saco no qual eram colocados um galo, um macaco e uma serpente. A intenção daqueles legisladores que imaginaram este tipo de lei, que parece cruel em nosso tempo, era a de punir o criminoso por meio da companhia de animais odiosos e danosos. Mas o que é a fúria daqueles animais mudos comparada à fúria das imprecações que irrompem dos lábios ressecados e das gargantas doloridas dos malditos no inferno quando eles avistam entre seus companheiros de infortúnio aqueles que os ajudaram e os induziram a pecar, aqueles cujas palavras plantaram as primeiras sementes de pensamentos perversos e de vida perversa em suas mentes, aqueles cujas sugestões indecentes os levaram a pecar, aqueles cujos olhos os tentaram e os enfeitiçaram afastando-os do caminho da virtude. Eles se voltam contra esses cúmplices e os censuram e os amaldiçoam. Mas eles estão desamparados e desesperançados: é tarde demais para o arrependimento.

“Por último considerem o tormento assustador para aquelas almas amaldiçoadas, tanto as tentadoras quanto as tentadas, que é a companhia dos demônios. Esses demônios vão atormentar os amaldiçoados de duas maneiras, com sua presença e com suas recriminações. Não podemos ter idéia de quão horríveis são estes demônios. Santa Catarina de Siena certa vez viu um demônio e ela escreveu que preferia andar até o fim de sua vida sobre carvões em brasa, a olhar novamente por um único instante para um monstro tão assustador quanto aquele. Estes demônios, que antes foram anjos belos, tornaram-se tão hediondos e feios quanto antes tinham sido belos. Eles zombam e escarnecem das almas perdidas que arrastaram para a destruição. São eles, os demônios torpes, que são transformados no inferno nas vozes da consciência. Por que você pecou? Por que você deu ouvidos às tentações dos espíritos maus? Por que você se desviou de suas práticas piedosas e de suas boas obras? Por que você não evitou as ocasiões de pecar? Por que você não abandonou aquela má companhia? Por que você não desistiu daquele hábito libertino, daquele hábito impuro? Por que você não escutou os conselhos de seu confessor? Por que você, mesmo depois de ter sucumbido a primeira e a segunda ou a terceira ou a quarta ou a centésima vez, não se arrependeu de seus comportamentos perniciosos e se voltou para Deus que aguardava apenas o seu arrependimento para o absolver de seus pecados? Agora a hora do arrependimento se foi. O tempo é, o tempo era, mas o tempo não será mais! Houve tempo para pecar em segredo, para se comprazer naquela indolência e orgulho, para ansiar pelo ilícito, para ceder às incitações de sua natureza inferior, para viver como os animais do campo, e até pior do que os animais do campo pois eles, ao menos, são apenas seres irracionais e não dispõem da razão para guiá-los: o tempo era, mas o tempo não será mais. Deus lhe falou por meio de tantas vozes mas você não quis ouvir. Você não quis esmagar esse orgulho e raiva em seu coração, você não quis devolver aqueles bens mal adquiridos, você não quis obedecer aos preceitos de sua santa Igreja nem cumprir seus deveres religiosos, você não quis abandonar aqueles maus companheiros, você não quis evitar aquelas tentações perigosas. Esta é a linguagem daqueles atormentadores diabólicos, palavras de insulto e reprovação, de ódio e asco. De asco, sim! Pois até mesmo eles, os próprios demônios, quando pecaram, pecaram por meio do único pecado compatível com tão angélicas naturezas, uma rebelião do intelecto; e eles, até eles, demônios hediondos, têm que se recusar, revoltados e enojados, à contemplação desses pecados indescritíveis por meio dos quais o homem degradado ultraja e profana o templo do Espírito Santo, profana e corrompe a si mesmo.

“Oh, meus queridos irmãozinhos em Cristo, que nunca lhes caiba ouvir essa linguagem! Ouçam, possa esse nunca ser o nosso destino! No último dia do terrível ajuste de contas rogo ardentemente a Deus que nenhuma única alma daqueles que estão nesta capela hoje possa ser encontrada entre aqueles seres miseráveis aos quais o Grande Juiz ordenará que se afastem para sempre de Sua vista, que nenhum de nós possa jamais ouvir soar em seus ouvidos a frase aterradora de rejeição: *Afastai-vos de mim, vós amaldiçoados, e ide para o fogo eterno que foi preparado para o demônio e seus anjos!*”

Ele desceu pela nave lateral da capela, com suas pernas tremendo e seu couro cabeludo estremeando como se tivesse sido tocado por dedos espectrais. Subiu a escada e andou corredor adentro em cujas paredes estavam pendurados sobretudos e capas de chuva como malfeitores enforcados, acéfalos e gotejantes e informes. E a cada passo temia que já tivesse morrido, que sua alma tivesse sido arrancada do revestimento de seu corpo, que ele estivesse mergulhando de cabeça através do espaço.

Não conseguia se agarrar ao chão com seus pés e se sentou pesadamente na carteira, abrindo um de seus livros ao acaso e se absorvendo nele. Todas as palavras eram para ele! Era verdade. Deus era todo-poderoso. Deus podia chamá-lo agora, chamá-lo enquanto ele estivesse sentado em sua carteira, antes que tivesse tempo de ter consciência do chamado. Deus o chamara. Sim? O quê? Sim? Sua carne se contraiu quando sentiu a aproximação das línguas de fogo vorazes, ficou ressecada quando sentiu à sua volta o torvelinho do ar sufocante. Ele tinha morrido. Sim. Ele era julgado. Uma onda de fogo se arrastou através de seu corpo: a primeira. Novamente uma onda. Seu cérebro começou a se abrasar. Uma outra. Seu cérebro fervilhava

e borbulhava dentro da estalejante morada do crânio. Chamas irromperam de seu crânio como uma corola, gritando como vozes:

— Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!

Vozes falavam perto dele:

— No inferno.

— Creio que ele incutiu bem isso em você.

— Pode estar certo que sim. Ele nos pôs todos numa de terror.

— É isso que vocês querem: e muito disso mesmo para fazê-los trabalhar.

Debilmente ele se recostou para trás em sua carteira. Não tinha morrido. Deus ainda o havia poupado. Estava ainda no mundo familiar do colégio. O Sr. Tate e Vincent Heron estavam de pé junto à janela, conversando, pilheriando, olhando para a chuva ventosa do lado de fora, meneando a cabeça.

— Gostaria que o tempo clareasse. Tinha combinado dar uma volta de bicicleta com alguns colegas perto de Malahide. Mas as estradas devem estar com água pelos joelhos.

— Pode ser que o tempo clareie, senhor.

As vozes que conhecia tão bem, as palavras comuns, a quietude da sala de aula quando as vozes faziam uma pausa e o silêncio era preenchido pelo som do gado pastando suavemente enquanto os outros meninos mastigavam serenamente seus almoços, embalavam sua alma dolorida.

Ainda havia tempo. Oh Maria, refúgio dos pecadores, intercedei por ele! Oh Virgem Imaculada, salvai-o do abismo da morte!

A lição de inglês começou com o interrogatório sobre história. Personagens reais, favoritos, conspiradores, bispos passaram como espectros mudos por trás do véu dos nomes. Todos haviam morrido: todos haviam sido julgados. De que adiantava a um homem conquistar o mundo inteiro se perdesse sua alma? Finalmente ele compreendera; e a vida humana jazia à sua volta, uma planície de paz na qual formigas humanas trabalhavam em confraternidade, seus mortos dormindo ao pé de colinas pacatas. O cotovelo de seu companheiro o tocou e seu coração se comoveu; e quando ele falou para responder a uma pergunta do mestre ouviu sua própria voz repleta da quietude da humildade e da contrição.

Sua alma se enterrava de volta mais fundo nas profundezas da paz contrita, incapaz de sofrer por mais tempo a dor do pavor, e proferindo uma tímida oração, enquanto afundava. Ah sim, ele ainda seria poupado, ele se arrependeria em seu coração e seria perdoado; e então aqueles lá em cima, aqueles no céu, veriam o que ele faria para ressarcir o passado: uma vida inteira, cada hora da vida. Esperem só.

— Tudo, meu Deus! Tudo, tudo!

Um mensageiro veio até a porta para dizer que as confissões estavam sendo ouvidas na capela. Quatro meninos saíram da sala; e ele ouviu outros passando pelo corredor. Uma friagem temerosa soprou em volta de seu coração, não mais forte do que um vento brando, e contudo, escutando e sofrendo em silêncio, ele parecia ter encostado o ouvido de encontro ao músculo de seu próprio coração, sentindo-o próximo e intimidado, escutando a palpitação de seus ventrículos.

Nenhuma escapatória. Ele tinha que se confessar, falar claramente com palavras o que fizera e pensara, pecado por pecado. Como? Como?

— Padre, eu...

O pensamento deslizava como um florete frio e reluzente por sua tenra carne: confissão. Mas não ali na capela do colégio. Ia confessar tudo, sinceramente, cada pecado por pensamento e ato: mas não ali entre os companheiros de colégio. Bem longe dali em algum lugar escuro ele ia sussurrar sua própria vergonha; e rogava a Deus humildemente que não ficasse ofendido com ele por não ousar se confessar na capela do colégio; e em total aviltamento de espírito implorava silenciosamente o perdão dos corações infantis que o cercavam.

O tempo passava.

Estava novamente sentado no banco da frente da capela. A luz do dia lá fora já estava se extinguindo e, enquanto tombava lentamente através das venezianas de um vermelho-fosco, parecia que o sol do último dia estava descendo e que todas as almas estavam sendo reunidas para o julgamento.

— *Sou lançado para longe da vista de Teus olhos!* Palavras tomadas, meus queridos irmãozinhos em Cristo, do Livro dos Salmos, capítulo trigésimo, versículo vigésimo terceiro. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

O pregador começou a falar num tom de voz amigável e sereno. Seu rosto era bondoso e ele juntava gentilmente os dedos de cada mão, formando com a união das suas pontas uma gaiola frágil.

— Esta manhã nós nos esforçamos, por meio de nossa reflexão sobre o inferno, em fazer o que o nosso fundador chama em seu livro de exercícios espirituais, de composição de lugar. Esforçamo-nos em imaginar com os sentidos da mente, em nossa imaginação, o caráter material daquele lugar hediondo e das torturas físicas que todos aqueles que estão no inferno têm que suportar. Esta noite vamos considerar por alguns momentos a natureza das torturas espirituais do inferno.

“O pecado, lembrem-se, é uma dupla atrocidade. É um consentimento desprezível das incitações de nossa natureza corrupta aos instintos mais aviltantes, àquilo que é obsceno e animalesco; e é também um desvio do desígnio de nossa natureza superior, de tudo aquilo que é puro e santo, do próprio Espírito Santo. Por esta razão o pecado mortal é punido no inferno por meio de duas formas diferentes de punição, a física e a espiritual.

“Agora de todos estes sofrimentos espirituais o maior de todos é de longe a dor da perda, tão grande, de fato, que é em si mesma um tormento maior do que todos os outros. Santo Tomás, o maior doutor da Igreja, o doutor angélico, como é chamado, diz que a pior maldição consiste no fato de que a compreensão do homem fica totalmente destituída de luz divina e sua afeição obstinadamente desviada da bondade de Deus. Deus, lembrem-se, é um ser infinitamente bom e por conseguinte a perda de um ser dessa natureza deve ser uma perda infinitamente dolorosa. Nesta vida não temos uma idéia muito nítida do que uma perda desta natureza possa ser mas os malditos no inferno, para seu maior tormento, têm um discernimento total daquilo que perderam e compreendem que o perderam por seus próprios pecados e que o perderam para sempre. No momento exato da morte os vínculos com a carne são despedaçados e a alma voa imediatamente para Deus. A alma tende para Deus como para o centro de sua existência. Lembrem-se, meus queridos menininhos, nossas almas anseiam por estar com Deus. Nós viemos de Deus, nós vivemos por Deus, nós pertencemos a Deus: somos d’Ele, inalienavelmente d’Ele. Deus ama com amor divino cada alma humana e toda alma humana vive nesse amor. Como poderia ser de outra forma? Todo sopro que inspiramos, todo pensamento de nosso cérebro, todo instante de vida procede da bondade inesgotável de Deus. E se é penoso para uma mãe ser separada de seu filho, para um homem ser exilado da família e do lar, para um amigo ser afastado do amigo, oh imaginem então que sofrimento, que angústia, deve ser para a pobre alma ser privada da presença do Criador supremamente amoroso e bom o Qual do nada deu existência àquela alma e a manteve na vida e a amou com um amor incomensurável. O fato, então, de ser separado para sempre de seu maior bem, de Deus, e de sentir a angústia dessa separação, sabendo muito bem que é imutável, esse é o maior tormento que a alma criada é capaz de suportar, *pæna damni*, a dor da perda.

“O segundo sofrimento que afligirá as almas dos malditos no inferno é a dor de consciência. Assim como nos corpos mortos são engendrados vermes pela putrefação também nas almas dos perdidos brota um remorso eterno da putrefação do pecado, o ferrão da consciência, o verme, como o Papa Inocêncio III o chama, de triplo ferrão. A primeira ferroadada infligida por este verme cruel será a lembrança de prazeres passados. Oh como esta lembrança vai ser pavorosa! No lago da chama totalmente sôfrega o orgulhoso rei recordará as pompas da corte, o homem sábio mas mau de suas bibliotecas e instrumentos de pesquisa, o amante de prazeres artísticos de seus mármore e quadros e outros tesouros artísticos, aquele que se deliciava com os prazeres da mesa de suas festas suntuosas, de seus pratos preparados com tanto requinte, de seus vinhos preferidos; o avarento se lembrará de seu tesouro de ouro, o ladrão de sua riqueza mal adquirida, os assassinos coléricos e vingativos e impiedosos de seus atos sangrentos e da violência com que se regozijaram, os impuros e adúlteros dos prazeres sórdidos e indescritíveis com que se deleitaram. Eles se lembrarão de tudo isso e se odiarão e a seus pecados. Pois como parecerão miseráveis todos esses prazeres à alma condenada a sofrer no fogo do inferno durante séculos e séculos. Como vão vociferar e se enfurecer ao pensar que perderam a bem-aventurança do céu pela escória da terra, por algumas peças de metal, por honrarias vãs, por confortos físicos, por um espicaçamento dos nervos. Vão certamente se arrepender: e esta é a segunda ferroadada do verme da consciência, um pesar tardio e infrutífero pelos pecados cometidos. A justiça divina insiste em que a compreensão daqueles miseráveis desgraçados seja concentrada continuamente nos pecados de que eram culpados e além do mais, como assinala santo Agostinho, que Deus comunicará a eles Seu próprio conhecimento do pecado de modo que o pecado se manifestará a eles em toda a sua malignidade hedionda como ele aparece aos olhos do próprio Deus. Vão contemplar seus pecados em toda a sua sordidez e vão se arrepender mas será tarde demais e então vão lamentar as ocasiões propícias que negligenciaram. Essa é a última e a mais profunda e a mais cruel ferroadada do verme da consciência. A consciência dirá: você teve tempo e oportunidade de se arrepender e não quis. Você foi educado religiosamente por seus pais. Você teve o ministro de Deus para pregar para você, para o chamar de volta quando você se desgarrara, para perdoar os seus pecados, não importa quantos, quão abomináveis fossem, se você tivesse ao menos se confessado, e se arrependido. Não. Você não quis. Você zombou dos ministros da santa religião, você deu as costas ao confessor, chafurdou cada vez mais profundamente no lamaçal do pecado. Deus apelou para você, ameaçou, suplicou que você retornasse a Ele. Oh que vergonha, que desgraça! O Rei do universo rogou a você, a uma criatura de barro, que amasse Aquele Que o fez e que respeitasse a Sua lei. Não. Você não quis. E agora, embora você inunde todo o inferno com suas lágrimas se ainda puder chorar, todo esse oceano de arrependimento não obterá para você o que uma única lágrima de verdadeiro arrependimento derramada durante sua vida mortal teria obtido. Você implora agora um momento de vida terrena para se arrepender; em vão. Aquele tempo se foi; se foi para sempre.

“Esta é a tripla ferroadada da consciência, a víbora que corrói o próprio âmago do coração dos desgraçados no inferno de modo que cheios de uma fúria diabólica eles se amaldiçoam por sua loucura e amaldiçoam os companheiros perniciosos que os trouxeram para aquela perdição e amaldiçoam os demônios que os tentaram em vida e agora zombam deles e os torturam na eternidade e até insultam e amaldiçoam o Ser Supremo Cujas bondade e paciência eles escarneciam e

menosprezavam mas de Cuja justiça e de Cujo poder eles não podem escapar.

“O próximo sofrimento espiritual ao qual os amaldiçoados são sujeitos é o sofrimento de extensão. O homem, em sua vida terrestre, embora seja capaz de muitas perversidades, não é capaz de cometê-las todas juntas, visto que um mal corrige e neutraliza um outro exatamente como um veneno freqüentemente corrige um outro. No inferno, ao contrário, um tormento, em vez de neutralizar um outro, empresta-lhe ainda uma força maior; além do mais como as faculdades internas são mais perfeitas do que os sentidos externos, são igualmente mais capazes de sofrer. Assim como todo sentido é atormentado por uma tortura adequada o mesmo ocorre com toda faculdade espiritual; a imaginação com imagens horríveis, a faculdade sensorial com a alternância de anseio e ódio, o espírito e a compreensão com uma escuridão interior mais terrível até do que a escuridão exterior que reina naquela prisão pavorosa. Embora seja impotente, a malignidade que é possuidora dessas almas demoníacas é um mal de extensão infinita, de duração ilimitada, um estado assustador de maldade do qual nós mal podemos nos dar conta a menos que tenhamos em mente a enormidade do pecado e o ódio que Deus nutre por ele.

“Oposto a este sofrimento de extensão e contudo coexistente com ele temos o sofrimento de intensidade. O inferno é o centro das maldades e, como vocês sabem, as coisas são mais intensas em seus centros do que em seus pontos mais remotos. Não há opostos ou misturas de qualquer espécie para moderar ou suavizar o mínimo possível os sofrimentos do inferno. Mais ainda, coisas que são boas em si mesmas tornam-se perniciosas no inferno. A companhia, uma fonte de conforto para os atormentados em qualquer outro lugar, será ali uma tortura constante; o conhecimento, tão almejado como o principal bem do intelecto, será ali mais odiado do que a ignorância; a luz, tão cobiçada por todas as crianças do senhor da criação até pela mais humilde das plantas da floresta, será intensamente abominada. Nesta vida nossas tribulações não são nem muito demoradas nem muito grandes porque a natureza ou as sobrepuja por meio de hábitos ou acaba com elas afundando-as sob o seu peso Mas no inferno os tormentos não podem ser superados pelo hábito. Pois embora sejam de terrível intensidade são ao mesmo tempo de constante variedade, cada sofrimento, por assim dizer, se incendiando ao contato com outro e dotando novamente aquele que o inflamou de uma chama ainda mais ardente. Nem pode a natureza escapar destas várias torturas intensas sucumbindo a elas pois a alma é sustentada e mantida na maldade de modo que seu padecimento possa ser maior. Extensão ilimitada de tormento, intensidade inacreditável de padecimento, variedade incessante de tortura — isso é o que a majestade divina, tão ultrajada por pecadores, exige, isso é o que a santidade do céu, menosprezada e posta de lado em proveito do gozo e dos prazeres vis da carne corrupta, requer, isso é aquilo em que insiste o sangue do Cordeiro inocente de Deus, derramado para a redenção dos pecadores, espezinado pelo mais vil dos vis.

“A última e a tortura que coroa todas as torturas daquele lugar abominável é a eternidade do inferno. Eternidade! Oh, que pavor e que palavra terrível! Eternidade! Que mente humana pode entendê-la? E, lembrem-se, trata-se de uma eternidade de sofrimento. Ainda que as penas do inferno não fossem tão terríveis quanto o são tornar-se-iam contudo infinitas porque são destinadas a durar para sempre. Mas porquanto sejam eternas, elas são ao mesmo tempo, como vocês sabem, intoleravelmente intensas, insuportavelmente extensas. Suportar mesmo uma ferroadada de um inseto por toda a eternidade seria um tormento pavoroso. O que deve ser, então, suportar as múltiplas torturas do inferno para sempre? Para sempre! Por toda a eternidade! Não por um ano ou por um século mas para sempre. Tentem imaginar o significado horrível disso. Vocês têm visto freqüentemente a areia da praia. Como são belos seus grãos minúsculos! E quantos desses grãos minúsculos são usados para formar um pequeno punhado que uma criança pega em sua brincadeira. Agora imaginem uma montanha dessa areia, com um milhão de quilômetros de altura, se elevando da terra até os céus mais distantes, e com um milhão de quilômetros de largura, se estendendo até o espaço mais remoto, e com um milhão de quilômetros de espessura; e imaginem essa enorme massa de partículas incontáveis de areia multiplicada tantas vezes quantas são as folhas na floresta, as gotas de água no poderoso oceano, as penas nos pássaros, as escamas nos peixes, os pêlos nos animais, os átomos na vasta extensão do ar; e imaginem que no fim de cada milhão de anos um passarinho viesse àquela montanha e carregasse para longe em seu bico um grão minúsculo daquela areia. Quantos milhões de milhões de séculos passariam antes que aquele pássaro tivesse carregado para longe um metro quadrado sequer daquela montanha, quantas eras e mais eras de séculos antes que ele tivesse carregado toda ela para fora. Porém no fim desse imenso período de tempo nem um instante sequer de eternidade poder-se-ia dizer que tivesse terminado. No fim de todos aqueles bilhões e trilhões de anos a eternidade mal teria começado. E se aquela montanha se erguesse novamente depois de ter sido toda carregada para fora e se o pássaro viesse novamente e carregasse tudo para fora de novo grão por grão e se ela se soerguesse e afundasse tantas vezes quantas são as estrelas no céu, os átomos no ar, as gotas de água no mar, as folhas nas árvores, as penas nos pássaros, as escamas nos peixes, os pêlos nos animais, no fim de todos esses inúmeros erguimentos e afundamentos dessa montanha incomensuravelmente vasta nem um único instante de eternidade poder-se-ia dizer que tivesse sido esgotado; mesmo então, no fim desse período, depois dessa era de tempos cuja simples idéia faz nosso cérebro cambaleiar vertiginosamente, a eternidade mal teria começado.

“Certa vez foi concedida a um venerável santo (um de nossos próprios padres, creio) uma visão do inferno. Parecia-lhe estar no meio de um grande salão, escuro e silencioso a não ser pelo tique-taque de um relógio grande. O tique-taque prosseguia incessantemente; parecia a este santo que o som do tique-taque era a repetição incessante das palavras: sem-pre,

nun-ca; sem-pre, nun-ca. Sem-pre estar no inferno, nun-ca estar no céu; sem-pre ser excluído da presença de Deus, nun-ca desfrutar da visão beatífica; sem-pre ser devorado pelas chamas, corroído pela peste, espicaçado por pontas de ferro ardentes, nun-ca estar livre desses sofrimentos; sem-pre ter a consciência censurada, a memória enfurecida, a mente repleta de trevas e desespero, nun-ca escapar; sem-pre amaldiçoar e insultar os demônios hediondos que exultam diabolicamente com a desgraça das vítimas por eles enganadas, nun-ca contemplar o vestuário reluzente dos espíritos benditos; sem-pre clamar a Deus do abismo de fogo por um instante, por um único instante, de trégua para tão tremenda agonia, nun-ca receber, por um instante sequer, o perdão de Deus; sem-pre sofrer, nun-ca se deleitar; sem-pre ser amaldiçoado, nun-ca ser salvo; sem-pre, nun-ca; sem-pre, nun-ca. Oh que castigo medonho! Uma eternidade de angústia infundável, de tormento físico e espiritual infundável, sem um raio de esperança, sem um momento de interrupção, de angústia ilimitada em extensão, ilimitada em intensidade, de tormento infinitamente duradouro, infinitamente variado, de tortura que sustenta eternamente aquilo que devora eternamente, de ansiedade que como uma ave de rapina ataca eternamente o espírito enquanto dilacera a carne, uma eternidade, da qual cada instante é ele próprio uma eternidade, e essa eternidade, uma eternidade de infortúnio. Essa é a punição terrível decretada para aqueles que morrem em pecado mortal por um Deus todo-poderoso e justo.

“Sim, um Deus justo! Os homens, sempre raciocinando como homens, ficam assombrados que Deus imponha uma punição eterna e infinita no fogo do inferno por um único pecado grave. Raciocinam assim porque, cegos pela ilusão gritante da carne e pelas trevas da compreensão humana, são incapazes de compreender a malignidade hedionda do pecado mortal! Raciocinam assim porque são incapazes de compreender que mesmo um pecado venial é de natureza tão pernicioso e hediondo que mesmo que o Criador onipotente pudesse pôr um fim a todo o mal e desgraça deste mundo, às guerras, às doenças, aos roubos, aos crimes, às mortes, aos assassinatos, com a condição de que Ele permitisse que um único pecado venial passasse impune, um único pecado venial, uma mentira, um olhar irado, um momento de indolência propositada, Ele, o grande Deus onipotente, não poderia agir assim porque o pecado, seja ele em pensamento ou ação, é uma transgressão à Sua lei e Deus não seria Deus se Ele não punisse o transgressor.

“Um pecado, um instante de orgulho rebelde do intelecto, fez Lúcifer e uma terça parte das cortes angélicas tombarem de sua magnificência. Um pecado, um instante de loucura e de fraqueza, expulsou Adão e Eva do Paraíso e trouxe morte e sofrimento para o mundo. Para reparar as conseqüências desse pecado o Único Filho Gerado de Deus desceu à terra, viveu e sofreu e morreu de uma morte muito dolorosa, pendurado durante três horas numa cruz.

“Oh, meus queridos irmãozinhos em Cristo Jesus, ofenderemos então esse bom Redentor e provocaremos Sua cólera? Será que vamos novamente esmagar esse cadáver despedaçado e desfigurado? Será que vamos cuspir nessa face tão cheia de mágoa e de amor? Será que nós também, como os judeus cruéis e os soldados brutais, vamos zombar daquele Salvador gentil e compassivo Que por nossa causa calçou sozinho com os pés a terrível prensa da amargura? Toda palavra pecaminosa é uma ferida a mais em Seu lado delicado. Todo ato pecaminoso é um espinho perfurando Sua cabeça. Todo pensamento impuro, deliberadamente consentido, é uma lança penetrante transpassando aquele coração amoroso e sagrado. Não, não. É impossível que qualquer ser humano faça aquilo que ofende tão profundamente a majestade divina, aquilo que é punido com uma eternidade de agonia, aquilo que crucifica novamente o Filho de Deus e faz d’Ele um escárnio.

“Rogo a Deus que minhas modestas palavras possam ter contribuído para confirmar na santidade aqueles que estão em estado de graça, para fortalecer os indecisos, trazer de volta ao estado de graça a pobre alma que se tenha extraviado se algum destes se encontrar entre vocês. Rogo a Deus, e roguem vocês comigo, que possamos nos arrepender de nossos pecados. Vou agora pedir-lhes, a todos, que repitam depois de mim o ato de contrição, ajoelhando-se aqui na presença de Deus nesta humilde capela. Ele está ali no tabernáculo ardendo de amor pela humanidade, pronto para confortar os aflitos. Não tenham medo. Por muitos ou por mais obscenos que sejam os pecados, se ao menos vocês se arrependerem eles serão perdoados. Que nenhuma vergonha humana os detenha. Deus é ainda o Senhor misericordioso Que não deseja a morte eterna do pecador mas ao contrário que ele se converta e viva.

“Ele os chama para Ele. Vocês são d’Ele. Ele os fez do nada. Ele os amou como somente Deus pode amar. Seus braços estão abertos para recebê-los embora vocês tenham pecado contra Ele. Venham para Ele, pobres pecadores, pobres pecadores culpados e vãos. Agora é o momento aceitável. Agora é a hora.”

O padre se ergueu e, voltando-se para o altar, ajoelhou-se no degrau diante do tabernáculo na escuridão que se abatera. Esperou até que toda a capela se tivesse ajoelhado e que todo o menor barulho tivesse cessado. Então, erguendo a cabeça, repetiu com fervor o ato de contrição, frase por frase. Os meninos lhe responderam, frase por frase. Com a língua grudada no céu da boca, Stephen reclinou a cabeça, rezando com todo o coração.

— *Oh, meu Deus!* —

— *Oh, meu Deus!* —

— *estou sinceramente arrependido* —

— *estou sinceramente arrependido* —

— *de Vos ter ofendido* —
— *de Vos ter ofendido* —
— *e eu detesto meus pecados* —
— *e eu detesto meus pecados* —
— *acima de todo outro mal* —
— *acima de todo outro mal* —
— *porque eles Vos desagradam, meu Deus* —
— *porque eles Vos desagradam, meu Deus* —
— *Que sois tão merecedor* —
— *Que sois tão merecedor* —
— *de todo o meu amor* —
— *de todo o meu amor* —
— *e eu proponho firmemente* —
— *e eu proponho firmemente* —
— *por Vossa santa graça* —
— *por Vossa santa graça* —
— *nunca mais Vos ofender* —
— *nunca mais Vos ofender* —
— *e emendar a minha vida* —
— *e emendar a minha vida* —

Subiu para o quarto depois do jantar a fim de ficar só com sua alma: e a cada passo sua alma parecia suspirar; a cada passo sua alma escalava com seus pés, suspirando na ascensão, através de uma região de melancolia pegajosa.

Ele se deteve no patamar diante da porta e então, agarrando a maçaneta de porcelana, abriu-a rapidamente. Esperou com medo, sua alma definhando por dentro, rezando silenciosamente para que a morte não tocasse sua testa enquanto ele passasse pela soleira, para que aos espíritos maus que habitam a escuridão não fosse dado poder sobre ele. Esperou calado na soleira como à entrada de uma caverna escura. Rostos estavam ali; olhos: eles esperavam e observavam.

— Sabíamos perfeitamente bem naturalmente que embora estivesse destinado a vir à luz ele teria enorme dificuldade em se esforçar por tentar induzi-lo a tentar se esforçar em descobrir o mensageiro espiritual extraordinário e assim sabíamos naturalmente perfeitamente bem —

Faces murmurantes aguardavam e observavam; vozes sussurrantes enchiam a concha escura da caverna. Ele temia intensamente no espírito e na carne mas, erguendo a cabeça bravamente, entrou firmemente no quarto com passos largos. Um vão de porta, um quarto, o mesmo quarto, a mesma janela. Disse a si mesmo calmamente que aquelas palavras que tinham parecido se elevar murmurantes da escuridão não tinham absolutamente sentido algum. Disse a si mesmo que era apenas seu quarto com a porta aberta.

Fechou a porta e, andando rapidamente para a cama, ajoelhou-se ao seu lado e cobriu o rosto com as mãos. Suas mãos estavam frias e úmidas e seus membros doíam de frio. Inquietação física e frio e cansaço extremo o assediavam, desbaratando seus pensamentos. Por que estava ajoelhado ali como uma criança rezando suas orações da noite? Estar só com sua alma, examinar sua consciência, enfrentar seus pecados cara a cara, recordar as vezes e maneiras e circunstâncias, chorar sobre eles. Não conseguia chorar. Não conseguia intimá-los à sua memória. Sentia apenas uma dor de alma e de corpo, todo o seu ser, memória, vontade, compreensão, carne, entorpecidos e exaustos.

Isso era obra dos demônios, dispersar seus pensamentos e toldar sua consciência, assaltando-o nos portais da carne covarde e corrompida-pelo-pecado; e, rogando timidamente a Deus que o perdoasse por sua fraqueza, ele rastejou para cima da cama e, enrolando firmemente as cobertas em volta do corpo, cobriu o rosto novamente com as mãos. Ele pecara. Pecara tão profundamente contra o céu e contra Deus que não era digno de ser chamado filho de Deus.

Era possível que ele, Stephen Dedalus, tivesse feito aquelas coisas? Sua consciência suspirava em resposta. Sim, ele as fizera, secretamente, sordidamente, seguidamente, e, endurecido por uma impenitência pecaminosa, ousara usar a máscara de santidade diante do próprio tabernáculo enquanto sua alma era lá dentro uma massa viva de corrupção. Como era possível que Deus não o tivesse fulminado? A companhia contagiosa de seus pecados se cerrava à sua volta, respirando sobre ele, se inclinando sobre ele de todos os lados. Esforçou-se em esquecê-los por meio de uma oração, encolhendo as pernas bem juntas e cerrando as pálpebras; mas os sentidos de sua alma não queriam ser cerceados e, embora seus olhos estivessem firmemente fechados, ele via os lugares em que pecara e, embora seus ouvidos estivessem rigorosamente tapados, ele ouvia. Desejava de todo o coração não ouvir nem ver. Desejava-o a ponto de seu corpo tremer sob o esforço violento de seu desejo e a ponto de

se fecharem os sentidos de sua alma. Eles se fechavam por um instante e então se abriam. Ele via.

Um campo de cardos e densas ervas daninhas e de arbustos de urtiga agrupados em moitas. Numerosos entre as moitas de vegetação densa e cerrada jaziam latas amassadas e torrões de terra e espirais de excremento sólido. Uma fraca luz de pântano se esforçava por se elevar daquela imundície através das eriçadas ervas daninhas cinza-esverdeadas. Um mau cheiro, fraco e viciado como a luz, subia morosamente em espiral das latas e do esterco incrustado e deteriorado.

Havia criaturas no campo: uma, três, seis; criaturas se moviam no campo, daqui para ali. Criaturas libidinosas, de chifres, com rostos humanos, com barbas ralas e cinzentas como borracha. A malícia da maldade cintilava em seus olhos duros, enquanto elas se moviam daqui para ali, arrastando suas longas caudas atrás de si. Um ricto de cruel malignidade iluminava com uma tonalidade cinzenta seus velhos rostos ossudos. Uma delas apertava em volta das costelas um colete de flanela rasgado, uma outra se queixava monotonamente quando sua barba se enfiava nos tufos de ervas daninhas. Uma linguagem suave brotava de seus lábios sem saliva enquanto elas chicoteavam em círculos lentos girando e girando em volta do campo, serpenteando aqui e ali através das ervas daninhas, arrastando suas longas caudas entre as latas chocalhantes. Moviam-se em círculos lentos, rodando cada vez mais perto para cercar, cercar, uma linguagem suave brotando de seus lábios, suas longas caudas chicoteantes lambuzadas de excremento rançoso, projetando para cima seus rostos terrificantes...

Socorro!

Ele atirou furiosamente as cobertas para longe de si a fim de libertar seu rosto e seu pescoço. Aquele era o seu inferno. Deus tinha permitido que ele visse o inferno reservado para os seus pecados: fétido, bestial, maléfico, um inferno de espíritos maus, devassos e libidinosos. Para ele! Para ele!

Saltou da cama, o odor fétido entrando aos borbotões em sua garganta, obstruindo e embrulhando suas entranhas. Ar! O ar do céu! Tropeçou até a janela, gemendo e quase desmaiando de enjôo. Na pia uma convulsão se apoderou dele por dentro; e angustiado, apertando freneticamente a testa fria, vomitou copiosamente.

Quando a crise se esgotou por si mesma caminhou debilmente para a janela de guilhotina e, levantando-a, sentou-se num canto do seu vão e encostou o cotovelo no peitoral. A chuva se fora; e em meio aos vapores em movimento de um ponto de luz ao outro a cidade tecia à sua volta um casulo macio de cerração amarelada. O céu estava sereno e fracamente luminoso e o ar agradável de respirar, como em uma moita alagada de aguaceiros; e em meio à paz e às luzes bruxuleantes e à fragrância sóbria ele fez um pacto com seu coração.

Rezou:

— *Certa vez Ele tencionou vir à terra em Sua glória celestial mas nós pecamos: e então Ele não nos pôde visitar com segurança mas com uma majestade amortalhada e um esplendor obscurecido pois Ele era Deus. Assim Ele veio Ele próprio na fraqueza não no poder e Ele te enviou, uma criatura em Seu lugar, com uma beleza de ser humano e um brilho adequado ao nosso estado. E agora teu próprio rosto e forma, querida mãe, nos falam do Eterno, não como beleza terrestre, perigosa de se olhar, mas como a estrela da manhã que é teu emblema, claro e musical, exalando pureza, falando sobre o céu e infundindo paz. Oh arauto do dia! Oh luz do peregrino! Continua a nos conduzir como nos tens conduzido. Na noite escura, através do deserto árido guia-nos até o Senhor Jesus, guia-nos até o nosso lar.*

Seus olhos estavam embaciados de lágrimas e, erguendo-os humildemente para o céu, ele chorou pela inocência que perdera.

Depois que a noite tombou ele saiu de casa e o primeiro contato com o ar úmido e escuro e o barulho da porta quando se fechou atrás dele fizeram sua consciência doer novamente, embalada por oração e lágrimas. Confessar! Confessar! Não era suficiente embalar sua consciência com uma oração e uma lágrima. Tinha que se ajoelhar diante do ministro do Espírito Santo e lhe falar verdadeiramente e com arrependimento sobre seus pecados ocultos. Antes que ouvisse novamente o capacho da porta da casa arrastar-se na soleira quando ela se abriu para deixá-lo passar, antes que visse de novo a mesa da cozinha posta para o jantar ele se teria ajoelhado e confessado. Era bem simples.

A dor de consciência cessou e ele avançou rapidamente através das ruas escuras. Havia tantas lajes na calçada daquela rua e tantas ruas naquela cidade e tantas cidades no mundo. No entanto a eternidade não tinha fim. Ele estava em estado de pecado mortal. Mesmo que fosse uma vez era um pecado mortal. Podia acontecer a qualquer momento. Mas como tão rápido? Vendo ou pensando ver. Os olhos vêem a coisa, sem primeiramente terem desejado ver. E então num instante acontece. Mas aquela parte do corpo entende ou o quê? A serpente, o animal mais sutil do campo. Ela deve compreender quando num instante deseja e então prolonga seu próprio desejo instante após instante, pecaminosamente. Ela sente e compreende e deseja. Que coisa horrível! Quem a fez ser assim, uma parte bestial do corpo capaz de compreender bestialmente e de desejar bestialmente? Era aquilo então ele ou uma coisa inumana movida por uma alma mais indigna do que a sua alma? Sua alma sentia náusea à idéia de uma vida tortuosa e torpe se alimentando da medula tenra de sua vida e engordando com o lodo da luxúria. Oh por que era assim? Por quê?

Ele se encolhia à sombra do pensamento, rebaixando-se em sua reverência a Deus Que fizera todas as coisas e todos os homens. Loucura. Quem podia ter um pensamento desses? E, se encolhendo na escuridão e se sentindo abjeto, rogou silenciosamente a seu anjo da guarda que afastasse com sua espada o demônio que sussurrava em seu cérebro.

O sussurro cessou e ele soube então claramente que sua própria alma havia pecado propositadamente em pensamento e palavras e obras através de seu próprio corpo. Confessar! Ele tinha que confessar todos os pecados. Como poderia dizer ao padre com palavras o que fizera? Precisar, precisar. Ou como poderia explicar sem morrer de vergonha? Ou como podia ter feito aquelas coisas sem sentir vergonha? Que louco, que louco asqueroso! Confessar! Oh como gostaria realmente de ser novamente livre e sem pecado! Talvez o padre soubesse. Oh meu Deus!

Caminhou ao longo e através de ruas mal iluminadas, temendo ficar parado por um momento para que não parecesse que estava se abstendo daquilo que o aguardava, temendo chegar àquilo para o qual ainda se voltava com desejo. Como devia ser bela uma alma em estado de graça quando Deus a contemplava com amor!

Moças desmazeladas estavam sentadas ao longo do meio-fio diante de suas cestas. Seus cabelos molhados caíam sobre suas testas. Não eram bonitas de se olhar quando estavam assim agachadas na lama. Mas suas almas eram vistas por Deus: e se suas almas estavam em estado de graça elas eram riosas de se ver: e Deus as amava, vendo-as.

Um sopro devastador de humilhação bafejou desoladoramente sua alma ao pensar o quanto ele caíra, ao sentir que aquelas almas eram mais amadas por Deus do que a dele. O vento soprava sobre ele e seguia seu curso sobre miríades e miríades de outras almas sobre as quais se irradiava a benevolência de Deus ora mais ora menos, estrelas ora mais brilhantes ora mais opacas, constantes e em declínio. E as almas bruxuleantes se dissipavam, constantes e em declínio, fundidas num sopro movediço. Uma alma estava perdida; uma alma minúscula: a sua. Ela tremulou uma vez e partiu, esquecida, perdida. O fim: um deserto vazio e escuro e frio.

A consciência do lugar voltou refluindo lentamente para ele por sobre uma vasta extensão de tempo, apagada, despercebida, anulada. O cenário sórdido se acalmou à sua volta; as inflexões comuns, os bicos de gás incandescentes nas lojas, odores de peixe e de bebidas e de fuligem molhada, homens e mulheres se movimentando. Uma mulher idosa estava prestes a atravessar a rua com um candeeiro em sua mão. Ele se inclinou e lhe perguntou se havia uma capela ali perto.

— Uma capela, senhor? Sim, senhor. A capela da Church Street.

— Church?

Ela passou o candeeiro para a outra mão e o orientou; e, enquanto ela estendia sua mão direita murcha e malcheirosa por baixo das franjas do xale, ele se inclinava para ela, entristecido e acalmado por sua voz.

— Obrigado.

— De nada, senhor.

As velas no altar-mor se haviam extinguido mas a fragrância do incenso ainda flutuava abaixo da nave escura. Trabalhadores barbados com expressão piedosa nos rostos conduziam para fora um pálio através de uma porta lateral, o sacristão os ajudando com palavras e gestos serenos. Alguns fiéis ainda permaneciam, rezando diante dos altares laterais, ou se ajoelhando nos bancos próximos dos confessionários. Ele se aproximou timidamente e se ajoelhou no último banco da parte central, agradecido pela paz e pelo silêncio e pela sombra perfumada da igreja. O genuflexório em que se ajoelhou era estreito e gasto e aqueles que se ajoelhavam ao seu lado eram humildes seguidores de Jesus. Jesus também nascera na pobreza e trabalhara na oficina de um carpinteiro, cortando pranchas e as aplainando, e falara pela primeira vez sobre o reino de Deus a pescadores pobres, ensinando todos os homens a serem mansos e humildes de coração.

Ele inclinou a cabeça sobre as mãos, solicitando a seu coração que fosse manso e humilde para que ele pudesse ser como aqueles que se ajoelhavam a seu lado e para que sua prece fosse tão aceitável quanto a deles. Rezou ao lado deles mas era difícil. Sua alma estava enlameada pelo pecado e ele não ousava pedir perdão com a confiança simples daqueles a quem Jesus, de acordo com os caminhos misteriosos de Deus, chamara em primeiro lugar para junto de Si, os carpinteiros, os pescadores, pessoas simples e pobres exercendo um ofício modesto, manuseando e dando forma à madeira das árvores, remendando suas redes com paciência.

Uma figura alta descia pela nave lateral e os penitentes se agitaram; no momento final, olhando para cima rapidamente, ele viu uma barba longa e grisalha e a roupa marrom de um capuchinho. O padre entrou no confessionário e ficou escondido. Dois penitentes se levantaram e se ajoelharam de cada lado do confessionário. A peça corrediça de madeira foi puxada para trás e um sussurro indistinto de vozes perturbou o silêncio.

Seu sangue começou a sussurrar em suas veias, sussurrando como uma cidade pecadora convocada de seu sono para ouvir sua condenação. Pequenas fagulhas de fogo caíam e cinzas poeirentas caíam suavemente, pousando nas casas dos homens. Eles se mexiam, despertando de seu sono, perturbados pelo ar aquecido.

A peça corrediça foi empurrada para trás. O penitente emergiu do lado do confessionário. A peça corrediça mais distante foi puxada. Uma mulher se ajoelhou tranqüila e habilmente no lugar que o primeiro penitente ocupara. O sussurro indistinto começou novamente.

Ainda lhe era possível sair da capela. Podia se levantar, pôr um pé adiante do outro e caminhar suavemente para fora e então correr, correr, correr velozmente através das ruas escuras. Podia ainda escapar da vergonha. Se ao menos tivesse sido qualquer outro crime terrível que não fosse exatamente aquele pecado! Se ao menos tivesse sido assassinato! Pequenas fagulhas ardentes caíam e o atingiam em todos os sentidos, pensamentos vergonhosos, palavras vergonhosas, atos vergonhosos. A vergonha o cobria todo como delicadas cinzas incandescentes caindo continuamente. Dizer aquilo em palavras! Sua alma, sufocada e indefesa, ia deixar de existir.

A peça corrediça foi disparada para trás. Um penitente emergiu do lado mais distante do confessorário. A peça corrediça próxima foi puxada. Um penitente se ajoelhou no lugar abandonado pelo outro penitente. Um suave ruído sussurrante flutuou em nuvenzinhas vaporosas para fora do confessorário. Era a mulher: suaves nuvenzinhas sussurrantes, suave vapor sussurrante, sussurrando e sumindo.

Ele bateu humildemente no peito com o punho, oculto secretamente pela saliência de madeira para repousar os braços. Ele ia ficar numa boa com os outros e com Deus. Ia amar o próximo. Ia amar a Deus Que o fizera e o amara. Ia se ajoelhar e rezar com os outros e ser feliz. Deus dominaria a ele e aos outros com o olhar e amaria a todos.

Era fácil ser bom. O jugo de Deus era leve e gentil. Era melhor nunca ter pecado, ter sempre permanecido como uma criança, pois Deus amava as criancinhas e suportava que elas se achegassem a Ele. Pecar era uma coisa triste e terrível. Mas Deus era misericordioso com os pobres pecadores que verdadeiramente se arrependiam. Como isso era verdadeiro! Isso era bondade realmente.

A peça corrediça foi subitamente empurrada com força. O penitente saiu. Ele era o próximo. Levantou-se aterrorizado e caminhou cegamente para o confessorário.

Chegara finalmente a hora. Ajoelhou-se na penumbra silenciosa e ergueu os olhos para o crucifixo branco suspenso acima dele. Deus podia ver que ele estava arrependido. Confessaria todos os seus pecados. Sua confissão ia ser longa, longa. Todo mundo na capela saberia então que grande pecador tinha sido. Que soubessem. Era verdade. Mas Deus tinha prometido perdoá-lo se estivesse arrependido. Ele estava arrependido. Apertou as mãos e ergueu-as em direção à forma branca, rezando com seus olhos escurecidos, rezando com todo o seu corpo trêmulo, balançando a cabeça de um lado para o outro como uma criatura perdida, rezando com lábios lamurientos.

— Desculpe! Desculpe! Oh me desculpe!

A peça corrediça estalou para trás e seu coração saltou no peito. O rosto do padre velho estava no gradil, desviado dele, amparado na mão. Ele fez o sinal-da-cruz e rogou ao padre que o abençoasse porque havia pecado. Então, curvando a cabeça, repetiu o *Confiteor* morrendo de medo. Ao dizer as palavras *minha falta mais grave* deteve-se, sem fôlego.

— Há quanto tempo você se confessou pela última vez, meu filho?

— Há muito tempo, meu pai.

— Um mês, meu filho?

— Mais, meu pai.

— Três meses, meu filho?

— Mais, meu pai.

— Seis meses?

— Oito meses, meu pai.

Ele havia começado. O padre perguntou:

— E de que você se lembra desde então?

Ele começou a confessar seus pecados: missas perdidas, orações não feitas, mentiras.

— Mais alguma coisa, meu filho?

Pecados de raiva, de inveja dos outros, de gula, de vaidade, de desobediência.

— Mais alguma coisa, meu filho?

— Indolência.

— Mais alguma coisa, meu filho?

Não havia escapatória. Ele murmurou:

— Eu... cometi pecados de impureza, meu pai.

O padre não virou o rosto.

— Com você, meu filho?

— E... com outros.

— Com mulheres, meu filho?

— Sim, meu pai.

— Eram mulheres casadas, meu filho?

Ele não sabia. Seus pecados pingavam de seus lábios, um a um, pingavam em gotas vergonhosas de sua alma

supurando e gotejando como uma chaga, uma corrente sórdida de vício. Os últimos pecados gotejavam, indolentes, asquerosos. Não havia mais nada para contar. Curvou a cabeça, vencido.

O padre estava silencioso. Então perguntou:

— Quantos anos você tem, meu filho?

— Dezesseis, meu pai.

O padre passou várias vezes a mão no rosto. Em seguida, repousando a testa na mão, inclinou-se em direção à grade e, com os olhos ainda desviados, falou lentamente. Sua voz era velha e cansada.

— Você é muito jovem, meu filho — disse — e deixe-me implorar que renuncie a esse pecado. É um pecado terrível. Mata o corpo e mata a alma. É a causa de muitos crimes e infortúnios. Renuncie a ele, meu filho, pelo amor de Deus. É desonroso e indigno do homem. Você não pode saber aonde esse hábito desgraçado o levará ou onde se voltará contra você. Enquanto você cometer este pecado, meu pobre filho, você nunca será digno de um níquel de Deus. Rogue à nossa mãe Maria para que ela o ajude. Ela o ajudará, meu filho. Reze a Nossa Senhora quando este pecado vier à sua mente. Tenho certeza de que você fará isso, não é? Arrependa-se de todos esses pecados. Estou certo de que você o faz. E você vai prometer agora a Deus que por Sua santa graça você nunca mais vai ofendê-Lo com este pecado perverso. Você vai fazer esta promessa solene a Deus, não vai?

— Vou, meu pai.

A voz velha e cansada caía como uma chuva delicada em seu trepidante coração abrasado. Como era doce e triste!

— Faça isso, meu filho. O demônio o desencaminhou. Expulse-o de volta para o inferno quando ele o tentar a desonrar seu corpo dessa maneira, o espírito maligno que odeia Nosso Senhor. Prometa a Deus agora que você renunciará a esse pecado a esse pecado desgraçado desgraçado.

Cego pelas lágrimas e pela luz da misericórdia de Deus ele inclinou a cabeça e ouviu pronunciadas as palavras solenes da absolvição e viu a mão do padre erguida acima dele em sinal de perdão.

— Deus o abençoe, meu filho. Reze por mim.

Ele se ajoelhou para cumprir a penitência, rezando num canto da nave escura: e suas orações ascenderam ao céu de seu coração purificado como perfume emanando para cima de um coração de rosa branca.

As ruas lamacentas estavam alegres. Ele caminhou em direção à sua casa, consciente de sua graça invisível penetrando e iluminando seus membros. Apesar de tudo ele o tinha feito. Tinha se confessado e Deus o havia perdoado. Sua alma se tornara imaculada e santa mais uma vez, santa e feliz.

Seria lindo morrer se Deus assim o quisesse. Era lindo viver se Deus assim o quisesse, viver em estado de graça uma vida de paz e virtude e indulgência com os outros.

Sentou-se junto ao fogo da cozinha, sem ousar falar de tanta felicidade. Até aquele momento não soubera como a vida podia ser bela e serena. O quadrado verde de papel espetado em volta da lâmpada irradiava uma sombra suave. No aparador estava um prato de salsichas e um manjar branco e na prateleira havia ovos. Eram para o café-da-manhã depois da comunhão na capela do colégio. Manjar branco e ovos e salsichas e xícaras de chá. Afinal de contas como a vida era bela e simples! E havia toda uma vida à sua frente.

Num sonho ele adormeceu. Num sonho ele se levantou e viu que era de manhã. Num sonho acordado ele foi através da manhã sossegada para o colégio.

Os meninos estavam todos lá, ajoelhados em seus lugares. Ele se ajoelhou entre eles, feliz e tímido. O altar estava apinhado de um montão fragrante de rosas brancas, e à luz da manhã as chamas pálidas das velas entre as flores brancas eram claras e silenciosas como sua própria alma.

Ajoelhou-se diante do altar com seus colegas de classe, segurando a toalha do altar com eles por cima de uma cerca viva de mãos. Suas mãos estavam tremendo, e sua alma tremia ao ouvir o padre passar com o cibório de um comungante para outro comungante.

— *Corpus Domini nostri.*

Era possível? Ajoelhou-se ali tímido e sem pecado; e teria sobre a língua a hóstia e Deus entraria em seu corpo purificado.

— *In vitam eternam. Amen.*

Uma outra vida! Uma vida de graça espiritual e virtude e felicidade! Era verdade. Não um sonho do qual despertaria. O passado era passado.

— *Corpus Domini nostri.*

O cibório viera para ele.

IV.

O domingo era dedicado ao mistério da Santíssima Trindade, a segunda-feira a São José, a quinta-feira ao Santíssimo Sacramento do Altar, a sexta-feira a Jesus Sofredor, o sábado à Bem-aventurada Virgem Maria.

Toda manhã ele se santificava de novo na presença de alguma imagem ou mistério santo. Seu dia começava com uma oferta heróica de cada momento de seu pensamento ou ação pelas intenções do soberano pontífice e com uma missa cedo. O ar úmido da manhã aguçava sua piedade resoluta; e freqüentemente quando ele se ajoelhava entre os poucos devotos junto ao altar lateral, seguindo com seu interfólio de orações o sussurro do padre, relanceava os olhos por um instante em direção à figura paramentada de pé na escuridão entre as duas velas que eram o antigo e o novo testamento e imaginava que estava se ajoelhando na missa das catacumbas.

Sua vida diária era delineada em áreas de devoção caridosa. Por meio de jaculatórias e orações ele armazenava de bom grado centenas de dias e quarentenas e anos pelas almas do purgatório; no entanto o triunfo espiritual que sentia ao levar a cabo com facilidade tantas eras fabulosas de penitências canônicas não recompensava totalmente o zelo de suas preces porque nunca podia saber quanto castigo temporal havia comutado por meio de sufrágio para as almas aflitas; e, temeroso de que no meio do fogo do purgatório, que diferia daquele do inferno apenas por não ser eterno, sua penitência não pudesse valer mais do que uma gota de orvalho, ele fazia sua alma perfazer diariamente um círculo crescente de atos praticados além do que o dever impunha.

Todas as partes do dia, divididas pelo que ele considerava agora serem deveres de sua posição na vida, rodeavam seu próprio centro de energia espiritual. Sua vida parecia se ter aproximado da eternidade; todo pensamento, palavra e ato, todo impulso de consciência podia ser forçado a revibrar radiosamente no céu; e às vezes seu sentido dessa repercussão imediata era tão vivo que ele parecia sentir sua alma devotamente pressionando como dedos o teclado de uma grande caixa registradora e ver o montante de sua aquisição surgir imediatamente no céu, não como um número mas como uma coluna tênue de incenso ou como uma flor delicada.

Os rosários também que ele rezava constantemente — pois ele trazia suas contas soltas nos bolsos de sua calça para que pudesse contá-las enquanto andava nas ruas — se transformavam em grinaldas de flores de uma tão vaga textura etérea que lhe pareciam ser tão incolores e inodoras quanto eram anônimas. Ele oferecia cada um dos seus três terços diários para que sua alma pudesse se fortalecer em cada uma das três virtudes teológicas, na fé no Pai Que o criara, na esperança no Filho Que o redimira e no amor do Espírito Santo Que o santificara, e esta oração três vezes tripla ele oferecia às Três Pessoas através de Maria em nome de seus mistérios dolorosos e gloriosos.

Em cada um dos sete dias da semana rezava além disso para que um dos sete dons do Espírito Santo^[24] pudesse descer sobre sua alma e retirar dela dia a dia os sete pecados mortais que a haviam maculado no passado; e implorava cada dom em seu dia fixo, confiante de que baixaria sobre ele, embora lhe parecesse estranho às vezes que a sabedoria e o entendimento e a ciência fossem tão distintos em sua natureza que cada um pudesse ser rogado independentemente dos outros. Acreditava contudo que em alguma etapa futura de seu progresso espiritual esta dificuldade seria removida quando sua alma pecadora tivesse sido elevada de sua fraqueza e iluminada pela Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Acreditava nisso ainda mais, e com vibração, devido à obscuridade divina e ao silêncio em que vivia o invisível Paráclito, Cujos símbolos eram um pombo e um vento poderoso, pecar contra o Qual era um pecado acima de perdão, o Ser secreto, eterno, misterioso, ao Qual, como Deus, os padres ofereciam uma missa uma vez por ano, trajando vestes escarlates como as línguas de fogo.

As imagens através das quais a natureza e a semelhança das Três Pessoas da Trindade eram obscuramente sugeridas nos livros de devoção que ele lia — o Pai contemplando de toda a eternidade como num espelho Suas Divinas Perfeições e desse modo gerando eternamente o Filho Eterno e o Espírito Santo procedendo do Pai e do Filho — eram mais fáceis de aceitação por sua mente em virtude de sua augusta incompreensibilidade do que o simples fato de que Deus tinha amado sua alma desde toda a eternidade, séculos antes que ele tivesse vindo ao mundo, séculos antes que o próprio mundo tivesse existido.

Ele ouvira os nomes das paixões do amor e do ódio pronunciadas solenemente no palco e no púlpito, vira-as expostas solenemente em livros e se perguntara por que sua alma era incapaz de as acolher por algum tempo ou de forçar seus lábios a pronunciar seus nomes com convicção. Uma cólera o havia freqüentemente revestido mas ele nunca fora capaz de fazer dela uma paixão duradoura e sempre se sentira saindo dela como se seu corpo estivesse sendo despojado com facilidade de alguma pele ou casca exterior. Sentira uma presença sutil, sombria e sussurrante penetrar seu ser e abrasá-lo com um breve desejo iníquo; ela também escapara além de seu alcance deixando sua mente lúcida e indiferente. Isso, parecia, era o único amor e o único ódio que sua alma abrigaria.

Mas ele não podia mais descrever da realidade do amor visto que o Próprio Deus havia amado sua alma individual com amor divino desde toda a eternidade. Gradualmente, à medida que sua alma se enriquecia de conhecimento espiritual, ele via o

mundo inteiro formando uma vasta expressão simétrica do poder e do amor de Deus. A vida se tornava um dom divino por todos os momentos e sensações pelos quais, mesmo que fosse a visão de uma única folha pendendo no galhinho de uma árvore, sua alma devia louvar e agradecer ao Doador. O mundo apesar de toda a sua sólida substância e complexidade não existia mais para a sua alma a não ser como um teorema de poder e amor e universalidade divinos. Tão completo e inquestionável era este sentido do significado divino em toda a natureza conferido à sua alma que mal podia compreender por que era de qualquer forma necessário que ele continuasse a viver. No entanto isso era parte do desígnio divino e ele não ousava questionar sua utilidade, logo ele acima de todos os outros que pecara tão profundamente e tão vergonhosamente contra o desígnio divino. Humilhada e deprimida por esta consciência da única perfeita realidade onipresente e eterna sua alma reassumia seu cargo de atos piedosos, missas e orações e sacramentos e mortificações, e só então pela primeira vez desde que meditara sobre o grande mistério do amor sentia dentro de si um impulso caloroso como o de uma vida ou virtude recém-nata da própria alma. A atitude de enlevo na arte sacra, as mãos separadas e erguidas, os lábios e os olhos entreabertos como de alguém prestes a desfalecer tornavam-se para ele uma imagem da alma em oração, humilhada e débil diante de seu Criador.

Mas ele fora prevenido sobre os perigos da exaltação espiritual e não se permitia abrir mão sequer da menor ou mais modesta devoção, esforçando-se também por meio de uma mortificação constante em desfazer o passado pecaminoso mais do que atingir uma santidade carregada de perigo. Cada um dos seus sentidos era submetido a uma rigorosa disciplina. A fim de mortificar o sentido da visão ele se impôs a norma de andar na rua com os olhos baixos, sem olhar para a direita ou para a esquerda e nunca para trás. Seus olhos evitavam todo encontro com os olhos de mulheres. De vez em quando também por um súbito esforço de vontade ele os frustrava, como por exemplo erguendo-os subitamente no meio de uma frase inacabada e fechando o livro. Para mortificar sua audição ele não exercia nenhum controle sobre sua voz que estava em fase de mudança, nem cantava nem assobiava e não fazia nenhuma tentativa de escapar dos ruídos que lhe causavam uma penosa irritação nervosa tais como a amolação de faca no esmeril, a coleta com pá de cinzas da lareira e o bater de tapetes. Mortificar seu olfato era mais difícil, uma vez que não sentia nenhuma repugnância instintiva por maus odores, fossem eles odores do mundo exterior tais como os de esterco e de alcatrão ou os odores de sua própria pessoa entre os quais fizera muitas comparações e experiências curiosas. Percebia finalmente que o único odor contra o qual seu sentido do olfato se insurgia era um certo mau cheiro de peixe estragado como o de urina depositada por muito tempo: e sempre que possível ele se submetia a este odor desagradável. Para mortificar o paladar ele praticava hábitos rígidos à mesa, obedecia ao pé da letra a todos os jejuns da Igreja e procurava por diversão desviar sua mente dos sabores de diferentes alimentos. Mas era à mortificação do tato que ele emprestava o engenho mais assíduo de sua inventividade. Nunca mudava conscientemente sua posição na cama, sentava-se nas posições mais desconfortáveis, suportava pacientemente toda coceira e dor, mantinha-se longe da lareira, permanecia de joelhos durante toda a missa exceto no evangelho, deixava parte de seu pescoço e rosto sem secar de modo que o ar pudesse açoiá-los e, toda vez que não estava rezando seu rosário, mantinha os braços firmemente junto ao corpo como um corredor e nunca em seus bolsos ou presos atrás de si.

Não sentia tentação de pecar mortalmente. Surpreendia-o contudo verificar que no final de sua prática de complexos atos de piedade e de autocontenção ele estivesse tão facilmente à mercê de imperfeições infantis e indignas. Suas orações e jejuns de pouco lhe valiam para a supressão da raiva que sentia ao ouvir sua mãe espirrar ou ao ser perturbado em suas devoções. Era necessário um imenso esforço de sua vontade para dominar o impulso que o impelia a dar vazão a tal irritação. Imagens de rompantes de raiva trivial que freqüentemente notara entre seus mestres, suas bocas crispadas, lábios firmemente fechados e faces rubras, voltavam-lhe à memória, desencorajando-o, pela comparação, apesar de toda a sua prática de humildade. Fundir sua vida com a maré comum de outras vidas lhe era mais difícil do que qualquer jejum ou oração e era seu constante fracasso fazer isso para sua própria satisfação o que causava finalmente em sua alma uma sensação de aridez espiritual junto com uma proliferação de dúvidas e escrúpulos. Sua alma atravessava um período de desolação no qual os próprios sacramentos pareciam ter-se transformado em fontes completamente secas. Sua confissão tornou-se um canal de escape para imperfeições escrupulosas e impenitentes. O ato real de receber a eucaristia não lhe proporcionava os mesmos momentos desintegrantes de sujeição virginal como os proporcionados por aquelas comunhões espirituais que às vezes fazia ao fim de alguma visita ao Santíssimo Sacramento. O livro que ele usava para estas visitas era um velho livro desprezado escrito por santo Alphonsus Liguori, com letras esmaecidas e folhas ressequidas e descoloridas. Um mundo desbotado de amor ardente e respostas virginais parecia ser evocado por sua alma com a leitura de suas páginas nas quais as imagens dos cânticos se entrelaçavam com as orações do comungante. Uma voz inaudível parecia acariciar a alma, dizendo-lhe seus nomes e glórias, convidando-a a se erguer para as núpcias e partir, convidando-a, do alto de Amana e das montanhas dos leopardos, a procurar uma esposa; e a alma se entregando parecia responder com a mesma voz inaudível: *Inter ubera mea commorabitur.* [25]

Esta idéia de capitulação era de uma atração perigosa para sua mente agora que ele sentia sua alma assediada mais uma vez pelas vozes insistentes da carne que começavam novamente a lhe sussurrar durante suas orações e meditações. Dava-lhe uma intensa sensação de poder saber que por um simples ato de consentimento podia num instante de pensamento desfazer

tudo o que havia feito. Parecia sentir uma enchente avançar lentamente em direção a seus pés descalços e estar esperando que a primeira tímida ondazinha fraca e silenciosa tocasse sua pele febril. Então, quase no momento daquele toque, quase à beira de um consentimento pecaminoso, ele se via de pé bem distante da enchente em uma praia seca, salvo por um ato súbito da vontade ou por uma súbita jaculatória; e, vendo a orla prateada da enchente ao longe recomeçar seu avanço lento em direção a seus pés, um novo frêmito de poder e satisfação sacudiu sua alma por saber que ele não se submetera nem desfizera tudo.

Depois de ter se esquivado muitas vezes dessa maneira da torrente de tentação ele ficava perturbado e se perguntava se a graça espiritual que se recusara a perder não estava sendo pouco a pouco roubada dele. A nítida convicção de sua própria imunidade se tornava imprecisa e a ela sucedia um vago temor de que sua alma tivesse realmente sucumbido inesperadamente. Era com dificuldade que ele reconquistava a antiga consciência de seu estado de graça dizendo a si mesmo que rezara a Deus em cada momento de tentação e que a graça que implorara devia ter-lhe sido concedida na medida em que Deus era obrigado a concedê-la. A própria frequência e violência das tentações lhe mostravam finalmente a verdade do que ouvira sobre as provações dos santos. Tentações frequentes e violentas eram uma prova de que a cidadela da alma não se rendera e que o demônio esbravejava para fazê-la sucumbir.

Freqüentemente depois de ter confessado suas dúvidas e escrúpulos, alguma falta de atenção momentânea na oração, um fútil movimento de raiva em sua alma ou uma obstinação sutil na fala ou na ação, ele era instado pelo seu confessor a mencionar algum pecado de sua vida passada antes que a absolvição lhe fosse concedida. Ele o mencionava com humildade e vergonha e se arrependia mais uma vez. Isso o humilhava e o envergonhava pensar que nunca ficaria totalmente livre dele, por mais santamente que vivesse ou quaisquer que fossem as virtudes ou perfeições que ele pudesse alcançar. Um sentimento agitado de culpa estaria sempre presente nele, ele confessaria e se arrependeria e seria absolvido, confessaria e se arrependeria novamente e seria novamente absolvido, inutilmente. Talvez aquela primeira confissão apressada arrancada dele à força pelo medo do inferno não tivesse sido boa? Talvez, preocupado apenas com sua condenação iminente, ele não se tivesse arrependido sinceramente de seu pecado? Mas o sinal mais seguro de que sua confissão tinha sido boa e de que ele se tinha arrependido sinceramente de seu pecado era, ele sabia, a regeneração de sua vida.

— Eu regenerarei a minha vida, não regenerarei? — ele se perguntava.

O diretor estava de pé no vão da janela, de costas para a luz, encostando um cotovelo na persiana marrom, balançando e enrolando lentamente o cordão da outra persiana, enquanto falava e sorria. De pé diante dele, Stephen acompanhava por um momento com o olhar o declínio acima dos telhados da luz solar daquele longo verão ou os lentos movimentos hábeis dos dedos sacerdotais. O rosto do padre estava totalmente na sombra mas a luz decrescente do dia por trás dele tocava as têmporas profundamente sulcadas e as curvas do seu crânio. Stephen acompanhava também com os ouvidos as entonações e pausas da voz do padre enquanto ele falava gravemente e cordialmente sobre temas sem maior importância, as férias que acabaram de terminar, os colégios da ordem no exterior, a transferência de mestres. A voz grave e cordial prosseguia despreocupadamente com sua história, e nos intervalos Stephen se sentia obrigado a reavivá-la com perguntas respeitadas. Ele sabia que a história era um prelúdio e sua mente aguardava sua seqüência. Desde que chegara a ele o recado de que o diretor o estava convocando sua mente se esforçara em descobrir o significado da mensagem; e durante o tempo longo e agitado em que ficara sentado no parlatório do colégio esperando que o diretor chegasse seus olhos haviam vagado pelas paredes de um quadro sombrio para o outro e sua mente havia vagado de uma hipótese para a outra até que o significado da convocação se tivesse quase tornado claro. Então exatamente no momento em que desejava que algum motivo imprevisto pudesse impedir o diretor de vir, ele ouvira a maçaneta da porta girando e o silvar da batina.

O diretor começara a falar sobre as ordens dominicanas e franciscanas e sobre a amizade entre santo Tomás e são Boaventura. A roupa dos capuchinhos, pensava, era um pouco demais...

O rosto de Stephen retribuiu o sorriso indulgente do padre e, nada ansioso em dar sua opinião, ele fez um pequeno movimento dubitativo com os lábios.

— Acredito — continuou o diretor — que há algum debate agora entre os próprios capuchinhos no sentido de aboli-la e de seguir o exemplo dos outros franciscanos.

— Suponho que eles queiram conservá-la no claustro — disse Stephen.

— Oh, certamente — disse o diretor. — Para o claustro é perfeita mas para a rua penso realmente que seria melhor aboli-la, não acha?

— Deve ser incômodo, suponho.

— Naturalmente que é, naturalmente. Imagine só quando estava na Bélgica eu costumava vê-los pedalando qualquer que fosse o tempo com essa coisa levantada em volta dos joelhos! Era realmente ridículo. *Les jupes*, é assim que são chamadas na Bélgica.

A vogal estava tão alterada que ficava indistinta.

— Como eles as chamam?

— *Les jupes*.

— Oh.

Stephen sorriu novamente em resposta ao sorriso que não conseguia ver no rosto obscurecido do padre, sua imagem ou espectro percorrendo apenas rapidamente a sua mente enquanto a entonação baixa e discreta caía sobre seus ouvidos. Fitou calmamente o céu poente à sua frente, satisfeito com o frescor da noite e com o ligeiro brilho amarelo que escondia a chama minúscula que iluminava sua face.

Os nomes dos artigos de vestuário feminino ou de certos materiais delicados e macios usados em sua confecção traziam-lhe sempre à mente um delicado perfume pecaminoso. Quando menino imaginara as rédeas com as quais os cavalos são conduzidos como finas tiras de seda e chocava-o sentir em Stradbroke o arreio de couro sebooso. Ficara também chocado quando sentira pela primeira vez sob seus dedos trêmulos a textura frágil de uma meia de mulher pois, não retendo nada de tudo o que lera exceto aquilo que lhe parecia ser um eco ou uma profecia de seu próprio estado, era apenas entre frases suavemente-expressas ou dentro de materiais com suavidade-de-rosas que ele ousava conceber a alma ou o corpo de uma mulher a se mover com vida frágil.

Mas a frase nos lábios do padre era insincera pois ele sabia que um sacerdote não devia falar levianamente sobre aquele tema. A frase fora dita propositadamente de maneira leviana e ele sentiu que seu rosto estava sendo vasculhado pelos olhos na sombra. Tudo o que ouvira ou lera a respeito da habilidade dos jesuítas ele pusera francamente de lado como não confirmado por sua própria experiência. Seus mestres, mesmo quando não o tinham atraído, sempre lhe haviam parecido ser padres inteligentes e sérios, perfeitos esportivos e decididos. Pensava neles como homens que lavavam seus corpos rapidamente com água fria e usavam roupa de cama e mesa limpa e fria. Durante todos os anos que vivera entre eles em Clongowes e em Belvedere havia recebido apenas dois bolos de palmatória e, embora estes lhe tivessem sido aplicados sem razão, sabia que freqüentemente escapara de castigo. Durante todos aqueles anos nunca ouvira de nenhum de seus mestres uma palavra irreverente; tinham sido eles que lhe haviam ensinado a doutrina cristã e o haviam instado a viver uma vida digna e, quando cometera um pecado grave, tinham sido eles que o haviam trazido de volta para a graça de Deus. A presença deles o fizera ficar sem confiança em si mesmo quando era um garoto desajeitado em Clongowes e também o fizera não ter confiança em si mesmo enquanto mantivera sua posição equívoca em Belvedere. Um sentido constante disso permanecera nele até o último ano de sua vida escolar. Nunca desobedecera uma vez sequer ou permitira companheiros turbulentos seduzi-lo a abandonar seu hábito de obediência serena: e mesmo quando duvidava de alguma afirmação de um mestre, nunca ousara duvidar dela abertamente. Recentemente algumas das apreciações deles haviam soado um pouco infantis aos seus ouvidos e o haviam feito sentir pesar e piedade como se ele estivesse abandonando lentamente um mundo costumeiro e estivesse ouvindo sua linguagem pela última vez. Um dia, quando alguns colegas tinham-se reunido à volta de um padre no alpendre da capela, ele ouvira o padre dizer:

— Acredito que Lord Macaulay foi um homem que provavelmente nunca cometeu um pecado mortal em sua vida, quer dizer, um pecado mortal premeditado.

Alguns dos meninos haviam então perguntado ao padre se Victor Hugo não era o maior escritor francês. O padre respondera que Victor Hugo nunca escrevera nem de longe tão bem quando se voltara contra a Igreja como quando escrevera enquanto era católico.

— Mas há muitos críticos franceses eminentes — disse o padre — que consideram que mesmo Victor Hugo, grande como realmente o era, não tinha um estilo francês tão puro quanto Louis Veuillot.

A pequena chama que a alusão do padre ateara no rosto de Stephen tinha novamente desaparecido e seus olhos ainda estavam calmamente fixos no céu incolor. Mas uma dúvida inquietante passava velozmente aqui e ali diante de sua mente. Lembranças mascaradas desfilavam rapidamente diante dele: reconhecia cenas e pessoas contudo tinha consciência de que deixara de perceber nelas alguma circunstância vital. Ele se via andando pelo terreno observando os esportes em Clongowes e comendo *slim jim* que tirava de seu boné de críquete. Alguns jesuítas caminhavam em volta da pista de ciclismo na companhia de senhoras. Os ecos de certas expressões usadas em Clongowes soavam em cavernas remotas de sua mente.

Seus ouvidos escutavam esses ecos distantes em meio ao silêncio do parlatório quando ele se deu conta de que o padre estava se dirigindo a ele com uma voz diferente.

— Eu o mandei chamar hoje, Stephen, porque desejava conversar com você sobre um assunto muito importante.

— Sim, senhor.

— Você já sentiu alguma vez que tinha vocação religiosa?

Stephen entreabriu os lábios para responder sim e então subitamente conteve a palavra. O padre aguardou a resposta e acrescentou:

— Quero saber se você já sentiu dentro de si em sua alma um desejo de ingressar na ordem. Pense.

— Algumas vezes pensei nisso — disse Stephen.

O padre deixou o cordão da persiana cair para um lado e, juntando as mãos, encostou o queixo grave nelas, refletindo.

— Em um colégio como este — disse finalmente — há um menino ou talvez dois ou três meninos que Deus chama para a vida religiosa. Esse menino é distinguido de seus companheiros por sua piedade, pelo bom exemplo que dá aos outros. É respeitado por eles; é escolhido talvez como presidente por seus colegas congregados marianos. E você, Stephen, tem sido esse rapaz neste colégio, presidente de nossa Abençoada Congregação Mariana. Talvez você seja o jovem neste colégio que Deus tenciona chamar para Ele.

Uma nota forte de orgulho reforçando a gravidade da voz do padre fez o coração de Stephen bater mais rápido em resposta.

— Receber esse chamado, Stephen — disse o padre —, é a maior honra que Deus Todo-poderoso pode conferir a um homem. Nenhum rei ou imperador nesta terra tem o poder do ministro de Deus. Nenhum anjo ou arcanjo no Céu, nenhum santo, nem mesmo a própria Virgem Santíssima tem o poder de um ministro de Deus: o poder das chaves, o poder de absolver ou não um pecado, o poder do exorcismo, o poder de expulsar das criaturas de Deus os espíritos maus que têm poder sobre elas, o poder, a autoridade, de fazer o poderoso Deus do Céu descer sobre o altar e tomar a forma de pão e de vinho. Que poder fantástico, Stephen!

Uma chama começou novamente a tremular nas faces de Stephen quando ele ouviu neste discurso orgulhoso um eco de seus próprios devaneios orgulhosos. Quantas vezes ele se vira como um padre exercendo calma e humildemente o tremendo poder que os anjos e santos reverenciavam! Sua alma amara refletir em segredo sobre este desejo. Ele se vira, um jovem padre de maneiras-tranqüilas entrando rapidamente no confessionário, subindo os degraus do altar, incensando, se ajoelhando, cumprindo os atos vagos do sacerdócio que lhe agradavam devido à sua semelhança com a realidade e à sua distância dela. Naquela vida sombria através da qual vivera em seus devaneios ele assumira as vozes e gestos que observara em vários padres. Dobrara seu joelho para um lado como um deles, sacudira o turbúlo apenas ligeiramente como um outro, sua casula sacerdotal tinha balançado aberta como aquela de um outro quando ele se voltara novamente para o altar depois de ter abençoado os fiéis. E acima de tudo agradara-lhe ocupar o segundo lugar naquelas cenas vagas de sua concepção. Ele se esquivava da dignidade de celebrante porque o descontentava imaginar que toda aquela vaga pompa devesse terminar em sua própria pessoa ou que o ritual devesse lhe atribuir uma função tão clara e tão decisiva. Ansiava por funções sagradas menores, ser revestido com a tunicela de subdiácono na missa solene, ficar afastado do altar, esquecido pelas pessoas, seus ombros cobertos por um véu umeral, com as dobras do qual ele seguraria a patena, ou, depois que o sacrifício tivesse sido concluído, ficar de pé como diácono no degrau abaixo do celebrante trajando uma dalmática de tecido de ouro, com as mãos juntas e o rosto voltado para os fiéis, e entoar o canto *Ite, missa est*. Se ele já se tivesse visto como celebrante, era como nas figuras da missa em seu missal de garoto, numa igreja sem devotos, a não ser o anjo do sacrifício, num altar despido de ornamentos e auxiliado por um coroinha apenas mais criança do que ele próprio. Somente em vagos atos sacramentais e de sacrifício parecia sua vontade atraída a avançar ao encontro da realidade: e era em parte a ausência de um ritual determinado que sempre o constrangera à inação quer ele tivesse permitido o silêncio encobrir sua cólera ou orgulho quer tivesse tolerado apenas um abraço que desejasse dar.

Escutava agora em silêncio reverente o apelo do sacerdote e através das palavras ouvia mais distintamente uma voz convidando-o a se aproximar, oferecendo-lhe um conhecimento secreto e um poder secreto. Saberria então o que era o pecado de Simon Magus e qual o pecado contra o Espírito Santo para o qual não havia perdão. Conheceria coisas obscuras, ocultas dos outros, daqueles que eram concebidos e nasciam filhos da ira. Conheceria os pecados, os desejos pecaminosos e pensamentos pecaminosos e atos pecaminosos dos outros, ouvindo-os murmurados em seus ouvidos no confessionário dos lábios de mulheres e meninas sob a vergonha de uma capela escurecida; mas tornada misteriosamente imune em sua ordenação pela imposição das mãos sua alma retornaria incontaminada à paz branca do altar. Nenhum contato de pecado subsistiria nas mãos com as quais ele elevaria e partiria a hóstia; nenhum contato de pecado subsistiria em seus lábios em oração para fazê-lo comer e beber a sua própria danação, por não discernir o corpo do Senhor. Guardaria seu conhecimento secreto e seu poder secreto, sendo tão imaculado quanto os inocentes: e seria para sempre um sacerdote de acordo com a ordem de Melquisedeque.

— Vou oferecer a minha missa amanhã — disse o diretor — para que o Deus Todo-poderoso possa revelar a você Sua santa vontade. E que você, Stephen, faça uma novena ao seu sagrado patrono santo, o primeiro mártir, que é muito poderoso com Deus, para que Deus possa iluminar a sua mente. Mas você precisa ter certeza absoluta, Stephen, que tem vocação porque seria terrível se você descobrisse mais tarde que não tinha nenhuma. Lembre-se, uma vez padre, sempre padre. Seu catecismo lhe diz que o sacramento da Santa Ordem é um daqueles que só pode ser recebido uma vez porque imprime na alma uma marca espiritual indelével que nunca pode ser apagada. É antes que você deve pesar bem, não depois. É uma questão solene, Stephen, porque dela pode depender a salvação de sua alma eterna. Mas nós rogaremos juntos a Deus.

Manteve aberta a pesada porta do salão e deu sua mão como se já a estivesse dando a um companheiro de vida espiritual. Stephen saiu para o amplo patamar acima dos degraus e sentiu a carícia do ar fresco da noite. Um grupo de quatro

rapazes de braços dados andava a passos largos em direção à igreja Findlater, balançando as cabeças e caminhando ao som da melodia ligeira da sanfona de seu líder. Em um instante a música se dissipou, como sempre o faziam os primeiros compassos de uma súbita melodia, sobre as urdiduras fantásticas de sua mente, dissolvendo-as silenciosamente e sem dificuldade como uma onda súbita dissolve os castelinhos de areia das crianças. Sorrindo para a melodia popular ergueu os olhos para o rosto do padre e, vendo nele um reflexo triste do dia submerso, retirou lentamente sua mão que havia fracamente aquiescido àquele coleguismo.

Enquanto descia os degraus a impressão que apagava sua perturbada meditação era a de uma máscara triste refletindo da entrada do colégio um dia que findava. A sombra, então, da vida no colégio passou solenemente por sua consciência. Era uma vida solene e ordenada e desapaixonada que o aguardava, uma vida sem preocupações materiais. Ele se perguntava como passaria a primeira noite no noviciado e com que desalento acordaria na primeira manhã no dormitório. O odor perturbador dos longos corredores de Clongowes retornou à sua mente e ele ouviu o murmúrio discreto das chamas de gás que ardiam. Imediatamente de todas as partes de seu ser começou uma certa agitação a se irradiar. Uma aceleração febril de suas pulsações se seguiu e uma torrente de palavras sem sentido impeliu confusamente ali e aqui seus pensamentos racionais. Seus pulmões se dilatavam e se contraíam como se ele estivesse aspirando um ar insustentável, úmido e morno e ele sentiu novamente o cheiro do ar úmido e morno que pairava acima da água parada cor de turfa no banheiro de Clongowes.

Um certo instinto, despertando com estas lembranças, mais forte do que a educação ou a piedade, se agitava dentro dele a toda aproximação daquela vida, um instinto sutil e hostil, e o armava contra o assentimento. A frieza e a ordem daquela vida o repeliam. Ele se imaginava levantando-se na friagem da manhã e descendo em fila com os outros para a missa matinal bem cedo e tentando em vão lutar com suas orações contra o debilitante enjôo de estômago. Ele se imaginava sentado para jantar com a comunidade do colégio. O que, então, acontecera com aquela sua timidez profundamente enraizada que o fizera detestar comer ou beber sob um teto estranho? O que acontecera com o orgulho de seu espírito que sempre o fizera se conceber como um ser à parte em qualquer ordem?

O Reverendo Stephen Dedalus, S.J.

Seu nome naquela nova vida saltou em letras diante de seus olhos e a isso se seguiu a sensação mental de um rosto indefinido ou da cor de um rosto. A cor desbotou e se tornou forte como o brilho cambiante de um tijolo vermelho. Seria esse o brilho fosco e avermelhado que ele tão freqüentemente vira em manhãs invernosas nos queixos barbeados dos padres? O rosto era sem olhos e de expressão azeda e devota, matizado de manchas róseas de cólera sufocada. Não seria um espectro mental do rosto de um dos jesuítas que alguns dos meninos chamavam de Boca-de-Lanterna e outros de Campbell Vulpino?

Estava passando naquele momento diante da casa dos jesuítas na Gardiner Street, e se perguntava vagamente qual seria a sua janela se algum dia ingressasse na ordem. Então estranhou a imprecisão de sua surpresa, o distanciamento de sua alma do que imaginara até então ser seu santuário, o frágil controle que tinham tido sobre ele tantos anos de ordem e obediência quando certa vez um ato seu determinado e irrevogável ameaçou pôr fim à sua liberdade para sempre, no tempo e na eternidade. A voz do diretor insistindo com ele nas reivindicações orgulhosas da Igreja e no mistério e poder sacerdotais se repetia inutilmente em sua memória. Sua alma não estava ali para ouvi-la e saudá-la e ele sabia agora que a exortação que escutara já se transformara num relato formal e inútil. Nunca como padre ele balançaria o turíbulo diante do tabernáculo. Seu destino era o de ser esquivo às ordens sociais e religiosas. A sabedoria do apelo do sacerdote não o atingia em seu âmago. Estava destinado a aprender sua própria sabedoria independentemente dos outros ou a aprender ele próprio a sabedoria dos outros vagando entre as ciladas do mundo.

As ciladas do mundo eram suas formas de pecado. Ele sucumbiria. Não sucumbira ainda mas sucumbiria silenciosamente, num instante. Não sucumbir era difícil demais, difícil demais: e sentia o declínio silencioso de sua alma, como o seria em algum instante futuro, sucumbindo, sucumbindo mas ainda não sucumbido, ainda não sucumbido mas prestes a sucumbir.

Atravessou a ponte sobre o rio Tolka e por um instante voltou os olhos friamente para o santuário de um azul desbotado da Virgem Santíssima que ficava como um pássaro num mastro no meio de um acampamento de chalés pobres com forma-de-presunto. Em seguida, dobrando para a esquerda, seguiu pela alameda que conduzia à sua casa. O ligeiro mau cheiro acre de repolhos apodrecidos vinha até ele das hortas no terreno que se erguia acima do rio. Sorriu ao pensar que era esta desordem, o desgoverno e a confusão da casa de seu pai e a estagnação da vida vegetal, que ia alcançar a vitória em sua alma. Então um riso curto se desprende de seus lábios, enquanto pensava naquele ajudante de jardineiro solitário nas hortas atrás de sua casa que a família apelidara de o homem enchapelado. Um segundo riso, se originando do primeiro depois de uma pausa, brotou involuntariamente em seus lábios quando pensou como o homem com o chapéu trabalhava, considerando sucessivamente os quatro pontos do céu e então pesarosamente mergulhando sua pá na terra.

Abriu empurrando a porta sem trinco da varanda e passou através da sala de entrada nua até chegar à cozinha. Um grupo formado por seus irmãos e irmãs estava sentado à volta da mesa. O chá estava quase terminado e apenas o chá restante no qual fora posta água pela segunda vez permanecia no fundo das pequenas jarras de água e potes de geléia que serviam de

xícaras de chá. Cascas e pedaços de pão açucarado abandonados, tornados marrons pelo chá que fora derramado sobre eles, estavam espalhados sobre a mesa. Aqui e ali havia pequenas poças de chá na mesa e uma faca com um cabo quebrado de marfim estava enfiada até o âmago de um pastel destroçado.

O triste brilho azul-acinzentado do dia agonizante penetrava através da janela e da porta aberta, percorrendo e mitigando tranqüilamente um súbito instinto de remorso no coração de Stephen. Tudo que lhes fora negado lhe fora dado gratuitamente, a ele o mais velho; mas o brilho sóbrio da noite não lhe revelava nenhum sinal de rancor em seus rostos.

Sentou-se perto deles à mesa e perguntou onde seu pai e sua mãe estavam. Um respondeu:

— Pee peles pefo peram pepro pecu perar peu pema peca pesa.

Mais outra mudança! Um menino chamado Fallon em Belvedere freqüentemente lhe perguntava com um riso imbecil por que eles mudavam tanto de casa. Uma expressão carrancuda de escárnio anuviou rapidamente sua testa enquanto ele ouvia de novo o riso imbecil do questionador.

Perguntou:

— Por que estamos novamente de mudança, se é possível perguntar?

A mesma irmã respondeu:

— Pepor peque peo pesse penho peri po pevai penos peex pepul pesar.

A voz do irmão caçula do outro lado da lareira começou a cantar a canção *Oft in the Stilly Night*. Um a um os outros aderiram à canção até que todo um coro de vozes estava cantando. Iam cantar assim durante horas, melodia após melodia, madrigal após madrigal, até que a última luz pálida se extinguísse no horizonte, até que as primeiras nuvens noturnas e escuras aparecessem e a noite tombasse.

Esperou por alguns momentos, escutando, antes que também aderisse com eles à canção. Ouvia com dor no coração o som concomitante de cansaço por trás de suas frágeis vozes inocentes e frescas. Mesmo antes de partir na jornada da vida já pareciam cansados do caminho a percorrer.

Ouvia o coro de vozes na cozinha ecoado e multiplicado através de uma reverberação infundável de coros de gerações infundáveis de crianças: e ouvia também em todos os ecos um eco da nota recorrente de cansaço e de dor. Todos pareciam cansados da vida mesmo antes de assumi-la. E ele se lembrava de que Newman ouvira também essa nota nos versos quebrados de Virgílio *dando expressão vocal, com a voz da própria Natureza, àquela dor e cansaço e contudo esperança de dias melhores o que tem sido a experiência de seus filhos em todos os tempos*.

Não podia esperar mais.

Da porta do bar Byron ao portão da capela Clontarf, do portão da capela Clontarf à porta do bar Byron e então de volta novamente à capela e então de volta novamente ao bar, ele havia andado a princípio a passos lentos, plantando os pés escrupulosamente nos espaços do desenho da calçada, ritmando então a queda dos passos à queda dos versos do poema. Uma hora inteira havia decorrido desde que seu pai entrara com o tutor, Dan Crosby, para tomar informações para ele sobre a universidade. Durante toda uma hora ele andara compassadamente de um lado para o outro, esperando: mas não podia esperar mais.

Partiu repentinamente para o Bull, andando rapidamente para que o assobio agudo de seu pai não o pudesse chamar de volta; e em poucos momentos contornara a curva no quartel da polícia e estava salvo.

É, sua mãe era hostil à idéia, como pudera ler em seu silêncio indiferente. No entanto sua desconfiança o incitava mais intensamente do que o orgulho do pai e ele recordava friamente como havia observado que a fé que definhava em sua alma amadurecia e se intensificava nos olhos dela. Um antagonismo obscuro ganhava força dentro dele e como uma nuvem toldava sua mente contra a deslealdade materna; e quando passou, como uma nuvem, deixando sua mente de novo serena e submissa em relação a ela, ele se deu conta vagamente e sem pesar de uma primeira separação silenciosa de suas vidas.

A universidade! Conseguira assim ultrapassar o desafio das sentinelas que haviam permanecido como guardiãs de sua meninice e tinham procurado conservá-lo entre elas a fim de que pudesse lhes ficar sujeito e satisfazer seus propósitos. O orgulho sucedendo à satisfação o elevava como lentas ondas volumosas. O fim que tinha nascido para servir embora não o visse o levava a escapar de um atalho invisível: e agora acenava mais uma vez para ele e uma nova aventura estava prestes a se descortinar. Parecia-lhe estar ouvindo as notas de uma melodia intermitente saltando um tom acima e descendo uma quarta reduzida, um tom acima e uma terça maior abaixo, como chamadas em leques triplos saltando intermitentemente, chama após chama, de um bosque à meia-noite. Era um prelúdio de elfos, infundável e amorfo; e, à medida que se tornava mais selvagem e mais rápido, as chamadas saltando descompassadas, ele parecia ouvir sob os galhos das árvores e na relva criaturas selvagens correndo, seus pés tamborilando como a chuva sobre as folhas. Seus pés passavam por sua mente num tumulto tamborilante, pés de lebres e coelhos, pés de cervos de corças e antílopes, até não mais os ouvir e se lembrar apenas da cadência altiva de Newman: *Cujos pés são como os pés de cervos e por baixo braços eternos*.

A altivez daquela imagem obscura lhe trouxe de volta à mente a dignidade da função que recusara. Durante toda a sua meninice havia meditado sobre aquilo que freqüentemente pensara ser seu destino e quando chegara o momento de atender ao chamado ele tomara outra direção, obedecendo a um instinto caprichoso. Agora o tempo se interpunha: os óleos da ordenação nunca untariam seu corpo. Ele recusara. Por quê?

Da estrada de Dollymount ele dobrou em direção ao mar e enquanto passava sobre a ponte de tábuas finas de madeira sentia as pranchas sacudirem com as passadas de pés pesadamente calçados. Um grupo de irmãos leigos de uma ordem religiosa regressava do Bull e começava a atravessar, de dois em dois, a ponte. Logo a ponte toda tremia e ressoava. Os rostos canhestros, manchados pelo mar de amarelo ou vermelho ou cinza, passavam por ele de dois em dois e enquanto se esforçava em olhar para eles com desembaraço e indiferença, um ligeiro rubor de vergonha e comiseração de si mesmo lhe subia ao rosto. Irritado consigo mesmo tentou esconder o rosto dos olhos deles olhando de esguelha para baixo para a água pouco profunda e em torvelinho sob a ponte mas via ainda ali um reflexo de seus chapéus de seda de copas pesadas, e dos humildes colarinhos finos como fitas e das vestes sacerdotais longas e soltas.

— Irmão Hickey.

Irmão Quaid.

Irmão MacArdle.

Irmão Keogh.

A piedade deles seria como seus nomes, como seus rostos, como suas roupas, e era inútil de sua parte dizer a si mesmo que seus corações humildes e contritos pagavam, quem sabe, um tributo de devoção muito maior do que o seu jamais o fizera, um dom dez vezes mais aceitável do que sua elaborada adoração. Era-lhe inútil procurar ser generoso para com eles, dizer a si mesmo que se jamais chegasse aos seus portões, despojado de seu orgulho, derrotado e com andrajos de mendigo, eles seriam benevolentes para com ele, amando-o como a si mesmos. Finalmente, era inútil e amargurante argumentar, indo de encontro à sua própria certeza desapaixorada, que o mandamento do amor não nos ordenava a amar nosso próximo como a nós mesmos com a mesma proporção e intensidade de amor mas a amá-lo como a nós mesmos com a mesma espécie de amor.

Retirou uma frase de seu tesouro e a disse suavemente para si mesmo:

— Um dia de nuvens marítimas malhadas.

A frase e o dia e a cena se harmonizavam em um acorde. Palavras. Era aquela a cor delas? Permitiu que elas brilhassem e desaparecessem gradualmente, coloração após coloração: o ouro do nascer do sol, o castanho-avermelhado e o verde dos pomares de maçãs, o azul-anil das ondas, o veloz franjado-de-cinza das nuvens. Não, não eram as cores delas; eram a estabilidade e o equilíbrio da própria época. Será então que ele amava mais a elevação e a queda rítmica das palavras do que suas associações de lenda e cor? Ou será que, sendo tão fraco de visão quanto tímido de espírito, ele sentia menos prazer com o reflexo do mundo sensível e brilhante através do prisma de uma linguagem multicolorida e ricamente lendária do que com a contemplação de um mundo interior de emoções individuais perfeitamente espelhadas em uma prosa periódica, lúcida e flexível?

Passou novamente da ponte trêmula para a terra firme. Naquele instante, era impressão sua, o ar estava congelado e olhando de soslaio para a água ele viu um pé de vento veloz escurecendo e encrespando subitamente a maré. Um tímido clique em seu coração, uma débil palpitação em sua garganta diziam-lhe mais uma vez o quanto sua carne temia o frio odor infra-humano do mar; no entanto ele não enveredou pelas chapadas abertas à sua esquerda mas se conservou sempre em frente ao longo do espinhaço de rochas que apontava de encontro à foz do rio.

A luz velada do dia iluminou tenuemente o lençol cinza da água no qual o rio estava abrigado. Ao longe ao longo do curso de Liffey que fluía lentamente mastros delgados pontilhavam o céu e, mais distante ainda, a textura sombria da cidade permanecia prostrada na neblina. Como uma cena em alguma tapeçaria indefinida, tão velha quanto o cansaço do homem, a imagem da sétima cidade da cristandade lhe era visível através do ar intemporal, nem mais velha nem menos paciente nem mais cansada de submissão do que nos tempos idos do domínio dinamarquês na Irlanda.

Desanimado, ergueu os olhos em direção às nuvens marítimas malhadas, lentamente impelidas pelo vento. Elas viajavam através dos desertos do firmamento, um exército de nômades em marcha, viajando alto por sobre a Irlanda, com destino ao Oeste. A Europa de onde tinham vindo ficava lá longe além do mar da Irlanda, Europa de línguas estranhas e de vales e cercada de bosques e de cidadelas e de raças entrincheiradas e enfileiradas. Ele ouvia uma música confusa dentro de si como a de lembranças e nomes dos quais tinha quase consciência mas que não podia captar por um instante sequer; e então a música pareceu recuar, recuar, recuar: e de cada esteira da música nebulosa que recuava se deslocava sempre uma nota prolongada de convocação, penetrando como uma estrela no crepúsculo do silêncio. De novo! De novo! De novo! Uma voz do além-mundo chamava.

— Alô, Stephanos![\[26\]](#)

— Aí vem O Dedalus!

— Ai!... Ei, desista disso, Dwyer, estou dizendo, ou eu vou dar um soco em sua cara para seu governo... Ui!

- Bravo, Towser! Dê uma mergulhada nele!
- Venha, Dedalus! Bous Stephanoumenos! Bous Stephaneforos![\[27\]](#)
- Dê uma mergulhada nele! Faça ele agora beber um bocado, Towser!
- Socorro! Socorro!... Ai!

Reconheceu as falas deles coletivamente antes de distinguir seus rostos. A simples visão daquela mixórdia de nudez molhada o enregelava até os ossos. Seus corpos, brancos como cadáveres ou banhados por uma pálida luz dourada ou toscamente bronzeados pelo sol, reluziam com a umidade do mar. Seu trampolim de pedra suspenso por meio de rudes sustentáculos e balançando com seus mergulhos, e as pedras desbastadas do quebra-mar inclinado por onde os colegas escalavam em sua brincadeira barulhenta, reluziam com um brilho úmido e frio. As toalhas com as quais batiam nos corpos estavam pesadas da água fria do mar; e ensopados de água fria salgada estavam seus cabelos emaranhados.

Ficou parado em deferência aos seus chamados e se defendeu de suas zombarias com palavras brandas. Como pareciam descaracterizados: Shuley sem seu colarinho grande e desabotoado, Ennis sem seu cinto escarlate de fivela em forma de serpente, e Connolly sem seu casaco de Norfolk com os bolsos laterais sem borda! Era uma pena vê-los e uma pena dilacerante ver os sinais da adolescência que tornavam repelente a nudez deplorável deles. Talvez tivessem se refugiado no agrupamento e no barulho do medo pavoroso existente em suas almas. Mas, distante deles e em silêncio, ele se lembrava do pavor que sentira do mistério de seu próprio corpo.

- Stephanos Dedalos! Bous Stephanoumenos! Bous Stephaneforos!

Suas caçoadas não eram uma novidade para ele e agora lisonjeavam sua supremacia ativa e branda. Agora, como nunca antes, seu estranho nome lhe parecia uma profecia. Tão atemporal parecia o ar morno e cinza, tão fluido e impessoal seu próprio estado de espírito, que todas as eras eram como uma coisa só para ele. Um momento antes o fantasma do reino antigo dos dinamarqueses olhara através das vestes da cidade envolvida-de-neblina. Agora, ao som do nome do fabuloso artífice, ele parecia ouvir o barulho de ondas escuras e ver uma forma alada voando por sobre as ondas e se elevando lentamente no espaço. O que queria dizer aquilo? Seria aquele um recurso curioso introduzindo uma página de algum livro medieval de profecias e símbolos, um homem como um falcão voando acima do mar em direção ao sol, uma profecia do fim que ele nascera para servir e que viera perseguindo através das névoas da infância e da meninice, um símbolo do artista forjando de novo em sua oficina da matéria informe da terra um novo ser a planar nas alturas impalpável e imperecível?

Seu coração tremia; sua respiração saía mais rápida e um espírito selvagem percorria seus membros como se ele estivesse planando bem alto em direção ao sol. Seu coração tremia em um êxtase de medo e sua alma estava em fuga. Sua alma voava bem alto no espaço além do mundo e o corpo, sabia, estava purificado de um fôlego e liberto de incerteza e tornado radioso e se mesclava com o elemento do espírito. Um êxtase de vôo tornava seus olhos radiosos e selvagem sua respiração e trêmulos e selvagens e radiosos seus membros expostos ao vento.

- Um! Dois... Atenção!
- Oh, droga, estou afogado!
- Um! Dois! Três e fora!
- Depois eu! Depois eu!
- Um!... Ui!
- Stephaneforos!

Sua garganta doía numa ânsia de gritar bem alto, o grito de um falcão ou de uma águia lá no alto, gritar penetrantemente aos quatro ventos a sua libertação. Este era o chamado da vida para a sua alma, não a voz grossa e apática do mundo de deveres e desespero, não a voz inumana que o chamara para o pálido serviço do altar. Um instante de vôo selvagem o libertara e o grito de triunfo que seus lábios retinham fundia seu cérebro.

- Stephaneforos!

Não eram eles mais do que sudários arrancados do corpo da morte — o medo com que caminhara noite e dia, a incerteza que o rodeara, a vergonha que o havia humilhado por dentro e por fora —, sudários, as mortalhas do túmulo?

Sua alma se erguera do túmulo da meninice, rejeitando suas vestes mortais. Sim! Sim! Sim! Da liberdade e da força de sua alma criaria orgulhosamente, como o grande artífice de cujo nome ele era portador, uma coisa viva, nova e bela e planando nas alturas, impalpável, imperecível.

Levantou-se súbita e nervosamente do bloco de pedra pois não podia mais extinguir a chama em seu sangue. Sentia suas faces chamejando e sua garganta pulsando com canto. Havia em seus pés uma ânsia de vagar que clamava por partir para os confins da terra. Adiante! Adiante! Seu coração parecia gritar. O entardecer escurecia acima do mar, a noite cairia sobre as planícies, a madrugada reluziria diante do caminhante e lhe mostraria campos e colinas e rostos estranhos. Onde?

Olhou em direção ao norte para o lado de Howth. O mar tombara abaixo da linha de algas marinhas no lado raso do quebra-mar e a maré já se escoava rapidamente ao longo da praia. Um longo banco oval de areia já se achava tépido e seco entre as pequenas ondas. Aqui e ali ilhas tépidas de areia reluziam acima da maré baixa, e em volta das ilhas e ao redor do

banco longo e entre as correntes rasas da praia estavam figuras com roupas alegres e claras, molhando os pés e cavando buracos na areia.

Em poucos momentos ele estava descalço, suas meias dobradas nos bolsos e seus sapatos de lona por cima dos ombros balançando de seus cadarços amarrados; e, apanhando do entulho jogado entre as rochas uma vara pontuda comida pelo sal, desceu pela encosta do quebra-mar.

Havia um longo filete de água na praia: e, enquanto caminhava lentamente acompanhando seu curso, ele se surpreendia com a massa infundável de algas marinhas. Preta e esmeralda e castanho-avermelhada e cor de oliva, ela se movia por baixo da corrente, oscilando e girando. A água do filete estava escurecida por aquela massa infundável e refletia as nuvens que deslizavam no céu. As nuvens deslizavam silenciosamente acima dele e silenciosamente o sargaço deslizava abaixo dele; e o ar tépido e cinza estava parado: e uma nova vida selvagem cantava em suas veias.

Onde estava agora a sua meninice? Onde estava a alma que resistira ao seu destino, para meditar sozinha sobre a vergonha de suas feridas e em sua morada de sordidez e subterfúgio revesti-la regamente com mortalhas desbotadas e com guirlandas que murchavam ao toque? Ou onde estava ele?

Ele estava só. Estava ignorado, feliz e perto do coração selvagem da vida. Estava só e jovem e obstinado e de coração selvagem, só em meio a um deserto de atmosfera selvagem e água salobra e à safra marítima de conchas e algas e à luz cinzenta e velada do sol e às figuras com roupas alegres e roupas claras, de crianças e moças e vozes infantis e juvenis no ar.

Uma moça estava de pé diante dele no meio do mar, só e quieta, fitando as águas. Ela se parecia com alguém a quem alguma mágica houvesse emprestado a aparência de um pássaro marinho estranho e belo. Suas longas pernas esguias e nuas eram delicadas como as de uma garça e puras exceto onde um rastro esmeralda de alga marinha se amoldara como um sinal sobre a carne. Suas coxas, grossas e de uma tonalidade suave como o marfim, estavam despidas quase até os quadris onde as dobras brancas de sua calcinha eram como plumagens de penugem branca e suave. Sua saia cinzento-azulada estava pregueada audaciosamente em volta de sua cintura e se juntava atrás por meio de machos como as caudas de uma andorinha. Seu busto era suave e frágil como o de um pássaro, frágil e suave como o peito de uma andorinha de plumagem escura. Mas seus cabelos louros e longos eram de moça; e de moça, tocado pelo prodígio da beleza mortal, seu rosto.

Ela estava só e quieta, fitando o mar; e quando sentiu a presença dele e a adoração em seus olhos os olhos dela se voltaram para ele com a tolerância silenciosa de seu olhar, sem vergonha ou malícia. Por muito, muito tempo ela tolerou seu olhar e então tranqüilamente retirou seus olhos dos dele e baixou-os para o mar, agitando suavemente a água com seu pé aqui e ali. O primeiro ruído tênue da água suavemente agitada quebrou o silêncio, baixo e tênue e sussurrante, tênue como os sinos do sono; aqui e ali, aqui e ali; e uma chama tênue tremulou em sua face.

— Deus do céu! — gritou a alma de Stephen, numa explosão de alegria profana.

Virou subitamente as costas para ela e partiu através da praia. Suas faces estavam afogueadas; seu corpo estava alvoroçado, seus membros estavam trêmulos. Caminhou mais e mais e mais e mais, para bem longe por sobre a areia, cantando desvairadamente para o mar, gritando para saudar o advento da vida que clamara por ele.

A imagem dela penetrara sua alma para sempre e nenhuma palavra quebrara o silêncio sagrado de seu êxtase. Os olhos dela o haviam chamado e sua alma atendera ao chamado. Viver, errar, sucumbir, triunfar, recriar vida da vida! Um anjo selvagem lhe aparecera, o anjo da juventude e da beleza mortal, um mensageiro das belas cortes da vida, para abrir diante dele num momento de êxtase os portões de todos os caminhos do erro e da glória. Mais e mais e mais e mais!

Deteve-se subitamente e ouviu no silêncio seu coração. Até onde andara? Que horas eram?

Não havia nenhuma figura humana perto dele e nenhum som sequer lhe era trazido pelo ar. Mas a maré estava prestes a mudar e o dia já estava em declínio. Ele se voltou em direção a terra e correu para a praia e, subindo a correr pelo declive da praia, sem se importar com o seu seixo saibroso, encontrou um recanto arenoso num círculo de montinhos em meio a tufo de areia e se deitou ali para que a paz e o silêncio da noite pudessem acalmar o tumulto de seu sangue.

Sentia acima de si a abóbada celeste vasta e indiferente e os progressos tranqüilos dos corpos celestes; e a terra abaixo dele, a terra que o gerara, o acolhera em seu seio.

Cerrou os olhos no langor do sono. Suas pálpebras tremiam como se sentissem o amplo movimento cíclico da terra e de seus observadores, tremiam como se sentissem a luz estranha de algum mundo novo. Sua alma estava desfalecendo em algum mundo novo, fantástico, obscuro, incerto como se sob o mar, percorrida por formas e seres vagos. Um mundo, um vislumbre, ou uma flor? Vislumbrando e tremendo, tremendo e desabrochando, uma luz despontando, uma flor se abrindo, expandia-se em uma sucessão infundável, despontando em total carmesim e desabrochando e desbotando até o mais pálido tom de rosa, folha por folha e onda de luz por onda de luz, inundando todo o firmamento com seus jatos suaves, cada jato mais profundo do que o outro.

A noite havia caído quando ele acordou e a areia e o capim árido de seu leito não mais reluziam. Ele se ergueu lentamente e, recordando o êxtase de seu sono, suspirou de alegria.

Subiu até a crista do monte de areia e olhou à volta. A noite caíra. Um halo da jovem lua fendia o deserto pálido do céu como a orla de um aro prateado embutido em areia cinzenta; e a maré fluía rapidamente para a terra com um murmúrio baixo de suas ondas, ilhando algumas últimas figuras em poças distantes.

Ele esvaziou até a última gota a terceira xícara de chá aguado e pôs-se a mastigar as crostas de pão frito que estavam espalhadas perto dele, olhando fixamente para a poça escura do bule. Os pingos amarelos tinham sido tirados com concha como um monturo e a poça debaixo dele trazia-lhe de volta à memória a água escura da cor de turfa do banheiro de Clongowes. A caixa de cautelas de penhor junto ao seu cotovelo tinha acabado de ser varejada e, indolentemente, ele apanhou com seus dedos gordurosos um por um dos extratos azuis e brancos, cobertos de areia, rabiscados e dobrados e trazendo o nome daquele que penhorara, Daly ou MacEvoy.

1 par de borzeguins.

1 paletó de D.

3 peças de roupa branca.

1 calça de homem.

Então ele as pôs de lado e olhou pensativamente para a tampa da caixa, pontilhada de vestígios de piolho, e perguntou vagamente:

— Quanto está adiantado esse relógio agora?

Sua mãe acertou o despertador amassado que estava colocado de lado no meio do parapeito da lareira da cozinha até que seu mostrador indicasse um quarto para o meio-dia e então colocou-o mais uma vez de lado.

— Uma hora e vinte e cinco minutos — disse ela. — A hora certa agora é dez e vinte. O queridinho aqui sabe que poderia tentar chegar a tempo de assistir a suas aulas.

— Encha esse negócio para eu me lavar — disse Stephen.

— Katey, encha esse negócio para Stephen se lavar.

— Boody, encha esse negócio para Stephen se lavar.

— Não posso, estou muito ocupada. Encha você, Maggie.

Quando a bacia esmaltada foi encaixada na pia da cozinha e a luva de lavar lançada ao seu lado, ele permitiu que a sua mãe esfregasse seu pescoço e esquadrinhasse as dobras de suas orelhas e os interstícios nas abas de seu nariz.

— Bem, é uma coisa triste que um estudante universitário esteja tão sujo e que sua mãe tenha que lavá-lo.

— Mas isso lhe dá prazer — disse calmamente Stephen.

Um assobio de perfurar tímpano foi ouvido vindo do andar de cima e sua mãe enfiou um macacão úmido em suas mãos, dizendo:

— Trate de se secar e de se apressar pelo amor de Deus.

Um segundo assobio agudo, irritantemente prolongado, atraiu uma das meninas para o pé da escada.

— Sim, papai?

— A cadela preguiçosa de seu irmão já saiu?

— Já, papai.

— Tem certeza?

— Tenho, papai.

— Hum!

A menina voltou fazendo sinais para que ele se apressasse e saísse silenciosamente pelos fundos. Stephen riu e disse:

— Ele tem uma noção curiosa dos gêneros se ele pensa que cadela é masculino.

— Oh, é escandalosamente vergonhoso de sua parte, Stephen — disse sua mãe —, e você vai viver para se arrepender do dia em que pôs os pés naquele lugar. Sei como aquilo o mudou.

— Um bom dia para todos — disse Stephen sorrindo e beijando as pontas dos dedos em sinal de adeus.

A alameda por trás do terraço estava alagada e enquanto ele descia lentamente por ela, escolhendo onde pisar entre os montes de detritos molhados, ouviu uma freira louca berrando atrás do muro no hospício das freiras.

— Oh, meu Jesus! Jesus! Jesus!

Esvaziou os ouvidos daquele som com uma sacudidela irritada da cabeça e se apressou, tropeçando através do lixo reduzido a pó, com seu coração já consumido pela dor da aversão e da amargura. O assobio do pai, os resmungos da mãe, o berro de uma maníaca invisível eram agora para ele tantas vozes ofendendo e ameaçando humilhar o orgulho de sua juventude. Expulsou com abominação seus ecos para fora do coração; mas, à medida que andava pela avenida e sentia a luz cinza da manhã caindo à sua volta através das árvores gotejantes e sentia o estranho perfume silvestre das folhas e das cascas das árvores molhadas, sua alma se libertava de suas misérias.

As árvores da avenida encharcadas de chuva evocavam nele, como sempre, lembranças das meninas e mulheres das peças de Gerhart Hauptmann; e a lembrança de suas pálidas mágoas e a fragrância emanando dos galhos molhados se

misturavam num estado de espírito de alegria muda. Seu passeio da manhã através da cidade começara, e ele antevia que quando passasse pelos lamaçais de Fairview ele pensaria na prosa monástica e raiada de prata de Newman, que à medida que caminhasse ao longo da North Strand Road olhando negligentemente para as vitrines das lojas de mantimentos, recordaria o humor negro de Guido Cavalcanti e sorriria, que quando passasse pelas oficinas de escultura em pedra de Baird, em Talbot Place, o espírito de Ibsen sopraria através dele com um vento incisivo, um espírito de uma beleza caprichosa e infantil, e que passando por uma loja de um enfarruscado negociante de artigos marítimos do outro lado do rio Liffey repetiria a canção de Ben Jonson que começa assim:

Eu não estava mais cansado onde me encontrava.

Sua mente, quando exausta de sua busca da essência da beleza entre as palavras espectrais de Aristóteles ou de Aquino, voltava-se freqüentemente por prazer para as canções requintadas dos elisabetanos. Sua mente, nas vestes de um monge hesitante, se mantinha freqüentemente na sombra sob as janelas daquela época, para ouvir a música zombeteira e grave dos tocadores de alaúde ou o riso franco dos galanteadores até que um riso grosseiro demais, uma frase de libertinagem e de falsa honra, embaciados pelo tempo, feriam seu orgulho monástico e o estimulavam a sair de seu esconderijo.

A doutrina sobre a qual era de supor que ele passasse os dias meditando visto que ela o havia arrebatado da companhia de gente moça era apenas um celeiro de frases curtas extraídas da poética e psicologia de Aristóteles e de uma *Synopsis Philosophiæ Scholasticæ ad Mentem divi Thomæ*. Seu pensamento era uma penumbra de dúvida e autodesconfiança iluminado em certos momentos pelos clarões da intuição, mas clarões de tão puro esplendor que naqueles momentos o mundo parecia a seus pés como se tivesse sido consumido pelo fogo; e daí por diante sua língua ficava pesada e ele enfrentava os olhos dos outros com olhos que não tinham resposta pois ele sentia que o espírito da beleza o havia envolvido como um manto e que ao menos em sonho ele se familiarizara com a nobreza. Porém, quando este breve orgulho de silêncio não o sustentava mais, ele se sentia contente em se encontrar ainda no meio de vidas comuns, seguindo destemidamente e com um coração leve seu caminho em meio à sordidez e ao barulho e à indolência da cidade.

Perto do tapume no canal ele encontrou o homem tísico com um rosto de boneca e um chapéu sem abas vindo com passos curtos em direção a ele, pelo declive da ponte, com seu sobretudo da cor de chocolate hermeticamente abotoado, e segurando seu guarda-chuva fechado a um palmo ou dois dele como se fosse uma varinha mágica. Devem ser onze horas, pensou, e olhou para dentro de uma leiteria para ver a hora. O relógio da leiteria lhe dizia que eram cinco minutos para as cinco mas, quando ele se afastou, ouviu em algum lugar próximo um relógio invisível soando onze badaladas com repentina precisão. Riu ao ouvi-lo pois isso o fez pensar em McCann e viu sua figura atarracada de jaqueta e calças de caçador, com um cavanhaque louro, de pé na ventania da esquina de Hopkins, e o ouviu dizer:

— Dedalus, você é um ser anti-social, voltado para si mesmo. Eu não sou. Sou um democrata: e vou trabalhar e atuar pela liberdade e igualdade sociais entre classes e sexos nos Estados Unidos da Europa do futuro.

Onze! Então estava atrasado para aquela aula também. Que dia da semana era? Parou na banca de jornais para ler o cabeçalho de um cartaz. Quinta-feira. Dez para as onze, inglês; onze para o meio-dia, francês; doze para uma, física. Via em sua fantasia a aula de inglês e se sentia, mesmo a distância, agitado e desamparado. Via as cabeças de seus colegas de classe docilmente curvadas enquanto escreviam em seus cadernos de notas os pontos que eram solicitados a anotar lado a lado, definições nominais, definições essenciais e exemplos ou datas de nascimento ou morte, obras principais, uma crítica favorável e uma desfavorável lado a lado. Sua própria cabeça não estava inclinada pois seus pensamentos vagavam longe e quer ele olhasse à volta da pequena turma de estudantes ou pela janela para os jardins desolados do gramado um odor lúgubre de umidade de porão e de decadência o assaltava. Uma outra cabeça, bem à sua frente nos primeiros bancos, estava suspensa firmemente acima dos colegas inclinados como a cabeça de um padre rogando sem humildade ao tabernáculo pelos humildes devotos à sua volta. Por que será que quando ele pensava em Cranly nunca conseguia evocar em sua mente a imagem inteira do seu corpo mas apenas a imagem da cabeça e do rosto? Mesmo agora de encontro à cortina cinzenta da manhã ele a via diante de si como o fantasma de um sonho, o rosto de uma cabeça decepada ou máscara mortuária, a fronte de cabelos pretos duros em pé coroada como por uma coroa de ferro. Era um rosto clerical, clerical em sua palidez, no nariz de abas largas, nas olheiras debaixo dos olhos e ao longo dos maxilares, clerical nos lábios que eram longos e exangues e ligeiramente sorridentes; e Stephen, lembrando-se repentinamente de como contara a Cranly todos os tumultos e inquietações e anseios de sua alma, dia após dia e noite após noite, tendo obtido apenas como resposta o silêncio do amigo que o escutava, teria dito a si mesmo que era o rosto de um padre culpado que ouvia confissões daqueles que ele não tinha o poder de absolver mas que sentia novamente na memória o olhar de seus olhos escuros e feminis.

Através desta imagem ele teve um relance de uma estranha caverna escura de especulação mas imediatamente a afastou, sentindo que não era ainda o momento de penetrar nela. Mas a sombra noturna da indiferença do amigo parecia estar espalhando no ar ao seu redor uma emanção tênue e mortal e ele se viu olhando de uma palavra casual para a outra à sua

direita ou esquerda, com a imperturbável surpresa de verificar que elas tinham sido furtivamente esvaziadas de sentido imediato até que todos os letreiros insignificantes das lojas subjugaram sua mente como as palavras de uma fórmula mágica e sua alma envelhecida se contraiu, suspirando enquanto ele caminhava por uma alameda entre os escombros de uma língua morta. Sua própria consciência do idioma refluiu de seu cérebro e se escoava nas próprias palavras que se organizavam em bando e debandavam em ritmos caprichosos:

*A hera geme na parede
Geme e tece na parede
A hera geme na parede
A hera amarela na parede
A hera, a hera acima na parede.*

Alguém já ouviu sandice igual? Deus Todo-poderoso! Quem já ouviu falar de hera gemendo na parede? Hera amarela: está certo. Marfim amarelo também. E que tal hera-marfim?

A palavra brilhava agora em seu cérebro, mais clara e mais reluzente do que qualquer marfim serrado das presas mosqueadas dos elefantes. Marfim: *ivory, ivoire, avorio, ebur*. Um dos primeiros exemplos que aprendera em latim era assim: *India mittit ebur*;[28] e ele se lembrava do rosto nórdico e astuto do reitor que lhe ensinara a traduzir as metamorfoses de Ovídio em inglês cortês, tornado esdrúxulo pela menção de leitões e cacos de louça de barro e de porcelana e lombo e toucinho defumado. Aprendera o pouco que sabia sobre as regras de versificação latina em um livro em péssimo estado escrito por um padre português.

Contrahit orator, variant in carmine vates.[29]

As crises e vitórias e secessões ocorridas na história romana lhe eram transmitidas pelas palavras banais *in tanto discrimine*[30] e ele tentara examinar a vida social da cidade de todas as cidades através das palavras *implere ollam denariorum*[31] que o reitor usara sonoramente para expressar o fato de se encher um pote de moedas romanas. As páginas de seu Horácio gasto pelo tempo nunca lhe pareciam frias quando as tocava mesmo quando seus próprios dedos estavam frios; eram páginas humanas; e cinquenta anos antes tinham sido viradas pelos dedos humanos de John Duncan Inverarity e por seu irmão, William Malcolm Inverarity. Sim, aqueles eram nomes nobres na guarda escurecida do livro e, mesmo para um tão fraco latinista quanto ele, os versos escurecidos eram tão flagrantes como se tivessem estado todos aqueles anos embebidos em mirta e lavanda e verbena; no entanto doía-lhe pensar que nunca seria senão um tímido hóspede na festa da cultura mundial e que o saber monástico, em termos do qual ele se esforçava em forjar uma filosofia estética, não tinha um conceito mais alto na época em que vivia do que os jargões sutis e curiosos da heráldica e da falcoaria.

O bloco cinzento de Trinity College à sua esquerda, embutido pesadamente na ignorância da cidade como uma pedra grande e sem brilho encastada em um anel, demonstrava seu espírito; e enquanto se esforçava desta e daquela maneira por libertar os pés dos grilhões da consciência reformada ele se deparou com a estátua grotesca do poeta nacional da Irlanda.

Olhou para ela sem raiva, pois, embora indolência de corpo e de alma se insinuasse sobre ela como uma praga invisível, se esgueirando sobre os pés vacilantes e subindo pelas dobras da capa até chegar à volta da cabeça servil, ela parecia humildemente consciente de sua indignidade. Era um *firbolg* na capa emprestada de um milésio;[32] e ele pensou em seu amigo Davin, o estudante camponês. Era um nome brincalhão que usava para ele mas o jovem camponês o tolerava alegremente dizendo:

— Vamos, Stevie, eu tenho uma cabeça dura como você diz. Pode me chamar do que quiser.

A versão familiar de seu nome cristão nos lábios de seu amigo agradara a Stephen quando ouvida pela primeira vez, pois ele era tão formal falando com outros como eles o eram com ele. Frequentemente, quando se sentava no quarto de Davin na Grantham Street, admirando as botas bem-feitas do amigo dispostas aos pares ao longo da parede e repetindo para os ouvidos modestos do amigo os versos e cadências de outros que eram na verdade disfarces de seus próprios anseios e de sua depressão, Stephen sentia que o rude espírito de *firbolg* de seu ouvinte sucessivamente atraía e repelira o seu, atraindo-o seja com uma delicadeza de atenção tranquila e inata seja com um fraseado singular da linguagem inglesa antiga seja pela força de seu prazer desfrutado com vigorosos exercícios físicos — pois Davin se prostrava aos pés de Michael Cusack, o gaélico[33] — e a repelindo rápida e subitamente com uma rudeza de inteligência ou com um embotamento de sentimento ou com um olhar fixo de terror nos olhos, o terror de alma de um vilarejo faminto da Irlanda no qual o toque de recolher ainda era um temor noturno.

Lado a lado com sua lembrança dos feitos de proeza de seu tio Mat Davin, o atleta, o jovem camponês venerava a lenda dolorosa da Irlanda. A bisbilhotice de seus colegas que a todo custo se esforçavam por tornar significativa a vida

monótona do colégio gostava de ver nele um jovem feniano. Sua babá lhe ensinara a língua irlandesa e moldara sua tosca imaginação segundo as luzes intermitentes do mito irlandês.

Ele mantinha em relação a esse mito do qual nenhum espírito individual jamais extraía um traço de beleza e em relação a seus contos canhestros que se dividiam à medida que se moviam pelos ciclos abaixo com a mesma atitude adotada para com a religião católica romana, a atitude de um servo parvo e leal. Sua mente se armava contra qualquer tipo de pensamento ou de sentimento que viesse da Inglaterra ou por meio da cultura inglesa, em obediência a uma senha; e do mundo existente além da Inglaterra ele conhecia apenas a legião estrangeira da França na qual falava em se alistar.

Unindo esta ambição ao humor do jovem, Stephen freqüentemente o chamara de um dos gansos mansos:[\[34\]](#) e havia até uma ponta de irritação contra esse nome voltada contra aquela própria resistência à expressão e à ação em seu amigo a qual parecia tão freqüentemente se interpor entre a mente de Stephen, ávida de especulação, e os rumos ocultos da vida irlandesa.

Uma noite com o espírito espicaçado pela linguagem violenta ou exuberante por meio da qual Stephen fugia do silêncio frio da revolta intelectual, o jovem camponês evocara uma estranha visão na mente de Stephen. Os dois andavam lentamente em direção ao quarto de Davin através das ruas estreitas e escuras do bairro judeu mais pobre.

— No outono passado, com a chegada do inverno, aconteceu uma coisa comigo que nunca contei a vivalma, Stevie, e você é a primeira pessoa a quem vou contá-la agora. Não me lembro se era outubro ou novembro. Era outubro porque foi antes que eu viesse para cá para me juntar à turma que se matriculava.

Stephen voltara os olhos sorridentes para o rosto do amigo, lisonjeado por sua confiança e conquistado pela inflexão simples do interlocutor.

— Todo aquele dia eu estive fora de meu próprio lugarejo em Buttevant, não sei se você sabe onde isso fica, numa partida de hóquei irlandês entre os Rapazes de Croke e os Destemidos Thurlles e por Deus, Stevie, foi uma partida bem difícil. Meu primo-irmão, Fonsy Davin, tinha largado o couro naquele dia jogando na defesa dos Limerick mas a metade do tempo ele amparava os atacantes gritando como um louco. Não vou me esquecer nunca daquele dia. Um dos jogadores do Croke deu uma paulada miserável nele com seu bastão e confesso a Deus que por um triz não o atingiu na têmpera. Oh, por Deus, se o bastão o tivesse alcançado daquela vez ele estaria liquidado.

— Fico feliz que ele tenha escapado — disse Stephen com uma risada —, mas isso não é certamente a coisa estranha que aconteceu com você?

— Bem, suponho que isso não interesse a você mas foi pelo menos tamanha barulheira depois da partida que perdi o trem para casa e não consegui arrumar sequer um carro de bois que me desse carona, como um pouco de sorte exigiria, pois havia ali um comício monstro naquele mesmo dia em Castletownroche e todos os carros do país estavam lá. Assim não havia nada a fazer a não ser passar lá a noite ou ir embora a pé. Bem, comecei a andar e assim fui e a noite estava chegando quando atingi as colinas de Ballyhoura, que ficam a dez milhas de Kilmallock e depois disso há ainda uma longa estrada solitária. Nenhum sinal de casa cristã era visível ao longo da estrada e nenhum som ouvido. Estava quase escuro como breu. Uma ou duas vezes parei no caminho junto a um arbusto para avivar o meu cachimbo e se ao menos o orvalho não estivesse tão espesso eu me teria estirado ali e dormido. Finalmente, depois de uma curva da estrada, vislumbrei um pequeno chalé com uma luz na janela. Caminhei para ele e bati na porta. Uma voz indagou quem estava ali e eu respondi que estivera na partida em Buttevant e estava andando de volta para casa e ficaria grato se me desse um copo de água. Depois de algum tempo uma moça abriu a porta e me trouxe um caneco grande de leite. Ela estava meio despida como se estivesse indo para a cama quando bati à porta e seus cabelos estavam soltos, e eu achei por seu aspecto e por uma certa expressão em seus olhos que devia ter uma criança nos braços. Ficou conversando por muito tempo comigo na porta e eu achei isso estranho porque seus ombros e seios estavam nus. Perguntou-me se eu estava cansado e se gostaria de passar a noite ali. Disse que estava inteiramente só em casa e que o marido tinha ido aquela manhã para Queenstown para acompanhar a irmã que partira. E o tempo todo, Stevie, tinha os olhos fixos no meu rosto enquanto falava e estava tão próxima de mim que eu podia ouvir sua respiração. Quando finalmente eu lhe entreguei de volta o caneco ela tomou minha mão para me arrastar pela soleira da porta e disse: *Venha e passe a noite aqui. Você não tem motivo para ficar assustado. Não há ninguém em casa a não ser nós dois...* Eu não entrei, Stevie. Agradei e prossegui no meu caminho, totalmente perturbado. Na primeira curva da estrada olhei para trás e lá estava ela de pé na porta.

As últimas palavras da história de Davin soavam em sua memória e a figura da mulher da história se projetava, refletida em outras figuras de camponesas que ele vira de pé nos vãos das portas em Clane enquanto os carros do colégio passavam, como um modelo da raça dela e dele, uma alma de morcego despertando para a consciência de si mesma na escuridão e no sigilo e na solidão e, através dos olhos e da voz e do gesto de uma mulher sem malícia, convidando o estranho para a sua cama.

Uma mão pousou em seu braço e uma voz jovem gritou:

— Ah, cavalheiro, para a sua namorada, senhor! A primeira venda hoje, cavalheiro. Compre este lindo ramalhete. Não

quer, cavalheiro?

As flores azuis que ergueu para ele assim como os jovens olhos azuis da vendedora lhe pareciam naquele instante imagens de ingenuidade; e ele se deteve até que a imagem se desvanecesse e ele visse apenas seu vestido esfarrapado e o cabelo maltratado e úmido e o rosto atrevido.

— Compre, cavalheiro! Não esqueça sua namorada, senhor!

— Não tenho dinheiro — disse Stephen.

— Compre, elas são lindas, não quer, senhor? Por um *penny* apenas.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou Stephen, se inclinando para ela. — Eu lhe disse que não tinha nenhum dinheiro. Estou dizendo agora de novo.

— Bem, com certeza o senhor vai comprar um outro dia, com a vontade de Deus — respondeu a moça um instante depois.

— Possivelmente — disse Stephen —, mas não me parece provável.

Deixou-a rapidamente, temendo que a intimidade dela pudesse se transformar em zombaria e desejando estar fora do caminho antes que ela oferecesse sua mercadoria a um outro, um turista da Inglaterra ou um estudante de Trinity College. A Grafton Street, por onde caminhava, prolongava aquele momento de pobreza desfavorecida. No leito da rua no topo da rua estava colocada uma placa em memória de Wolfe Tone [35] e ele se lembrava de ter estado presente com seu pai à sua inauguração. Lembrava-se com amargor daquela cena de tributo espalhafatoso. Havia quatro delegados franceses no vagão de guarda e um deles, um jovem gorducho e sorridente, segurava um cartaz engravado numa vara, no qual estavam escritas as palavras *Vive l'Irlande!*

Mas as árvores de Stephen Green tinham a fragrância da chuva e a terra encharcada-de-chuva exalava um odor mortal, um ligeiro incenso se elevando de muitos corações através da terra vegetal. A alma da cidade galante e venal de que seus ancestrais lhe haviam falado havia se reduzido com o tempo a um ligeiro odor mortal a se elevar da terra e ele sabia que em breve quando entrasse no colégio sombrio teria consciência de uma corrupção diversa da de Buck Egan e de Burnchapel Whaley.

Era tarde demais para subir para a aula de francês. Atravessou a sala de entrada e enveredou pelo corredor à esquerda que conduzia ao anfiteatro de física. O corredor estava escuro e silencioso mas não descuidado. Por que ele sentia que não era descuidado? Seria porque ouvira que na época de Buck Whaley havia ali uma escada secreta? Ou era extraterritorial a casa dos jesuítas e ele estava andando entre estranhos? A Irlanda de Tone e de Parnell parecia ter recuado no espaço.

Ele abriu a porta do anfiteatro e se deteve sob a luz cinza e fria que se infiltrava com dificuldade através das janelas empoeiradas. Uma figura estava agachada diante da lareira grande e por sua magreza e seus cabelos grisalhos soube que era o decano de estudos acendendo o fogo. Stephen fechou a porta calmamente e se aproximou da lareira.

— Bom-dia, senhor! Posso ajudá-lo?

O padre ergueu os olhos rapidamente e disse:

— Daqui a um momento, Sr. Dedalus, e o senhor verá. Há uma arte em acender o fogo. Temos as artes liberais e as artes mecânicas. Esta é uma das artes mecânicas.

— Procurarei aprender isso — disse Stephen.

— Não usar carvão demais — disse o decano, dedicando-se animadamente à sua tarefa —, este é um dos segredos.

Retirou quatro tocos de velas dos bolsos laterais de sua batina e os colocou habilmente entre os carvões e pedaços enrolados de papel. Stephen o observava em silêncio. Ajoelhado assim na laje para acender o fogo e ocupado com a arrumação de suas tiras de papel e tocos de velas ele parecia mais do que nunca um servidor humilde preparando o lugar do sacrifício de um templo vazio, um levita do Senhor. Como a túnica branca de puro linho de um levita, a batina surrada e desbotada drapejava a figura ajoelhada daquele a quem os paramentos ou o manto ornamentado de sinos iam incomodar e perturbar. Seu próprio corpo envelhecera no serviço humilde do Senhor — ao cuidar das velas no altar, levar notícias secretamente, ocupar-se dos leigos deste mundo, bater fortemente quando ordenado — e no entanto permanecera de qualquer forma desfavorecido da beleza santa ou daquela de um prelado. Não, sua própria alma envelhecera naquele serviço sem crescer em direção à luz e à beleza ou espalhar para fora de si o doce odor de sua santidade — uma vontade mortificada não mais sensível à vibração de sua obediência do que à vibração do amor ou da luta, com seu corpo envelhecido, magro e resistente, grisalho com um buço de pontas prateadas.

O decano se sentou sobre os calcanhares enquanto observava os gravetos pegarem fogo. Para quebrar o silêncio, Stephen disse:

— Tenho certeza de que não seria capaz de acender uma lareira.

— O senhor é um artista, não é, Sr. Dedalus? — disse o decano, erguendo os olhos pálidos e piscando. — O objetivo do artista é a criação do belo. O que é o belo é uma outra questão.

Esfregou as mãos lenta e secamente passando por cima da dificuldade.

— O senhor pode resolver esta questão agora? — perguntou.

— Aquino — respondeu Stephen — diz *Pulchra sunt quæ visa placent*. [36]

— Este fogo diante de nós — disse o decano — será agradável aos olhos. Será portanto belo?

— Na medida em que é apreendido pela vista, o que suponho significar aqui entendimento estético, será belo. Mas Aquino também diz *Bonum est in quod tendit appetitus*. [37] Na medida em que ele satisfaz o anseio animal por calor e fogo é um bem. No inferno no entanto é um mal.

— De acordo — disse o decano —, você acertou em cheio.

Ergueu-se agilmente e se dirigiu para a porta, entreabriu-a e disse:

— Diz-se que uma corrente de ar ajuda nesses casos.

Quando voltou para a lareira, mancando ligeiramente embora com passo vigoroso, Stephen viu a alma silenciosa de um jesuíta olhar para ele com olhos pálidos e indiferentes. Como Ignácio ele era aleijado mas em seus olhos não ardia a chama de entusiasmo de Ignácio. Até mesmo a perícia lendária da companhia, uma perícia mais sutil e mais secreta do que seus livros admiráveis de sabedoria sutil e secreta, não inflamara sua alma com a energia do apostolado. Parecia que ele usava os ardis e a doutrina e a astúcia do mundo, como ordenado a fazer, para a maior glória de Deus, sem alegria em seu manuseio ou ódio daquilo que neles era um mal mas voltando-os, com um gesto firme de obediência, sobre si mesmos; e apesar de todo este serviço silencioso parecia que ele não amava de forma alguma o mestre e pouco, se amasse de todo, os fins para os quais servia. *Similiter atque senis baculus*, [38] ele era, como o fundador o desejaria, como um bastão na mão de um velho, para ser deixado num canto, para servir de apoio ao cair da noite na estrada ou na intempérie, para ficar sobre um banco de jardim com um ramo de flores, para ser erguido como ameaça.

O decano voltou para a lareira e começou a coçar o queixo.

— Quando podemos esperar alguma coisa do senhor sobre a questão da estética? — perguntou.

— De mim! — disse Stephen atônito. — Eu tropeço numa idéia a cada quinzena se tanto quando estou com sorte.

— Estas questões são muito profundas, Sr. Dedalus — disse o decano. — É como olhar dos penhascos escarpados de Moher para as profundezas do mar. Muitos descem até as profundezas e nunca voltam à tona. Só o mergulhador treinado pode descer até aquelas profundezas e explorá-las e voltar para a superfície novamente.

— Se o senhor quer dizer especulação — disse Stephen —, eu também tenho certeza de que não existe esta coisa chamada livre pensar visto que todo pensar também é limitado por suas próprias leis.

— Ah!

— Para o que tenho em vista posso trabalhar no momento à luz de uma ou duas idéias de Aristóteles e Aquino.

— Compreendo. Compreendo perfeitamente seu ponto de vista.

— Preciso deles apenas para meu próprio uso e orientação até que eu tenha feito alguma coisa por mim mesmo à luz de seus ensinamentos. Se a candeia lança fumaça ou exala perfume tentarei pô-la em ordem. Se não fornecer luz eu a venderei e comprarei uma outra.

— Epicteto também tinha uma candeia — disse o decano — que foi vendida por um preço exorbitante depois de sua morte. Era a candeia à luz da qual ele escreveu suas teses filosóficas. Você conhece Epicteto?

— Um senhor idoso — disse Stephen asperamente — que disse que a alma é muito parecida com um balde cheio de água.

— Ele nos diz de maneira despreziosa — prosseguiu o decano — que pôs um candeeiro de ferro diante de uma estátua de um dos deuses e que um ladrão o roubou. O que fez o filósofo? Ele refletiu que roubar era uma característica de um ladrão e decidiu comprar um candeeiro de barro no dia seguinte em vez de um candeeiro de ferro.

Um cheiro de sebo derretido vinha dos tocos de vela do decano e se fundia na consciência de Stephen com o tilintar das palavras, balde e candeia e candeia e balde. A voz do padre também tinha um tom tilintante desagradável. A mente de Stephen parou por instinto, detida pelo tom estranho e pelo rosto do padre que parecia uma lâmpada apagada ou um refletor suspenso num foco falso. O que existia por trás dele ou dentro dele? Um torpor apático da alma ou o embotamento da nuvem tempestuosa, acusada de entendimento e capaz de provocar o desalento de Deus?

— Eu me refiro a um tipo diferente de lâmpada, senhor — disse Stephen.

— Indubitavelmente — disse o decano.

— Uma dificuldade na discussão da estética — disse Stephen — é saber se as palavras estão sendo usadas de acordo com a tradição literária ou de acordo com a tradição do mercado. Eu me lembro de uma frase de Newman na qual ele diz a respeito da Santíssima Virgem que ela estava detida na companhia de todos os santos. O emprego da palavra no mercado é bem diferente. *Espero não o estar detendo*.

— De forma alguma — disse o decano polidamente.

— Não, não — disse Stephen sorrindo —, eu quero dizer...

— Sim, sim; eu compreendo — disse o decano rapidamente. — Percebo perfeitamente a questão: *deter*.

Jogou para a frente o maxilar inferior e fez ouvir uma tosse curta e seca.

— Voltando ao candeeiro — disse ele —, sua manutenção é também um problema e tanto. Deve-se escolher um óleo puro e ter cuidado ao derramá-lo para que não transborde, não derramar mais do que o funil pode conter.

— Que funil? — perguntou Stephen.

— O funil através do qual o óleo é derramado no candeeiro.

— Isso? — disse Stephen. — Isso é chamado de funil? Não é um vertedor?

— O que é um vertedor?

— Isso. O... o funil.

— Isso é chamado de vertedor na Irlanda? — perguntou o decano. — Eu nunca ouvi essa palavra em minha vida.

— É chamado de vertedor em Lower Drumcondra — disse Stephen rindo —, onde falam o mais puro inglês.

— Um vertedor — disse o decano pensativamente. — Essa é uma palavra muito interessante. Preciso pesquisar essa palavra. Palavra de honra que preciso.

Sua maneira cortês soava um pouco falsa, e Stephen olhou para o neófito inglês com os mesmos olhos que o irmão mais velho na parábola olhou para o filho pródigo. Um seguidor humilde no rastro de conversões clamorosas, um pobre inglês na Irlanda, ele parecia ter entrado no palco da história jesuíta quando aquele estranho jogo de intriga e sofrimento e inveja e luta e indignidade chegara a termo — um retardatário, um espírito tardio. De que ponto ele partira? Talvez tivesse nascido e sido criado entre sérios dissidentes, vendo a salvação apenas em Jesus e abominando as pompas vãs do sistema. Teria sentido a necessidade de uma fé implícita em meio ao rebuliço do sectarismo e o jargão de seus cismas turbulentos, seis homens de princípios, pessoas peculiares, batistas traiçoeiros e de estirpe, dogmatistas calvinistas? Havia ele encontrado a Igreja verdadeira de repente ao enrolar até o fim como um carretel de algodão alguma linha tênue de raciocínio sobre a insuflação ou a imposição das mãos ou a procissão do Espírito Santo? Ou Cristo Senhor o tocara e o ordenara a segui-lo, quando ele estava sentado bocejando e contando suas moedas da Igreja, junto à porta da capela de teto de zinco, como o fizera com aquele discípulo que estava sentado no escritório da receita?

O decano contudo repetia a palavra novamente.

— Vertedor! Ora veja, que interessante!

— A pergunta que o senhor me fez um momento atrás me parece mais interessante. Qual é esta beleza que o artista luta por expressar partindo de torrões de terra — disse Stephen friamente.

A palavrinha parecia ter voltado a ponta do florete de sua sensibilidade contra esse inimigo vigilante e cortês. Sentiu com uma pontada de melancolia que o homem com quem estava falando era conterrâneo de Ben Jonson. Pensou:

— O idioma no qual estamos falando é dele antes de ser meu. Como são diferentes as palavras *lar*, *Cristo*, *cerveja*, *mestre*, nos lábios dele e nos meus! Não posso falar ou escrever estas palavras sem inquietação de espírito. Seu idioma, tão familiar e estranho, será sempre para mim uma linguagem adquirida. Eu não fiz nem aceitei suas palavras. Minha voz as mantém acuadas. Minha alma se corrói à sombra de seu idioma.

— E para distinguir entre o belo e o sublime — acrescentou o decano. — Para distinguir entre a beleza moral e a beleza material. E para indagar que espécie de beleza é apropriada a cada uma das diversas artes. Estas são algumas questões interessantes que poderíamos começar a estudar.

Subitamente desanimado com o tom de voz firme e seco do decano, Stephen ficou em silêncio. O decano também ficou em silêncio; e através do silêncio um barulho distante de muitas botas e de vozes confusas subia pela escada.

— Ao prosseguir com estas especulações — disse o decano de maneira decisiva — há no entanto o perigo de perecer de inanição. Primeiro é preciso você se formar. Estabeleça isso para si mesmo como seu primeiro objetivo. Então pouco a pouco, o senhor descobrirá o seu caminho. Quero dizer em todos os sentidos, seu modo de viver e de pensar. Pode ser a princípio pedalando morro acima. Veja o Sr. Moonan. Ele levou muito tempo para chegar ao topo. Mas chegou lá.

— Posso não ter o talento dele — disse Stephen tranqüilamente.

— Nunca se sabe — disse o decano vivamente. — Não podemos nunca dizer o que existe em nós. Com toda a certeza eu não me entregaria ao desânimo. *Per aspera ad astra.* [39]

Saiu rapidamente de perto da lareira e se encaminhou para o patamar para supervisionar a chegada da primeira turma de artes.

Encostado na lareira Stephen o ouvia saudar animada e imparcialmente todos os estudantes da turma e quase podia ver os sorrisos francos dos estudantes mais grosseiros. Uma piedade desolada começou a cair como orvalho sobre o seu coração facilmente amargurado por este fiel servidor do nobre Loyola, por este meio-irmão do clero, de linguagem mais venal do que a deles, mais firme de alma do que eles, alguém que ele nunca chamaria de pai espiritual; e pensava como este homem e seus companheiros tinham adquirido a denominação de seres mundanos nas mãos não apenas dos seres espirituais mas também dos mundanos por terem rogado, durante toda a sua história, junto ao tribunal de justiça de Deus pelas almas dos brandos e dos tíbios e dos prudentes.

A entrada do professor foi assinalada por salvas de palmas e pelas botas pesadas daqueles estudantes que estavam sentados na fileira mais alta de bancos do sombrio anfiteatro sob as janelas cinza cobertas de teias de aranha. A chamada da lista de presença começou e as respostas aos nomes eram dadas em voz alta em todos os tons até que o nome de Peter Byrne foi mencionado.

— Aqui!

Uma nota de baixo profundo veio em resposta da fileira superior, seguida de tosses de protesto em outros bancos.

O professor fez uma pausa em sua leitura e chamou o próximo nome:

— Cranly!

Nenhuma resposta.

— Sr. Cranly!

Um sorriso percorreu o rosto de Stephen enquanto pensava nos estudos do amigo.

— Tente o hipódromo de Leopardstown! — disse uma voz do banco de trás.

Stephen ergueu rapidamente os olhos mas a cara afocinhada de Moynihan, delineada na luz cinzenta, estava impassível. Uma fórmula foi enunciada. Em meio ao farfalhar dos cadernos Stephen virou para trás novamente e disse:

— Me dê uma folha de papel, pelo amor de Deus.

— Você está tão ruim assim? — perguntou Moynihan com um sorriso largo e forçado.

Arrancou uma folha de seu caderno de rascunho e a passou para Stephen, murmurando:

— Em caso de necessidade qualquer leigo ou mulher pode fazer isso.

A fórmula que ele escreveu docilmente na folha de papel, os cálculos enrolados e desenrolados do professor, os símbolos espectrais de força e velocidade fascinavam e esfalfavam a mente de Stephen. Ouvira alguns dizerem que o velho professor era um maçom ateu. Que dia cinzento e enfadonho! Parecia o limbo de uma consciência indolor e paciente através do qual almas de matemáticos pudessem perambular de um plano a outro, projetando suas longas tramas delgadas de um crepúsculo cada vez mais rarefeito e mais pálido, difundindo torvelinhos velozes até os últimos limites de um universo cada vez mais vasto, mais distante e mais impalpável.

— Assim devemos distinguir entre elíptico e elipsoidal. Talvez alguns dos senhores possam estar familiarizados com os trabalhos do Sr. W. S. Gilbert. Em uma de suas canções ele fala do trapaceiro em bilhar que é condenado a jogar:

Sobre um pano amarrotado

Com um taco deformado

E bolas de bilhar elípticas.

“Ele quer dizer uma bola tendo a forma de um elipsóide de cujos eixos principais falei um momento atrás.”

Moynihan se inclinou até o ouvido de Stephen e murmurou:

— Que bolas elipsoidais de valor! Persigam-me, senhoras, estou na cavalaria!

O humor grosseiro de seus colegas percorria como uma rajada de vento a clausura da mente de Stephen, sacudindo para uma vida festiva as vacilantes vestes sacerdotais penduradas nas paredes, fazendo-as oscilar e saltar numa algazarra orgíaca. As figuras da comunidade emergiam das vestes sopradas pela rajada de vento, o decano de estudos, o tesoureiro da universidade corpulento e vulgar com sua carapuça de cabelos grisalhos, o presidente, o padrezinho de cabelo emplumado que escrevia versos religiosos, a figura campesina e atarracada do professor de economia, a figura alta do jovem professor de psicologia discutindo no patamar da escada um caso de consciência com sua turma como uma girafa roendo folhagem no alto das árvores entre um rebanho de antílopes, o presidente da Congregação Mariana sério e agitado, o rechonchudo professor de italiano de cabeça redonda e olhos brejeiros. Eles vinham caminhando e tropeçando, rolando e saltando, dobrando suas batinas para pular carniça, agarrando-se uns aos outros, sacudidos por uma risada forte e extravagante, dando-se tapas nas costas e rindo de sua malícia rude, chamando-se uns aos outros por seus apelidos familiares, protestando com súbita dignidade contra algum costume violento, cochichando de dois em dois com a mão diante da boca.

O professor se encaminhara para as vitrines ao longo das paredes e de uma de suas prateleiras tirou um conjunto de bobinas, soprou em vários lugares para tirar a poeira que havia nele e, trazendo-o cuidadosamente para a mesa, manteve um dedo sobre ele enquanto prosseguia com sua preleção. Explicou que os fios em bobinas modernas eram de um composto chamado platinóide recentemente descoberto por F. W. Martino.

Pronunciou claramente as iniciais e o sobrenome do descobridor. Moynihan cochichou atrás de Stephen:

— O bom velho Martino Água Fresca!

— Pergunte-lhe — cochichou Stephen para trás com humor cansado — se ele deseja uma vítima para ser eletrocutada. Ele pode dispor de mim.

Vendo o professor curvado sobre as bobinas, Moynihan subiu no banco e, estalando de mansinho os dedos de sua mão

direita, começou a chamar com a voz de um garoto babão:

— Por favor, professor! Por favor, professor! Este menino atrás de mim está dizendo um palavrão, professor.

— Platinóide — disse o professor solenemente — é preferível à prata alemã porque tem um coeficiente inferior de alteração de resistência por mudanças de temperatura. O fio de platinóide é isolado e o revestimento de seda que o isola está enrolado nas bobinas de ebonite exatamente no lugar em que está o meu dedo. Se fosse enrolado sem revestimento uma corrente extra seria induzida nas bobinas. As bobinas são impregnadas de parafina sólida e quente...

Uma voz de sotaque agudo de Ulster disse do banco abaixo de Stephen:

— É plausível que sejamos argüidos sobre ciência aplicada?

O professor começou gravemente a fazer malabarismo com os termos ciência pura e ciência aplicada. Um estudante de físico corpulento usando óculos de armação de ouro olhou fixamente e com alguma surpresa para o questionador. Moynihan murmurou lá de trás com sua voz natural:

— Ora veja, não é que MacAlister é um demônio para o seu peso de banhas?

Stephen olhou friamente para o crânio oblongo de cabelo da cor de barbante emaranhado e comprido demais que se achava abaixo dele. A voz, o sotaque, a mente do questionador o ofendiam e ele permitiu que a ofensa o levasse a uma crueldade propositada, convidando sua mente a pensar que o pai do estudante teria feito melhor se tivesse mandado seu filho para estudar em Belfast, e economizado dessa maneira uma parte da passagem de trem.

O crânio oblongo abaixo não se virou para enfrentar o dardo desse pensamento e contudo o dardo voltou para sua corda de arco; pois num instante ele viu o rosto do estudante de uma palidez leitosa.

— Esse pensamento não é meu — disse ele rapidamente para si mesmo. — Veio do cômico irlandês do banco de trás. Paciência. Será que é possível dizermos com certeza por quem a alma de nossa raça foi trocada e seu eleito traído, pelo questionador ou pelo escarnecedor? Paciência. Lembre-se de Epicteto. Faz provavelmente parte de seu temperamento formular este tipo de pergunta neste momento com este tom de voz e pronunciar a palavra *ciência* como um monossílabo.

A voz de zangão do professor continuava a se enroscar lentamente dando voltas e voltas ao redor das bobinas das quais falava, dobrando, triplicando, quadruplicando sua energia sonolenta como a bobina multiplicava seus ohms de resistência.

A voz de Moynihan clamou lá de trás como um eco a uma sineta distante:

— Hora de encerrar, pessoal!

A sala de entrada estava repleta e ressoava com o vozerio. Em uma mesa perto da porta havia duas fotografias emolduradas e entre elas um longo rolo de papel trazendo uma coluna irregular de assinaturas. MacCann ia animadamente de um lado para o outro por entre os estudantes, falando rapidamente, respondendo às recusas e conduzindo um a um até a mesa. No salão interno o decano de estudos falava com um jovem professor, coçando o queixo gravemente e acenando com a cabeça.

Retido na porta pelo ajuntamento de alunos, Stephen se deteve irresolutamente. Por baixo da aba larga e pendente do chapéu mole os olhos de Cranly o observavam.

— Você assinou? — perguntou Stephen.

Cranly fechou a boca de lábios longos e finos, refletiu um instante consigo mesmo e respondeu:

— *Ego habeo.*

— Para o que é?

— *Quod?*

— Para o que é?

Cranly voltou seu rosto pálido para Stephen e disse branda e amargamente:

— *Pre pax universalis.*

Stephen apontou para a fotografia do tsar e disse:

— Ele tem a cara de um Cristo estúpido.

O escárnio e a raiva em sua voz trouxeram os olhos de Cranly de volta para uma inspeção tranqüila das paredes e do salão.

— Você está aborrecido? — perguntou.

— Não — respondeu Stephen.

— Você está de mau humor?

— Não.

— *Credo ut vos sanguinarius mendax estis* — disse Cranly —, *quia facies vostra monstrat ut vos in damno malo humore estis.* [40]

A caminho da mesa, Moynihan disse no ouvido de Stephen:

— MacCann está na mais perfeita forma. Pronto para derramar a última gota de sangue. Um mundo novo em folha. Nada de estimulantes e direito a voto para as meretrizes.

Stephen sorriu pela maneira com que lhe foi feita esta confiança e, depois que Moynihan passou, voltou-se novamente para enfrentar o olhar de Cranly.

— Talvez você possa me dizer — disse — por que ele derrama tão livremente sua alma em meu ouvido. Não pode?

Uma expressão severa e sombria apareceu na frente de Cranly. Ele olhou fixamente para a mesa sobre a qual Moynihan se curvara para escrever seu nome na lista, e então disse categoricamente:

— Um porco!

— *Quis est in malo humore* — disse Stephen —, *ego aut vos?*

Cranly não tomou conhecimento da censura. Meditou asperamente sobre seu julgamento e repetiu com a mesma força categórica:

— Um maldito porco tratante, é o que ele é!

Era o seu epitáfio para todas as amizades mortas e Stephen se perguntava se ele jamais o pronunciaria no mesmo tom em sua memória. A frase pesada e grosseira sumiu lentamente de seus ouvidos como uma pedra através de um atoleiro. Stephen a viu sumir como já vira muitas outras, sentindo seu peso abater seu coração. A linguagem de Cranly, diversamente da de Davin, não possuía frases raras de inglês elisabetano nem versões graciosamente aprimoradas e de expressões idiomáticas irlandesas. Sua fala arrastada era um eco dos cais de Dublin devolvido por um porto marítimo árido e decadente, sua energia um eco da eloqüência sagrada de Dublin devolvido diretamente pelo púlpito de Wicklow.

O cenho carregado desapareceu gradualmente do rosto de Cranly enquanto MacCann marchava vivamente do outro lado do salão em direção a eles.

— Aqui estão vocês! — disse MacCann alegremente.

— Aqui estou eu! — disse Stephen.

— Atrasados como sempre. Vocês não podem combinar a tendência progressista com o respeito pela pontualidade?

— Esta pergunta está fora de questão — disse Stephen. — O próximo assunto.

Seus olhos sorridentes estavam fixos num tablete de chocolate de leite envolto em papel prateado que surgia de dentro do bolso do propagandista. Um pequeno círculo de ouvintes cercou-os para ouvir a disputa das inteligências. Um estudante esguio com uma tez esverdeada e cabelo preto escorrido enfiou a cabeça entre os dois, olhando a cada frase de um para o outro e parecendo tentar apanhar cada frase esvoaçante com sua boca úmida, aberta. Cranly pegou uma pequena bola de handebol de seu bolso e começou a examiná-la atentamente, virando-a e revirando-a.

— O próximo assunto? — disse MacCann. — Hum!

Soltou um misto de tosse e riso, sorriu largamente e puxou duas vezes com força o cavanhaque cor de palha que pendia de seu queixo mal aparado.

— O próximo assunto é assinar o manifesto.

— Você me paga se eu assinar? — perguntou Stephen.

— Eu pensava que você fosse um idealista — disse MacCann.

O estudante de aparência cigana olhou à volta e se dirigiu aos espectadores com uma voz que era um balido indistinto.

— Que diabo, essa idéia é muito estranha. Considero essa idéia como uma idéia mercenária.

Sua voz desapareceu gradualmente no silêncio. Nenhuma atenção foi dada às suas palavras. Voltou o rosto esverdeado, de expressão equívoca, para Stephen, convidando-o a falar novamente.

MacCann começou a falar com uma energia fluente do édito do tsar, de Stead, do desarmamento geral, de arbitragem nos casos de disputas internacionais, dos sinais dos tempos, da nova humanidade e do novo evangelho de vida que faria com que fosse obrigação da comunidade assegurar da maneira mais fácil possível a maior felicidade possível do maior número possível de pessoas.

O estudante cigano respondeu à conclusão do período gritando:

— Três vivas à fraternidade universal!

— Vamos, Temple — disse um estudante corpulento e corado ao seu lado. — Eu pago depois uma cerveja para você.

— Eu sou um crente na fraternidade universal — disse Temple, olhando à volta com seus olhos ovais, negros. — Marx é apenas um maldito logro.

Cranly segurou seu braço firmemente para fazê-lo calar-se, sorrindo constrangidamente, e repetiu:

— Devagar, devagar, devagar!

Temple lutou para libertar o braço mas continuou, sua boca salpicada de uma ligeira espuma:

— O socialismo foi fundado por um irlandês e o primeiro homem na Europa que pregou a liberdade de pensamento foi Collins. Há duzentos anos. Ele denunciou a politicagem clerical, o filósofo de Middlesex. Três vivas para John Anthony Collins!

Uma voz fina vinda do limite do círculo disse:

— Pip! Pip!

Moynihan murmurou junto ao ouvido de Stephen:

— E o que você me diz da pobre irmãzinha de John Anthony:

*Lottie Collins perdeu suas calcinhas;
Quer bondosamente emprestar-lhe as suas?*

Stephen riu e Moynihan, satisfeito com o resultado, murmurou novamente:

— Apostamos cinco *shillings* que John Anthony Collins ganha e apostamos cinco *shillings* que ele perde.

— Estou esperando sua resposta — disse MacCann sucintamente.

— Esse assunto não me interessa a mínima — disse Stephen cansado. — Você sabe disso muito bem. Por que você está fazendo toda esta cena a este respeito?

— Muito bem! — disse MacCann estalando os lábios. — Então você é um reacionário, não é?

— Você pensa que me impressiona — perguntou Stephen — quando brande seu sabre de madeira?

— Metáforas! — disse MacCann rudemente. — Vamos aos fatos.

Stephen corou e virou para o lado. MacCann se manteve firme e disse com humor hostil:

— Poetas inferiores, suponho, estão acima de questões triviais como a questão da paz universal.

Cranly ergueu a cabeça e interpôs sua bola entre os dois estudantes como uma oferta de paz, dizendo:

— *Pax super totum sanguinarium globum.*^[41]

Afastando os espectadores, Stephen sacudiu raivosamente o ombro na direção da imagem do tsar, dizendo:

— Conservem seu ícone. Se devemos ter um Jesus, que tenhamos ao menos um Jesus legítimo.

— Pelas profundezas do inferno! Essa é boa! — disse o estudante cigano aos que estavam à sua volta. — Essa expressão é ótima. Gosto imensamente dessa expressão.

Engoliu a saliva em sua garganta como se estivesse engolindo a frase e, tateando o topo de seu boné de *tweed*, voltou-se para Stephen dizendo:

— Perdoe-me, senhor, o que o senhor quis dizer com a expressão que acabou de pronunciar neste momento?

Sentindo-se empurrado pelos estudantes a seu lado, ele lhes disse:

— Estou curioso em saber agora o que ele quis dizer com aquela expressão.

Voltou-se novamente para Stephen e disse num sussurro:

— Você acredita em Jesus? Eu acredito no homem. Naturalmente não sei se você acredita no homem. Eu o admiro, senhor. Admiro a mente do homem que independe de todas as religiões. É essa a sua opinião sobre a mente de Jesus?

— Vamos, Temple — disse o estudante corpulento e corado, retornando, como de hábito, à sua primeira idéia —, aquela cerveja está esperando por você.

— Ele pensa que sou um imbecil — explicou Temple a Stephen — porque sou um adepto do poder da mente.

Cranly enfiou seus braços no de Stephen e no de seu admirador e disse:

— *Nos ad manum ballum jocabimus.*^[42]

Prestes a ser afastado, Stephen deu com os olhos no rosto corado e de traços grosseiros de MacCann.

— Minha assinatura não tem a menor importância — disse polidamente. — Você está certo em seguir o seu caminho.

Deixe-me seguir o meu.

— Dedalus — disse MacCann vivamente —, creio que você é um bom rapaz mas ainda precisa aprender a dignidade do altruísmo e a responsabilidade do ser humano.

Uma voz disse:

— É melhor deixar a excentricidade intelectual fora deste movimento.

Reconhecendo o tom áspero da voz de MacAlister, Stephen não se voltou em direção à voz. Cranly empurrou solenemente a turba de estudantes para passar entre eles, tendo os braços de Stephen e de Temple enfiados nos dele como um celebrante escoltado pelos seus ministros a caminho do altar.

Temple se inclinou ansiosamente sobre o peito de Cranly e disse:

— Você ouviu o que ele disse, o MacAlister? Aquele rapaz tem inveja de você. Você viu aquilo? Aposto que Cranly não viu. Pelas profundezas do inferno, eu vi isso logo.

Enquanto eles atravessavam o salão interno o decano de estudos escapava de um estudante com quem estivera conversando. Ele estava ao pé da escada, com um pé no primeiro degrau, sua batina puída suspensa para a subida com um cuidado feminino, acenando freqüentemente a cabeça e repetindo:

— Sem dúvida alguma, Sr. Hackett! Ótimo! Sem dúvida alguma!

No meio da sala de entrada o presidente da Congregação Mariana do colégio falava veementemente com um pensionista, com uma voz suavemente queixosa. Enquanto falava ele franzia um pouco sua testa sardenta e mordida, entre as

frases que dizia, um minúsculo lápis de osso.

— Espero que os rapazes que se matricularam venham todos. Os alunos da primeira série de artes virão com certeza. Os da segunda série também. Precisamos nos certificar quanto aos calouros.

Temple se inclinou novamente através de Cranly, enquanto eles atravessavam o vão da porta, e disse num rápido cochicho:

— Você sabe que ele é um homem casado? Ele era um homem casado antes de se ter convertido. Tem uma mulher e filhos em algum lugar. Que diabo, penso que é a coisa mais esquisita que já ouvi! Hein?

Seu sussurro se dissipou numa risada cacarejante. Assim que eles atravessaram o vão da porta Cranly o agarrou violentamente pelo pescoço e o sacudiu, dizendo:

— Seu tolo tratante asneirento! Juro pela minha bíblia de agonizante que não existe um maldito trouxa maior do que você, sabe, em todo este maldito mundo tratante!

Temple se contorcia em seu poder, rindo ainda com contentamento matreiro, enquanto Cranly repetia categoricamente a cada sacudidela violenta:

— Um maldito e brilhante idiota tratante!

Atravessaram juntos o jardim coberto de ervas daninhas. O reitor, envolto por um sobretudo amplo e pesado, vinha na direção deles ao longo de uma das galerias, lendo seu ofício. No fim da galeria ele se deteve e ergueu os olhos antes de virar. Os alunos o saudaram, Temple remexendo como antes no topo de seu boné. Avançaram em silêncio. Quando se aproximaram da passagem Stephen pôde ouvir os golpes das mãos dos jogadores e os ruídos úmidos da bola e a voz de Davin gritando excitadamente a cada jogada.

Os três estudantes se detiveram em volta da caixa na qual Davin estava sentado para acompanhar o jogo. Alguns momentos depois, Temple se aproximou furtivamente de Stephen e disse:

— Desculpe-me, eu gostaria de perguntar se você acredita que Jean-Jacques Rousseau era um homem sincero.

Stephen riu abertamente. Cranly, pegando o arco partido de um tonel da grama a seus pés, voltou-se e disse asperamente:

— Temple, declaro a Deus vivo que se você disser outra palavra, sabe, a qualquer pessoa sobre qualquer assunto eu o matarei *super spottum*.[\[43\]](#)

— Creio que ele era, como você, um homem emocional — disse Stephen.

— Diabos o levem, desgraçado! — disse Cranly explicitamente. — Não lhe dirija a palavra. Fique certo, dá no mesmo, sabe, falar com Temple ou com um urinol chamejante. Vá para casa, Temple. Pelo amor de Deus, vá para casa.

— Eu não ligo a mínima para você, Cranly — respondeu Temple, afastando-se do alcance do arco erguido e apontando para Stephen. — Ele é o único homem que vejo nesta instituição que tem uma mente individual.

— Instituição! Individual! — gritou Cranly. — Diabos o levem, vá para casa, pois você é um maldito homem incorrigível.

— Sou um homem emocional — disse Temple. — Isso está expresso de uma maneira perfeitamente correta. E sinto orgulho de ser um emotivo.

Afastou-se da passagem, com um sorriso dissimulado. Cranly o observou com uma cara pálida e inexpressiva.

— Olhe só para ele! — disse. — Você já viu um rastejante igual?

Sua frase foi saudada por um riso estranho de um estudante que flanava ao longo do muro, tendo a ponta de seu boné abaixada sobre os olhos. O riso, de entonação elevada e vindo de uma constituição física tão musculosa, parecia o bramido de um elefante. O corpo do estudante sacudia todo e, para descarregar a sua alegria, ele esfregava as mãos gostosamente, sobre seu baixo-ventre.

— Lynch está acordado — disse Cranly.

Em resposta, Lynch se empertigou todo e jogou o peito para a frente.

— Lynch está estufando o peito — disse Stephen — como uma crítica à vida.

Lynch bateu com força no peito e disse:

— Quem tem alguma coisa a dizer sobre a minha barrigueira?

Cranly levou a sério o que ele disse e os dois começaram a lutar. Quando seus rostos ficaram rubros com o esforço violento, eles se afastaram um do outro, ofegantes. Stephen se inclinou para Davin que, atento ao jogo, não prestara atenção à conversa dos outros.

— E como está meu gansinho manso? — perguntou. — Ele também assinou?

Davin acenou afirmativamente com a cabeça e disse:

— E você, Stevie?

Stephen sacudiu a cabeça.

— Você é um homem terrível, Stevie — disse Davin, tirando o cachimbo curto da boca. — Sempre sozinho.

— Agora que você assinou o manifesto pela paz universal — disse Stephen —, suponho que você vai queimar aquele caderninho de notas que vi em seu quarto.

Como Davin não respondesse, Stephen começou a citar:

— Marchar, fenianos! Direita volver, fenianos! Fenianos, de acordo com os números, saúdem, um, dois!

— Isso é outra questão — disse Davin. — Sou em primeiro lugar e acima de tudo um nacionalista irlandês. Mas isso é bem você. Você é um escarnekedor nato, Stevie.

— Quando você fizer a próxima revolução com golpes de tacos de *hurley*^[44] — disse Stephen — e quiser o informante indispensável, diga-me. Posso encontrar alguns para você neste colégio.

— Não posso compreender — disse Davin. — Às vezes ouço você falar contra a literatura inglesa. Agora você fala contra os informantes irlandeses. Afinal de contas, com o seu nome e as suas idéias... Você é ou não é irlandês?

— Venha agora comigo ao arquivo dos brasões e eu vou lhe mostrar a árvore genealógica de minha família — disse Stephen.

— Então seja um de nós — disse Davin. — Por que você não aprende o irlandês? Por que depois da primeira aula você largou o curso sobre a reforma agrária?

— Você conhece uma das razões — respondeu Stephen.

Davin jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Ora, vamos — disse ele. — É por causa daquela certa jovem e do Padre Moran? Mas isso está tudo na sua cabeça, Stevie. Eles só estavam conversando e rindo.

Stephen parou e colocou amigavelmente a mão sobre o ombro de Davin.

— Você se lembra — disse — de quando nós nos vimos pela primeira vez? Na primeira manhã em que nos encontramos você me pediu para lhe mostrar onde ficava a classe dos recém-matriculados, pondo grande ênfase na primeira sílaba. Você se lembra? Você costumava se dirigir então aos jesuítas como “meu pai”, você se lembra? Eu me pergunto a seu respeito: *Será que ele é tão ingênuo quanto a sua linguagem?*

— Sou uma pessoa simples — disse Davin. — Você sabe disso. Quando você me disse aquelas coisas sobre sua vida particular naquela noite na Harcourt Street, Stevie, por Deus, não consegui comer no jantar. Eu me senti bem mal. Fiquei acordado por muito tempo aquela noite. Por que você me disse aquelas coisas?

— Obrigado — disse Stephen. — Você quer dizer que sou um monstro.

— Não — disse Davin. — Mas desejaria que você não me tivesse dito nada.

Uma onda de cólera começou a surgir por baixo da aparência calma do jeito amigável de Stephen.

— Esta raça e este país e esta vida me produziram — disse. — E eu me expressarei tal como sou.

— Procure ser um de nós — repetiu Davin. — Em seu coração você é um irlandês, mas seu orgulho é forte demais.

— Meus ancestrais se livraram de sua língua e adotaram uma outra — disse Stephen. — Permitiram que um punhado de estrangeiros os subjugasse. Você imagina que eu vou pagar com a minha própria vida e pessoa as dívidas que eles contraíram? Por que razão?

— Por nossa liberdade — disse Davin.

— Desde a época de Tone até a de Parnell, todo homem honrado e sincero — disse Stephen — que consagrou a vocês sua vida e sua mocidade e suas emoções foi por vocês vendido ao inimigo ou abandonado na necessidade ou injuriado e trocado por um outro. E você me convida a ser um de vocês. Pois vocês que se danem.

— Eles morreram por seus ideais, Stevie — disse Davin. — Nosso dia ainda chegará, acredite em mim.

Seguindo seu próprio pensamento Stephen ficou em silêncio por um instante.

— A alma nasce — disse vagamente — primeiramente naqueles momentos de que lhe falei. Tem um nascimento lento e sombrio, mais misterioso do que o nascimento do corpo. Quando a alma de um homem nasce neste país redes lhe são lançadas para impedi-la de voar. Você me fala em nacionalidade, língua, religião. Vou tentar escapar dessas redes.

Davin bateu as cinzas de seu cachimbo.

— Isso é profundo demais para mim, Stevie — disse. — Mas o país de um homem vem em primeiro lugar. Em primeiro lugar a Irlanda, Stevie. Só depois é que se pode ser um poeta ou um místico.

— Você sabe o que é a Irlanda? — perguntou Stephen com fria violência. — A Irlanda é a velha porca que come sua ninhada.

Davin se levantou da caixa e se dirigiu para os jogadores, sacudindo tristemente a cabeça. Mas num instante sua tristeza o abandonou e ele já estava discutindo calorosamente com Cranly e com os dois jogadores que haviam terminado o jogo. Uma partida de quatro foi organizada, Cranly insistindo, no entanto, que sua bola devia ser usada. Deixou que ela ricocheteasse duas ou três vezes até sua mão e arremessou-a com violência e rapidez para a extremidade da passagem, exclamando em resposta ao seu baque:

— Que diabo!

Stephen ficou ali com Lynch até que a contagem começasse a subir. Então puxou-o pela manga para ir embora. Lynch obedeceu, dizendo:

— Vamos embora mesmamente, como Cranly o diz.

Stephen sorriu a esta investida indireta. Voltaram atrás através do jardim e atravessaram o salão onde o porteiro titubeante estava prendendo com tachinhas um aviso no quadro. Ao pé da escada eles pararam e Stephen pegou um maço de cigarros do bolso e ofereceu ao companheiro.

— Sei que você é pobre — disse.

— Para o inferno com a sua insolência desprezível — respondeu Lynch.

Esta segunda prova da cultura de Lynch fez Stephen sorrir novamente.

— Foi um grande dia para a cultura européia — disse — quando você se decidiu a praguejar desprezivelmente.

Acenderam seus cigarros e dobraram à direita. Depois de uma pausa Stephen começou:

— Aristóteles não definiu piedade e terror. Eu sim. Eu digo...

Lynch se deteve e disse bruscamente:

— Pare! Não vou ouvir! Estou enjoado! Ontem à noite saí numa orgia desprezível com Horan e Goggins.

Stephen prosseguiu:

— A piedade é o sentimento que detém a marcha do espírito na presença de tudo que é grave e constante nos sofrimentos humanos e o une ao sofrimento humano. O terror é o sentimento que detém a marcha do espírito na presença de tudo que é grave e constante nos sofrimentos humanos e o une à causa secreta.

— Repita — disse Lynch.

Stephen repetiu lentamente as definições.

— Uma moça subiu num fiacre alguns dias atrás, em Londres — prosseguiu ele. — Estava indo a um encontro com a mãe que não vira durante muitos anos. Na esquina de uma rua o eixo de um caminhão de carga despedaçou a janela do fiacre que ficou com a forma de uma estrela. Uma agulha longa e afiada do vidro despedaçado perfurou seu coração. Ela morreu naquele instante. O repórter chamou aquela morte de trágica. Discordo. É alheia ao terror e à piedade de acordo com os termos de minhas definições.

“A emoção trágica é, na verdade, um rosto olhando em duas direções, a do terror e a da piedade, sendo ambas faces dela. Sabe, eu uso a palavra *deter*. Quero dizer que a emoção trágica é estática. Ou melhor é a emoção trágica. Os sentimentos despertados por uma arte imprópria são cinéticos, desejo ou ódio. O desejo nos incita a possuir, a ir em busca de alguma coisa; o ódio nos incita a abandonar, a deixar para trás alguma coisa. Essas são emoções cinéticas. As artes que as provocam, pornográficas ou didáticas, são por conseguinte artes impróprias. A emoção estética (eu emprego o termo geral) é por conseguinte estática. O espírito é detido e elevado acima do desejo e do ódio.”

— Você diz que a arte não deve despertar o desejo — disse Lynch. — Eu lhe disse que um dia escrevi meu nome a lápis na nádega da Vênus de Praxíteles no Museu. Isso não foi desejo?

— Estou falando de naturezas normais — disse Stephen. — Você também me disse que quando era um menino naquele colégio carmelita encantador você comia pedaços de estrume seco de vaca.

Lynch soltou de novo uma risada que era mais um bramido e esfregou novamente as mãos por cima do baixo-ventre mas sem tirá-las dos bolsos.

— Oh, comi mesmo! Comi! — gritou.

Stephen se voltou para o seu companheiro e por um momento o olhou destemidamente nos olhos. Recuperando-se de sua risada, Lynch devolveu-lhe o olhar, com olhos humilhados. O longo crânio delgado e achatado por baixo do boné de aba pontuda trouxe ao espírito de Stephen a imagem de um réptil encapuzado. Os olhos, também, lembravam os de um réptil em brilho e fixidez. No entanto naquele instante os olhos de aparência humilhada e alerta estavam iluminados por um minúsculo traço humano, a janela de uma alma despedaçada, pungente e amargurada consigo mesma.

— Quanto a isso — disse Stephen com um parêntese educado —, somos todos animais. Também sou um animal.

— Você é — disse Lynch.

— Mas estamos neste momento preciso em um mundo mental — continuou Stephen. — O desejo e o ódio despertados por meios estéticos impróprios são realmente emoções inestéticas não somente porque elas têm um caráter cinético mas também porque não são mais do que físicas. Nossa carne se contrai diante daquilo que teme e responde ao estímulo do que deseja por uma ação puramente reflexa do sistema nervoso. Nossa pálpebra se fecha antes que tenhamos consciência de que a mosca está prestes a entrar em nosso olho.

— Nem sempre — disse Lynch de forma decisiva.

— Da mesma maneira — disse Stephen —, sua carne respondeu ao estímulo de uma estátua nua mas, digo, foi simplesmente uma ação reflexa dos nervos. A beleza expressa pelo artista não pode despertar em nós uma emoção que seja cinética ou uma sensação que seja meramente física. Desperta, ou deve despertar, ou induz, ou deve induzir, uma estase

estética, uma piedade ideal ou um terror ideal, uma estase suscitada, prolongada e finalmente dissolvida por aquilo que chamo de ritmo da beleza.

— O que é isso exatamente? — perguntou Lynch.

— Ritmo — disse Stephen — é a primeira relação estética formal de uma parte à outra parte em qualquer todo estético ou de um todo estético à sua parte ou partes ou de qualquer parte ao todo estético do qual ela é uma parte.

— Se isso é ritmo — disse Lynch —, deixe-me saber o que você chama de beleza; e, lembre-se por favor, que embora eu tenha na verdade comido uma vez um bolo de esterco de vaca, admiro apenas a beleza.

Stephen ergueu o boné como se o estivesse saudando. Então, corando ligeiramente, colocou sua mão na manga de *tweed* grosso de Lynch.

— Nós estamos certos — disse — e os outros estão errados. Falar dessas coisas e tentar compreender sua natureza e, a tendo compreendido, tentar lentamente e humildemente e constantemente expressar, forçar novamente a saída, da terra bruta ou daquilo que ela produz, do som e da forma e da cor que são os portões da prisão de nossa alma, uma imagem da beleza que passamos a compreender, isso é arte.

Eles tinham atingido a ponte do canal e, abandonando o caminho que seguiam, prosseguiram contornando as árvores. Uma crua luz cinza, refletida na água indolente, e um cheiro de galhos molhados acima de suas cabeças pareciam lutar contra o curso do pensamento de Stephen.

— Mas você não respondeu à minha pergunta — disse Lynch. — O que é a arte? Qual é a beleza que ela expressa?

— Essa foi a primeira definição que lhe dei, seu miserável dorminhoco — disse Stephen — quando comecei a tentar resolver esse assunto por mim mesmo. Você se lembra da noite? Cranly perdeu a paciência e começou a falar do toucinho defumado de Wicklow.

— Eu me lembro — disse Lynch. — Ele nos falou sobre eles flambando as malditas gorduras de porcos.

— A arte — disse Stephen — é a disposição humana da matéria sensível e inteligível para uma finalidade estética. Você se lembra dos porcos e esquece isso. Vocês são um par aflitivo, você e Cranly.

Lynch fez uma careta para o céu cinzento e frio e disse:

— Se tenho que escutar sua filosofia estética, me dê pelo menos um cigarro. Não ligo pra isso. Não ligo sequer pra mulheres. Que você se dane e que se dane tudo. Quero um emprego de quinhentas libras por ano. Você não pode me arranjar um assim.

Stephen lhe estendeu o maço de cigarros. Lynch pegou o último que restava, dizendo simplesmente:

— Prossiga!

— Aquino — disse Stephen — diz que é bela a apreensão daquilo que agrada.

Lynch acenou afirmativamente com a cabeça.

— Eu me lembro disso — disse ele. — *Pulchra sunt quæ visa placent*.

— Ele usa a palavra *visa* — disse Stephen — para abranger apreensões estéticas de todos os tipos, seja através da vista ou da audição ou através de qualquer outra via de apreensão. Esta palavra, embora seja vaga, é suficientemente clara para afastar o bem e o mal que provocam desejo e ódio. Ela significa certamente uma estase e não uma cinese. E quanto ao verdadeiro? Ele também produz uma estase da mente. Você não escreveria seu nome a lápis através da hipotenusa de um triângulo de ângulo reto.

— Não — disse Lynch —, me dê a hipotenusa de Vênus de Praxíteles.

— Estática por conseguinte — disse Stephen. — Platão, creio, disse que a beleza é o esplendor da verdade. Não penso que isso tenha sentido mas o verdadeiro e o belo são afins. A verdade é contemplada pelo intelecto que é aplacado pelas relações mais satisfatórias do inteligível: a beleza é contemplada pela imaginação que é aplacada pelas relações mais satisfatórias do sensível. O primeiro passo em direção à verdade é compreender a estrutura e o escopo do próprio intelecto, compreender o próprio ato do entendimento. Todo o sistema filosófico de Aristóteles se baseia em seu livro de psicologia e aquele, penso, se baseia em sua declaração de que o mesmo atributo não pode ao mesmo tempo e com a mesma relação pertencer e deixar de pertencer ao mesmo objeto. O primeiro passo em direção à beleza é compreender a estrutura e o escopo da imaginação, compreender o próprio ato de apreensão estética. Está claro?

— Mas o que é a beleza? — perguntou Lynch impacientemente. — Fora com outra definição. Alguma coisa que vemos e de que gostamos! É isso o máximo que você e Aquino podem fazer?

— Tomemos a mulher — disse Stephen.

— É isso aí, tomemos — disse Lynch fervorosamente.

— Os gregos, os turcos, os chineses, os coptos, os hotentotes — disse Stephen —, todos admiram um tipo diferente de beleza feminina. Isso parece ser um labirinto do qual não podemos escapar. Vejo contudo duas saídas. Uma é esta hipótese: que toda qualidade física admirada pelos homens nas mulheres tem uma ligação direta com as múltiplas funções das mulheres na propagação da espécie. Pode ser isso. O mundo, parece, é mais lamentável do que até mesmo você, Lynch, possa

imaginar. De minha parte não gosto dessa saída. Leva à eugenia mais do que à estética. Ela o leva para fora do labirinto e para dentro de uma nova e extravagante sala de conferência na qual MacCann, com uma das mãos em *A Origem das Espécies* e a outra mão sobre o Novo Testamento, lhe diz que você admirou os quadris avantajados de Vênus porque você sentiu que ela lhe daria à luz uma prole robusta e admirou seus seios grandes porque você sentiu que ela daria um leite bom para os filhos dela e seus.

— Então MacCann é um mentiroso invejoso-sulfúreo — disse Lynch energicamente.

— Resta ainda uma outra saída — disse Stephen, rindo.

— Para a inteligência? — disse Lynch.

— Esta hipótese — começou Stephen.

Uma carroça comprida carregada de ferro-velho dobrou a esquina do hospital Patrick Dun apagando as últimas palavras de Stephen com a barulheira estridente de metal chocalhado e desafinado. Lynch tapou os ouvidos e soltou uma imprecação após outra imprecação até que a carroça tivesse passado. Então violentamente ele deu meia-volta. Stephen também deu e esperou alguns momentos até que o mau humor de seu companheiro tivesse desaparecido.

— Esta hipótese — repetiu Stephen — é a outra saída: que, embora o mesmo objeto possa não parecer bonito para todas as pessoas, todas as pessoas que admiram um bonito objeto encontram nele certas relações que satisfazem e coincidem com os próprios estágios de toda apreensão estética. Estas relações do sensível, visíveis para você através de uma forma e para mim através de outra, devem ser por conseguinte as qualidades necessárias à beleza. Agora podemos retornar ao nosso velho amigo santo Tomás para uma outra porção insignificante de sabedoria.

Lynch riu.

— É muitíssimo divertido — disse — ouvir você citá-lo sem parar como um frade roliço e jovial. Você está rindo furtivamente?

— MacAlister — respondeu Stephen — chamaria minha teoria estética de Aquino aplicado. Na medida em que este lado da filosofia estética se expande Aquino me levará com ele em toda a linha. Quando chegamos aos fenômenos da concepção artística, da gestação artística e da reprodução artística eu preciso de uma nova terminologia e de uma nova experiência pessoal.

— Naturalmente — disse Lynch. — Afinal de contas Aquino, apesar de seu intelecto, era exatamente um bom frade roliço. Mas você vai me falar sobre a nova experiência pessoal e uma nova terminologia em um outro dia. Apresse-se e termine a primeira parte.

— Quem sabe? — disse Stephen, sorrindo. — Talvez Aquino me entendesse melhor do que você. Ele era ele mesmo um poeta. Escreveu um hino para a Quinta-feira Santa. Começa com as palavras *Pange lingua gloriosi*.^[45] Dizem que é a mais alta glória do livro de hinos. É um hino complexo e mitigante. Gosto dele; mas não há hino algum que possa ser comparado àquele canto de procissão choroso e majestoso, o *Vexilla regis*, de Venantius Fortunatus.

Lynch começou a cantar suave e solenemente com uma voz profunda de baixo.

Impleta sunt quæ concinit
David fideli carmine
Dicendo nationibus
Regnavit a ligno Deus.^[46]

— Isso é o máximo! — disse ele, bem satisfeito. — Grande música!

Eles dobraram na Lower Mount Street. A alguns passos da esquina um rapaz gordo, usando um lenço de seda no pescoço, cumprimentou-os e parou.

— Vocês ouviram os resultados dos exames? — perguntou. — Griffin foi reprovado. Halpin e O'Flynn terminaram os exames para o serviço público. Moonan obteve o quinto lugar nos exames para o serviço público na Índia. O'Shaughnessy obteve o décimo quarto. Os colegas irlandeses de Clark lhes ofereceram um jantar na noite passada. Todos comeram *curry*.

Seu rosto pálido e inchado expressava uma malícia benevolente e, à medida que prosseguia com suas notícias de sucesso, seus olhinhos empapuçados sumiam da vista e sua voz fraca e ofegante da audição.

Em resposta a uma pergunta de Stephen seus olhos e sua voz surgiam novamente de seus esconderijos.

— É sim, quanto a MacCullagh e a mim — disse ele. — Ele vai fazer matemática pura e eu vou fazer história constitucional. Há vinte matérias. Eu vou fazer botânica também. Sabe, sou membro do clube campestre.

Afastou-se dos outros dois recuando de maneira solene e colocou a mão roliça com luva de lã sobre o peito, do qual ressoou imediatamente uma risada arquejante.

— A próxima vez em que você sair traga-nos alguns nabos e cebolas para fazermos um cozido — disse Stephen secamente.

O estudante gordo riu indulgentemente e disse:

— Todos nós somos pessoas altamente respeitáveis no clube campestre. No sábado saímos, sete de nós, para Glenmalure.

— Com mulheres, Donovan? — disse Lynch.

Donovan colocou novamente sua mão no tórax e disse:

— Nosso objetivo é a aquisição de conhecimento.

Disse então rapidamente:

— Ouvi dizer que você está escrevendo um ensaio sobre estética.

Stephen fez um vago gesto de negação.

— Goethe e Lessing — disse Donovan — escreveram muito sobre este assunto, a escola clássica e a escola romântica e tudo mais. O *Lacoonte* me interessou muito quando o li. Naturalmente é idealista, alemão, ultraprofundo.

Nenhum dos outros dois falou. Donovan se despediu deles cortesmente.

— Preciso ir — disse suave e benevolentemente. — Tenho séria suspeita, chegando quase à convicção, de que minha irmã tenciona fazer panquecas hoje para o jantar da família Donovan.

— Até logo — disse Stephen imitando-lhe o exemplo. — Não se esqueça dos nabos para mim e para o meu colega.

Lynch encarou-o, franzindo o lábio lentamente em sinal de escárnio até que seu rosto lembrasse uma máscara de demônio.

— Pensar que aquele excremento amarelo comedor de panquecas pode conseguir um bom emprego — disse finalmente — e que eu tenho que fumar cigarros baratos!

Voltaram os rostos para a praça Merrion e prosseguiram algum tempo em silêncio.

— Para concluir o que eu estava dizendo sobre beleza — disse Stephen —, as relações mais satisfatórias do sensível devem portanto corresponder às fases necessárias à apreensão artística. Encontre-as e você encontrará as qualidades da beleza universal. Aquino diz: *Ad pulcritudinem tria requiruntur, integritas, consonantia, claritas*. Eu o traduzo assim: *Três coisas são necessárias para a beleza, totalidade, harmonia e radiação*. Será que elas correspondem às fases de apreensão? Você está me seguindo?

— Naturalmente que estou — disse Lynch. — Se você pensa que tenho uma inteligência excrementícia corra atrás de Donovan e peça que ele o escute.

Stephen apontou para uma cesta que um entregador do açougue havia posto invertida sobre sua cabeça.

— Olhe para aquela cesta — disse.

— Estou olhando — disse Lynch.

— A fim de ver aquela cesta — disse Stephen —, sua mente separa primeiramente a cesta do resto do universo visível que não é a cesta. A primeira fase da apreensão consiste em uma linha demarcadora traçada em volta do objeto a ser apreendido. Uma imagem estética nos é apresentada seja no espaço ou no tempo. O que é audível é apresentado no tempo, o que é visível é apresentado no espaço. Mas temporal ou espacial, a imagem estética é primeiramente apreendida luminosamente como sendo autolimitada e auto-suficiente no imensurável plano de fundo do espaço ou do tempo que não é ela própria. Você a apreende como *uma* coisa. Você a vê como um todo. Você apreende sua totalidade. Isso é *integritas*.

— Acertou na mosca! — disse Lynch rindo. — Continue.

— Então — disse Stephen — você passa de um ponto ao outro, levado por suas linhas formais; você a apreende como uma parte equilibrada de encontro a uma parte dentro de seus limites; você sente o ritmo de sua estrutura. Em outras palavras, a síntese da percepção imediata é seguida pela análise da apreensão. Tendo sentido primeiramente que se trata de *uma* coisa, você sente agora que é uma *coisa*. Você a apreende como sendo complexa, múltipla, divisível, separável, formada por suas partes, como o resultado de suas partes e de sua soma, harmoniosa. Isso é *consonantia*.

— Acertou na mosca novamente! — disse Lynch com espírito. — Digamos agora o que é *claritas* e você ganha o charuto.

— A conotação da palavra — disse Stephen — é bastante vaga. Aquino emprega um termo que parece ser inexato. Isso me desconcertou durante muito tempo. Isso nos levaria a acreditar que ele tinha simbolismo ou idealismo em mente, a qualidade suprema da beleza sendo uma luz de algum outro mundo, de cuja idéia a matéria é apenas uma sombra, de cuja realidade ela é apenas o símbolo. Pensei que ele pudesse querer dizer que *claritas* é a descoberta e representação artística do desígnio divino em qualquer coisa ou uma força de generalização que tornaria universal a imagem estética e a faria suplantando suas condições peculiares. Mas isso é conversa literária. Compreendo-o assim. Depois que você apreendeu aquela cesta como uma coisa e a analisou em seguida de acordo com sua forma e a apreendeu como uma coisa, você faz a única síntese que é lógica e esteticamente permissível. Você vê que ela é aquela coisa que é e nenhuma outra coisa. A radiação de que ele fala é a *quidditas* escolástica, o *quê-próprio* de uma coisa. Esta qualidade suprema é sentida pelo artista quando a imagem estética é primeiramente concebida em sua imaginação. O espírito nesse instante misterioso foi lindamente comparado por Shelley a uma

brasa a se apagar lentamente. O instante no qual aquela qualidade suprema da beleza, a radiação límpida da imagem estética, é apreendida luminosamente pelo espírito que foi atraído por sua totalidade e fascinado por sua harmonia é a estase silenciosa e luminosa do prazer estético, um estado espiritual muito semelhante à condição cardíaca que o fisiologista italiano Luigi Galvani, empregando uma frase quase tão bela quanto a de Shelley, chamou de encantamento do coração.

Stephen fez uma pausa e, embora seu companheiro não falasse, sentiu que suas palavras haviam invocado à volta deles um silêncio de pensamento-encantado.

— O que eu disse — recomeçou ele — se refere à beleza no sentido mais amplo da palavra, no sentido que a palavra tem na tradição literária. No mercado ela tem outro sentido. Quando falamos de beleza no segundo sentido do termo nosso julgamento é influenciado em primeiro lugar pela própria arte e pela forma dessa arte. A imagem, é claro, deve ser disposta entre a mente ou os sentidos do próprio artista e a mente ou os sentidos dos outros. Se você conservar isso em sua memória verá que a arte se divide necessariamente em três formas avançando de uma para a outra mais próxima. Estas formas são: a forma lírica, a forma na qual o artista apresenta sua imagem em relação imediata consigo mesmo; a forma épica, a forma na qual ele apresenta sua imagem em relação imediata consigo mesmo e com os outros; a forma dramática, a forma na qual ele apresenta sua imagem em relação imediata com os outros.

— Isso você já me disse algumas noites atrás — disse Lynch — e nós começamos esta famosa discussão.

— Tenho um livro em casa — disse Stephen — no qual anotei algumas perguntas que são mais divertidas do que foram as suas. Ao encontrar as respostas para elas encontrei a teoria de estética que estou tentando explicar. Aqui estão algumas perguntas que me fiz: *É uma cadeira feita com apuro trágica ou cômica? É o retrato de Mona Lisa bom se eu o desejo ver? É o busto de Sir Philip Crampton lírico, épico ou dramático? Pode o excremento de uma criança ou um piolho ser uma obra de arte? Se não, por que não?*

— De fato, por que não? — disse Lynch rindo.

— *Se um homem entalhando arrebatadamente um bloco de madeira — prosseguiu Stephen — faz ali a imagem de uma vaca, é esta imagem uma obra de arte? Se não, por que não?*

— Isso é adorável — disse Lynch rindo de novo. — Isso tem o verdadeiro fedor da escolástica.

— Lessing — disse Stephen — não devia ter escrito a respeito de um grupo de estátuas. A arte, sendo inferior, não apresenta as formas de que falei distinguidas claramente umas das outras. Até em literatura, a arte mais elevada e espiritual, as formas são freqüentemente confundidas. A forma lírica é na verdade a mais simples vestimenta verbal de um instante de emoção, um grito rítmico tal como aquele com o qual séculos atrás era saudado o homem que manuseava bem o remo ou que arrastava pedras colina acima. Aquele que o solta tem mais consciência do instante de emoção do que de si mesmo quando experimentando uma emoção. A forma épica mais simples é vista emergindo da literatura lírica quando o artista se estende e medita sobre si mesmo como o centro de um acontecimento épico e esta forma avança até que o centro da gravidade emocional esteja equidistante do próprio artista e dos outros. A narrativa não é mais meramente pessoal. A personalidade do artista passa então para a própria narração, fluindo em voltas e voltas ao redor das pessoas e da ação como um mar vital. Esta progressão pode ser facilmente detectada na antiga balada inglesa *Turpin Hero* que começa na primeira pessoa e termina na terceira. A forma dramática é alcançada quando a vitalidade que fluiu e torvelinhou ao redor da cada pessoa supre todas as pessoas de tamanha força vital que ele ou ela assume uma vida estética própria e intangível. A personalidade do artista, a princípio um grito ou uma cadência ou um estado de espírito e em seguida uma narrativa leve e fluida, finalmente se aprimora fora da existência e, por assim dizer, se impessoaliza. A imagem estética na forma dramática é a vida purificada na imaginação humana e dela reprojeta. O mistério da estética como o da criação material está realizado. O artista, como o Deus da criação, permanece dentro ou atrás ou além ou acima de sua obra, invisível, aprimorado fora da existência, indiferente, aparando suas unhas.

— Tentando requintá-las também fora da existência — disse Lynch.

Uma chuva fria começou a cair do alto do céu velado e eles deram a volta pelo gramado do duque, para alcançar a Biblioteca Nacional antes que a chuva chegasse.

— O que você quer dizer — perguntou Lynch rispidamente — com essa loquacidade sobre a beleza e a imaginação nesta ilha miserável abandonada por Deus? Não admira que o artista se tenha recolhido dentro ou atrás de sua obra depois de ter perpetrado este país.

A chuva caía mais rapidamente. Depois de atravessar a passagem ao lado da real academia irlandesa eles encontraram muitos estudantes se abrigando debaixo da arcada da biblioteca. Encostado numa coluna, Cranly limpava os dentes com um fósforo afiado, escutando o que diziam alguns companheiros. Algumas moças estavam em pé perto da porta de entrada. Lynch cochichou para Stephen:

— Sua amada está aqui.

Stephen ocupou silenciosamente seu lugar no degrau abaixo do grupo de estudantes, sem dar atenção à chuva que caía fortemente, voltando os olhos de vez em quando para ela. Ela se mantinha silenciosa entre suas companheiras. Está sem um

padre com quem flertar, pensou ele com uma amargura consciente, recordando como a vira da última vez. Lynch tinha razão. Sua mente, esvaziada de teoria e coragem, recaía numa paz lânguida.

Ouvia os estudantes conversando uns com os outros. Falavam de dois amigos que tinham passado no exame final de medicina, das oportunidades de conseguirem empregos em transatlânticos, das clientelas ricas e pobres.

— Tudo isso é ilusão. Uma clientela irlandesa do interior é bem melhor.

— Hynes esteve dois anos em Liverpool e diz a mesma coisa. Disse que era um buraco sem fundo. Nada a não ser casos sem importância de parteira. Casos de meia coroa.

— Você está querendo dizer que é melhor ter um emprego aqui no interior do que numa bela cidade rica como aquela? Conheço um rapaz...

— Hynes não tem massa cinzenta. Ele passou queimando as pestanas, queimando muito as pestanas.

— Não ligue para ele. Há muito dinheiro para se ganhar numa grande cidade comercial.

— Depende da clientela.

— *Ego credo ut vita pauperum est simpliciter atrox, simpliciter sanguinarius atrox, in Liverpoolio.*^[47]

Suas vozes chegavam aos seus ouvidos como se viessem de longe numa pulsação interrompida. Ela estava se preparando para partir com suas companheiras.

A ligeira chuvarada rápida cessara, permanecendo apenas em feixes de diamantes entre os arbustos do pátio no qual uma emanção era exalada pela terra enegrecida. Suas botas faceiras tagarelavam enquanto as jovens se mantinham nos degraus da colunata, conversando tranqüila e alegremente, relanceando os olhos para as nuvens, segurando seus guarda-chuvas espertamente inclinados para se protegerem contra algumas últimas gotas de chuva, fechando-os novamente, segurando suas saias com recato.

E se ele a tivesse julgado severamente? Se a vida dela fosse um simples rosário de horas, sua vida simples e estranha como a vida de um pássaro, alegre de manhã, inquieta o dia todo, cansada ao pôr do sol? Seu coração simples e determinado como o coração de um pássaro?

Acordou por volta da madrugada. Que música deliciosa. Toda a sua alma estava banhada de orvalho. Sobre seus membros adormecidos tépidas ondas pálidas de luz haviam deslizado. Estava deitado quieto, como se sua alma repousasse em meio a águas tépidas, consciente da música lânguida e deliciosa que o envolvia. Sua mente despertava lentamente para uma vibrante experiência matinal, uma inspiração matinal. Um espírito o saciava, puro como a água a mais pura, doce como o orvalho, tocante como a música. Mas como era inalado timidamente, desapaixonadamente, como se os próprios serafins estivessem respirando sobre ele! Sua alma despertava lentamente, temendo despertar totalmente. Era aquela hora de calmaria da madrugada em que a loucura desperta e plantas estranhas se abrem para a luz e a mariposa voa para fora em silêncio.

Que encantamento para o coração! A noite tinha sido encantada. Num sonho ou visão conhecera o êxtase da vida seráfica. Fora aquele um instante apenas de encantamento ou longas horas e dias e anos e séculos?

O instante de inspiração parecia agora ser refletido de todos os lados ao mesmo tempo de uma profusão de circunstâncias nebulosas do que acontecera ou do que podia ter acontecido. O instante fulgurou como um ponto de luz e agora sobre nuvens superpostas de circunstâncias incertas uma forma confusa encobria suavemente seu reflexo de esplendor. Oh! No ventre virginal da imaginação a palavra se fez carne. O serafim Gabriel viera ao aposento da virgem. Um reflexo de esplendor intensificou-se em seu espírito, de onde partira a chama branca, intensificando-se em uma luz ardente e rósea. Aquela luz ardente e rósea era o coração estranho e obstinado dela, estranho porque nenhum homem o conhecera ou conheceria, obstinado desde antes dos primórdios do mundo; e atraídos por aquele fulgor ardente como o da rosa os coros dos serafins tombavam do céu.

Não estás dos caminhos ardentes cansado,

Oh tu engodo que o serafim degradaste?

Não fales mais de algum dia encantado.

Os versos passaram de sua mente aos seus lábios e, murmurando-os novamente, sentia o movimento rítmico de um vilancete perpassá-los. O fulgor semelhante ao da rosa emitia seus raios de rima: cansado, degradado, encantado, dominaste, elevaste, amor, louvor. Seus raios abrasaram o mundo, consumiram os corações dos homens e dos anjos: os raios da rosa que eram o coração obstinado dela.

Teus olhos seu coração abrasaram de amor

E desta forma sua vontade dominaste.

Não estás dos caminhos ardentes cansado?

E então? O ritmo se extinguiu, cessou, retomou seu movimento e sua batida. E então? Fumaça, incenso ascendendo do altar do mundo.

*Acima da chama a fumaça do louvor
Por sobre o oceano tu a elevaste.
Não fales mais de um dia encantado.*

A fumaça se elevava de toda a terra, dos oceanos brumosos, fumaça de louvor a ela. A terra era como um turíbulo oscilante esfumante e flutuante, uma bola de incenso, uma bola elipsoidal. O ritmo se dissipou imediatamente; o grito do coração dele se partira. Seus lábios começaram a murmurar os primeiros versos repetidamente; prosseguiram, então, tropeçando nos hemistíquios, gaguejantes e desnorteados; então parou. Era desolado o grito de seu coração.

A hora velada e de calmaria se fora e por trás das vidraças da janela nua a luz da manhã já estava se concentrando. Um sino soou fracamente bem, bem longe. Um pássaro gorjeou; dois pássaros, três. O sino e o passarinho cessaram; e a opaca luz branca se espalhou a leste e a oeste, cobrindo o mundo, cobrindo a luz rósea do coração dele.

Temendo perder tudo, ele se ergueu subitamente apoiado no cotovelo para procurar papel e lápis. Não havia nem um nem outro na mesa; apenas o prato de sopa em que comera arroz em sua ceia e o castiçal com seus tocos de vela e seu encaixe de papel, chamuscado pela última chama. Cansado esticou o braço até o pé da cama, apalpando com a mão os bolsos de seu casaco que estava pendurado ali. Seus dedos encontraram um lápis e em seguida um maço de cigarros. Ele se reclinou para trás e, abrindo o maço, colocou o último cigarro na saliência da janela e começou a escrever as estrofes do vilancete com letras miúdas e nítidas na superfície áspera do papelão

Depois de escrevê-las recostou a cabeça no travesseiro encarado, murmurando-as novamente. Os caroços da estopa nodosa debaixo de sua cabeça lembravam-no dos caroços do tecido nodoso de crina no sofá da sala de visitas da casa dela no qual ele costumava se sentar, sorridente ou sério, perguntando a si mesmo por que viera, descontente com ela e consigo mesmo, desconcertado com a imagem do Sagrado Coração acima de um aparador desocupado. Ele a via se aproximar dele numa pausa da conversa e lhe rogar que cantasse uma de suas canções curiosas. Então ele se viu sentado no velho piano, tirando suavemente acordes de suas teclas manchadas e cantando em meio à conversa que tomara conta novamente da sala, para ela que se inclinara ao lado do consolo da lareira uma delicada canção elisabetana, uma cantiga doce e triste de despedida, o cântico de vitória de Agincourt, a melodia feliz de *Greensleeves*. Enquanto ele cantava e ela escutava, ou fingia escutar, o coração dele ficava tranqüilo mas quando as graciosas canções antigas terminavam e ele ouvia novamente as vozes na sala ele se lembrava de seu próprio sarcasmo: a casa em que os rapazes eram chamados por seus prenomes um pouco cedo demais.

Em certos momentos os olhos dela pareciam prestes a confiar nele mas ele esperava em vão. Ela agora passava por sua memória dançando ligeiramente como o fizera no baile de carnaval daquela noite, com seu vestido branco levemente levantado, um pequeno enfeite pendendo em seus cabelos. Dançava a ronda com leveza. Estava dançando em direção a ele e, quando chegou, desviou um pouco os olhos e um ligeiro brilho invadiu sua face. Na pausa na cadeia de mãos a mão dela repousou por um instante na dele, uma mercadoria macia.

- Você é agora um grande estranho.
- É. Eu nasci para ser um monge.
- Receio que você seja um herege.
- Receia muito?

Em resposta ela havia dançado para longe dele ao longo da cadeia de mãos, dançando leve e discretamente, não se entregando a ninguém. O enfeite branco pendia acompanhando a dança e quando ela ficava na sombra era mais intenso o brilho em suas faces.

Um monge! Sua própria imagem projetou um profanador de claustros, um franciscano herege, disposto e não disposto a servir, rodopiando como Gherardino da Borgo San Donnino, uma graciosa teia de sofismas e sussurros nos ouvidos dela.

Não, não era a sua imagem. Era igual à imagem de um jovem padre em cuja companhia ele a vira por último, olhando para ele com seus olhos de pomba, brincando com suas páginas do livro de expressões idiomáticas irlandesas.

- Sim, sim, as senhoras concordam conosco. Posso vê-lo todo dia. As senhoras estão conosco. As melhores auxiliares que a língua tem.
- E a Igreja, Padre Moran?
- A Igreja também. Concordando também. O trabalho está se desenvolvendo ali também. Não se aborreça com a Igreja.

Bolas! Ele fizera bem em sair da sala desdenhosamente. Fizera bem em não a cumprimentar nos degraus da biblioteca. Fizera bem em deixá-la para que flertasse com o padre, para brincar com uma Igreja que era a copeira da cristandade.

Uma cólera violenta e brutal expulsou de sua alma o último instante remanescente de êxtase. Despedaçou violentamente a linda imagem dela e lançou os fragmentos para todos os lados. De todos os lados reflexos distorcidos da imagem dela saltaram de sua memória: a florista de vestido esfarrapado com os cabelos grossos e molhados e rosto de rapariga turbulenta que se intitulara “sua garota” e lhe suplicara um presente de estréia, a cozinheira na casa ao lado que cantava por cima da barulheira de seus pratos com o arrastar de palavras de uma cantora *country* os primeiros compassos de *By Killarney's Lakes and Fells*, uma moça que rira alegremente ao vê-lo tropeçar quando o gradil de ferro da calçada perto de Cork Hill pegara a sola aberta de seu sapato, uma moça para a qual olhara, atraído por sua pequena boca madura quando ela saía da fábrica de biscoito Jacob, que gritara para ele por cima do ombro:

— Você gosta do que você está vendo em mim, cabelos lisos e sobrancelhas crespas?

E no entanto ele sentia que, por mais que a insultasse e dela zombasse, sua cólera ainda assim era uma forma de homenagem. Não era totalmente sincero que ele tivesse saído desdenhosamente da sala de aula, sentindo que talvez o segredo da raça dela se escondesse por trás daqueles olhos negros sobre os quais pestanas longas lançavam uma breve sombra. Dissera a si mesmo amargamente enquanto andava pelas ruas que ela era uma figura de feminilidade de seu país, uma alma semelhante a um morcego despertando para a consciência de si mesmo na escuridão e sigilo e solidão, permanecendo por algum tempo, não-amada e imaculada, com seu amante moderado e o abandonando para sussurrar suas transgressões inocentes nos ouvidos entreliçados de um padre. Sua cólera contra ela encontrava vazão em sua vituperação grosseira contra seu amante, cujo nome e voz e traços ofendiam seu orgulho frustrado: um camponês ordenado como padre, com um irmão policial em Dublin e um irmão garçom em Moycullen. A ele, ela desvendaria a tímida nudez de sua alma, a alguém que tivesse sido apenas treinado no desempenho de um ritual formal em vez de desvendá-lo a ele, um sacerdote da imaginação eterna, transformando o pão diário da experiência no corpo radioso de vida permanente.

A imagem radiosa da eucaristia unia novamente em um instante seus pensamentos amargos e desesperadores, seus gritos se erguendo intactos num hino de agradecimento.

*Nosso grito partido e choro cantado
Em hino eucarístico tu o elevaste.
Não estás dos caminhos ardentes cansado?
Em sacrifício o braço erguido
O cálice da dor então ofereceste,
Não fales mais de algum dia encantado.*

Disse os versos em voz alta desde as primeiras linhas até que a música e o ritmo inundaram sua mente, transformando-o numa indulgência serena; então copiou-os penosamente para senti-los ainda melhor ao vê-los; recostou-se então em seu travesseiro.

Chegara a luz total da manhã. Nenhum som podia ser ouvido; mas ele sabia que em toda a sua volta a vida estava prestes a despertar em corriqueiros ruídos, vozes roucas, orações sonolentas. Esquivando-se daquela vida voltou-se para a parede, fazendo um capuz do cobertor e fitando as flores escarlates e exageradamente grandes do papel de parede esfarrapado. Tentou aquecer sua alegria que parecia no brilho escarlate daquelas flores, imaginando de onde estava deitado um caminho de rosas em direção ao céu todo salpicado de flores escarlates. Cansado! Cansado! Ele também estava cansado de caminhos ardentes.

Um calor gradual, um cansaço lânguido o percorreu, descendo espinha abaixo de sua cabeça hermeticamente encapuzada. Sentiu-o descer e vendo-se assim deitado, sorriu. Logo dormiria.

Escrevera versos para ela novamente depois de dez anos. Dez anos antes ela usara seu xale como capuz em volta de sua cabeça, enviando para o ar noturno borrifos de sua morna respiração, batendo de leve com o pé na estrada vítrea. Era o último bonde; os magros cavalos baios o sabiam e agitavam suas sinetas para a noite clara em sinal de advertência. O condutor falava com o motorneiro, ambos acenando constantemente com as cabeças à luz verde da lâmpada. Eles estavam de pé no estribo do bonde, ele no superior, ela no inferior. Ela subia até o seu estribo muitas vezes entre suas frases e descia novamente e uma ou duas vezes permanecia ao seu lado se esquecendo de descer e então descia. Deixe como está! Deixe como está!

Dez anos daquela sabedoria das crianças até a sua loucura. E se ele lhe mandasse os versos? Seriam lidos em voz alta no café-da-manhã em meio ao bater das cascas de ovos. Loucura realmente! Os irmãos ririam e tentariam arrancar a página um do outro com seus dedos fortes e duros. O padre delicado, tio dela, sentado em sua poltrona, seguraria a página com o braço estendido, a leria sorrindo e aprovaria a forma literária.

Não, não; isso era uma loucura. Mesmo que ele lhe mandasse os versos ela não os mostraria aos outros. Não, não; ela não podia.

Começou a sentir que a julgara mal. Um sentido da inocência dela o comovia quase a ponto de ter piedade dela, uma inocência que nunca compreendera até que chegara ao seu conhecimento através do pecado, uma inocência que ela também não compreendera enquanto era inocente ou antes que a estranha humilhação de sua natureza se tivesse apossado dela pela primeira vez. Então primeiramente a alma dela começara a viver como a alma dele o fizera quando pecara pela primeira vez; e uma terna compaixão encheu seu coração quando se lembrou de sua frágil palidez e de seus olhos, humilhados e entristecidos pela vergonha sombria da feminilidade.

Enquanto a sua alma passara do êxtase para a languidez onde estivera ela? Seria possível que, nos caminhos misteriosos da vida espiritual, sua alma naqueles mesmos momentos tivesse tido consciência da homenagem dele? Era possível.

Um ardor de desejo inflamou novamente sua alma e inflamou e tomou conta de todo o seu corpo. Consciente de seu desejo, ela despertava do sono perfumado, a sedutora do vilancete. Seus olhos, negros e com um ar de languidez, se abriam para os olhos dele. Sua nudez se entregava a ele, radiosa, quente, perfumada e de membros exuberantes, o envolvia como uma nuvem cintilante, o envolvia como uma água de vida líquida; e como uma nuvem de vapor ou como águas circunfluentes no espaço as letras líquidas da língua, símbolos do elemento de mistério, fluíam sobre seu cérebro.

*Não estás dos caminhos ardentes cansado,
Oh tu engodo que o serafim degradaste?
Não fales mais de algum dia encantado.*

*Teus olhos seu coração abrasaram de amor
E desta forma sua vontade dominaste.
Não estás dos caminhos ardentes cansado?*

*Acima da chama a fumaça do louvor
Por sobre o oceano tu a elevaste.
Não fales mais de algum dia encantado.*

*Nosso grito partido e choro cantado
Em hino eucarístico tu os elevaste.
Não estás dos caminhos ardentes cansado?*

*Em sacrifício o braço erguido
O cálice da dor então ofereceste,
Não fales mais de algum dia encantado.*

*Nosso olhar desejoso foi por ti guardado
Pois com olhar langoroso tu o conservaste!
Não estás dos caminhos ardentes cansado?
Não fales mais de algum dia encantado.*

*

Que pássaros eram aqueles? Ele se deteve nos degraus da biblioteca para olhar para eles, apoiando-se cansado em sua bengala. Voavam girando e girando em volta do ângulo saliente de uma casa na Molesworth Street. A atmosfera daquele anoitecer de final de março tornava claro o seu vôo, seus corpos escuros trepidantes e dardejantes voando claramente de encontro ao céu como se de encontro a um tecido molemente suspenso de um azul rarefeito e enfumaçado.

Observou-lhes o vôo; pássaro após pássaro: um lampejo escuro, uma guinada, um novo lampejo, um arremesso para o lado, uma curva, um bater de asas. Tentou contá-los antes que todos os seus corpos trepidantes e dardejantes desaparecessem: seis, dez, onze; e se perguntava em número se eram ímpares ou pares. Doze, treze; pois dois vinham girando para baixo do alto do céu. Voavam alto e baixo mas sempre girando e girando em linhas retas e curvas e voando sempre da esquerda para a direita, rodeando em volta de um templo de ar.

Ouviu-lhes os gritos: como o chio de camundongos por trás de lambris; uma nota dobrada e estridente. Mas as notas eram longas e estridentes e churriantes, diversas do grito das aves predatórias, caindo uma terça ou uma quarta e trinadas

enquanto os bicos voejantes cortavam o ar. Seus gritos eram agudos e claros e finos e caíam como fios de luz sedosa desenrolados de carretéis rodopiantes.

O clamor inumano acalmava seus ouvidos nos quais os soluços e as censuras de sua mãe murmuravam insistentemente e os corpos escuros frágeis e trepidantes girando e esvoaçando e dando uma guinada para baixo em volta de um templo aéreo do céu tênue acalmavam seus olhos que ainda viam a imagem do rosto de sua mãe.

Por que estava ele olhando para o céu ali dos degraus do pórtico, ouvindo seus gritos agudos e dobrados, observando seus vôos? Seria à espera de um augúrio bom ou mau? Uma frase de Cornelius Agrippa atravessou rápido a sua mente e então ali pensamentos informes voaram aqui e ali de Swedenborg sobre a correspondência entre as aves e as coisas do intelecto e de como as criaturas do ar têm seus conhecimentos e como conhecem suas horas e estações porque, elas, diversamente do homem, vivem de acordo com a ordem de sua existência sem ter pervertido aquela ordem pela razão.

E durante séculos os homens haviam olhado para cima para pássaros a voar como ele próprio estava olhando. A colunata acima dele sugeria vagamente um templo antigo e a bengala de freixo sobre a qual se apoiava cansado, a vara curva de um augúrio. Uma sensação de medo do desconhecido se agitava no âmago de sua lassidão, um medo de símbolos e presságios, do homem-falcão cujo nome era o seu planando bem alto fora do seu cativado sobre asas de vime trançado, de Toth, deus dos escritores, escrevendo com um caniço sobre uma tabuinha encerada e trazendo a lua cornuda sobre sua cabeça estreita de íbis.

Ele sorria enquanto pensava na imagem do deus pois ela o fazia pensar em um juiz de peruca na cabeça de nariz inchado de bebedeira, pondo vírgulas em um documento que segurava com o braço estendido e sabia que não se teria lembrado do nome do deus se não fosse pelo fato de ser como um juramento irlandês. Era uma loucura. Mas seria por causa dessa loucura que ele estava prestes a abandonar para sempre a casa de oração e prudência na qual nascera e o sistema de vida do qual se originara?

Os pássaros voltavam com gritos agudos por sobre o ângulo saliente da casa, voando escuros de encontro ao ar desvanecente. Que pássaros eram eles? Julgava que deviam ser andorinhas que haviam retornado do sul. Então ele devia partir pois eles eram pássaros que estavam sempre indo e vindo, sempre construindo casas não-duradouras sob os beirais das casas dos homens e sempre abandonando as casas que haviam construído a fim de vagar.

*Inclinaí os rostos, Oona e Aleel,
Eu os contemplo como a andorinha
Contempla sob o beiral o ninho
Antes de vagar sobre as águas ruidosas.*

Uma alegria líquida e suave como o ruído de muitas águas jorrou sobre sua memória e ele sentiu em seu coração a paz suave de espaços silenciosos de um céu tênue e desvanecente acima das águas, do silêncio oceânico, de andorinhas voando através do crepúsculo marítimo acima das águas fluentes.

Uma alegria líquida e suave jorrou através das palavras em que as vogais longas e suaves colidiam de mansinho e desapareciam, projetando-se e fluindo de volta e sacudindo sempre os sinos brancos de suas ondas num repique mudo e num langor mudo e num suave grito baixo e desfalecente; e ele sentia que o augúrio que procurara nos pássaros girando dardejantes e no espaço pálido do céu acima dele saíra quieta e rapidamente de seu coração como um pássaro de uma torrezinha de edifício.

Símbolo de partida ou de solidão? Os versos cantarolados no ouvido de sua memória compunham lentamente diante de seus olhos lembrantes a cena de um salão na noite de abertura do teatro nacional. Ele estava sozinho do lado do balcão, olhando com olhos exaustos para a cultura de Dublin nas poltronas de orquestra e para os tecidos espalhafatosos do cenário e bonecos humanos emoldurados pelas lâmpadas brilhantes do palco. Um policial corpulento transpirava atrás deles e a cada momento parecia prestes a entrar em ação. Miados e assobios e gritos de escarninho de seus colegas dispersos se espalhavam em rajadas violentas à volta do salão.

- Um libelo sobre a Irlanda!
- Feito na Alemanha!
- Blasfêmia!
- Nunca vendemos nossa fé!
- Nenhuma irlandesa jamais fez isso!
- Não queremos ateus amadores!
- Não queremos budistas brotando!

Um súbito assobio curto caiu das janelas acima e ele se deu conta que lâmpadas elétricas tinham sido acesas na sala de leitura. Entrou no salão sustentado por pilares, agora calmamente aceso, subiu a escada e passou com um claque através da

borboleta.

Cranly estava sentado em cima perto dos dicionários. Um livro grosso, aberto no frontispício, estava diante dele sobre o descanso de madeira. Ele estava recostado na cadeira, inclinando o ouvido como o de um confessor para o rosto do estudante de medicina que estava lendo para ele um problema na página de xadrez de um jornal. Stephen se sentou à sua direita e o padre no outro lado da mesa fechou sua cópia de *The Tablet* com um estrépito irritado e se levantou.

Cranly fitou-o branda e vagamente. O estudante de medicina prosseguiu com uma voz mais suave:

— Peão na quarta do rei.

— É melhor nós irmos, Dixon — disse Stephen como aviso. — Ele foi se queixar.

Dixon dobrou o jornal e se levantou com dignidade, dizendo:

— Nossos homens se retiraram em boa ordem.

— Com armas e gado — acrescentou Stephen, apontando para a página do título do livro de Cranly na qual estava impresso *Doenças do Boi*.

Quando eles passaram através de uma brecha entre as mesas Stephen disse:

— Cranly, quero falar com você.

Cranly não respondeu nem se virou. Pôs o livro no balcão e saiu, seus pés bem calçados soando diretamente no soalho. Na escada parou e fitando Dixon distraidamente repetiu:

— Peão na maldita quarta de rei.

— Diga isso desse jeito se quiser — disse Dixon.

Tinha uma voz calma sem tonalidade e maneiras corteses e em um dedo de sua mão limpa e roliça mostrava por momentos um anel com sinete.

Enquanto cruzavam o salão um homem de figura anã veio em direção a eles. Sob a copa de seu chapéu minúsculo seu rosto imberbe começou a sorrir com prazer e foi possível perceber que murmurava. Os olhos eram melancólicos como os de um macaco.

— Boa-noite, capitão — disse Cranly parando.

— Boa-noite, cavalheiros — disse o rosto simiesco de barba por fazer.

— O tempo está quente para março — disse Cranly. — Eles estão com as janelas abertas no andar de cima.

Dixon sorriu e virou seu anel. O rosto enegrecido simiescamente enrugado franziu seus lábios humanos com um prazer moderado; e sua voz ronronou:

— Um tempo delicioso para março. Simplesmente delicioso.

— Há duas jovens e atraentes senhoras lá em cima, capitão, cansadas de esperar — disse Dixon.

Cranly sorriu e disse gentilmente:

— O capitão tem apenas um amor: Sir Walter Scott. Não é, capitão?

— O que está lendo agora, capitão? — perguntou Dixon. — *A Noiva de Lammermoor*?

— Gosto do velho Scott — disseram os lábios flexíveis. — Acho que ele escreve algo que é adorável. Não há escritor algum que possa chegar aos pés de Walter Scott.

Ele agitava a delgada e mirrada mão morena ao compasso de seu elogio enquanto suas pálpebras finas batiam repetidamente sobre seus olhos tristes.

O mais triste para os ouvidos de Stephen era a sua linguagem: um sotaque cortês, baixo e úmido, desfigurado por erros; e ao ouvi-lo ele se perguntava se a história era verdadeira e se o sangue diluído que corria em sua constituição física minguada era nobre e oriundo de um amor incestuoso.

As árvores do parque estavam pesadas de chuva e a chuva caía ainda sem parar no lago, que repousava cinzento como um escudo. Um bando de cisnes voava ali e a água e a praia embaixo estavam manchadas de limo branco-esverdeado. O par se abraçava docemente, impelido pela luz chuvosa e cinza, pelas árvores silenciosas e molhadas, pela cumplicidade protetora do lago, pelos cisnes. Abraçavam-se sem alegria ou paixão, o braço dele em volta do pescoço da irmã. Uma capa de lã cinzenta drapeava obliquamente do ombro à cintura; e sua cabeça loura se inclinava com um pudor consentido. Ele tinha os cabelos soltos castanho-avermelhados e ternas mãos sardentas, fortes e bem-feitas. Rosto. Nenhum rosto era visível. O rosto do irmão estava inclinado sobre os cabelos louros dela recendendo a chuva. A mão sardenta e forte e bem-feita e acariciante era a mão de Davin.

Desaprovou com irritação seus pensamentos sobre o homúnculo mirrado que os suscitara. As zombarias de seu pai sobre a corja de políticos de Bantry saltaram-lhe da memória. Manteve-as a distância e contrafeito removeu novamente seus próprios pensamentos. Por que não eram aquelas as mãos de Cranly? Será que a simplicidade e a inocência de Davin o haviam abalado de uma forma mais secreta?

Caminhou através do salão com Dixon, deixando Cranly se despedir meticulosamente do anão.

De pé sob a colunata Temple estava no meio de um pequeno grupo de estudantes. Um deles gritou:

— Dixon, venha ouvir isso. Temple está em grande forma.

Temple voltou para ele seus olhos escuros de cigano.

— Você é um hipócrita, O’Keeffe — disse — e Dixon é um sorrisor. Que diabo! Acho que esta é sem dúvida uma expressão literária ótima.

Riu manhosamente, olhando para o rosto de Stephen, repetindo:

— Que diabo! Estou encantado com a palavra! Um sorrisor.

Um estudante grandão que estava alguns degraus abaixo deles disse:

— Voltemos à amante, Temple. Queremos saber mais sobre ela.

— Ele a tinha, na verdade — disse Temple. — E além disso era um homem casado. E todos os padres costumavam jantar ali. Que diabo, creio que todos tiveram sua vez ali.

— É isso que a gente chama de cavalgar um cavalo de aluguel para poupar o caçador — disse Dixon.

— Diga-nos, Temple — falou O’Keeffe —, quantas canecas de cerveja preta você já virou hoje?

— Toda a sua alma intelectual está nesta frase, O’Keeffe — disse Temple com visível desdém.

Movendo-se com um andar trôpego ele disse a Stephen:

— Você sabia que os Forster são os reis da Bélgica? — perguntou.

Cranly surgiu através da porta da sala de entrada, com o chapéu jogado para trás sobre a nuca e palitando cuidadosamente os dentes.

— Eis que chega o sabichão — disse Temple. — Você conhece essa história dos Forster?

Parou por um momento aguardando sua resposta. Cranly desalojou uma semente de figo dos dentes com a ponta de um palito tosco e a fitou atentamente.

— A família Forster — disse Temple — descende de Baldwin I, rei de Flandres. Ele era chamado Forester. Forester e Forster são o mesmo nome. Um descendente de Baldwin I, o capitão Francis Forster, se instalou na Irlanda e se casou com a filha do último chefe do clã Clanbrassil. Há ainda os Blake Forster. Este é um ramo diferente.

— De Baldhead, rei de Flandres — repetiu Cranly, voltando a esquadrinhar deliberadamente seus dentes descobertos e brilhantes.

— Onde você foi desencavar toda essa história? — perguntou O’Keeffe.

— Eu também conheço toda a história de sua família — disse Temple, se voltando para Stephen. — Você sabe o que Giraldus Cambrensis diz sobre a sua família?

— Ele também descende de Baldwin? — perguntou um estudante de olhos pretos alto e tísico.

— Baldhead — repetiu Cranly, aspirando por uma fenda nos dentes.

— *Pernobilis et pervetusta familia*[48] — disse Temple a Stephen.

O estudante grandão que estava de pé nos degraus abaixo deles expeliu brevemente gases. Dixon voltou-se para ele dizendo com uma voz macia:

— Um anjo por acaso falou?

Cranly também se virou e disse veementemente embora sem raiva:

— Goggins, você é o mais flamejante e sórdido demônio que jamais conheci, sabe?

— Eu disse o que tinha em mente — respondeu Goggins resolutamente. — Isso não fez mal a ninguém, fez?

— Esperamos — disse Dixon suavemente — que não seja do tipo conhecido pela ciência como um *paulo post futurum*. [49]

— Eu não disse a vocês que era um sorrisor? — disse Temple, virando para a direita e para a esquerda. — Não dei esse nome a ele?

— Deu. Não somos surdos — disse o tísico de alta estatura.

Cranly ainda amarrou a cara para o estudante grandão abaixo dele. Então, bufando de nojo, empurrou-o violentamente escada abaixo.

— Vá embora daqui — disse asperamente —, vá embora, seu nojento. Você é um nojento mesmo.

Goggins saltou para baixo sobre o pedregulho e imediatamente retornou de bom humor ao lugar. Temple virou-se para Stephen e perguntou:

— Você acredita na lei da hereditariedade?

— Você está bêbado ou o que é que há com você ou o que você está tentando dizer? — perguntou Cranly, olhando à sua volta com expressão de surpresa.

— A oração mais profunda jamais escrita — disse Temple com entusiasmo — é a oração no final do livro de zoologia. A reprodução é o início da morte.

Tocou timidamente no cotovelo de Stephen e disse animadamente:

— Será que você sente como isso é profundo porque você é um poeta?

Cranly apontou para ele com seu longo dedo indicador.

— Olhem só para ele! — disse para os outros com desdém. — Olhem para a esperança da Irlanda!

Eles riram todos com suas palavras e gesto. Temple virou-se bravamente para ele, dizendo:

— Cranly, você está sempre zombando de mim. Vejo isso muito bem. Não sou tão bom quanto você em qualquer situação. Você sabe o que eu penso a seu respeito se comparado a mim?

— Meu caro rapaz — disse Cranly urbanamente —, você é incapaz, sabe, totalmente incapaz de pensar.

— Mas você sabe — continuou Temple — o que eu penso de nós dois, você e eu comparados juntos?

— Diga isso logo, Temple! — gritou o estudante grandão dos degraus. — Desembuche isso por partes!

Temple virou para a direita e para a esquerda, fazendo súbitos gestos fracos enquanto falava.

— Sou um colhão — disse, sacudindo a cabeça em desespero. — Sou mesmo. Eu sei que sou. E confesso que sou.

Dixon bateu-lhe de leve no ombro dizendo docemente:

— E isso é um ponto a seu favor, Temple.

— Mas ele — disse Temple, apontando para Cranly. — Ele é também um colhão como eu. Apenas não sabe que o é. E essa é a única diferença que existe entre nós.

Uma explosão de riso cobriu suas palavras. Mas ele se voltou ainda para Stephen e disse com súbita animação:

— Essa palavra é uma palavra muito interessante. É o único número dual inglês. Você sabia?

— É mesmo? — disse Stephen vagamente.

Ele estava observando o rosto sofredor, de traços firmes, de Cranly, iluminado agora por um sorriso de falsa paciência. O nome grosseiro passara por cima como água suja derramada sobre uma velha imagem de pedra, paciente em relação às injúrias; e, enquanto o observava, ele o viu tirar o chapéu em sinal de saudação e descobrir assim o cabelo preto espetado que se erguia de sua testa como uma coroa de ferro.

Ela passou pelo pórtico da biblioteca e curvou a cabeça para Cranly por cima da cabeça de Stephen em resposta ao seu cumprimento. Ele também? Não havia um ligeiro rubor na face de Cranly? Ou surgira com as palavras de Temple? A luz empalidecia. Ele não conseguia ver direito.

Aquilo explicaria o silêncio indiferente do amigo, seus comentários ásperos, a súbita intrusão da linguagem rude com a qual ele tinha despedaçado tão freqüentemente as caprichosas confissões ardentes de Stephen? Stephen generosamente o perdoaria pois descobria a mesma rudeza em si mesmo para consigo mesmo. E se lembrava de um anoitecer em que saltara de uma bicicleta rangente emprestada para rezar a Deus num bosque perto de Malahide. Levantara os braços e falara em êxtase para a nave sombria das árvores, sabendo que se encontrava em solo sagrado e numa hora sagrada. E quando dois policiais haviam despontado em volta de uma curva da estrada escura, ele interrompera sua oração para assobiar alto uma melodia da última pantomima.

Começou a bater com a extremidade de sua bengala de freixo na base de uma pilastra. Será que Cranly não o ouvira? Ele podia contudo esperar. A conversa à sua volta cessou por um momento; e um delicado assobio veio novamente da janela acima. Mas não havia nenhum outro som no ar e as andorinhas cujo vôo ele acompanhara com olhos indolentes estavam dormindo.

Ela atravessara o crepúsculo. E o ar estava por conseguinte silencioso a não ser por um delicado assobio que podia ser ouvido. E as línguas à sua volta por conseguinte tinham cessado sua tagarelice. A escuridão caía.

A escuridão cai do ar.

Uma alegria trêmula, ligeira como uma luz tênue, brincava como uma multidão de duendes à sua volta. Mas por quê? A passagem dela através do ar que escurecia ou o verso com suas vogais negras e seu som aberto, rico e semelhante ao do alaúde?

Ele caminhou lentamente para longe em direção às sombras mais profundas na extremidade da colunata, batendo suavemente na pedra com sua bengala para ocultar seu devaneio dos estudantes que deixara para trás; e assim caminhando permitiu que sua mente convocasse de volta a época de Dowland e Byrd e Nash.

Olhos, se abrindo da escuridão do desejo, olhos que obscureciam o oriente que irrompia. Qual era seu encanto lânguido senão a flacidez da libertinagem? E qual era seu vislumbre senão o vislumbre da escuma que cobria de limo a fossa sanitária de uma lacrimante Stuart. E ele saboreava na linguagem da lembrança vinhos da cor de âmbar, quedas agonizantes de ares suaves, a orgulhosa pavana; e via com os olhos da memória damas generosas no Covent Garden namorando em seus balcões atirando beijos de suas bocas sorvedoras e as prostitutas marcadas pela varíola e as jovens esposas que, cedendo alegremente aos seus violadores, beijavam e beijavam sem parar.

As imagens que evocara não lhe davam prazer. Embora fossem secretas e abrasadoras nelas não estava entrelaçada a imagem dela. Essa não era a maneira indicada de pensar nela. Não era sequer a maneira pela qual ele pensava nela. Será que a

sua mente não podia confiar em si mesma? Velhas frases, doces apenas com uma doçura desenterrada como as sementes de figo que Cranly retirava de seus dentes brilhantes.

Não era pensamento nem visão embora ele soubesse vagamente que a figura dela estava passando através da cidade em direção a casa. A princípio vagamente e então mais nitidamente sentiu o perfume de seu corpo. Uma inquietação consciente fervilhou em seu sangue. Era sim, era o seu cheiro que sentia: um cheiro selvagem e lânguido: os membros tépidos sobre os quais a música de Stephen fluíra cheia de desejo e a roupa de cama secreta e macia sobre a qual seu corpo destilara aroma e bálsamo.

Um piolho se arrastou sobre a sua nuca e, colocando seu polegar e indicador habilmente por baixo de seu colarinho solto, ele o pegou. Enrolou o corpo dele, frágil e contudo quebradiço como um grão de arroz, entre o polegar e o outro dedo por um instante antes de deixá-lo cair e se perguntava se o inseto viveria ou morreria. Veio-lhe à mente uma frase curiosa de Cornelius a Lapide em que ele dizia que os piolhos nascidos do suor humano não tinham sido criados por Deus como os outros animais no sexto dia. Mas a comichão no pescoço feria e avermelhava a sua pele. A vida do seu corpo, malvestido, malnutrido, comido por piolho, o fazia fechar os olhos com um súbito espasmo de desespero; e na escuridão ele via os corpos frágeis e claros de piolhos caindo do ar e se virando freqüentemente enquanto caíam. Sim; e não era a escuridão que tombava do espaço. Era a claridade.

A claridade tomba do espaço.

Nem sequer se lembrara corretamente do verso de Nash. Todas as imagens que ele despertara tinham sido falsas. Sua mente engendrava a peste. Seus pensamentos eram piolhos nascidos do suor da indolência.

Voltou rapidamente ao longo da colunata em direção ao grupo de estudantes. Ora vamos, que ela se fosse e se danasse. Ela podia amar algum atleta limpo que se lavasse até a cintura toda manhã e que tivesse pêlos escuros no tronco. Que assim fosse.

Cranly pegara um outro figo seco do suprimento em seu bolso e o comia lenta e ruidosamente. Temple estava sentado no frontão de uma pilastra, recostado para trás, com o boné puxado para baixo cobrindo-lhe os olhos sonolentos. Um jovem atarracado saiu do pórtico, com uma pasta de couro enfiada debaixo do braço. Marchou em direção ao grupo, batendo no lajedo com os saltos das botas e com a fêrula de seu guarda-chuva pesado. Então, erguendo o guarda-chuva em sinal de saudação, disse para todos:

— Boa-noite, senhores.

Bateu no lajedo de novo e deu uma risadinha abafada enquanto sua cabeça tremia com um ligeiro movimento nervoso. O estudante tísico de estatura elevada e Dixon e O'Keeffe estavam falando em irlandês e não lhe responderam. E então, voltando-se para Cranly, lhe disse:

— Boa-noite, particularmente para você.

Apontou com o guarda-chuva e deu novamente uma risadinha abafada. Cranly, que ainda estava mastigando o figo, respondeu com movimentos barulhentos dos maxilares.

— Boa? É. É uma noite boa.

O estudante atarracado olhou para ele seriamente e sacudiu o guarda-chuva lenta e reprovadoramente.

— Posso perceber — disse — que você está prestes a fazer observações óbvias.

— Hum — respondeu Cranly, estendendo o que restava do figo meio mastigado e o sacudindo na direção da boca do estudante atarracado para indicar que devia comê-lo.

O estudante atarracado não o comeu mas, satisfazendo seu especial humor, disse gravemente, dando uma risada abafada e estocando a sua frase com o guarda-chuva:

— Você tenciona...

Interrompeu-se, apontou bruscamente para a polpa mastigada do figo e disse em voz alta:

— Estou aludindo a isso.

— Hum — disse Cranly como anteriormente.

— Você tem intenção disso agora — disse o estudante atarracado — como *ipso facto* ou, digamos, por assim dizer?

Dixon deu as costas ao grupo, dizendo:

— Goggins estava esperando por você, Glynn. Ele deu uma volta até o Adelphi procurando por você e Moynihan. O que você tem aí? — perguntou batendo de leve na pasta debaixo do braço de Glynn.

— Provas — respondeu Glynn. — Eu lhes dou provas mensais para ver se estão aproveitando o que ensino.

Ele também bateu de leve na pasta e tossiu gentilmente e sorriu.

— Ensino! — disse Cranly violentamente. — Suponho que você queira dizer que as crianças de pés-descalços têm aulas com um maldito brutamontes como você. Que Deus as proteja!

Cortou com os dentes o resto do figo e jogou fora o toco.

— Eu deixo as criancinhas virem a mim — disse Glynn amavelmente.

— Um maldito brutamontes — repetiu Cranly com ênfase — e um maldito brutamontes blasfemo!

Temple se levantou e, passando além de Cranly, dirigiu-se a Glynn:

— Aquela frase que você disse agora — disse — é do Novo Testamento sobre deixar as criancinhas virem a mim.

— Vá dormir de novo, Temple — disse O’Keeffe.

— Muito bem, então — continuou Temple, dirigindo-se ainda a Glynn —, e se Jesus deixou as crianças virem por que a Igreja as manda para o inferno se elas morrerem sem serem batizadas? Por que isso, então?

— Você foi batizado, Temple? — perguntou o estudante tísico.

— Mas por que elas são mandadas para o inferno se Jesus disse que todas elas podiam vir? — disse Temple, com os olhos procurando os olhos de Glynn.

Glynn tossiu e disse gentilmente, procurando conter a risadinha nervosa em sua voz e agitando seu guarda-chuva a cada palavra pronunciada:

— E, como você observa, se é assim pergunto enfaticamente de onde provém este estado de coisas.

— Porque a Igreja é cruel como todos os antigos pecadores — disse Temple.

— Você por acaso é totalmente ortodoxo nesse ponto, Temple? — disse Dixon suavemente.

— Santo Agostinho diz isso sobre as crianças não-batizadas irem para o inferno — respondeu Temple — porque ele também foi um velho pecador cruel.

— Eu me inclino diante de você — disse Dixon —, mas eu tinha a impressão de que o limbo existia para esses casos.

— Não argumente com ele, Dixon — disse Cranly brutalmente. — Não fale com ele ou olhe para ele. Leve-o para casa com um cabresto da mesma maneira pela qual você conduziria uma cabra balindo.

— Limbo! — gritou Temple. — Essa também é uma invenção e tanto. Como o inferno.

— Mas com o lado desagradável deixado de lado — disse Dixon.

Voltou-se sorrindo para os outros e disse:

— Acho que estou expressando as opiniões de todos os presentes ao dizer isso.

— Está sim — disse Glynn com um tom firme. — Nesse ponto a Irlanda é unida.

Bateu com a fêrula de seu guarda-chuva no chão de pedra da colunata.

— Inferno — disse Temple. — Respeito a invenção da esposa cinzenta de Satã. O inferno é romano, como os muros dos romanos, forte e feio. Mas o que é o limbo?

— Ponha-o de volta no carrinho de criança, Cranly — bradou O’Keeffe.

Cranly deu um passo rápido em direção a Temple, parou, batendo com o pé no chão, e gritando como se para uma ave:

— Xô!

Temple se afastou agilmente.

— Você sabe o que é limbo? — gritou. — Você sabe como chamamos uma noção dessas em Roscommon?

— Xô! Diabos o levem! — gritou Cranly, batendo palmas.

— Nem meu traseiro nem meu cotovelo! — gritou Temple desdenhosamente. — E é isso o que chamo de limbo.

— Dê-me esta bengala aqui — disse Cranly.

Arrancou rudemente a bengala de freixo da mão de Stephen e saltou de graus abaixo; mas Temple, ouvindo-o mover-se em sua perseguição, escapou através da penumbra como uma criança selvagem, ágil e de pés ligeiros. As botas pesadas de Cranly podiam ser ouvidas correndo através do pátio quadrangular e em seguida retornando pesadamente, derrotadas e dando a cada passo pontapés no pedregulho.

Seu andar era irritado e com um gesto abrupto e irritado ele empurrou a bengala de volta na mão de Stephen. Stephen sentiu que sua raiva tinha uma outra causa mas, fingindo paciência, tocou de leve em seu braço e disse tranqüilamente:

— Cranly, eu lhe disse que desejava falar com você. Venha embora.

Cranly olhou para ele por alguns momentos e perguntou:

— Agora?

— É, agora — disse Stephen. — Não podemos falar aqui. Venha embora.

Eles atravessaram o pátio juntos sem falar. O pio de ave de *Siegfried* assobiado suavemente dos degraus do pórtico os acompanhava. Cranly se voltou; e Dixon, que assobiara, gritou:

— Para onde vocês estão indo, rapazes? E quanto àquela partida, Cranly?

Eles parlamentaram aos gritos através do ar silencioso sobre a partida de bilhar que ia ser disputada no hotel Adelphi. Stephen continuou a andar sozinho e entrou na pacata Kildare Street. Em frente ao hotel Maple ficou parado para esperar, paciente novamente. O nome do hotel, numa madeira polida incolor, e sua fachada incolor e serena atormentavam-no como um olhar de polido desdém. Virou-se e fitou colericamente a sala de visitas suavemente iluminada do hotel na qual via em

imaginação as vidas brandas dos nobres da Irlanda alojadas com toda tranqüilidade. Eles pensavam em missões do exército e vendedores de terrenos; camponeses os saudavam ao longo das estradas do país; eles sabiam os nomes de certos pratos franceses e davam ordens aos cocheiros da praça com vozes provincianas agudas que perfuravam seus sotaques colantes.

Como poderia atingir a consciência deles ou como projetar sua sombra sobre a imaginação de suas filhas, antes que seus escudeiros as tivessem fecundado, a fim de fazê-las gerar uma raça menos ignóbil do que a deles? E sob o crepúsculo intensificado sentiu os pensamentos e desejos da raça à qual pertencia esvoaçarem como morcegos, através das alamedas sombrias do campo, sob as árvores à beira dos rios e perto dos pântanos semeados de lagos. Uma mulher esperava no vão da porta quando Davin passara à noite e, oferecendo-lhe uma xícara de leite, tinha feito tudo para atraí-lo para a sua cama; pois Davin tinha os olhos meigos de alguém que sabe guardar segredo. Mas olhar nenhum de mulher o seduzira.

Seu braço foi agarrado por um pulso firme e a voz de Cranly disse:

— Vamos embora mesmamente.

Caminharam em silêncio em direção ao sul. E então Cranly disse:

— Esse desprezível idiota que é o Temple! Juro por Moisés, sabe, que um dia ainda mato esse camarada.

Mas sua voz não estava mais colérica e Stephen se perguntava se ele ainda estava pensando no cumprimento que ela lhe dera sob o pórtico.

Dobraram à esquerda e continuaram a andar como antes. Depois de caminharem assim por algum tempo Stephen disse:

— Cranly, tive uma briga desagradável esta noite.

— Com seu pessoal? — perguntou Cranly.

— Com minha mãe.

— Sobre religião?

— Foi sim — respondeu Stephen.

Depois de uma pausa Cranly perguntou:

— Que idade tem sua mãe?

— Não é velha — disse Stephen. — Ela quer que eu cumpra meu dever pascoal.

— E você, vai fazê-lo?

— Não vou, não — disse Stephen.

— Por que não? — disse Cranly.

— Eu não quero servir — respondeu Stephen.

— Alguém já fez esta declaração antes — disse Cranly calmamente.

— E está sendo feita por mim agora — disse Stephen calorosamente.

Cranly apertou o braço de Stephen, dizendo:

— Vá com calma, meu caro. Você é um camarada danadamente irritadiço, sabe.

Riu nervosamente enquanto falava e, olhando para o rosto de Stephen com olhos comovidos e amigos, disse:

— Sabe que você é um camarada irritadiço?

— Não nego que sou — disse Stephen, também rindo.

Suas mentes, há pouco estremecidas, pareciam ter subitamente ficado mais próximas, uma da outra.

— Você acredita na eucaristia? — perguntou Cranly.

— Não — disse Stephen.

— Você desacredita então?

— Eu nem acredito nem desacredito nela — respondeu Stephen.

— Muitas pessoas têm dúvidas, até pessoas religiosas, contudo elas as superam ou as põem de lado — disse Cranly.

— São as suas dúvidas sobre essa questão fortes demais?

— Não desejo superá-las — respondeu Stephen.

Embaraçado por um momento, Cranly pegou um outro figo do seu bolso e estava prestes a comê-lo quando Stephen disse:

— Não, por favor. Você não pode discutir esta questão com a boca cheia de figo mastigado.

Cranly examinou o figo à luz da lâmpada sob a qual parou. Cheirou-o então com ambas as narinas, mordeu um pedacinho mínimo, cuspiu-o fora e jogou violentamente o figo dentro da sarjeta. Dirigindo-se a ele enquanto jazia, disse:

— Afaste-se de mim, maldito, e vá para o fogo eterno!

Tomando o braço de Stephen, continuou novamente e disse:

— Você não teme que essas palavras possam ser dirigidas a você no dia do julgamento?

— O que é oferecido a mim na outra mão? — perguntou Stephen. — Uma eternidade de bem-aventurança na companhia do decano de estudos?

— Lembre-se — disse Cranly — que ele seria glorificado.

— Sim — disse Stephen de um modo um tanto amargo, alegre, ágil, impassível e, acima de tudo, sutil.

— É uma coisa curiosa, sabe — disse Cranly desapaixonadamente —, como a sua mente está supersaturada da religião que você diz descrever. Você acreditava nisso quando você estava no colégio? Aposto que sim.

— Acreditava — respondeu Stephen.

— E era mais feliz então? — perguntou Cranly suavemente. — Mais feliz, por exemplo, do que é agora?

— Frequentemente feliz — disse Stephen — e frequentemente infeliz. Eu era outra pessoa então.

— Como outra pessoa? O que você quer dizer com esta afirmação?

— Quero dizer — disse Stephen — que eu não era eu mesmo como sou agora, como tinha que me tornar.

— Não como é agora, não como tinha que se tornar — repetiu Cranly. — Deixe-me lhe fazer uma pergunta. Você ama a sua mãe?

Stephen sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sei o que suas palavras significam — disse simplesmente.

— Você já amou algum dia alguém? — perguntou Cranly.

— Você quer dizer mulheres?

— Não estou falando nisso — disse Cranly com um tom de voz mais frio. — Estou lhe perguntando se você já sentiu algum dia amor por alguém ou alguma coisa.

Stephen continuou a andar ao lado do amigo, fitando melancolicamente a calçada.

— Tentei amar a Deus — disse finalmente. — Parece-me agora que falhei. É muito difícil. Tentei unir minha vontade à vontade de Deus a todo instante. Nisso nem sempre falhei. Talvez pudesse ainda fazer isso...

Cranly interrompeu-o bruscamente perguntando:

— Sua mãe teve uma vida feliz?

— Como vou saber? — disse Stephen.

— Quantos filhos ela teve?

— Nove ou dez — respondeu Stephen. — Alguns morreram.

— Era o seu pai... — Cranly deteve-se por um instante e então disse: — Não quero me intrometer nos negócios de sua família. Mas era o seu pai o que se chama abastado? Quero dizer quando você estava crescendo?

— Era — disse Stephen.

— E o que ele era? — perguntou Cranly depois de uma pausa.

Stephen começou a enumerar fluentemente os atributos de seu pai.

— Um estudante de medicina, um remador, um tenor, um ator amador, um político gritador, um pequeno proprietário, um pequeno investidor, um beberrão, um bom homem, um contador de histórias, o secretário de alguém, alguma coisa numa destilaria, um cobrador de impostos, um falido e atualmente um louvador de seu próprio passado.

Cranly riu apertando com mais força o braço de Stephen, e disse:

— Esse negócio de destilaria foi danadamente bom.

— Há mais alguma coisa que você queira saber? — perguntou Stephen.

— Você está numa situação financeira boa atualmente?

— Pareço estar? — perguntou Stephen bruscamente.

— Bem então — continuou Cranly pensativamente — você nasceu afundado em luxo.

Usou a frase ampla e ruidosamente como com frequência usava expressões técnicas como se desejasse que seu ouvinte compreendesse que era usada por ele sem convicção.

— Sua mãe deve ter passado por muito sofrimento — disse então. — Você não tentaria poupá-la de mais sofrimentos mesmo se... ou não?

— Se eu pudesse — disse Stephen. — Isso me custaria muito pouco.

— Então faça isso — disse Cranly. — Faça o que ela deseja que você faça. O que é que isso pode ser para você? Você descreve disso. É uma formalidade; nada mais. E você vai tranquilizar o espírito dela.

Parou e, como Stephen não replicasse, permaneceu em silêncio. Então, como se estivesse dando vazão ao processo de seu próprio pensamento, disse:

— Que outra coisa mais é insegura neste monturo fétido de mundo, garanto que um amor de mãe não é. Sua mãe o faz vir a este mundo, carrega-o em seu ventre. O que sabemos sobre o que ela sente? Mas o que quer que ela sinta, isso, ao menos, deve ser real. Deve ser. Quais são as nossas idéias ou ambições? Jogo. Idéias! Ora, aquele maldito bode balidor que é o Temple tem idéias. MacCann também tem idéias. Todo burro andando pelas estradas pensa que tem idéias.

Stephen, que ouvira o discurso mudo por trás das palavras, disse com pretensa indiferença:

— Se me lembro bem, Pascal não suportava que a mãe o beijasse porque temia um contato com seu sexo.

— Pascal era um porco — disse Cranly.

— Aloisio Gonzaga, penso, era da mesma opinião — disse Stephen.

— Era então um outro porco — disse Cranly.

— A Igreja o chama de santo — objetou Stephen.

— Não me importa porcaria nenhuma de que alguém o chama — disse Cranly rude e categoricamente. — Eu o chamo de porco.

Organizando as palavras ordenadamente em seu espírito, Stephen continuou:

— Jesus, também, parece ter tratado sua mãe em público com insuficiente cortesia mas Suarez, um teólogo jesuíta e cavalheiro espanhol, pediu perdão por ele.

— Já ocorreu a você alguma vez, por acaso, a idéia de que Jesus não era o que pretendia ser? — perguntou Cranly.

— A primeira pessoa a quem esta idéia ocorreu — respondeu Stephen — foi o próprio Jesus.

— Quero dizer — disse Cranly endurecendo em sua linguagem —, já lhe ocorreu alguma vez a idéia de que ele próprio era um hipócrita consciente, o que ele chamava os judeus de seu tempo, um sepulcro caiado? Ou, para falar claramente, que ele era um patife?

— Essa idéia nunca me ocorreu — respondeu Stephen. — Mas estou curioso em saber se você está tentando fazer de mim um convertido ou de você um pervertido.

Voltou o rosto para o do amigo e viu ali um sorriso inexpressivo que alguma força de vontade se esforçava em tornar sutilmente significativo.

Cranly perguntou subitamente em tom natural e sensato:

— Diga-me a verdade. Você ficou por acaso chocado com o que eu disse?

— Um pouco — disse Stephen.

— E por que você ficou chocado — Cranly pressionou no mesmo tom —, se você tem certeza de que nossa religião é falsa e que Jesus não era o filho de Deus?

— Não tenho absolutamente certeza disso — disse Stephen. — Ele parece ser mais o filho de Deus do que o filho de Maria.

— E é esta a razão pela qual você não vai comungar — perguntou Cranly —, porque não tem certeza disso também, porque você sente que a hóstia pode ser o corpo e o sangue do filho de Deus e não uma hóstia de pão? E porque você receia que possa ser?

— É sim — disse Stephen tranqüilamente. — Sinto isso também e o temo.

— Entendo — disse Cranly.

Impressionado com seu tom de encerramento da questão, Stephen reabriu a discussão imediatamente, dizendo:

— Temo muitas coisas: cães, cavalos, armas de fogo, o mar, tempestades, maquinaria, as estradas do campo à noite.

— Mas por que você teme um pedaço de pão?

— Imagino — disse Stephen — que há uma realidade malévola por trás dessas coisas que eu disse temer.

— Você teme então — perguntou Cranly — que o Deus dos católicos romanos o faria cair morto e o amaldiçoaria se você fizesse uma comunhão sacrílega?

— O Deus dos católicos romanos poderia fazer isso agora — disse Stephen. — Mais do que isso, eu temo a ação química que seria montada em minha alma por uma falsa homenagem a um símbolo atrás do qual estão concentrados vinte séculos de autoridade e veneração.

— Em caso de extremo perigo — perguntou Cranly —, você cometeria este sacrilégio específico? Por exemplo, se você vivesse na época das leis penais?

— Não posso responder pelo passado — replicou Stephen. — Possivelmente não.

— Então — disse Cranly — você não tenciona se tornar um protestante.

— Eu disse que tinha perdido a fê — respondeu Stephen —, mas não que eu tivesse perdido o respeito por mim mesmo. Que espécie de liberação seria essa de abandonar um absurdo que é lógico e coerente e abraçar um que é ilógico e incoerente?

Tinham andado em direção ao distrito de Pembroke e agora, enquanto prosseguiam lentamente ao longo das avenidas, as árvores e as luzes espalhadas nas quintas acalmavam suas mentes. O ar de riqueza e repouso difundido à volta deles parecia confortar-lhes a indigência. Atrás de uma sebe de loureiro uma luz reluzia na janela de uma cozinha e a voz de uma empregada era ouvida cantando enquanto afiava as facas. Ela cantava, em compassos breves e fragmentados, *Rosie O'Grady*.

Cranly parou para ouvir, dizendo:

— *Mulier cantat*.

A beleza suave da palavra latina tocou com encanto o escuro da noite, com um toque mais fraco e mais persuasivo do que o toque da música ou da mão de uma mulher. A luta entre as suas mentes foi dominada. A figura de uma mulher como ela aparece na liturgia da Igreja passou silenciosamente através da escuridão: uma figura vestida de branco, pequena e esbelta

como um menino e com uma faixa pendente. Sua voz, fraca e de entonação elevada como a de um menino, era ouvida entoando de um coro distante as primeiras palavras de uma mulher que penetram a melancolia e o clamor do primeiro cântico da paixão:

— *Et tu cum Jesu Galilæo eras.*

E todos os corações foram tocados e se voltaram para a sua voz, brilhando como uma jovem estrela, brilhando mais claro à medida que a voz entoava o proparoxítono e mais tenuemente à medida que a cadência expirava.

O canto cessou. Seguiam juntos, Cranly repetindo um ritmo mais fortemente acentuado ao final do refrão:

*E quando nós casarmos,
Tão felizes seremos
Pois amo minha doce Rosie O'Grady
E ela me ama a Rosie O'Grady.*

— Isso é que é verdadeira poesia — disse ele. — Isso é que é verdadeiro amor.

Olhou de soslaio para Stephen com um sorriso estranho e disse:

— Você considera isso poesia? Ou será que você sabe o que essas palavras significam?

— Quero ver Rosie primeiro — disse Stephen.

— Ela é fácil de encontrar — disse Cranly.

Seu chapéu descera sobre a testa. Ele o empurrou para trás; e na sombra das árvores Stephen viu seu rosto pálido, emoldurado pela noite, e seus grandes olhos pretos. Sim. Seu rosto era bonito; e seu corpo era forte e rijo. Ele falara de um amor de mãe. Sentia então o sofrimento das mulheres, as fraquezas de seus corpos e almas; e as protegeria com um braço forte e resolutivo e submeteria sua mente às delas.

Fora então; é hora de ir. Uma voz falava suavemente ao coração solitário de Stephen, ordenando-o a ir e lhe dizendo que aquela amizade estava chegando ao fim. Sim, ele iria. Ele não podia lutar contra um outro. Sabia a parte que lhe cabia.

— É provável que eu parta — disse ele.

— Para onde? — perguntou Cranly.

— Para onde eu possa — disse Stephen.

— Está bem — disse Cranly. — Poderia ser difícil para você viver aqui agora. Mas é isso que o faz ir?

— Tenho que ir — respondeu Stephen.

— Porque — continuou Cranly — você não precisa se considerar enxotado se você não desejar ir ou um herege ou um fora-da-lei. Há muitos bons crentes que pensam como você. Isso o surpreenderia? A Igreja não é o prédio de pedra nem mesmo o clero e seus dogmas. É toda a massa humana daqueles nascidos nela. Não sei o que você deseja fazer na vida. Será aquilo que você me disse na noite em que estávamos em pé do lado de fora da estação de Harcourt Street?

— É sim — disse Stephen sorrindo a contragosto da maneira de Cranly se lembrar de pensamentos juntamente com lugares. — A noite em que você passou meia hora discutindo com Doherty sobre o caminho mais curto de Sallygap a Larras.

— Cabeça de jarro! — disse Cranly com sereno desprezo. — O que é que ele sabe sobre o caminho de Sallygap a Larras? Ou o que é que ele sabe sobre qualquer coisa que seja? E aquela cabeça grande dele de jarro d'água!

Soltou uma boa risada escandalosa.

— Então? — disse Stephen. — Você se lembra do resto?

— O que você disse, é isso? — perguntou Cranly. — Sim, eu me lembro bem. Descobrir a forma de vida ou de arte pela qual seu espírito pudesse se expressar com uma liberdade desacorrentada.

Stephen ergueu o chapéu em sinal de admissão.

— Liberdade! — repetiu Cranly. — Mas você ainda não é suficientemente livre a ponto de cometer um sacrilégio. Diga-me, você roubaria?

— Pediria esmola primeiro — disse Stephen.

— E se não recebesse nada, você roubaria?

— Você quer que eu diga — respondeu Stephen — que os direitos de propriedade são provisórios e que em certas circunstâncias não é ilegal roubar. Todos agiriam com esta convicção. Desse modo não lhe darei a resposta. Recorra ao teólogo jesuíta Juan Mariana de Talavera que também lhe explicará em que circunstâncias você pode matar legalmente seu rei ou se seria preferível entregar-lhe o veneno numa taça ou besuntar com ele seu manto ou o arção de sua sela. Pergunte-me de preferência se eu suportaria que os outros me roubassem ou, se eles o fizessem, se eu pediria aos céus o que creio é chamado de punição da autoridade secular.

— E você o faria?

— Acho que — disse Stephen — fazer isso me penalizaria tanto quanto ser roubado.

— Compreendo — disse Cranly. Pegou seu fósforo e começou a limpar a frincha entre dois dentes. Disse então negligentemente:

— Diga-me, por exemplo, você defloraria uma virgem?

— Desculpe-me — disse Stephen, polidamente —, não é essa a ambição da maior parte dos jovens cavalheiros?

— Qual é então o seu ponto de vista? — perguntou Cranly.

Sua última frase, de cheiro acre como o da fumaça de carvão de lenha e desanimadora, estimulou o cérebro de Stephen, sobre o qual seus vapores pareciam pairar.

— Olhe aqui, Cranly — disse. — Você me perguntou o que eu faria e o que eu não faria. Eu lhe direi o que farei e o que não farei. Não servirei àquilo em que não acredito mais quer isso se chame minha família, minha terra natal ou minha Igreja; e procurarei me expressar por meio de uma certa forma de vida ou de arte tão livremente quanto possa e tão totalmente quanto possa, usando em minha defesa as únicas armas que me permito usar: o silêncio, o exílio e a astúcia.

Cranly o segurou pelo braço e o fez dar uma meia-volta de modo a se voltar de novo para Leeson Park. E com um riso meio manhoso apertou o braço de Stephen com a afeição de um irmão mais velho.

— Astúcia francamente! — disse ele. — E isso é você? Meu pobre, pobre poeta!

— E você me fez lhe fazer essa confissão — disse Stephen, emocionado com o seu gesto — da mesma maneira em que já lhe confessei tantas outras coisas, não é verdade?

— É, meu filho — disse Cranly ainda alegremente.

— Você me fez confessar os medos que tenho. Mas vou lhe dizer também aquilo que não temo. Não temo estar só ou ser rejeitado por um outro ou abandonar o que quer que eu tenha que abandonar. E não tenho medo de cometer um erro, até mesmo um grande erro, um erro que dure toda a vida e quem sabe tão longo mesmo quanto a eternidade.

Cranly agora novamente com uma expressão grave afrouxou o passo e disse:

— Só, inteiramente só. Você não tem medo disso. E você sabe o que esta palavra significa? Não somente estar separado de todos os outros mas não ter um só amigo.

— Corrirei o risco — disse Stephen.

— E não ter uma pessoa qualquer — disse Cranly — que pudesse ser mais do que um amigo, mais até do que o mais nobre e mais verdadeiro amigo que um homem jamais teve.

Suas palavras pareciam ter tocado profundamente uma corda sensível de sua própria natureza. Teria falado de si mesmo, de si mesmo como era ou desejava ser? Stephen observou seu rosto por alguns momentos em silêncio. Havia ali uma tristeza fria. Ele falara de si mesmo, de sua própria solidão que tanto temia.

— De quem você está falando? — perguntou Stephen finalmente.

Cranly não respondeu.

Vinte de março: Longa conversa com Cranly a respeito de minha revolta. Está com seu jeito de grão-senhor. Eu sutil e cortês. Atacou-me em razão de amor por uma mãe. Tentei imaginar sua mãe: não posso. Disse-me certa vez, num momento impensado, que seu pai tinha 61 anos quando ele nasceu. Posso vê-lo. Tipo de fazendeiro forte. Terno sal-e-pimenta. Pés quadrados. Barba grisalha descuidada. Provavelmente freqüenta competições de corrida. Paga regularmente suas dívidas ao Padre Dwyer de Larras embora não totalmente. Às vezes conversa com moças depois do cair da noite. Mas sua mãe? Muito moça ou muito velha? Dificilmente o primeiro caso. Se fosse, Cranly não teria falado como o fez. Velha então. Provavelmente, e deixada de lado. Daí o desespero da alma de Cranly: o filho de entranhas exaustas.

Vinte e um de março, de manhã: Pensei nisso na cama ontem à noite mas preguiçoso demais e livre demais para acrescentá-lo. Livre, sim. Entranhas exaustas são as de Isabel e Zacarias. Então ele é o precursor. Item: ele comia principalmente gordura de peito e figos secos. Leia-se gafanhotos e mel selvagem. Também, ao pensar nele, via sempre uma cabeça cortada e severa ou uma máscara mortuária como se delineada numa cortina cinzenta ou numa verônica. No redil chamam a isso de degola. Intrigado neste momento com são João no portão latino. O que vejo? Um precursor degolado tentando forçar uma fechadura.

Vinte e um de março, de noite: Livre. Alma-livre e fantasia-livre. Que os mortos enterrem seus mortos. Sim. E que os mortos casem com os mortos.

Vinte e dois de março: Na companhia de Lynch segui uma enfermeira de hospital bem grandona. Idéia do Lynch. Não gosto disso. Dois esguios galgos famintos andando atrás de uma novilha.

Vinte e três de março: Não a tenho visto desde aquela noite. Não está bem? Senta-se junto à lareira talvez com o xale da mãe sobre os ombros. Mas nada rabugenta. Uma boa tigela de mingau? Não quer agora?

Vinte e quatro de março: Começou com uma discussão com minha mãe. Assunto: B.V.M. Em desvantagem por meu sexo e mocidade. Para escapar opus as relações entre Jesus e Papai àquelas entre Maria e seu filho. Disse que a religião não

era uma maternidade. Mãe indulgente. Disse que tenho uma mente estranha e li demais. Inverdade. Li pouco e entendi menos ainda. Disse então que eu voltaria para a fé porque eu tinha uma mente inquieta. Isso significa abandonar a Igreja pela porta dos fundos do pecado e reentrar através da clarabóia do arrependimento. Não posso me arrepender. Disse-o a ela e pedi seis *pence*. Recebi três *pence*.

Então fui para o colégio. Outra briga com o pequeno Ghezzi de cabeça redonda e olhos trapaceiros. Desta vez a respeito de Bruno o Nolan. Começou em italiano e terminou em inglês vulgar. Ele disse que Bruno era um herege terrível. Eu disse que ele foi terrivelmente queimado. Concordou com isso com certo pesar. Deu-me então uma receita do que ele chama de *risotto alla bergamasca*. Quando ele pronuncia um “o” brando estica seus lábios bem carnudos como se beijasse a vogal. Beijou-a? E poderia se arrepender? Sim, poderia: e chorar duas lágrimas redondas de trapaceiro, uma de cada olho.

Atravessando Stephen’s, isto é, meu gramado, recordei que seus conterrâneos e não os meus tinham inventado o que Cranly na outra noite chamou de nossa religião. Um quarteto deles, soldados do nonagésimo sétimo regimento de infantaria, sentados ao pé da cruz, jogavam dados pelo sobretudo do crucificado.

Fui à biblioteca. Tentei ler três revistas. Inútil. Ela ainda não saiu. Estou alarmado? A respeito de quê? Que ela nunca mais saia.

Blake escreveu:

*Pergunto-me se William Bond morrerá
Pois certamente está muito doente.*

Ai, pobre William!

Fui certa vez a um diorama na Rotunda. No final havia fotografias de grã-finos importantes. Entre eles William Ewart Gladstone, morto há pouco. A orquestra tocou *O, Willie, we have missed you*.

Uma raça de caipiras!

Vinte e cinco de março, de manhã: Uma noite agitada de sonhos. Quero tirá-los do meu peito.

Uma galeria longa e curva. Do soalho erguem-se colunas de vapores escuros. Está povoada de imagens de reis fabulosos, esculpidos em pedra. Suas mãos estão entrelaçadas sobre os joelhos em sinal de cansaço e seus olhos estão escurecidos pois os erros dos homens se erguem diante deles para sempre como vapores escuros.

Figuras estranhas avançam de uma caverna. Não são tão altas como os homens. Não conseguem ficar bem separadas umas das outras. Seus rostos são fosforescentes, com veias mais escuras. Elas me examinam e seus olhos parecem me perguntar alguma coisa. Elas não falam.

Trinta de março: Esta tardinha Cranly estava no pátio da biblioteca, propondo um problema para Dixon e o irmão dela. Uma mãe deixou seu filho cair no Nilo. Ainda repisando a mãe. Um crocodilo agarrou a criança. A mãe pediu-a de volta. O crocodilo disse que estava bem se ela lhe dissesse o que ele ia fazer com a criança, a comer ou não a comer.

Esta mentalidade, diria Lepidus, é na verdade engendrada de sua lama pela operação de seu sol.

E a minha? Também não é? Então para a lama do Nilo com ela!

Primeiro de abril: Desaprovo esta última frase.

Dois de abril: Eu a vi tomando chá e comendo bolos em Johnstons, Mooney e O’Brien’s. Melhor, Lynch de olhos de lince a viu enquanto passávamos. Disse-me que Cranly foi convidado lá pelo irmão. Ele trouxe seu crocodilo? É ele agora a luz cintilante? Bem, eu o descobri. Afirmando que o fiz. Cintilando tranqüilamente atrás de um alqueire de farelo.

Três de abril: Encontrei Davin na charutaria oposta à igreja Findlater. Estava com um suéter preto e tinha um taco de hóquei irlandês. Perguntou-me se era verdade que eu ia embora e por quê. Disse-lhe que o caminho mais curto para Tara era via Holyhead. Nesse instante meu pai chegou. Apresentação. Papai, polido e observador. Perguntou a Davin se podia lhe oferecer um refresco. Davin não podia, ia a uma reunião. Quando viemos embora papai me disse que ele tinha um olho bom e honesto. Perguntou-me por que eu não entrava em um clube de remo. Fingi pensar a respeito. Disse-me então como partira o coração de Pennyfeather numa corrida. Quer que eu estude advocacia. Diz que fui talhado para isso. Mais lama, mais crocodilos.

Cinco de abril: Primavera selvagem. Nuvens correndo. Que vida! Corrente escura de água-de-pântano na qual macieiras lançaram suas flores delicadas. Olhos de meninas entre as folhas. Meninas recatadas brincando ruidosamente. Todas louras ou castanhas: nenhuma morena. Coram melhor. Epa!

Seis de abril: Certamente ela se lembra do passado. Lynch diz que todas as mulheres lembram. Então ela se lembra de sua meninice — e da minha se já fui uma criança. O passado está consumido no presente e o presente só está vivendo porque projeta o futuro. Estátuas de mulher, se Lynch estiver certo, deveriam ser sempre totalmente drapeadas, uma das mãos da mulher tocando pesarosamente em suas partes traseiras.

Seis de abril, mais tarde: Michael Robartes lembra a beleza esquecida e, quando seus braços a envolvem, ele aperta

nos braços o encanto que há muito se desvaneceu do mundo. Não isso. De forma alguma. Desejo apertar em meus braços o encanto que ainda não veio ao mundo.

Dez de abril: Indistintamente, sob a noite pesada, através do silêncio da cidade que dos sonhos passou ao sono sem sonhos como um amante saciado e insensível a qualquer carícia, o som de patas na estrada. Não indistintas agora à medida que se aproximam da ponte: e num momento enquanto passam pelas janelas sem luz o silêncio é fendido por seu alarme como por uma seta. São agora ouvidas bem longe, patas que brilham como gemas em meio à noite pesada, se apressando além dos campos adormecidos para que final de jornada — que coração? — levando que notícias?

Onze de abril: Li o que escrevi ontem à noite. Palavras vagas para uma emoção vaga. Ela gostaria disso? Penso que sim. Então eu deveria também gostar disso.

Treze de abril: Aquele vertedor tem estado na minha cabeça há muito tempo. Eu consultei e verifiquei ser inglês e do bom e velho inglês rude também. O diabo que carregue o decano de estudos e seu funil! Por que ele veio para aqui ensinar-nos a sua própria língua ou aprendê-la conosco? Que o diabo o carregue de um jeito ou de outro!

Catorze de abril: John Alphonsus Mulrennan acabou de voltar do oeste da Irlanda. (Jornais europeus e asiáticos por favor noticiem.) Disse-nos que lá conheceu um velho em uma cabana na montanha. O velho tinha olhos vermelhos e um cachimbo pequeno. O velho falava irlandês. Mulrennan falou irlandês. Então o velho e Mulrennan falaram inglês. Mulrennan falou com ele sobre universo e estrelas. O velho ficou sentado, escutou, fumou, cuspiu. Então disse:

— Ah, deve haver terríveis criaturas estranhas na outra extremidade do mundo.

Eu tenho medo dele. Tenho medo de seus olhos calejados e de arcos vermelhos. É com ele que tenho que lutar através de toda esta noite até que chegue o dia, até que ele ou eu caiamos mortos, agarrando-o pelo pescoço musculoso até... Até o quê? Até que ele se submeta a mim? Não. Não lhe desejo mal algum.

Quinze de abril: Encontrei-a hoje à queima-roupa na Grafton Street. A multidão nos aproximou. Paramos os dois. Ela me perguntou por que eu nunca ia à sua casa, disse que ouvira toda sorte de histórias a meu respeito. Isso era só para ganhar tempo. Perguntou-me se eu estava escrevendo poemas. Sobre quem?, perguntei-lhe. Isso a confundiu mais e eu senti pena e me senti mesquinho. Fechei imediatamente aquela válvula e abri o aparato refrigerante, heróico-espiritooso e inventado e patenteado em todos os países por Dante Alighieri. Falei rapidamente de mim e de meus planos. No meio disso infelizmente fiz um gesto súbito de natureza revolucionária. Devo ter parecido com um rapaz atirando um punhado de ervilhas para o ar. As pessoas começaram a olhar para nós. Ela apertou minha mão um momento depois e, ao partir, disse que esperava que eu fizesse o que dissera.

Ora, chamo isso de um gesto amigável, e você?

É isso aí, gostei dela hoje. Um pouco ou muito? Não sei. Gostei dela e isso parece um sentimento novo para mim. Então, neste caso, tudo mais, tudo o que pensei pensei e tudo que senti senti, todo o resto antes de agora, de fato... Oh, desista, meu velho! Livre-se disso dormindo!

Dezesseis de abril: Fora! Fora!

Sortilégio de braços e vozes: os braços brancos das estradas, suas promessas de abraços apertados e os braços negros dos altos navios que se erguem de encontro à luz, suas histórias de nações distantes. Eles são mantidos a distância para dizer: Estamos sozinhos. Venha. E as vozes dizem com eles: Somos seus parentes. E o ar está denso com a presença deles enquanto eles me chamam, eu um deles, se apertando para ir, sacudindo as asas de suas juventudes exultantes e terríveis.

Vinte e seis de abril: Mamãe está pondo em ordem minhas novas roupas de segunda mão. Ela reza agora, diz ela, para que eu aprenda em minha própria vida e longe de minha casa e amigos o que o coração é e o que ele sente. Amém. Que assim seja. Bem-vinda, oh vida! Eu vou encontrar pela milionésima vez a realidade da experiência e forjar na forja da minha alma a consciência incriada da minha raça.

Vinte e sete de abril: Velho pai, velho artífice, valha-me agora e sempre.